REVISTA LUSITANA

VOL. XXVII 1928-1929 N.os 1-4

Contribuição para um dicionario da lingua portuguesa arcaica

É de primeira intuição que, para o conhecimento de qualquer lingua numa dada época, muito convem o da mais antiga, porquanto esta, como mais proxima da origem, melhor a representa. Com o decorrer do tempo os sons vão-se alterando e com eles as palavras de que fazem parte; d'estas mesmas muitas perecem, sem deixarem descendencia umas, continuando outras a viver nalgum derivado; acontece até por vezes que, embora mortas para a lingua comum, algumas persistem ainda em falas dialectais, em especial nas de logares mais reconditos e afastados do convivio social. Obedecendo à lei fatal da transformação, as proprias palavras que tiveram força para resistir à força destruidora do tempo, apresentam, passados seculos após o seu nascimento, aspecto que não era o da sua juventude, mas, como os seres vivos, por deformados que estejam, lá deixam ver sempre uns restos da primeira forma.

Isto que sucede com qualquer lingua, dá-se naturalmente tambem com a nossa que, apesar da sua não muito longa existência, já se afasta bastante daquela donde evolucionou, a latina, a qual, por sua vez, na fase em que serviu de instrumento aos produtos literarios, que estamos habituados a ler, divergia tanto do que fora em épocas passadas que os que agora a empregavam declaram ser-lhes a primitiva, se não de todo, quasi inteiramente incompreensivel. Por esta razão se vê quam necessaria se torna entre nós a publicação de um dicionario da lingua arcaica, em que se achassem arquivados quantos vocabulos d'ela hoje são conhecidos, acompanhados da sua comprovação com exemplos. E a materia felizmente abunda, mercê dos estudiosos que teem vindo trazendo a lume muitas das obras literarias dos séculos XIII a

XV que, aqui ou lá fora, jaziam, quasi de todo esquecidas em arquivos ou bibliotecas. Depois que Santa Rosa de Viterbo publicou o seu *Elucidario* é que principalmente surgiu a louvavel ideia de fazer conhecidas essas obras, que vieram aumentar extraordinariamente o pecúlio que ele ali recolhera com amor de antiquàrio, embora nem sempre com apuro de scientista, que aliás não permitiam os conhecimentos filologicos do tempo. Verdade seja que nem tudo quanto possuimos escrito na antiga lingua se encontra publicado; cremos, porém, que não faltará quem, continuando o zelo dos que os precederam, vá a pouco e pouco desenterrando o que ainda resta ignorado. Mas o que existe é já mais que bastante para dar um belo volume; assim apareça quem meta ombros à empresa de reunir o que está disperso e prestará assim relevante serviço às letras patrias e em especial aos que se dedicam ao estudo da lingua, facilitando-lhes elementos que muito os auxiliam.

Pela minha parte com algum material tenho contribuido para esse futuro dicionário. Agora trago aqui mais o que se segue, e é o resultado da leitura do codice de que dei noticia e extraí os excerptos publicados a paginas 231 a 250 do vol. XXV d'esta *Revista*. Vocabulário e lingua são, como lá digo, os que estavam em uso em Portugal nos fins do século XIV ou principios do XV, pertencem, pois, à fase da lingua que chamamos arcaica, da qual conservam as caracteristicas gramaticais e estilisticas que lhe são peculiares e conhecemos de outras obras do mesmo tempo.

J. J. NUNES.

A

a (= de): depois *a* pouco tempo, 14 (1); desejo seer *a* servo de Deus, 13; (= com): *a* gram proveito de ssa alma, 112.

aacima (= finalmente): *aacima*... lhes dessen mortes maas e crueues, 219; *aacima* achoou jazer, 375.

---

(1) Os numeros que acompanham os exemplos referem-se à copia que do pergaminho foi tirada, e existe, como este, na Biblioteca Nacional; não respondo, porém, pela sua absoluta fidelidade, nem tam pouco asseguro que na transcrição do

aadefora (= fora, èxcepto): aquelo que nũca *aadefora* por outro homẽ aprenderá, 130; este sancto homẽ fez *aadefora*, 126.

aamanhãa (= de manhã): depois que se levantou *aamanhãa* achouse sãa, 115.

aaposcima (= por fim): aquela molher *aaposcima* cativou, 182.

aas (= asas): cf. ameudi.

aazeo: cf. *azeo* e *pouquetinho*.

aazo (= azo): pera nõ auer *aazo* pera jazer mal, 260.

abrir: imperativo: abri-a (a calça), 21.

acá (= cá): dade-mi *acá* o menĩho, 91.

acaecer (= caber): casa que... mi *acaeceu* de dereito de meu padre, 180; (= acontecer): *acaeceu* que hũa uegada, 80; (outro miragre)... *acaeceu* en nossos dias, 87; miragre que *acaeceu*, 88.

acarrejar (= acarretar): colheu odre a costas e começou a *acarrejar* da agua do rio Nilo.

acender: imperativo: acendi-o (coração) do teu sprito sancto, 31.

acendimento (= abrasamento): creceu a todos tã grande *acendimento* em seus corações do amor de Ihesu Christo, 98.

acendudo: part. de acender: viron hi preto estar hũu forno muito *acendudo* em que queriã cozer pã, 86; lampadas *acendudas*, 111.

achar: pret. perf.: *achô-a* (lampada) morta, 31; *achô-a* (lampada) que ardia muy bem, 32.

achegar (= adquirir): cousas que a maldade *achegou*; (= ajuntar: foi *achegada* hi mui gram companha de gente, 9; (= receber (?): se muitos fossẽ os que veessem... todolos achegava cõ gram lediça, 71.

acoitar (= dar-se pressa (?): porque me *acoyto* pera cõtar outros fectos, 134; cf. *coitar*.

aco (= cf. *acá*): nõ leyxes *aco* entrar homẽ que no mũdo seja, 328.

aculpar (= culpar): *aculpei* o que hi culpa nõ avia, 189.

adeantado (= adiantado) s.: quando o *adeantado* esto ouvyo,

---

texto não tenha havido algum lapso; a sua publicação, que espero se não demorará, depois de conferida com o respectivo original por quem seja perito em paleografia, corrigirá alguma falta que porventura nela exista.

65; foi-se logo pera ante o *adeantado* hu estava julgando, 65.

adeil (= adail): eu, quando entrei aa premeira parte do hermo ðuvi por *adeyl* huũ frade sesudo do logar, 19.

ademais (= em demasia): mui tristes *ademais*, 179.

ader (= acrescentar): *adeo* mais e disse, 175.

adestrar (= guiar, conduzir): nõ pôde tornar a ssa pousada se nõ per aqueles seus que o *adestraron*.

adova (= grilhões): e o outro (frade) foi preso e deitado en cadeas e en *adovas* e en huũ carcer escuro e fedorento, 14; pois poserõ o *adove* antre ambos, 178.

adur (= dificilmente): tãtas serpentes que *adur* as poderia homen contar, 74; *adur* poderõ gaanhar, 94.

aduzer (= trazer, conduzir): ela meesma mho veo *aduzer*, 112.

aenvidos (= contra vontade): o speritu lixoso... partia-se muy aenvidos (*ou* a envidos) daquel logar, 107.

afaagar (= afagar): começou *d'afaagar;* leixou sse *afaagar*, 100.

affazimento (= trato, conversação): guardava-se dela (molher) bẽ come de ẽmiiga nẽ er soffreu que ouvesse com ele nẽ hũu *affazimento*, 150.

affeguntar (= afugentar): pera me *affeguntar* dela (alfaça), 332; Bonifacio *affegũtou* do orto o burgo e a lagarta, 355.

affeitadamente (= afectuosamente): começou a falar cõ ela (molher) muyto *affeytadamente* e nõ já come mõge, 182.

afficadamente (= com afinco, instantemente): rogava-o muito ameudi e muito *afficadamente*, 16, 111.

afirmar (= firmar, segurar): fez legar hũa cadea de ferro a seu pee e fezea *afirmar* muy bem de outra parte, 80.

afondar (= afundar): *affondei* muytas naves, 33.

afortelegar (= fortalecer): cf. *nẽbro.*

agalardoar (= recompensar): pera lho *agalardoar*, 97.

aginha (= de pressa): acaba-se *muitaginha* (o pecado), 188.

agro (= campo): en outro dia foy [ao] *agro;* andando pelos *agros*, 77.

aguardar (= guardar): os homẽs que os (castigos) *aguardarem*, 95; non sei se poderã seer *aguardados* nem compridos; todos (monges) *aguardavã* obedeença mais doutra ren, 103.

aguisar-se (= dispôr, suceder): aguisou-xi-mi assi, 105.

ahuuhiar (= uivar): partirõ-se ende *ahuuhando* muyto, 246.

al (= outra cousa): os sanctos... nõ querẽ *al* se non aquelo que a Deus praz, 190; treguas se *al* nõ ataa manhãa, 185; se *al* non = ao menos, 203.

alá (= lá): levô-o *ala*, 95; sempre *ala* hya, 244; ao ango que me *ala* levara, 276; carreira per que *ala* vaa, 276.

alagoa (= lagoa): decer cada dia a *alagoa*, 388; atá alagoa.

alamarar (= tolerar (?): e pois mho a mĩ disserõ nõ pudi soffrer nẽ *alamarar* tã gram mal, 300.

alcarrada (= fabricas (?): outros que poẽ colunas e grandes penedos en sas *alcarradas* e en seos engenhos muytos que tẽe [1], 145.

aleffante (= elefantiasis): enfermidade que dizẽ *aleffante*, 17; enfermidade a que chamam *alefante*, 111: cf. *elefante*.

alexar (= buscar (?): hũa boa molher viuva andava *alexando* en pós nos, 200.

alfaça (= alface): vio hũa *alfaça* muy fremosa, 332; eu siia sobre aquela *alfaça*.

algo (= aver, riqueza): e mi fizerom (os cristãaos) muito *algo*, 106; mi fizerõ muyta mercee e muyto *algo*, 119.

alimphar (leia-se *alimpiar* = limpar): a molher que lavou os pees a nostro senhor com lagrimas e *alimphou-lhos*, 97; tu *alimpha* teu coraçon, 53; pois *alimpha* teu coraçon de toda dulta, 53; tu... *alimphas* os gaffos e alumeas os cegos, 365; *alimpha* teu coraçon de tristeza, 56; a terra depois que a *alĩpham*, 379.

aló: cf. alá: nõ podia *aló* ir, 236.

alousinhador (= lisongeiro): alguũs *alousinhadores* disserõ ao papa, 334; quando alguũs *alousinhadores* vẽe a eles, 334; o queixume que lhi fezerõ os clerigos *alousinhadores*, 335.

alti (= alto (adv.): o sol e a ave forõ muito *alti* pelo ceo, 42; começou a sobir tã *alti* que a non pudi veer, 68; teendo a espada muyt'*alti*, 128.

altidoen (leia-se *altidõe* = altura): *altidoen* das requezas da sabença, 4.

aluzecer (= amanhecer): hia já *aluzecendo*, 67; quando já queria *aluzecer* espertou-se o padre, 253; começou-se de coytar por que nõ *aluzecia*, 312.

---

(1) A forma *alcarrada* existe ainda no povo, mas no sentido de *arrecada*, da mesma proveniente por metatese.

alvazil (= aguazil): correndo assi pelas ruas os *alvaziis*, 73.
amaro (= descontente (?): foron-se muyto *amaros* e muyto tristes, 157.
ambos: vio o bẽ auẽturado sã Pedro estar *antrãbalas* candeas, 154.
amedorentado (= amedrontado): ficarõ todos *amedorentados*, 162.
amerger (= abaixar): en sinal de reverença *amergeu* os olhos, 178; quando sse *amergeu* da ponte pera caer no rio, 180; e eu *amergi-me*, 37; *amergi* (imperativo) hora ta orelha en este logar espantoso, 37; *amerger* a cabeça, 100; eles *amergerõ* as cabeças, 174; como te *amergisti*, 183; *amergerõ* sas cabeças, 304; *amergeu-se* pera veer, 125.
ameudi (= amiude ou amiudo): fazia muito *ameudi* vento com sas aas, 42; ele esto dezia muito *ameudi*, 151; entrasse *ameudi* nos banhos, 187; quẽ quiser cuydar *ameudi*, 141; roga-o (Deus) *ameudi*, 53; estudava muito *ameudi*, 191; vynha a mim *ameudi*, 174; hya *ameudi* aa cidade, 60; começou a cuydar muyto *ameudi*, 253; soia a ir muito *ameudi*, 298; el esto dizendo muito *ameudi*, 67; tã *ameudi* regaua aquel orto que per força dagua daua grossura a arẽa e naciã hi as uerças verdes, 99; muyto *ameudi*, 14; como soya a fazer *ameudi*, 29.
amoorar (= esconder): *amoorava* a ssa face pera sa asconder deles no seo de seu padre.
andar: gram viço... per que ante *andasti*, 38.
ango (= anjo): (fogo) que he aparelhado ao principe da sobervha e a todolos seus *angos*, 174; come os *angos*, 144.
animalha (= animal): os homẽese as *animalhas* morriam todas, 18; matavam as *animalhas*, 19; hũus homẽs maaos tornarõna en esta *animalha*, 74; Deus quis que (o homẽ) fosse senhor de todalas cousas... come das *animalhas*, 95; *animalhas* sera siso, 111; dá (Ihesu Christo) seu entendimento aas *animalhas*, 100; vestido das peles das *animalhas*, 376.
anteparança (= aparencia ou cousa que aparece): estas sõ as *anteparanças* do ẽmiigo ca nõ verdade de natura, 75; e des que a o sancto homẽ untou dũu olyo bẽeto desfeze-sse aquela *anteparança*, 75.
antifaa (= antifona): e ele meesmo cantou hũa *antifaa*, 179.
antre (= entre): *antre* todolos outros miragres, 76.
antrevigiado (= desperto, alerta): sei *antrevigiado*, 46.

apagar (= aplacar): como sse pode homẽ *apagar*... quando for sanhudo, 170; bõa razõ cõ que o *apagou*, 182.

apascar (= pascer): andava no monte *apascando*, 205 ou

apasquar: que *apasquẽ* cõ moor aguça sas ovelhas, 280; logares em que as (ovelhas) *apasquava*, 72; cf. *apascoar* em Moraes.

apaul (= paul): trouvessẽ da lenha d'uum apaul que hi estava, 172.

apoer (= atribuir): disse-lhe que *aposesse* este mal (estar prenhe) a Antioco, 60; morte dũu homem que lhi *apaynha*, 202; cf. posfaçar.

após (= em comparação de): todas as requezas do seu bispado nõ erã nemigalha *apos* as requezas que a ele ficaron, 132.

apolos (= apos os): homẽs que vã *apolos* deleytos do mũdo, 140.

apostoligo (= apostolico ou papa): D. Lourenço que el elegera por *apostoligo*.

apremer (= comprimir, apertar): as olivas... jaziã *apremudas* pelo peso, 124.

apreso (= preso): tiroulhe o pee do paao da sebe a que estava *apreso*, 328.

apretar (= apertar): *apretô-a* (a soga) mui bem em si, 13.

aproezar (1) (= aproveitar): crece e *aproeza* a semẽte, 379.

aque (= eis aqui): *aque* vos o ẽmiigo, 4; *aque* que prometeu que faria estas tres cousas, 25; *aque* nos apareceu, 3; *aque* vos aqui este menĩho, 13; *aque* te sãa, 113; *aque* a luz de nostro senhor, 114; indo assi *aque* vẽ hũa muy grande leoa, 101.

aquelo (= aquilo): e pois ela foy certa daquelo que lhi disseron, 98.

aqueste (= este): *aqueste* monge, 99; *aqueste* don Stevã, 99; *naqueste* mũdo, 100.

arcediagoo (= arcediago): chamou o seu *arcediagoo*, 162.

archimãdrite (= archimandrita): Sã Timoteo *archimãdrite*, 12.

arẽa (= areia): os meus pecados son per conto mais que as arẽas do mar e chus pesados, 2.

argulhecer (= orgulhar-se): teve que avia feita mui gram cousa e *argulheceu* ende, 97.

---

(1) No Algarve, falando duma planta que se dá bem no terreno, diz-se *prozar*.

argulho (= orgulho): crecer-ti de teu *argulho* dano, 62.
ariãao (= ariano): ca era da seyta dos *ariãaos*, 130.
arismetica (= aritmética): a quarta he a *arismetica* que fala dos contos en geral, 371.
arraigar (= arrancar, derribar): ata que el *arrayjasse* aquel penedo, 80.
arravatadamente: dar morte *arravatadamente*, 293; ueerõ os Lonbardos a ele *arravàtadamẽte*: cf. arrevatadamente.
arrecudir (= sair): cf. recudir: o fedor que *arrecudia*, 276.
arreferimento (= censura (?): soffrer o *arreferimento* de mha madre, 263.
arreffeentar (= arrefecer, refrescar): ave... *arreffeentava* o aar e temperava-o de gram caentura, 42; pera mi *arreffeentar* a mha lengua.
arrevatadamente (= de repente): enfermidade que lhe veera *arrevatadamente*, 164.
arrigar (= arrancar): arvor que nũca apodrece... nõ foi *arrigada*, 120; aaqueste semelhou que lhi *arrigavã* a alma do fundo dos pees, 176; semelhava-me que mi *arrigavã* o espiritu do corpo, 116; hũas (hervas) achava meos e as outras achava trilhadas dos pees e as outras *arrigadas*, 327.
arrincar (= arrancar): veo con gram poder de gẽte pera *arrincar* aquel penedo, 80.
arrizado (= robusto, rijo): veo a mĩ hũu crerigo grande e *arrizado*, 111.
arrunhar (= cair): se algũu servo de Deus caer ou *arrunhar* em ela (maa cobiiça), 54.
arruinhar (= arruinar): a agua dũu rio... creceu tanto que sayu de sa madre e *arruynhou* as casas, 127.
artigoo (= artigo): quise alumear o *artigoo* da resurreiçõ, 303.
asconder (= esconder): tu *asconditi*, 17; juiz a que sse ren nõ *asconde*, 74; em que (homem) ha cousas *ascondudas*, 62.
ascondudamente (= ocultamente): comia *ascondudamente*, 186; miragre mui grande que foy fecto *ascondudamente*, 80.
ascondudo (= escondido): juyzo *ascondudo* do juyz a que rẽ nõ he *ascondudo*, 181; el (o ffilho de Deus) non verrá *ascondudo*, 58; alma que jazia *asconduda*, 83; averes... que jaziã *ascondudos*, 230.
ascuitar (= escutar): mais *ascuitade*... e dizer-vos-ei hũu miragre, 40; *ascuitade* e dizer-vo-lo-ei, 23; e quando *ascuitei*, 8; *ascoita* hora bem o que li direi, 11; pois *ascuita*,

49; *ascuita* o sseptimo mandado, 50; *ascuita* o oitavo mandado de conteeça, 50; ora *ascuita* as cousas onde te non deves a soffrer, 52; huũ frade... *ascuitava*... o que liia, 95.

asperança (= esperança): tolhisti-mi... mha grande *asperança*, 3; mha *asperança* ha coffonduda de raiz, 4; confortava os corações fracos por bõa *asperança*, 68; por ende nõ ey eu *asperança* de saude em mhas requezas, 67; nõ foy per sa força mas per boa ffé e per boa *asperança*, 96; aquel en que ela (Judit) avia sa ffé e toda sa *asperança*, 96; pero *asperança* d'obedeença o fazia pesseverar, 104; aqueles que an *asperança* en el (Deus), 363.

asperar (= esperar): *asperamos* pela fé, 145; parayso que nós *asperamos* pela fé, 144; os que *asperam* dele (Deus), 108; cf. *nostro*.

aspertar (= despertar): atẽdeu atá que se *aspertasse*, 253.

aspridõe (= aspereza): e pola *aspridõe* da sogua secou-xi-lhi o corpo, 14.

assaborado (= com sabor, gosto): nẽ hũu odor sentirõ nẽ de que ficassem tã confortados nẽ tã *assaborados*, 170.

asseentar (= assentar): e *asseentou-se* a julgar, 58; e assi sse *assẽetaron* a comer e britarõ o pã celestial, 98; depois que... os juizes se *asseentaron*, 145; *asseentô-o* cabo de si, 34; *asseẽtaron-se* como era de custume, 157; quando nos *asseẽtamos* a comer, 194; *asseẽta-te* en ta cela, 251; *asseẽtou-se* cõ seu discipulo, 253; *asseentou-sse* cabo do morto, 365.

assessegado (= sossegado): ssa mẽte muito *assessegada*, 380.

assessegadamente (= sossegadamente): iaziã todos dormĩdo muyto *assessegadamente*, 127.

assessegar (= sossegar): pera *assessega-los* que nõ queyra, 140; o meu cuydar nõ me leixa hũa hora *assessegar*, 250; vay ja homẽ folgãdo e *assessegãdo*, 378; hũu seu mõje nõ podia *assessegar*, 16; estevesse *assessegado*, 111; monjê que nõ podia aver sa mẽte *assessegada*, 102, 386.

assessego (= sossêgo): sẽ *assessego* nẽ hũu, 184.

asseviar (= assobiar): *asseviando* como serpe, 118.

assi (= assim): *assi* parece, 88.

assiinar (= marcar): *assiinano* (o pão) cõ hũu madeiro, 367.

asso (= sô): vi o sol nacer juso *asso* (ou *a sso)* nos, 42.

assũar (= reunir): o poboo... hi era *assũado*, 65.

astadīhas (= leito, estrado (?): jazia en *astadīhas*, 247; como se iouvesse nas *astadinhas*, 253; cf. *estadīha*.

asteença (= abstinência): tã grande *asteença* fez, 40; este sancto homẽ era... de grande *asteença*, 35; en sa *asteença*, 61; este Evagrio era de tam grande *asteença*, 72; el... fazia grande *asteença*, 73; vida de gram marteiro e de grande *asteença*, 104; deu-lhi sas deciprinas e sa *asteença* grande que tevesse, 125: jouve hi tres dias e tres noytes en muyta *asteẽça*, 144; atormentando seu corpo per muita *asteença*, 277; fez muy grande *asteença*, 317; sse salvaria per *asteença*, 349.

astragar (= derribar, destruir (?): deron muitas graças a Deus por que lhis *astragara* todolos seus enmiigos.

astrago (= chão, solo): deitou-sse no *astrago* ant[e] seus pees, 70; deitousse logo no *astrago* e feriu hi muito de ssa cabeça, 67.

atanto (= tanto): *atãto* lhi dava cada hũu dos outros, 250.

atẽe (= até): *atẽe* que os frades façam sa oraçon, 56; estava hi *atẽe* na manhãa, 241.

atẽes, cf. atẽe: veo *atẽes* as portas da cidade, 137; *atẽes* aqueles tẽpos que os lonbardos veerõ, 77; levando-o en sa maão veo *atẽes* o adro 161.

ãtemorço (= tremoço): hũa dïeyrada d'*ãtemorços*, 241.

atrevudamente (= atrevidamente): contar depois mais *atrevudamente* os bẽes, 116.

atrevudo (= atrevido): mancebo grande e muyto *atrevudo*, 156.

avangelho (= evangelho): ordẽ... d'*avangelho*, 3.

avondamento (= abundância): o dia de cras averedes *avondamento*, 9.

avondança (= abundância): aquela mẽgua se tornaria en *avondança*, 9.

auuhio (= uivo): deu hũu *auuhio* muyto espãtoso, 182; cf. *ahuuhiar*.

aveir (= acontecer): muitas vezes ti *averrá*, 55; contasse todo esto como *aveera*, 2; *aveo* que hũu dia, 10; descobrio-lhes quanto lhi *aveera*, 62.

aver (= haver): ouvy delas (ovelhas) muy gram doo e dixi, 307; prazeres que *ouvy*, 194; *ouvi* aqueste cuydado, 44; *ouvi* tam gram pavor, 41; *ouvi* sabor de veer todo o mundo, 42; e pois que esto *ouvi* catado hũa gram peça, 48; *ouvi* d'enfermar, 40; que pesares *ouvisti?*, 43; huũ marteiro *ahy* (= a hy, cf. pop. hai) ascondudo e o outro

aberto e conhoçudo, 101; digo-vos de mĩ que *ouvy* eu muy gram sabor, 66; *ouvi* mui gram pavor, 114; tanto *ouvi* gram coita que me espretei, 112; trabalho que nõ *ouvi*, 177; to soo es o que *ouvesti* os olhos abertos, 342; fe que *ouvisti*, 17; *avy* (imperativo) simplicidade; *avy* largueza de coraçon, 48; *avi* fe e temor de nostro senhor; *avi* lediça, 56; *avi* temor de Deus e *avi* fe... probeza; *avi* gram forteleza, 54; *avi* com Deus toda ta fé, 53; *avi* sempre renembrança, 57; gloria e louvor *avi* tu todo sempre, 235.

aversairo (= adversário): muito mal que lhi demandava hũu seu *aversario*, 18, 111.

aveziboo (= bondoso): e o rey *aveziboo* catolico e servo de Deus, 159; por isso te rogo mõge *aveziboo*, 203.

aviir (cf. aveir): muitas vezes lhi *aviinha* que... filhava maas (hervas) e poçoentas, 102; hũa gram maravilha que a ele *aveo*, 95.

avisso (= abismo): eu *avisso* de perdiçon, 70; (esfadoyro) que semelhava que se hya em *avissos*, 348.

avito (= hábito): tomou *avito* de religiosa, 91; nunca tomaria o *avito* da ordẽ, 184.

avol (= vil, mau): custumes muito *avoles* e mui raaffeces, 161; despreçõo muito polo avito vil e *avol* que tragia, 336.

avoleza: cf. *çujaaes*.

avondadamente (= abundantemente): viver *avondadamente*, 262; aqueles que guisavam estes comeres muy *avondadamente*, 12; os pobres aviã tã *avondadamente* come os ricos, 141.

avorreçudo (= aborrecido): logar... muyto *avorreçudo*, 37.

avorrecer (= aborrecer): o fumo... era... *avorrecer*, 38.

avorrido (= aborrecido): ymagẽ negra e muyto *avorrida*, 185; vestidura *avorrida*, 192.

az (= exercito): come na lide hu a *az* esta contra outra, 90.

azeo (= cacho): colheo aqueles poucos *d'azeos* d'uvas, 351.

B

bagoo (= bordão, baculo): tiinha (o pegureiro) hũu *bagoo* na mãao d'ouro e nooso; tomou o *bagoo* do prelado, 161; tragia huum *bagoo*, 304.

barva (= barba): beijava-lhe a cabeça e a *barva*, 21.

bẽe (= bem): contando os *bẽes*, 366.

beençom (= benção): pera lhi dar a ssa *bẽeçõ*, 353; pode enviar *bẽeçon*, 229.

beento (= bento): *beento* he aquel que sa alma guarda, 107; quen estas cousas guardar... *beẽto* será, 52.

beenzer (= benzer, louvar): *beenzeron* deus, 114, *beenzessem* a maravilha de nostro senhor, 20; todos *beenzessem* Deus, 15; naquel que dele (Abrahão) saysse *bẽezeria*, 349; pedio-lhe... que o *bẽezesse*, 126; senhor levanta-te e *bẽezi* o poboo que ja gram peça ha que asperam ta *bẽeçõ*; ante que *bẽezessẽ* a mesa, 353; *bẽezeu* hũu vermen sobelo altar que pendorou por sinal no agro, 117; cf. *dizer*.

beruho (= ganho (?)): e esto que te acaeceu foi pola nave que avias de maao *beruho*, 225.

bescho (= bicho): todos aqueles *beschos*... partirõ-se do orto, 356.

bestos: cf. *bescho*: aqueles *bestos* que o (orto) comiam, 356.

bevedice (= bebedice): ca o muito comer ou bever ou sobigidõe e *bevedice*, 49; guarda-te de *bevedice*, 51.

bevedo (= bébado): ca o fez seer gram *bevedo* e gram ladrom, 125; aaqueste *bevedo* me trouvestes, 205.

bever (= beber): *bevy* (imper.) desta agua, 36; *bevi* tu primeiro, 118; mandou-me dar de comer e de *bever*, 122; e pois que a (agua) ouve *bevuda*, 36; nunca comeu nem *beveu*, 12; como o homem fedorento [1] no tempo da gram calma deseja a *bever*, 154; vĩho que avia de *bever*, 380; *beveu-me* todo o spiritu, 186.

bispado (= tempo em que se governa como bispo): logo no começo do seu *bispado*, 142.

bõo, bõa (= bom, boa): o homem *boo* lhi disse; e o homem *boo*, 12; e pois que todas estas cousas o homem *boo* ouve ditas, id.; lugar mui *boo*, 9; Romãa, aquela cristãa *bõa*, 3; os (frades) enviou cõ *bõa* esperança, 388.

bonço (= especie de medida (?)): achava a adega do vinho aberta e enchia ende seus *bonços*, 126.

borralha (= borralho): sobrelo pã que jazia so a *borralha*, 369.

braadar (= bradar): *bradey* eu por ele, 313; começarõ a *braadar*, 182; alçou ele muytagĩha a voz e *braadou*, 179; andãdo *braadãdo* por ele os franceses enpeçavã ẽ ele, 323;

---

(1) Talvez antes: *sedorento*.

braadava e dezia, 354; começou a *braadar*, 24; avendo gram pavor *braadou*, 74.

braado (=brado): deu hũu gram *braado* com gram gimido, 139; el respondeu com grandes *braados*, 185; a seus *braados* veo o bispo, 354.

britar (=quebrar): pera *britar* as portas da eigreja, 106.

bucegear (=bocejar): e *bucegeou* e abrio os olhos, 83.

bulla (=burla): aver mal ganhado con *bulla*, 282.

burgo (= verme roedor (?): achô-o (orto) todo coberto de *burgo* e de pulgon e de lagarta, 356: cf. affeguntar.

C

ca (= do que): melhores *ca* el, 3; mais (praz-mi) *ca* ficar, 38; ha (o servo de Deus) maior graça com Deus *ca* tu, 15; a vertude da paceença he melhor *ca* vertudes de fazer miragres, 326; nõ son de meor merecimẽto *ca* aqueles que os (miragres) fazem, 369; nẽhũas outras graças non som melhores... *ca* estas, 52; nõ ha mais o homẽ na morte *ca* as outras bestas, 144; ante queria a madre de deus *ca* sas dez libras, 240; muyto lhis era melhor de morrerẽ *ca* de servirem tal senhor, 129; sabi (imper.) que largueza de coraçon he mais doce *ca* mel, 47.

ca (= que): disse *ca* mereciam os moços muitas feridas, 18; entenda *ca* he mui guisado logar pera fazer homẽ hi serviço a nostro senhor, 111; podia todo homẽ bẽ entender *ca* erã sergentes do inferno, 139.

cã? (= tam): ficar en *cã* pequeninho logar, 39.

cabo (=junto): hũu seu discipulo esteve *cabo* del hũa gram peça, 21; nõ podia nẽgũu *cabo* del seer, 14; aqui morava *cabo* de nos hũu çapateyro, 182; hũa cela que estava *cabo* da porta, 29; avia hũa morada de tempo velho *cabo* da carreira, 23; cidade a *cabo* de que estava o seu moesteiro, 76; e eu estando *cabo* de ssa cela orei hi Deus, 8.

cabo (= fim): a *cabo* de muy gram tempo, 187; o marteyro e a pea dos maaos nõ ha d'aver *cabo*, 188; de *cabo* meter mia alma en sèus (do diabo) laços, 100; (=vez): servi-lo cada huũ per seu *cabo*, 165.

cada que (=sempre que): *cada que* ao banho viinha, 298; *cada que* fosse mester, 104; e *cada que* avia d'ir a algũu

logar, 394; *cada que* ouvesse vagar, 365; o maior *cada que* abria sa boca, 174; *cada que* mester fazer, 143.

caeda (= caida, queda): e da *caeda* feriu-sse, 28; da *caeda* que morresse maa morte, 150.

caentura (= calor): a *caentura* maa da carne vay escaecendo, 377; *caentura* que nos nõ empeesca no estio, 165; no hermo suavã todalas cousas per força de *caentura*, 99; o forno perdeu toda sa *caentura*, 215; toda a *caentura* do fogo fugiu, 104; a *caentura* maa da carne vay ia mẽguãdo, 378; grandes *caenturas*, 187; cf. *arrefeentar*.

caer (= cair): pecado en que *caestes*, 170; que gaança avemos feita que desenparamos a ordĩ dos angos e ora fomos *caudos* no lixo do mundo, 43; seus livros *caerõ* na agua, 76; erro .. en que lhi *caera*, 178; furto en que *caera*, 94; *caeu* en ela hũa tã grande fevre, 159; *caeu* logo muito agĩha, 1.

çaga (a) (= atrás): e muyto tornamos *a çaga* e caemos do estado, 75; se me tornar *a çaga* terrá o ẽmiigo, 315.

calez (= calix): tornou hũu *calez*, 346.

cam (= cão): nõ queirades onrrar huum *cam* podre, 16; (= quam): faças entender *cam* gram poderio he o da eigreja, 332.

canada (= especie de balde (?): e eles juntarona cona corda e legarõ a *canada* na corda e tiravã assi a agua de cada dia, 80.

cãpaa (= campa, sineta): tragia sas *cãpaas*, 353.

canbito (= gancho de pau): huũ gadanho de fogo cõ tres *canbitos* mui grandes, 211.

cantea (= quantia): homẽ pode saber as *canteas* e os espaços, 372.

cao (= fundo): poço en que nõ avía *cao*, 279; poço a que nõ podiã achar *caao*, 276.

carcer: meterono en *carcer*, 309.

çarrada (= fechada): a porta da cidade estava *çarrada*, 137.

çarrom (= saco pequeno (?): dei-lhis hũa segur e hũu *çarrom*, 172.

carrejar: hũu asno .. en que nos *carreiavã* o que aviamos mester, 118; vid. *acarrejar*.

castigo (= conselho): hũu livro de *castigos* que lhi dera o bispo... Estes *castigos* son maravilhosos, 55; todo homẽ pode guardar e fazer estes *castigos* duros e asperos, 91.

catar (= observar, olhar): nõ *cataredes* pelos aguoyros nẽ pelos

sonhos, 193; molheres que se pintam e se *catam* nos espelhos, 66.

cativo (= infeliz, desgraçada): esta vida *cativa* e que nõ pode muyto durar, 178.

cava (= cova): pois fezerõ hua *cava* no penedo, 388.

ceenço (= silencio): hu deviamos a teer o *ceenço* quebrantava-o el, 108.

ceguidade (= cegueira: passou quarenta anos en sa *ceguidade*, 149; pola *ceguidade* do seu coraçõ que avia, 387; a *ceguidade* e a escuridade da mẽte e o fedor en que jazẽ chantados.

celiço (= cilicio): vestiu hũa saia e hũu muito aspero *celiço*; regou de lagrimas o *celiço* onde era vestido, 66.

cercear (= fazer coroa): E... fez (o bispo) o menlho *cercear* e offereceu pera todo sempre pera servir a nostro senhor... assi como foi offereçudo Samuel, 193.

certãao, certão, certãa (= certo, cérta): de todalas cousas en que duvydava soon *certaão* per aquelo que mi dissesti, 184; tã *certaão* e tã verdeyro juyzo, 101; estes (hermitães) nunca moravã en *certão* logar en tal que os homẽs os nõ fossẽ veer 101; parece cousa *certãa*, 186.

certidoen (= certeza): nẽ hũu homen nõ pode auer *certidoen*, 268; e sen outra *certiidõe*, 317.

chãamente (= chãmente): conselham-te *chãamente* que temas as obras do ẽmiigo e fuge delas, 50; sei eu esto *chãamente* e nõ duvido nemigalha, 370.

chãao (= chão): vi as cidades e os *chãaos* e os montes, 42.

chamar (= invocar): eu *chamei* nostro senhor, 107.

changer (= prantear): os moradores daquela terra .. *changiam* e choravam, 22.

chanto (= pranto): faz por el gram *chanto*, 368; fazendo *chanto* sobrel, 176; tantos *chantos* fazem, 117.

che (= te): vim hora dizer-*cho*, 33; non *cha* (filha) poderia dar a meos de preguntar meus deos, 24; mostrar-*ch'ei* ta madre, 193; este ango .. falar-*ch-á* de justiça, 49; venho *cho* dizer, 33-34; escolhi tu hũa morte qual quiseres e dar-*cha*-emos, 127; nunca *cha* darei, 149; dar-*ch'ei* etas vestidura .. e todo *cho* comprirei, 238; ali (Athenas) *cha* (sabença) ensinarã, 179; amostrar-*ch'ei* outra cousa, 175; mostrar-*chas*-ei (as obras), 175; como *cha* (a visom) mostra; *cha* (algũa cousa) leixou (Deus) de dar, 53; dar-*ch'a* (misericordia), 57; e se *ch'o* non disserẽ, 295; aquelas cou-

sas contar*ch'as* ey, 317; pero contar*ch'ey* eu, Pedro, hũus poucos de miragres, 320; como eu ey lecença de preegar direi-*ch'o* eu, 332; estes menĩhos nõ *chos* daremos, 360; se lecença tomasti pera me morder non *cho* defendo eu, 78.

chegar (= alcançar (?)): e quando *chegavã* todalas cousas que lhis era mester, 7.

chus (= mais): non ousei *chus* catar, 41; logares *chus* asperos, 40; *chus* nõ se moveu, 19; o que *chus* pouco gaanha, 63; lhis semelha o nome *chus* fremoso, 77; *chus* negro ca pez, 114; cf. *arẽa*.

chuvha (= chuva): fazia tã grandes *chuvhas*, 77; quedou logo a *chuvha*, 78; avia *chuvhas*, 105; dava (Deus) tanta *chuvha*, 165; nẽ outra *chuvha* do ceu nõ aviã, 228; molhados desta *chuvha* que faz, 232; pela *chuvha* e pelo sol, 379; per maneyra de *chuvha*, 183; tã gram *chuvha*, 27; quando fazia as *chuvhas* muy grandes, 120.

ciente (= assinte): mais algũas cousas que sei del leixo-as a *ciente*, 115.

ciinsa: tornando-ssé en poo e *ciinsa* per aquel fogo, 172; (o pã) cuberto de brasas e de *cĩjsa*, 367; jazendo en essa terra coberto de *cĩisa*, 135.

cima (= fim): pola *cima* que lhes vimos fazer, 104; e aa *cima* gaanharõ de nostro senhor, 94; se podessẽ (os maaos homẽs) viver sẽ *cima*, 189; bẽes que nũca averam *cima*, 100; pecar sem *cima* e pera todo sempre; porque *cima* os (pecadores) atormenta pera sempre, 189; nũca podẽ (os pecadores) vijr a atal *cima* que façã emenda, 189; atormentar sem *cima* pera todo sempre jamais, 188; disse en *cima* deste livro, 140.

cinger (= cingir): tomou a sso gua... e *cingeu-sse* dela e apretoô-a mui ben en si, 13; *cĩgerõ-sse* e esteverõ cõ as mãaos estendudas ao ceu con seenço, 173.

cinque (= cinco): em *cinque* dias ouve hũa fevre 192; huũ logar que era da cidade *cinque* milheiros, 23; está alongada da cidade de Merida *cinque* milhas, 126; *cinque* pães, 136; *cinque* sentidos, 9; lidei per *cinque* anos no meu coraçon, 167.

cintaz (= cinto (?)): começarõ-se a desatar os *cĩtazes* das calças, 90; os *cĩtazes* ficavã pela moor parte desatados, 90.

cirgo (= sirgo ou seda): vestiduras de *cirgo*, 143.

citola (= cítara): o propheta David con sa *citola*, 212; tangia sa *citola*, 280.

clastra (= claustro): huũ logar da clastra, 26.

coa (= cauda): e el (leon) con sa *coa* tẽ-mi, 186.

cobiiça (= cobiça): el cõ *cobiiça* do aver 202; tem que he en ti ou *cobiiça* de maaos feitos ou de sobejo comer e bever, 49; maa *cobiiça*, 57; garda-te de maa *cobiiça* e de sentença e de baralha, 52; ora entendi (imper.): a *cobiiça* mata os servos de Deus, 54; tolhe de ti toda *cobiiça*, 56.

cobiiçar (= cobiçar): Deus de mercee, de misericordia que *cobiiças* salvar os gentiis, 30; e non *cobiiça*, 11; e sse per ventura *cobiiçares*, algũa cousa, 53; o que *cobiiçou*, 28; cobiiçoso, cf. *fornigador*.

cocodrilo (= crocodilo): rio en que avia muytos *cocodrilos*, 212.

coffogon (= confusão): non metamos mentes nas *coffogões* de nossas almas, 66.

cofonder (= confundir): non pode seer que non *cofonda* todo, 47; sas obras (do ango maao) son mui maas e *cofondem* a alma, 50; e pois o ouver *coffondudo*, 54; o ẽmiigo. *coffonde* os servos de Deus, 53; partio-sse de mĩ o ẽmiigo *cofundudo*, 107; *coffonderá* os seus ẽmiigos, 146; ora soo eu *cofondudo*, 266.

coidar (= cuidar): nem *coidava* nẽ hũu nẽ lhi empeecia, 165.

coiraça (= couraça (?): mui ledo e sẽ tresteza mãdou sacar os livros das *coiraças*, 70.

coita (= dor, aflição): cõ gram *coyta* que avia suava, 185; cõ gram *coita* e cõ gram temor, 186; pois que soffreu muyta *coita* en seu corpo, 185; soffre... ainda tormenta e *coita*, 172; maravilhou-sse o sancto homẽ da *coita* que soffria, 75; vida amara en que sempre ha d'aver *coita*, 143.

coitar (= afligir): non *coites* teus dividores, 52; ai homen de mole coraçom... como te *coitas* e dultas na gram grolia de Jhesu Christo, 95; *coitavano* as coydações polos filhos, 214; o servo de Deus... os *coytava* pera lhi encherẽ o odre d'azeyte, 124; *coytavã-me* as cuydações que fosse andar pelo hermo, 167; começou-se a *coytar* e a cuydar como os pobres se nõ partissẽ del sẽ algũa esmolna, 354; porque me *coita* pera côtar vidas doutros padres, 115; *coitava-o* que fugisse, 127: cf. *aluzecer*.

coixa (= côxa): tiravãno pelas *coyxas* a ffundo, 180; naceu-lhi hũa chaga na *coixa*, 17.

colbe (= golpe): pera lhi dar mayor *colbe*, 128; tal ferida lhi desse cõ sa espada ao premeiro *colbe*, 156.

come (= como): Messias que tanto quer dizer *come* enviado, 97; água que hi estava *come* muro; *come* no que, 88; obra *come*, 89.

começar: *começasti* a falar, 10.

comendar-se (= encomendar-se): *comẽdou* se a deus e aas orações do sancto abade, 317.

comer: *comhiamos* do azeite e bevamos do vinho, 3; rogo-vos que *comhades* algũa cousa, 76; eles vos darã do pã que *comhades*, 172; levãtade-vos e *comhamos*, 173; cada hũu *comha* bẽ e beva bẽ, 141; soo ja dado a huũ leon que me *comha*, 186; me *comham*, 182; dade-lhe que *comha* e que beva, 354; pã que *comiia* 374; levãtate e *comhamos*, 375; faz mester que *comhades*, 124.

comeyos (= comenos): ẽ este *comeyos* veo a festa da pasqua, 110.

como: *como* quer que (= ainda que) depois vivesse per muytos anos, 181; *como* quer que homẽ nõ receba mal, 101; *como* quer que vivessem en paz, 102: cf. *come* e *conhocer*.

companha (= companhia): aquel que soia a cuidar nas *companhas* dos angos que el vira, 85.

compartir (= partir, dividir): tragẽ os seus corações *compartidos* em muytos fectos, 334.

compridamente (= completamente): dizendo sas horas muy bẽ e muy *cõpridamente*, 93.

comprir (= completar): *compriron* sa oraçon, 82.

comun (= comum): claridade *comũ*, 178.

condanamento (= condenação): a sentença do *condanamento*, 191.

condanar (= condenar): Deus que per sa justiça *condanou*; como he *cõdanada*... a heresia, 114; *condanava* todos aqueles que eram ereges, 155; julgalo e *condanalo*, 241.

conduito (= conduto): quantos... que nõ gustarõ azeyte en seu *cõduyto*, 252; azeite pera seus *cõduytos*, 20; fez levar o *conduito*, 123.

confogon (= confusão): a gram *confogou* da eresia d'Arrio, 106: cf. *coffogon*.

congradoar (= tirar proveito): 289.

conhocença (= conhecimento): depois que ouve *conhocença* de Jhesu Christo.

conhocente (= conhecido): de nẽ hũu parẽte nẽ de nẽ hũu *conhocente*, 199.

conhocer (= conhecer): *conhosco* padre; tu *conhoces* a vida

da alma; como quer que eu o nõ *conhosca* per cará, 240; por seerem *conhoçudos* os seus (de Deus) galardões, 35; ela nõ xi mi quis fazer *conhocer;* e eu nõ na podia *conhocer*, 8; ora *conhoces* bem quanto mal vem ao que non ha largueza de coraçom, 48; *conhosco* padre e confesso, 145; baron muito onrrado que tu bẽ *conhocisti*, 150; ora as (obras do ango maao) ás *conhoçudas*, 50; quando ha de morrer *conhoce* sa morte e dize-o a todolos frades e espede-se deles, 63; *conhoceu* que aquel homen boo era morto, 61; quando veo a sazon que sa maldade seria *conhoçuda* castigô-a o clerigo, 60; *conhocerõ* que era pã celestial, 18; rogo-te que mi digas se ante aqueles homẽs todos de que mi ata hora falasti *conhocisti* algũu quando era acá nosco no mundo, 123; Ffiiz que chamavã curvo que tu Pedro bẽ *conhocisti*, 327; se o alguẽ nõ *conhocesse* terria-se por despreçado, 334; tu bẽ *conhocisti*, 343; ora *conhosco*, 370; aqueles que a (vida) *conhocẽ*, 375; (os profetas) *conhoscen-se*, 10; menĩho que... ben *conhocisti*, 7.

conhocimento (= conhecimento): deste *conhocimento*, 177; mais an sabença e *conhocimento* cõprido; en conhocer Jhesu Christo compridamente ha homem *conhocimento*, 85; theologia per que homẽ ha *conhocimento* de Deus, 166.

conhoçudo, pt. de *conhocer:* per desviados logares e nõ *conhoçudos*, 79; (razõ) tã aberta e tã *conhoçuda*, 76.

cono, cona (= com o, com a): morren *conos* corpos; poderiã cõviir *conos* seus (custumes), 329; as almas nõ morrẽ *con nos* corpos, 134; dava *cona* cabeça nas nuvees, 114; *cona* espada nua, 128; morre o sprito da besta *cona* carne, 144.

conselhar (= aconselhar): quando *conselhou* o mãcebo, 141; *conselha* a cada hũu homẽ, 142.

consentir: *consento* padre no que dizes. 74; *consento* padre e outorgo o que dizes, 167.

consiirar (= considerar): *consiira* (imper.) o espantoso juizo, 126; se *cõsijares*, 73.

constrenger (= constranger): outra vegada o *cõstrẽgeu* seu cuydo, 253; boa cousa he de *constranger* homẽ seu coraçon, 254; pera *cõstrẽgerem-se* dos pecados; nõ *constrenge*, 188; o godo per vertude de deus *constrẽjudo*, 359; per que o *constrẽgia* muito, 16, 111.

consumir: a obra .. *consume*, 272.

consuum (= juntamente): dous companheiros lavrarom hũu

gram campo de *consuum*, 20; disseron-lhi que aquelo que de *consuum* gaanharom, 20.

contar: pois me tu *contasti* padre tã gram miragre, 341.

conteença (= continencia): falava da *conteença* da alma, 10, 11; mandado da *conteença*, 50; sabi (imper.) que toda *conteença* he dobre, 51; foi boo frade en toda *conteença* e en choro e en gimidos comprio hi tres anos, 92.

contorvar (= turvar): a tresteza *contorva* o sprito boo, 56; *contorva* o sancto sprito, 56.

contreito (= tolhido): huũ leigo... era *contreito* dos braços, 117.

convenhavilmente (= convenientemente): como quer que os homẽs *convenhavilmente* contem, 320.

converter: è pois que foi *convertuda*, 10; depois que foy *convertudo*, 84.

convir: senhor *conviinha-me*... ficar sẽ magoa nẽhũa, 44; nos *cõverria* a leixar as sanctas vidas, 99.

çopo (= côxo): hũa molher .. era *çopa* e cega, 290.

coovra (= cobra): en aquela agua jazia hũa *coovra* pequena, 18; aquel andava depolos escorphões e depos as bestas cornudas que chamã cerastes e depolas *coovras* que erã aly muitas, 71; feri-o hũa *coovra*, 117.

coraçon (= intento): por todo esto nõ se moveu aquele do *coraçon* que tiinha.

correger (= corrigir): que se *correga* da maldade, 189; *corregi* (imp.) os onrrados, 52; rogo-te que me *corregas*, e que tolhas de mĩ este deosto tã avol e tã maao.

covedo (= cotovelo): acharõ-lhi nos *covedos* e nos geolhos grandes calos, 159; con os *covedos* descobertos e con os geolhos desnuados, 159.

covo (= concavo, fundo): logares *covos*, 375.

crecentar: cf. *tresteza*.

creença (= crença): *creença* que tiinha, 145.

creer (= crer): se tu *criisti* Pedro per testemoĩho da sancta scritura, 171; e *creemos*, 73; cõ tãto trabalho *crijsti* aquelas cousas, 174; non lhi (o ango maao) *creas* rem, 49; se disser verdade nõ mha *creerã*, 60; aqueste *criia*, 155; muito ha que esto *crii*, 86; porque *crii* aquelo que aquela manceba dezia cospi-chi no rostro, 81; aaqueles que en ele *criiam*, 84; aqueles que en Christo *criiam*, 111; este (ango boo) *creey* (imper.), 49; *creey* o ango boo; *creey* as obras do boo ango e fazi-as, 50; *creey* que etc., 226;

creey, irmão, que, 225; *crey* que nõ he pera *creer*, 366; *creei* por certo, 304; *creey* tu que nõ achey eu outro thesouro, 244.

creligo (= clerigo): feito que mi contou aquel *creligo*, 76.

crelizia (= clerezia): cõ toda a *crelizia* e encençô-o, 163 ou

crerezia: pose-o en sa seeda e feze-o logo bispo e ordĩô... que se a *crerezia* de Merida, 135.

criança (= criação): da *criança* de mha madre, 362.

cruevil (= cruel): *cruevil* he quẽ nõ curá de sa fama; era homecida e *cruevil*, 73; erã homeẽs muy *crueves*, 163; aqueste lonbardo *cruevil*, 164; muy *crueviis* tormentos, 149; aqueste era muy *cruevil*, 22; princepe mao e *cruevil*, 153.

cruu (= cru): o pã quando he *cruu*, 367.

cuidaçon (= pensamento): maas *cuydações*, 90.

cuidar: tu que *cuidasti* en ta cela, 44.

cuido: cf. *cuidaçon:* razõ clara e conhoçuda tolheu a duvida do meu *cuydo* que eu avia, 97; cf. *constrenger* e *ende*.

çujo (= sujo): quanto ela (boca) he mais *çuja*, 76; cantares maaos e *çuios*, 103.

çujãe: cf. *limpho*.

çujal (= sujidade): a mha alma mesquinha he feita muda pola *çujal* do meu corpo, 31; que todalas avolezas e as *çuiaes* de mha alma seeram destroidas, 1.

çujar (= sujar): cada dia *çujava* seu corpo per polluçõ, 125; *çujar* sas mẽtes, 75; *çujava-sse* per maaos feytos, 157.

çulorgião (= cirurgião): talharono os *çulorgiães* per tres vegadas, 309.

D

daa (= de a ou da a): aqueste... foy grande *daa* de fora... mais foy mayor aa de dentro, 342.

dante (= antes): no terceyro livro *dante* este, 179.

daptilò (= dátele, fruto de palmeira): comia dos *daptilos*, 262; tres palmeiras... carregadas de boos *daptilos*, 262.

dar: vendeu quanto avia e *dê-o* a pobres, 58; quanto *desti*, 150.

de (preposição usada em sentido partitivo): ouvéra hũa pequena *de* tresteza, 369; pera levarẽ *da* agua pera seus moesteiros, 387; tanto era *d'*avarẽto, 22; tanto (o penedo) era *de* grande, 344.

de (= desde): *de* sa meninice, 144; seita en que vivera *de* seu pequenino; a quem (Deus) sse promeron *de* sa meninice, 93.

deceber (= enganar): e eu *decebuda* decebi muitos, 1; enganos per que eu era *decebuda*, 5; o que semelha que teme Deus e non guarda seus mandados aquel se engana e sse *decebe*, 50; pois temi-o (imper.) e fazi (id.) seu mandado; pera que possa (o ẽmiigo) homem *deceber*, 5; por esta molher foi assi *decebudo* e enganado, 28.

decer (= descer): filho .. eu nõ *decerei* hora de meu esteo, mais *deci* (imper.) tu, 22; enton *deceu*, 22; *decerono* do esteo, 22.

defalecer (= desfalecer): *defaleceu* en mĩ o meu esprito, 31; o defalecimento nõ *defalece* e a ffin nõ sse fyie, 191.

defalecimento (= desfalecimento): padece (a alma) morte sẽ morte e *defalecimento* sen *defalecimento*, 191.

defalido (= fraco, sem força): sas (do ẽmiigo) ameaças .. *defalidas* son como nervhos mortos, 57.

defeito (= de aspecto miseravel, tristonho (?): era triste e mui *deffeito*, 43 [1].

deffedorento (= sujo, porco): amor desaguisado e *deffedorento*, 184.

defender (= proibir): senhor, manda *defender* esta cousa, 79.

defolgar (= respirar): quando vio que nõ bulia nẽ *defolgava*, 21.

degretal (= decretal, decreto): era leterado en degredo e en *degretaaes* e en leys, 166.

deitar: el... *deitou-se* en oraçon, 21; el foi-se *deitar* en oraçon, 30; e todo o poboo se deitara outrossi en oraçon sa beençõ asperando, 21.

deleito (= deleite): nũca foi prazer nẽ *deleito* no mundo, 371; tentados dos *deleitos* da carne, 144; vençuda do *deleyto* da carne, 363.

demanda (= pregunta): a *demanda* que eu fiz, 350.

demandar (= procurar): *demandar* as ovelhas e o usso, 72.

dementre (= em quanto): a alma *dementre* no corpo he, 144; *dementre* ele vivesse nunca este miragre contasse, 352; *dementre* en este mundo viveres, 144; *dementre* homẽ

---

[1] Antes lê-se: hũu era magro muito afeito e mui lasso, 43.

vive, 172; *dementre* hora tu falas, 144; *dementre* en este mundo forẽ, 73; *dementre* no mundo era, 371; e *dementre* viverõ, 104; *dementre* vivia, 188; *dementre* en este mundo viveres, 144.

dementres: cf. *dementre: dementres* se estas cousas faziã, 253.

demorança (= demora): e Panuço sayo sen *demorança*; en aquesta *demorança* grande, 365; per que mi seera longa *demorança* de dizer, 97; logo sẽ *demorança* nẽhũa, 151; sen nẽhũa *demorança*, 161; temo que per esta *demorança* caia em mãaos daquel de que quero fogir, 1; sem *demorança*, 143.

dentro na (= dentro de): meteu a sa cabeça *dentro na* mha boca, 186.

deostador (= o que doesta): antre estes *deostadores* foy hy hũu que avia nome Filemon, 64.

deostar (= doestar): avia en custume de *deostar* Deus, 161; *deostô-o* muy vilmente, 125; este Filemon... o *deostou* mui mal de traedor, 64.

deosto (= doesto): todos aqueles *deostos* e testemõyhos falsos, 147.

departir (= falar, explicar): o que dizẽ os outros leterados quando *departẽ* sobrelos milagres, 83; (= conhecer, distinguir): avia (Evagrio) graça .. de *departir* os pensamentos dos homẽs, 71; rogou nostro senhor... que lhi *departisse*, 258.

depos (= depois): sayr da eigreia logo *depos*lo avangelho, 243; *depola* oraçom disse, 45; e *depola* sa morte, 246; anda devaneando *depolos* bẽes, 142; *depos* sa morte, 188; e *depola* sa morte, 246; *depola* morte viverã as almas, 139; cf. *despos*.

dereitamente (= com razão (?): o amava muy *dereitamente*, 373.

desaguisado (= não conveniente): cf. *deffedorento*.

desapostura (= má postura ou feições desapostas ou feias): non leixasse d'amar por tal fealdade e por tal *desapostura*, 154.

desaprender (= soltar): mais non pode *desaprender* as mãos dele, 94.

desasperar (= desesperar): e como quer que os fisicos *desasperassem* ja de sa vida, 192; e quando sse vio assi coitado quisera *desasperar* de Deus, 29; e pois *desasperou*, 344; andando eu en estas coitas como vos dixi e *desas-*

perado e soo, 108; ũa que foi maa molher e *desasperada*, 10.

descinto (= não cingido): *descinto* e descalço, 175.

desconhocimento: pera receber el se al non per *desconhocimento* aquelas suas (offertas), 100.

descontra (= em direcção a): viinha pelo deserto *descontra* a eigreia, 311.

descreudo (= descrente): homẽs maaos e *descreudos*, 224.

desdado, (= ao acaso): vou per esse mar ao *desdado* hu me deus leva, 315.

desejar: eu *desejava* a fazer vida muyto alongada desta terra, 175; virgẽes con que *desejava* a viver, 160.

deserrar (= andar errante): andaron *deserrados* e desencarreirados dos seus mandados, 307; almas que andavã *deserradas*, 399.

desfazer: *desfizi-lho* quanto pudi, 116.

desguisado (= não bom, mau): acẽdimẽto *desguisado* de seus corpos, 184; cf. *mao*.

desjuntar (= desajuntar): os nẽbros do seu corpo foron departidos e *desjuntados*, 99.

desobedeẽça (= desobediencia): sanhudo cõtrã a *desobedeẽça* do mõge, 112; per *desobedeẽça*, 119.

des oi mais (= desde hoje): *des oi mais* sei aguçoso, 26; *des oi mais* anda en eles (mandados), 58.

despagar (= não gostar): nõ se *despagou* (Deus) de morar antr'os maaos, 69.

despensar (= dispensar): Deus *despensou* coñosco de graça especial que non sentamos frio, 165.

despenseiro (= dispenseiro): *despenseiro* da nossa eigreja, 90.

desperçar (= desprezar): *desperçava* sy meesmo e dava per si muy pouco, 87.

despeso (= dispendido): se mal for *despeso* (o aver), 264.

despobrar (= despovoar): as cidades ficarõ logo *despobradas*, 133.

despos (= depois): *despolos* corpos, *despola* morte, 293; hũu fosse *despolo* outro, 174; viven *despola* morte (as almas dos homens), 144; *despola* ressurreiçom, 139; e *despola* vison, 97; per que vivesse *despola* morte, 366; cf. *depos*.

desprazil (= desagradavel): tã *desprazil* era en si meesmo, 334.

desprizel: cf. *desprazil:* tã pequeno de corpo e tã *desprizel*, 341; muy somido e muy *desprizel*, id.; tomava a mais *desprizel* besta, 334.

desputar (= disputar): *desputou* con aquele bispo dos ereges, 146.
destro (= direito): hũu (saco) de lado *destro* e outro do lado seestro, 334.
destrova: 104.
de sũu: cf. *consuum*: quando entrarõ ambos *de sũu* catarõ e virõ hũa cesta chea de pã caente, 98; rogô-a (a molher) que fossem ambos *de sũu*, 91.
deteença (= demora): a *deteença* que fezera aa porta, 137.
deus (pl.): ydolos que eles chamavã seus *deus*, 103; façam sacrificio aos nossos *deus*, 219; os *deus* dos gentios nõ son nemigalha, 219.
devaneador (= o que devaneia): aquele que *devaneador* he, 141.
devaneio (= fantasia): palavras... en vãao e en *devaneyo*, 13.
dever: que se *deva* a correger, 189.
devisar (= contar): tã grandes tempestades que volo nõ poderia homẽ *devisar*, 78; Paaia que sse fora assi como ja *devisamos*, 7.
devoçom (= devoção): por *devoçom*, 21.
dia: ainda oje este *dia* vivem seus discipulos, 102.
diaboo (= diabo): vẽ, *diaboo*, e descalça-me, 90.
diaga (= diaconissa): Romãa, hua sancta monga e *diaga*; e polo avangelho que diz chamam a *diagaa*, 2.
diagoo (= diacono): o sancto Nono enviou min que era seu *diagoo*, 1; chamam ao clerigo do avangelho *diagoo*, 2; tu senhor *diagoo*, ora por mĩ, 8; me chamou *diagoo*, 8.
dialago (= dialogo): hũu livro que dizẽ *dialago* que quer dizer paravra de dous, 314.
disciplo (= discipulo): mandou a hũu dos seus *disciplos*, 19.
displizel: cf. *desprizel*: tomava a mais *displizel* besta.
diveda cf. *divida*: meu senhor constrengia-me pola *diueda*, 258; quitou-lhis todalas *divedas*, que lhi deviam, 140.
divedo (= dever matrimonial): o marido (deue) dar seu *divedo* aa molher e a molher ao marido, 85; (= obrigação): conprio seu *divedo* natural, 195.
divida: e el quitou-lhi toda sa *divida*, 141.
dividor (= devedor): e ffezerom-se *dividores* do sprito sancto, 46.
dizer: *di* (imperativo) que o filho he teu; *di-me*: non venceu rei David o gigante?, 96; e *di-me* aĩda, 182; ora mi *di*; vay e *di* aaquel menĩho pobre, 240; *di-lhe* que se negue

Deus... e o baptismo, 25; *di* algũa palavra de Deus aaquestes frades, 167; *dy-nos*, senhor, porque mostras tã grande amor a omẽ que nunca visti nẽ conhocisti, 133; *di-me* como more, 181; tu *di* ca nõ he meu 178; *di* aaquel meu procurador, 313; *di* ao meu procurador, 314; vay e *di* assi a meu senhor, 361; aquesto que tu *dizes* deria-se direitamente); como eu de suso *dixi*, 181; rogo-te que me *digas*, 16; se fezeres o que *dissisti*, 113; maravilhei-me do que mi *disse; dezia* hũu velho homẽ, 32; *dixi-lhi*, 37; nõ *dixi* eu a ti, 90; eu *dixe* a mĩ meesmo, 34; *dixi* todas estas cousas... a Romãa, 9; vi a põoba que vos ant[e] *dixi* decer muito apreto de mha cabeça, 26; e quando lhi *dixi* que me bẽezesse, 8; si *dixi* eu; e *dixi* pera toda a cidade como era morto o abade Paaio; e el mi *disse;* quando *dezia*, 144; razões que mi tu *dissesti;* o que .. *dixi*, 147; desejo... ouvir o que mi *dissisti; dissisti* ao teu frade, 314; estas cousas que ti *dixi*, 48; aquel maao sacerdote que vos ja *dixi*, 106; já ti *dixi* hũa vegada; esso que m'hora *dissisti*, 339; eu lhe *dixi*, 360; certa cousa e reconhoçuda he que o que *dissisti*, 25.

doa (= presente, dom): non te onrrei de muitas *doas?*, 4.

doado (= de graça): tu fazes-me *doado* o que me outro fazia por preço e nõ riirey, 175.

doairo (= aparencia, aspecto): homem .. de muy boo *doayro*, 124; avia a face leda e de boo *doayro*, 154; con sa cara leda e de boo *doayro*, 162.

doer: a alma .. *dooy-se* tanto dos seus pecados.

dom: com muitos *dões*, 153; taes *dões* recebeo de Nostro Senhor, 333; comhamos ensenbra os *dões*, 376; o senhor *dõ* Ihesu Christo mostrou sa vertude, 83; o primeyro homẽ *don* Adam, 135.

domaa: todolos dias do mũdo pela *domãa* lhy enviavam sas offertas, 100.

dona: cf. *dom:* todolos outros homẽs forõ geerados dele e de *Dona* Eva, 183.

Donadeu: senhor *Donadeu*.

dondo (= domado, manso): ca este .. tornou depois tã mãso e tã *dondo* e de tã gram piedade, 84.

doo (= dó): todolos frades faziã gram *doo* por el, 152; todos ouverõ dela (leoa) *doo*, 101; ouve dela muy gram *doo*, 251.

dormir: rogo-vos que *dormhades* hũu pouco, 77; *dormi* (imp.) atẽe o dia de resurreyçõ, 201.

duc (= duque, chefe): foi rogar hũu gram *duc*, 237.

dulta (= duvida): o que he en *dulta*, 56; o que está en *dulta* dalgũa cousa e o nõ pode fazer entrestece, 56; pedi-lho (imper.) (o que lhi pedires) sem *dulta*, 53; e estando en *dulta;* el nos sacará da *dulta*, 91.

dultança (= duvida): tolhi de ti toda *dultança*, que non dultes de pedir, 52; a *dultança* sprito terreal he e que sal do ẽmiigo, 54; despreça *dultança*, 53; tolhamos toda preguiça e toda *dultança*, 86.

dultar (= duvidar): os que em Deus *dultarem*, 53; se non por que non *dultavam*, 56.

dulterio (= adulterio): os clerigos caerã en pecado de *dulterio*, 230.

dultoso (= duvidoso): os que foren de *dultoso* coraçon nõ receberã del ren, 53; vos que sodes medrosos e *dultosos*, 56; o que non for *dultoso*.

durar (= perseverar): *dura* sem nojo en todo serviço de nostro senhor, 53; (= estar): por esto *durou* o mõge oito dias que no ouue que comesse e foi mui coitado de fome, 18.

E

eigreja: andava... pelas *eigrejas*, 333; entrou na *eigreja*, 10; soterrarono na *eigreja* de sã Cassiã, 23; e pois a hũu gram tempo foi dali trasladado a outra *eigreja*, 23; huũ clerigo que era thesoureiro da *eigreja*, 50; polas *eigreias* e polos moesteiros, 11; faz o officio da *eigreja*, 52; nẽhũu logar nẽ na *eigreja*, 6.

eigrejelinha (= igrejinha): indo sã Beẽto a hũa *eigreielĩha*, 20, 112.

eixeco (= enxeco): non quer paz mais *eixeco*, 46.

eixemplo (= exemplo): por dar *eixemplo* a todos, 32; dando boo *eixemplo* de ssi ao poboo, 136; ora te quero eu dizer hũu *eixemplo*, 35; dar per ele *eixemplo* aos outros, 40; cuidando no *eixemplo* do bẽ aventurado Job, 17; parece ainda per *eyxemplo*, 187; nõ ficassẽ cõ maao *eixemplo*, 300; avendo o *eixemplo* de rei David, 10.

eixempro: cf. *eixemplo:* dava de ssi muy boo *eixempro* per paravoa e per obra, 125.

eixergar (= enxergar): como quer que ouvessẽ o ssopro muy somido e que adur se *eyxergava*, 151.

eixouvir (= ouvir, atender): *eyxouve-me* senhor, 31; foy *eyxouvido* de Deus, 32; tu... *eyxouves* o rrogo dos pecadores, 235.

eixuprar (= aspergir (?) (1): quando os clerigos... enviavam da eigreja *eyxuprados*, 68.

eixufre (= enxofre): fogo e *eyxufre*, 183.

exouvir: V. *eixouvir;* nostro senhor *exouvyo* o rogo, 127.

exuprar (= insuflar (?): enton o bispo *exuprô-a* e baptizou-a, 3.

ele: os padres non ouvyrõ *ele*, 117.

elefante (= elefantiasis): hua enfermidade que chamã *elefante*, 73.

emaginar (= imaginar): pẽas que o homẽ en este mũdo pode *emaginar*, 172; *emaginemos* ainda...; vee homẽ e *emagina*.

ẽmaginar: cf. *emaginar:* pode achar e *ẽmaginar*, 147.

ẽmiigo (= inimigo): tanta foy a enveja do *ẽmiigo*, 310.

Emio (?): huũ moesteiro que chamam santo *Emio*, 27.

emparamento (= amparo, protecção): por guarda e por *emparamento* do seu servo, 80.

emparedeado (= emparedado): virõ a alma duũ servo de Deus que jazia *emparedeado* em huũ logo, 148.

empeecer (= empecer): nõ pode (o emiigo) *empeecer* aos servos de Deus, 57; o ẽmiigo... trabalhousse de *empeecer* aos monges, 125; homẽ que nõ *empeece* a nẽguu (Innocẽcio quer dizer), 165; taaes obras son as que *enpeecẽ* aos servos de Deus, 308.

en: cf. *ende:* todalas cousas... desaparecerã e nõ veerás *en* nemigalha.

enato (= pobre (?): e (tomava) a mais *inata* sela que el podesse aver, 334.

encardecer (= tornar-se livido, rôxo): tã gram ferida lhi deu cõ elas (talhoos) na cabeça e no rostro que toda a face lhi inchou e *encardeceu*, 326.

encençar (= incensar): os clerigos do avangelho hyam ante ele con seus turibulos *encençando*, 136.

encenço (= incenso): *encẽço* de boo odor, 195.

encreo (= incredulo): di-mhos pera aprenderẽ aqueles *encreos*,

---

(1) Talvez o *insimprar*, que se lê a pag. 56 da *Rev. Lusit.*, XXV.

134; homẽes maaos e *encreos*, 190; muitas cruezas soffrerõ dos *encreeos*, 162.

ende (= d'isso, por isso): e por *ende*, 187; e quando deziã que entrasse na ordĩ escarnecia *ende*, 184; e por *ende* Salmõ, 144; por *ende* o maao cuydo que ouverõ pola enveja, 72.

enderençamento (= endereçamento, direcção): a gram proveito da eygreja e a grande *enderençamento* dos cristãaos, 166.

enderençar (= dirigir): deus mi *enderẽçou* mha carreira, 78.

endoado (= de balde, em vão): os marĩeros... fezeron-lhi sas querelas *endoado*, 77.

enfĩjdo (= infindo): saẽ grãos de pã *enfĩjdos*, 126; deron (os christãos) graças *enfĩĩdas* a nostro senhor, 146.

enfinta (= fingimento): fazia *enfinta* aa gente, 364.

engenho (= livre, não escravo): disseron que o menĩho era forro e engenho, 133.

enha (1) (= minha): pois que vos enviar d'*enha* pousada, 274.

enhatamente (= pobremente (?): vestia-se o mais *enhatamente* que podia, 106.

enlacesser (= desfazer-se de fraqueza): o corpo lhi *enlacessia* mais sa mente era muito esforçada.

enmaginar: o estava eu *enmaginãdo*, 170; cf. *ẽmaginar*.

enmenda (= emenda): fazer *enmenda*, 189.

enmiigo (= inimigo): perdeu o filho pelo *enmiigo* que recebeu en sa casa, 358; tirar os *ẽmiigos* dos corpos dos homẽs, 363; porque o *ẽmiigo* antigo, 72.

eno (= no): esforçavanse (os frades) *eno* serviço de Jhesu Christo, 99; seeram herdeiros *eno* reino dos ceus, 59; *enos* meus beiços, 4; *eno* amor da morte, 315; amarguras grandes que *eno* meu coraçõ avia, 314; *ena* riba do mar, 315; vive *eno* corpo, 144; pos os pavios do papiro *enos* cabos das lãpadas, 340; *ena* noite dãte aquel dia, 11; o viron estar cantando *eno* coro da eigreja.

enalhear (= alienar): herdade que sse nũca *enalheará*, 137.

enpeecer: cf. *empeecer*: que nõ *enpeecesse* a nẽgũu, 343; usso que lhis non *enpeecia* nemigalha, 73; me nõ possã *enpeecer*, 198; o ẽmiigo non poderia *enpeecer* aaquel, 255; pero nõ poderá *enpeecer* a nẽgũu.

---

(1) Talvez se deva ler antes *mha*; no entanto Gil Vicente usa *enha* e a forma *nha* vive ainda no Algarve.

ensarramento (= conclusão, termo): mostra a ffin e o *ensarramento* dos dias, 141.

ensarrar (= fechar, terminar): aly (no moesteyro) me *ensarrei* eu, 109; *ensarrou* os seus dias, 165; *ensarre* os seus dias em boas obras, 259.

ensembra (= juntamente): sayrõ *ensembra* deste mũdo, 179.

enserrar: este monge... jazendo aly *enserrado*, 32; *enserrarõnos* (os monges) en hũa casa e jouveron ahi hũu ano enteiro, 43; ficava eu soo *enserrado* e coitado a morte de lazeira, 114.

ensinar: *ensigna* todos aqueles, 98.

enteiro (= inteiro): e jouve ali todo hũu ano *enteiro* fazendo grandes jejunhos, 30; esta largueza mora em aqueles que am *enteira* fe, 48.

entendente (= claro, manifesto): o ẽmiigo fez *entendente* aos fiees de Deus que quanto fazia todo era por ypocresia, 111.

entender: ora her *entendi* (imperativo) as obras de boa cobiiça, 55; per esto *entendi* (idem); *entendisti* como nos enganou o ẽmiigo?, 169; homẽs que non son muito *entendudos*, 144; era mui pecador e muito *entendudo* nos sabores do mundo.

enterido (= tolhido): ficou logo todo *enterido*, 128; seus corpos ficarõ *entiridos*, 158.

entolhar (= antolhar): como sse lhi *entolhara*, 1.

entramente (= entremente): e *entramente* acendeu-sse o ffeeo e ardeu a eigreja, 115; *entramente* cobraremos nossa força, 116.

entregamente: cf. *entreguemente:* toda *entregamente* pendorada; cõ todo seu siso *entregamente*, 331.

entregue (= inteiro): acharõ o seu corpo todo *entregue* e sẽ corrompimento, 127; todos seus cabelos acharõ *entregues* e sen nẽhũu corrompimento, 128; acharõ-no assi são e *entregue*, 123; acharõ... sas vestiduras todas *entregues*, 86.

entreguemente (= inteiramente): ordĩaron que de pos sa morte esta outra meiadade ficasse a esse sancto homẽ *entreguemente*, 151; mãdô-a (rodoma) dar com o azeite *entreguemente* ao clerigo, 112; aquele que se ja offerecera a Deus *entreguemente*, 110; lhe desse todo aquele... *entreguemente*, 157.

enverdecer (= tornar se verde): rega-a (vara) tã ameudi ata que *enverdesca*, 104.

envestir (= revestir): (a alma) jaz *envestida* do corpo, 172.

envurulhar (= embrulhar): hũu dos menĩhos filhô-a (serpente) e *envurulhô-a* en seu manto, 97; *envurulhava-sse* en todo vinho... escaecendo-lhi toda mesura, 108; sobre seu estamago *envurulhada*.

enxemplo (= exemplo): seguya o *ẽxemplo* de nostro senhor, 352.

er (= outra vez): depois que aqui *er* veerei, 187; dêsi *er* tornou-se a eles; *er* colheu-se deante assi que rafece cousa seeria d'entender; *er* disse, 77, 101; nẽ *er* (o fogo) empeeceu... aos seus corpos, 88.

ereito (= direito, erecto): alçô-a logo *ereita*, 98; tiinha-o assi *ereyto* no ar, 128.

erger (= erguer): e o abbade se *ergeu*, 15; e el *ergeu-sse*, 68; enton se *ergeron*, 77.

ergo (= portanto): *ergo* parece que..., 144.

ermitam (= ermita ou ermitão): fez vida d'*ermitã*, 40.

escabeçador (= o que decapita): entõ aquel *escabeçador* alçou o braço, 128.

escabeçar (= decapitar): *escabeçoou* (o bispo) hi, 122; sinal de como fora *escabeçado*, 123; *escabeçô-os* todos, 161; deu sentẽça que o fossen *escabeçar*, 219.

escaecer (= esquecer): cata como te non *escaesca* este mandado, 48; que lhis (servos de Deus) *escaesca* sa boa cavalaria, 93; aquel a quẽ nõ *escaeceu* os seus sergentes, 109; *escaeceu-lhi* o mãdado do servo de Deus, 131; ca lhi *escaecera*, 8.

escaecimẽto (= esquecimento): per *escaecimẽto*, 373.

escaentar (= esquentar): ficou *escaentado* ja que cõ nojo, 151.

escarnho (= escarnio): ẽmygo que quer fazer *escarnho*, 192; se lhi alguẽ alguũ *escarnho* quisesse fazer, 182; o leixou cõ grande *escarnho*. 182; fazer seus *escarnhos* de que riam os homẽs, 354.

escolher (= escolher): tu *escolhiste*, 61; aqueles que deus tẽ *escolheitos* pera a gloria do paraiso, 93; aquele que fora *escolheito* antr'os outros, 128; boos que Deus tẽ *escolheytos*, 132; *escolheytos* sõ en gouvho e prazer, 171.

escomoĩhon (= excumunhão): que o assolvessen d'aquela *escomoĩhon*, 230; soltar da *escomoĩhon*, 230; sentença d'*escomoĩhon*, 14.

escontra (= perto, proximo de): morrera *escontra* a vespera, 82.

escorregamento: per *escorregamento* da lingua, 74.
escrever: *escrevi* (imper.) bem quanto hi achares... e tragi-mho, 5.
escurentar (=escurecer): o prazer da carne nẽ cega e *escurẽta* o entẽdimẽto do homem, 183.
escuridade: a claridade... tornara-sse en *escuridade*, 27.
esfadoiro (=profundidade, cova funda): so o penedo parecia hũu *esfadoyro* muy grande, 348.
esfalfamento (=profundidade (?): grande *esfalfamento* en que jaziã grandes seixos, 19, 112.
esfalfar (=precipitar): acharono (o menĩho) no fundo do vale bẽ come se o *esfalfassẽ* dũa muit'alta torre a fondo, 80; como fosse *esfalfasse* do mais alto monte no mais profundo poço, 372.
esmolna (=esmola): sse salvaria per *esmolna*, 349; homẽ de muytas lagrimas e de muy grandes *esmolnas*, 192; polas *esmolnas* muitas e mui graadas, 188; o avangelho diz que seja *esmolna* dada escũdudamente e tu chamasti... e mandasti, 112.
esmolner (=esmoler): sã Johane *esmolner*, 222.
esparjer (=espalhar): avia muitas celas *esparjudas*, 63.
espavorentar (=incutir, encher de pavor): começou a braadar come homẽ *espavorentado*, 152.
espedaçar (=despedaçar): devera a seer todo *espedaçado*, 80.
espedir (=despedir): *espediu-sse* a seus amigos, 138; *espediu-sse* de seus frades, 262.
espeitar (=ver, olhar): queria *espeytar* que fosse ant'el, 22.
espenar (=atormentar (?): angos maaos... me *espenavã*, 278; e *espenarõ*-me a terceira uegada, 278; (logar) muito estreito e muito aspero e de que se poderia muy ligeiramente *espenar* tanto era alto e agudo, 307.
esperital (=espiritual): lides *esperitaes*, 281; vida *esperital*, 49; sse tẽ por teu filho *esperital*, 129; danos tẽporaes e *esperitaes*, 310.
esperito (=espirito): rogou a nostro Senhor que recebesse dele o *esperito*, 96; o *esperito* sancto falava per ele; regna con o padre e con o *esperito*, 291; o *esperito* maao entrou no filho, 357; cheo do sancto *sperito;* creer... no *sperito* sancto, 45; he hũu deus con o padre e con o *esperito* sancto, 167.
espertar (=despertar): e el *espertou-se*, 22; come se sse *espertasse* de gram sono, 83.

espidir: cf. *espedir:* aqueles maaos conselheiros... *espidi-ron-sse* do sancto bispo, 157.
espinha (=espinho): aquel logar era todo cheo d'*espĩas*, 307.
espirar (=respirar): homẽ nõ pode estar hũa ora que nõ *es-pire* e que nõ bafege, 252.
espital (=hospital): mandou... fazer hũu *espital*, 304; dei-touse en hũu *espital*, 309.
espreitar: homẽ boo que queria *espreitar*, 23.
espretar: cf. *espertar:* e ele se *espretou* com mui gram pa-vor, 15.
espreto (=esperto, acordado): quando já fui bẽ *espreto* dixi, 42; o coraçõ era *espreto*, 133; eu fiz-me que jazia *espreto*, 174; todos eramos *espretos*, 174.
esprital: cf. *esperital:* teu padre *esprital*, 360.
esprito: cf. *esperito:* o *esprito* que en ti he; *sprito* de ver-dade, 46.
esquidade (= aspereza (?): apagar per palavras doces a *esqui-dade* e a crueza que en eles avia, 360.
esquivo (= mau): tẽpo tã *esquivo*, 27.
esso (=isso): e por *esso* cuyda quanto mal quiseres, 149.
estabelecer: seu sobrĩo seendo ja bispo *estabeleçudo*, 135.
estadinha (?): jouvesse nas *estadĩhas*, 253; hũu dia jouvi nas *estadinhas*, 977.
estalaria (= estabulo): guardava os muus nas *estalarias*, 120; guardava as bestas nas *estalarias*, 420.
estamago (=estômago): ende lhi aveo que en comẽdo-as (hervas) coffondeu-xi-lhi o *estamago*, 102.
estança (= acção de ficar ou estar): comas que poderiã fazer sem maa *estança* e sem pecado, 150.
estar: *estivi* ali dous dias, 8; o ladron que ali estevera tã gram peça preso, 94.
estarrar (=desterrar): mũdo em que somos *estarrados*, 137.
esteença (= abstinência): cf. *jejũos;* grande *esteença* con que sse atormentava, 159; e en toda *steẽça*, 29; eram os olhos dela pola grande *esteença*... muito encovados, 8; homẽ de grande *esteẽça*, 181; nẽ fazia sas *esteenças*, 246.
estendudo (=estendido): *estendudo* sobre ssa terra, 139.
esterramento (= desterro): que te levem a *esterramento* a terra muy longada daqui; non temo teus tormentos nem teus *esterramentos*, 148; deitavano (o bispo) come cul-pado en *esterramento*, 147; nõ me ameaces cõ *esterra-mento*, 148; cf. *herel.*

esterrar: cf. *estarrar*: despois enviar-t'ey *esterrar* a terra muy longe daqui, 148; ali me manda *esterrar*, 148; morar come *esterrado*, 150.
esto: cf. *isto*: *estǫ* que dizes, 91; por *esto*, 93.
estrado (= estendido, coberto): nõ se pôde levãtar do *estrado* en que jazia, 95; leyto *estrado* de vestiduras preciosas, 250; a liteyra que tiinha *estrada*, 227.
estrar (= estender): tiinha en sa cama panos velhos e viis que *estrava* e de que se cobria, 231.
estremar (= olhar, ver (?): *estremando* hũa noyte na casa, 287.
estrenger (= corromper, ranger): por estas cousas todas se *estrenge* a alma e sal dela pecado que se non pode saar, 43; *estrengia* os dentes e se trabalhava de me ferir, 108.
estrengimento (= rangimento): ali hu é choro e *estrengimento* de dentes, 11; cf. *gimido*.
Estuiras (= Astúrias): foi natural das *Estuiras*, 10, 310; e tornei-me aas *Estuiras*, 10.
evangelisteiro (= creligo d'avangelho): Paayo *evangelisteiro*, 176.
exerdar (= deserdar): *exerdô-a* de todos seus beẽs, 91.
exouvir: cf. *eixouvir*: merecisti que nostro senhor *exouvisse* a ta oraçon, 200; o menĩho soo e simprez Bonifacio foy *exouvido*, 362.
ey (= eis): *ey* teu irmão vẽ a ti, 248.
eyxalçamento (= exaltação): pera *eyxalçamento* da sa fé, 309.
eyxalçar (= exaltar): quẽ se quer *eyxalçar* abaixa-lo-ã.
eyxaminar (= examinar): todalas cousas que Deus per ssi *eyxaminava*, 170.
eyxemplo: sã Beẽto fosse *eyxemplo*, 375; confortes pelos *eyxemplos* dos boos, 370; cf. *eixemplo* e *eixempro*.

F

faagueiro (= fagueiro): bõa palavra e *faagueira*, 182.
façanha (= feito): leixou *façanha* pera nũca mostrarẽ de si o que nõ son, 186; pola *façanha* que a sseu companheiro viiam fazer, 300.
falecer (= desfalecer): cansei outra vez e *faleci* e deitei-me en terra, 208; *falecerõ* pola caentura, 261.
fame (= fome): morressẽ de *fame*, 88.
fazenda (= negocio, feito, etc.): corregeu sa *fazenda* e viveu

muy sancta vida, 185; pedia treguas e espaço pera correger sa *fazenda*, 185.

fazer: *fazi* (imper.) o ssinal da cruz en ta fronte, 185; *fazi* ta oraçom, 261; mais tanto *fazi*, nõ me leixes, 4; *fazi* algo aos coitados, 52; *fazi* todo teu poder, 148; *fazi* sinal, 177; *fazi* tu, padre; *fazi* tu viir, 295; *fazi* o ssinal da cruz, 8; *fazi* quantas boas obras poderes, 144; mal *figi*, 185; assaz mi respondisti... aa demanda que *figi*, 182; omelias que *figi*, 184; mal que *feze*, 172; (esmolnas) que el *fege*, 182; en tantos dias nõ *fezisti*, tu chus, 34; en quantos dias o *fezisti*?, 33; pesar que ti... *figi*; pois *fizi* mha oraçõ, 173; *fizi-o* trager, 121; en tantos dias no *fezesti*, 34; tu *fezesti* a nós mui gram misericordia, 162; *fezesti* sacrificio ao teu Deus, 3; que he esto que *fezisti*?, 4; *fezisti* algũu grande erro? nẽ hũu... erro nõ *figi*, 113; *fezisti* que o vermẽ que cae da carne pecador, 17; porque *fezisti* seer triste o servo de Deus, 15; ay e que *fezisti*, 366; *fez* mui grandes secas, 18; que *figi*, 366; mentre eu *faço* meu officio, 76; maldade que *fezeron*, 73; este ango dá... lazeiras e enfermidades e *fazi*-lhis soffrer muitos tortos e muitos pesares de muitos outros maaes, 84; criei huũ menĩho e *fizi*-lhi huũ livro de castigos, 112; *feze*-o ordĩar de missa, 95; *fizi*-lhi que lavrasse comigo, 111; esta vison *fizi* escrever, 124; *feze* dizer, 149; oraçõ que a Deus *figi*, 164; obras que *fizi*, 194; pecados que aqui *figi*, 289; *figi* mha oraçõ a nostro Senhor e dixi-lhi; que he o que eu *figi*, 332; muy *fezisti* boa demãda porque me demãdasti, 341; pois que esto *feze*, 351; muytos maaos feitos *fezisti*, 1; *feze-o* (miragre) pela oraçõ, 25; o bem que en este mundo *fezesti*, 144; obras que *fezeron*, 144; e *fezesse* en tal maneira, 28; queria Deus que sse *fezesse*, 88; que he aquesto que *fezisti*, 27; *fazia*-lhe (= dava-lhe) pelos ombros; *fazia*-lhe pelo ventre, 279.

febre (= fraco, debil): esto nõ pode fazer o de *febre* coraçom, 105; cf. *mesquĩidade*.

feestra (= fresta, janela): hũa cela que era sarrada de todas partes pero que tiinha hũa *feestra* pequena, 7; foi a hũa *feestra* da eigreja, 117; abri a *feestra*, 8; a agua chegou ataas *feestras*, 88; estando elrei esguardando-o per hũa *feestra*, 150; leixou hi hũa *feestra* pequena, 251; so aquela *feestra*, 112.

felon (= rebelde, aspero): cavalo que era tã bravo e tã *felon*,

150; muy bravo e muy *felon;* o clerigo... era tam bravo e tã *felon,* 355; estava muy *felon,* 355; muy bravo e muy *felon* come leon, 22.

feloniha (= bravura, rebeldia): moveu cõtra ele cõ toda sa *felonĩha,* 335.

felonia: cf. *felonĩha:* britou en si toda sa sobervha e toda sa *felonia,* 23.

femea (= mulher): quando sse foi aquela onrrada *femea* sancta Scolastica, 29.

feo (= feno): tragia a ffouce com que segara o *ffeo* a seu colo, 336; leva deste *feo* pera as bestas en que veestes, 335; vio-o viir... cõ hũa carrega de *feo* sobre seu colo, 336; andava segando seu *feo,* 335; homen ti mandey eu trager ca nõ *feo,* 336; põe aĩda sobre este fundamẽto lenha, *feo,* resteba.

feramente (= muitissimo): cf. *moesteiro.*

ferida (= golpe): deu-lhi hũa gram *ferida* en sa face, 180.

ferir (= bater): *ferir* aa posta, 191.

fevre (= febre): enfermou de *fevre* muy grande, 330; aquela monja avia gram *fever,* 331; ouve hũa *fevre* muy grande, 179; enfermou dũa *fevre* muy grande, 160; este sancto homẽ boo ouve d'enfermar de *fevre,* 35; lhi deu logo muy gram *fevre* a de mais, 127; a virgẽ vassala de nostro senhor que jaz coytada de *fevre*... non averá *fevre,* 331.

ficar (= fincar): *ficando* seus geolhos e amergendo sas cabeças, 103; *fica* os geolhos en terra, 128.

fiel: outros *fiees* da Eigreja, 187.

fiim (= fim): quanto sse mais chega a *ffim* do mũdo, 131.

fiĩr (= acabar): atá que a oraçon era *fiĩda,* 68.

Fiiz (= Felix): que fosse en romaria a ssã *Fiiz,* 112; eu ti juro per esse meu senhor san *Fiiz,* 113; aa onra (a eigreia) de san *Fiiz* martir, 310.

filhezĩo (= filhinho): cõ sa molher e cõ seu *filhezĩo* pequeno.

fito (= a prumo): polo sol que era muy *fito,* 122.

flume (= rio): quãdo chegô ao *flume* Jordã, 325 (¹).

foão (= fulano): *foam* he meu padre e *foãa* he mha madre, 138.

folia (= loucura); pois fez tal *folia* foy-sse, 100.

fondar (= fundar): ora entendi o dozeno mandado e sei *fon-*

(¹) Em CV, 1066, 4, *frume* do Jordan.

dado en estas cousas; assy foi *fondado* eno amor de Deus que..., 115.

fondo (= fundo): mostrou-mi huũ poço muy *fondo*, 37; entrou no rio... e foi-sse a *fondo*, 76; o poço era *fondo* bẽ de mil pees, 99; osso delas (bestas) podesse chegar enteiro a *fondo*, 111; deytar d'ũa torre muy alta a *ffondo*, 278; logar que era aĩda mais *fondo*, 279; viindo de cima do poço pera *fondo*, 278; esfalfar dũu muy gram mõte a *ffondo*, 323.

fora: perseguiçõ aa *defora*, 101; e serraron a boca do forno aa *defora*, 86.

fornigador (= fornicador): o que quiser seer *fornigador* e cobiiçoso, 11.

fornizeo (= fornicação): quando seu *fornizeo* foy conhoçudo per seu parto, 60; se acusava ante os outros de *fornizeo*, 180.

forteleza (= fortaleza): *forteleza* do fogo, 172; vençudo por tã gram *forteleza*, 78.

fram (= ?): nasceu... do lĩagẽ mais *fram* e mais livre e mais rico, 371.

fraquezia (= fraqueza (?): nõ podiamos entender... quanta a nossa *fraquezia*, 100.

fravega (= fabrica): come se naquela ora sayssẽ da *fravega*, 355.

fregar (= esfregar): *fregou-lhe* a face cõ aquel poo, 83.

frol (= flor): come se todalas *froles* e todalas specias, 192.

fromosa (= formosa): casa *fromosa*, 237.

frorecer (= florescer): a vara... *froreceu*, 104.

frores (= flores): e das arvores e das *frores*, 36; cf. *frol.*

fugir: pelo sinal da cruz *fugem* os enmiigos do homem, 314; *fugisti* por te as conder, 12; se os falsos homẽs soubessem que eram descubertos *fugeriam*, 158; todas *fugẽ* aa calma, 181.

furrugẽ (= ferrugem): faces negras come *furrugẽ*, 260.

G

gaado (= gado): muytos *gaados*, 282.

gaanhar (= ganhar): disse... que vissen o que *gaanharom*, 20; aquelo que *gaanhava*, 182: en voz jaz de *gaanhardes* tal fruito, 2; *gaanhasti* oje esta mha alma, 12; cousas que malamente *gaanhara*, 6; estes (monges) *gaanhavã* e colhiã seu gram, 63; todo o *gaanhava*, 181.

gaanho (=ganho): nõ era a (escudela) de boo *gaanho*, 268; o *gaanho* do azeite, 147.

galardon (=galardão): polos *galardoos* boos que lhis darã, 178.

Gardingo (n. proprio): Beẽta de gram lĩage... era esposada cõ huũ rei... que avia nome *Gardingo*, 79.

gentil (=gentio): non te avondavan trinta mil *gentiis* que mi tulhisti e desti, 3; viinhã a el os *gentiis*, 16; veo a ele o rei dos *gentiis*, 17; el... vio hũa filha dũu sacerdote dos *gentiis*, 24; os *gentiis* soiam fazer, 310; muitos dos *gentiles* viinham a el mui ledos e deostavãno mui mal; per nenhũus *gentiis*, 121.

geolho (=joelho): legados os pees e os *geolhos*, 186.

Germã (n. proprio): vio a alma de sã *Germã*, 147.

Geronço (n. proprio): eigreja de sã *Geronço*, 76.

gimido (=gemido): e eu que estava ascondudo nõ ouvy... se nõ *gimidos* e choros e chantos e sospiros e braados e estrengimento de dentes, 37-8; dava *gimidos*, 70; per *gimidos* e per lagrimas, 258; viron os *gimidos* e as lagrimas e os jajunhos, 310; cõ gram *gimido*, 345.

governage (=governo de barco): el teendo o *governage* sẽ ajuda d'omẽ achou-se da outra parte do rio.

governho (=governo): pera seu *governho* e de seus discipolos, 162.

gouvho (=prazer, gozo): veerẽ sempre os juntos... os *gouvhos* que recebem, 189; con quanto prazer e cõ quanto *gouvho* o receberõ no outro mundo, 191; desejo que avia do *gouvho* da terra celestial, 191; os boos an prazer e *gouvho*, 188; nostro senhor... dá por tresteza lediça e por choro *gouvho*, 119; o sancto homen cõ gram *gouvho*, 149; todos o receberon con gram *gouvho* e cõ gram prazer, 154; com gram *gouvho* e com gram prazer, 310; falando ataa manhaa dos prazeres e dos *gouvhos* da vida celestial, 26; Adam... foy deitado dos prazeres e dos *gouvhos* do parayso terreal, 135; avi o *gouvho* e a lediça que lhe viinha, 124; vodas spiritais, que sse começã en choro e acabã-se en *gouvho* perduravil, 153.

graado (=grado): obras grandes e *graadas*, 341.

gracido (=graças): vio que per esto, *gracido* a Deus, nõ mi fazia mal, 107.

gracir: cf. *gradecer*: muito o (logar) devia a *gracir* a nostro senhor, 119; nõ *gracia* a deus, 181; disse... que lhi *gracia* quanto lhi dizia, 124; eu vo-lo *gracirey* muito, 360.

gradecer (=agradecer): *gradecẽ* a Deus, 308.

grado (=agrado): spiritos maaos de que el tã de *grado* queria fugir e nõ podia, 185; mal... *grado* contra sua vontade, 60.

grei, masc. (=rebanho): no *grei*, 317.

grolia (=gloria): aaquel que en honrra he e en senhorio e *grolia*, 95; pera dar *grolia*, 189.

grolificar (=glorificar): levantou-sse o abbade *grolificando* e bẽezendo o nome de Deus, 93; *grolificar* ao padre, 45.

grolioso (=glorioso): ante as portas estã os *groliosos* apostolos, 127.

guaditaneo (=gaditano, de Cadiz): de Guadiz ha o mar nome *guaditano*, 77.

guardar (=observar): se devemos *guardar* aquelas cousas que de noyte veemos per sonho, 192.

guarecer (=curar-se): tres vezes provou a *guarecer* per fisica e non pôde, 94; (=morar): as bestas e as outras animalhas *guareciã* nos logares em que os homẽs soyam viver, 133; foy gram fame na terra e os pobres fogiã... pera u quer que melhor podiã *guarecer*, 228.

guisa (=modo, maneira): hũu homẽ de gram *guysa*, 110.

guisado (=proprio, conveniente): logar muy *guisado* e muyto apartado, 216; mancebo .. que era muy *guisado* e muy enderẽçado pera todo bẽ, 192; está *guisado* e aparelhado ca nõ viverás aqui ja longo tempo, 192; nõ achou logar *guysado* na cidade, 105.

guisamento (=adorno, enfeite): toda a vila me chamam Margarida polos grandes *guisamentos* que eu tragia, 3.

guisar (=preparar): *guisarom-sse* de o ir veer, 101; mandou aos seus mõges que *guysassẽ* bestas pera o caminho, 336; mandava *guysar* tãtas cubas pera vĩho que nõ tiinha, 351; *guysarõ*... todas aquelas cousas, 11; chamou o sseu sergẽte e disse-lhi que lhe *guysasse* seus panos ca queria andar.

H

haa: cf. *aas:* (a aaguya) ferio-os das *haas*, 261.

haver: se devemos a creer que despola morte ahy (=á hy, isto é, ha) fogo de porgatorio, 186; cf. *aver*.

herdeiro: *herdeiro* na vida perduravil, 46.

herel (=herdeiro): aveo que el rei prendeu os *herees* do logar e deitô-os en esterramento, 109.

homeem (= homem): todolos *homẽes*, 11; os *homẽes* que hora vivẽ, 88; nẽ hũa cousa per que *homem* podesse viver, 18; e ssente *homẽ* tã grãde door, 116; mereces que ti faça *homẽ* onrra, 144; crea *homẽ* tal cousa, 144.

hora: logo aaquela *hora* baptizô-o, 44.

hospitelidade (= hospitalidade): homẽes que tẽe *hospitelidade*, 215; aqueles que tẽe *hospetelidade*, 215.

huũ, hũa (= um, uma): cõ aquel *huũ* pã que achara, 125; aquel *huũ* sancto homen se offereceu a morte, 129; furtou o *huũ* cem, 20; a *hũa* delas tragia o sinal de sancta cruz, 41; a *hũa* faz aos justos e a outra aos que non son justos, 48.

hu (= quando): e *hu* sse tornava Antioco pera o moesteiro, 91; *hu* el devera a fazer peendença.

huuhar: cf. *ahuuhiar:* bradavã e *huuhavã*, 123.

I

i (= aí): era *di* longe, 179.

igual: era *igual* dos padres sanctos, 40.

iguar (= igualar): porque se *yguarõ* nos pecados, 178.

indio: cf. *veer*.

insoa (= ilha): *insoa* que chamã Liparis, 175.

iorrar (= levar a reboque, arrastar (?): hũa menĩha paralitica *iorrava-sse* pelas maãos; ela começou-sse a *iorrar* pela eigreja dũa parte e da outra, 98.

ir: en hua cidade *fui*, 34; en tal terra *fui*, 33; no mar *fui*, 33; no (= ao) ermo *fui*, 34; *vaamos* ao muimento daquel morto, 73; *vaa-se* toda esta companha, 123; que he aquesto que mi *fusti* fazer? 129; aquel a quẽ te tu *vaas*, 348; eu vos mando... que vos *vaades* daqui, 356; *fusti* preegar, 8; hu *vas?* 118.

irmeidade (= irmandade): mantem *irmeidade*, 52.

isto: quando *isto* tal ti sobir no coraçom, 49; que he *isto*, 185; *isto* lhe (homen) acaece, 190.

inguem (= virilha): foi ferido muy mal na *ynguẽ*, 184.

J

já, já pouco, já quanto, já que (= algum tanto, um pouco): deu-lhis *já poucos* de seus dinheiros e poucas possissões, 162; reteve o mandadeiro *já quantos* dias, 337; chegou a arriba da Proença *ja que* en tempo e corrompeu muitos,

159; aqueste mõge foy *ja que* pouco negligente, 199; era negligente *ja que* pouco en fazer, 198; como quer que fosse *ja que* mais negligente, 199; aquel cuja obra... recebera *ja que* dano, 186; o miragre dos tres menĩhos desassemelha-sse *ja que* deste, 87; nas oliveiras do moesteiro apareciã *ja que* pouquetĩas olivas, 347; celeiro en que ficarõ *ja que* poucos grãos de trigo, 356.

jajũar (=jejuar): quem... *jajũa*, 11; *jajunha* e ora e fazi peendença, 91; se quiseres *jajunharei* muito, 92; *jajunhava* come os outros, 186; se quiseres *jajunhar* e posfaçar dalguem, 92; o sancto homẽ *jajũhava*, 72; enquanto *jajunhares* que farás? 99; mais praz a Deus... ca *jajunhar*, 272; tẽpo en que nõ *jajunhava*, 72; nõ te cõvẽ de *jejunhar*, 375.

jajunhador (= o que jejua): era muy *jajunhador* e muy vigiador e muyto orador e muy serviçoso enas outras cousas, 116.

jajuno (= em jejum): tornava-sse con elas (ovelhas) *jajuno.*

jajunho (= jejum): esto non he *jajunho*, 92; eno dia do *jajunho.*

jalne (= amarelo): cf. *veer.*

jamais: por todo sempre *jamais*, 181.

jazer: e *jouvi* muy gram tempo mui mal treito, 41; aqui *jarás* mal, 103; como se *jouvesse* en agua, 104; logar hu sã Paulo *jouve* hermitã, 102; per tres anos *jouve* seguro, 78; logar en que hora eu *jasco*, 123; *jouve* hi tres dias e tres noites, 127; *jasco* muy mal ferido, 361; como quer que el *jouvesse* no corpo legado e desonrrado e mal treito, 110; os corpos dos sanctos nõ *jascam*, 116; espreto *jasco*, 133; mal *iasco* atormentado naquesta chama, 172; como quer que ela (alma) *jasca*, 172.

jejunhar: cf. *jajũar:* todolos menĩhos *jejunhavã* e eu nõ podia *jejũhar*, 116; *jejunha* e vigia, 52; assi en orar come en *jejunhar*, 289; nõ te cõvẽ de *jejunhar*, 375.

jejunho: cf. *jajunho:* come en *jejunho* come en esteença, 261; fazer mui sancta vida em *jejunhos*... e en grande esteença, 40; quebrantava muito seu corpo com *jejũhos*, 29.

jograr (= jogral): veo huũ *jograr*, 353.

jugos (= juntas): cincoenta *jugos* de boys, 344.

Juião (= Julião): assi como *Juyhaão* creligo de missa, 78; *Juyaão* que foi o segũdo deffendedor da sancta eigreja de Roma, 174; huũ homẽ boo que avi nome *Juyaão*, 363.

juigar (= julgar): como sancta Beenta foi *juigada* cõ seu esposo, 79; aqueles outros que *juigavã*, 247; nõ podia *juygar*, 286.
juyeira (= joeira): hũa alfaia... que chamã crivo ou *juyeira*, 373.

L

ladinho (= latim): trasladado de grego en *ladinho* per Paayo creligo, 174; livro... trasladado de grego en *ladinho*, 120.
laidamente: cf. *laido*: torcer muy *laydamente*, 242.
laidido (= aleijado, ferido): quantos podia morder (o cavalo) todos ficavã *laydidos* del, 359.
laido (= feio): este homẽ... era mais *laida* cousa e mais espantosa que podia, 108; este era muy torpe e muy *laydo*, 144; erã *laydos* de seus corpos, 289.
lampado (= relâmpago): os *lampados* e os torvões, 149; veerõ tãtos *lampados* e torvões, 27.
lassidõe (= lassidão, fraqueza): tã grande foy o temor e o tremor e a *lassidõe* que veo sobrel que adur podia mover seus pees, 335.
lazerar (= padecer): por dereito *lazeraron*, 94.
lazeira (= miseria, desgraça (?): os dous frades caeran en *lazeiras* e en infirmidade, 94.
lecença (= licença): que lhe desse *lecença*, 261.
leer (= ler): vidas dos padres sanctos que *leemos*, 40; senhor padre que he isto que hora *leeron?*; outra vez aveo que *lia* per hũu livro e *liia-o* mui de grado 95; *leemos* no evãgelho, 174; hũu mãcebo e trouvera-lhi sas cartas e dissera-lhi: abri e *leey* (imper.), 168.
legar (= ligar): dinheiros douro *legados* en hũu pano, 223; siia *legado* de cadeas, 278; mandou... que se *legassẽ* hũus a outros, 288; trouverano (o cavalo) *legado* ao sancto bispo, 359; con as mãos *legadas* e con os pees outro tal, 87; mandou-lhi *legar* as maãos, 22; sas maãos que andavã *legadas*, 23; toda cousa que *legares* en terra, 15.
legumha (= legume): tragia... homẽes carregados de *legumha* pera o moesteiro, 61; fezera fazer sa seara de *legumha* e a *legumha* sayo muy boa, 117; semeamos hi pã e *legumha*, 119.
leygion ou **leyson** (= legião): *leygion* dos ẽmiigos, 92.

leyson (= legião): seys mil e sassẽeta e seis que fazẽ hũa *leyson,* 364.

leixar (= deixar): senhor... me *leixaste,* 21.

lengua (= lingua): *lengua* d'omen nõ no poderia dizer, 36; pos-mhos (ferros) na *lengua,* 333; erã (as monjas) de maas *lẽguas,* 14; que posessem freo a ssas *lenguas,* 14; mandou-lhes (aos bispos) cortar as *lenguas* pelas raygadas, 112; desvayradas *lẽguas* que falauã, 167.

lenguagem (= linguagem): en nossa *lenguagẽ,* 116; falar todolos *lenguagẽes...* o *lenguagẽ* de Greça, 169; ouuio que aquel enfermo falaua todalas *lenguagẽes;* falou-lhe en seu *lẽguagẽ,* 169; respondeu-lhe naquele meesmo *lenguagẽ* barbaro, 169.

leterado (= letrado): homem... muyto *leterado* en todalas sabenças, 125; muy *leterado* en todalas sabenças, 166; chamã os *leterados,* 372.

leteradura (= literatura): ousa a preegar a todolos poboos sẽ *leteradura* nẽhũa, 334.

levar (= levantar): *leva-te,* ca nõ morreras hora desta enfermidade, 192.

lhi (= lhe): que *lhi* lo rogara, 251; regava-*lhi* os pees con sas lagrimas desy alimphava-lhos com seus cabelos, 70; e non *lhi* la (ameaça) faz, 188; aquesto que *lhi* mãdava fazer, 352; e o homen boo *lhillo* (= lhis lo) outorgou, 114.

lĩagem (m.): ẽmiigo do *lĩagẽ* d'Adã, 103; veerõ os ẽmiigos do *lĩagẽ* d'Adã, 130; erã de mais nobre *lĩagẽ* ca ela, 91; bẽezeria o *lĩagẽ* dos homẽs, 350; aqueste bispo... foi do *linhagem* dos godos, 141; o *lĩagẽ* d'Adam he cheo de muitos pecados, 160; o enmiigo do *lĩagẽ* d'Adam, 4; veo do *lĩagẽ* dos senadores, 314.

lir, liir ou **leir** (= desfazer): e que se *liia* todo, 140.

limpho (= limpo): o sprito que he en ti sera *limpho; limpho* és desta razom (= feito?), 91; sergentes muy *limphos,* 143; o que sse non quer quitar de maaos feitos non averá *limpho* logar, 47; logo foi *limpha* de ssa çujãe, 78; estrado fremoso e *limpho,* 316; sa vida *limpha,* 333.

limpidade: cf. *limpidõe:* cõ tã gram *lĩpidade* vivera, 180; *limpidade* de carne nõ quisera guardar, 113.

limpidõe (= limpeza): nostro senhor que he fonte de toda *limpidõe,* 75.

linguagem (m.): en nosso *linguagem,* 314.

liveldade (= leviandade): se guardasse de riir e de jogar e de fazer nẽhũa *liveldade*, 160.
livialdade: cf. *liveldade* e *voontade*.
lixosamente: cf. *lixoso*: aquel maao preste... começou-me a deostar mui mal e mui *lixosamente*, 108.
lixoso (= sujo): era homẽ que avia os seus beiços *lixosos*, 75; foi vençudo de desejo *lixoso* e avol, 100; speritu *lixoso*, 92.
lo, la (= o, a): dalmatica que posessẽ sobre *lo* seu leyto, 187; era já sobre *lo* ceo, 41; sobre *las* obras bõas e maas que aquel homẽ fezera, 180; quanto mais agua deytavã os homẽs sobre *lo* fogo, 343; depo*la* morte deste sancto, 135; despo*la* morte do... bispo, 141.
lobo: naquela hora que chaman antre *lobo* e can, 106.
logo (= logar): lambia-lhi as mãaos come en *logo* de graças, 100; nẽ podendo mover os pees do *logo* en que estava, 94; naqueste *logo*, 101; en *logo* de ffreo tragia cabresto, 334.
logo, adv.: *logo* en hora cõtarey, 23.
longado: cf. *esterramento*.
longe: morava a *longe* del, 74.
longo (= distante): veo outro mancebo de *longa* terra, 116.
lousinhamento (= lisonja): se aquele *lousinhamento* nõ tirã logo de seu coraçõ, 334.
lũha (= lua): falasse algũas vegadas do sol e da *lũha*, 136.
luitar (= lutar): *luytemos* ambos, 283; Jacob *luitou* con o ango.
lumeoso (= luminoso): aviã as faces *lumeosas*, 250.
luxar (= sujar): a lengua dos segraes cõ que homẽ vive nõ *luxe* a mente, 76.

M

madeiro (= madeira): posera hi hũa cruz de *madeiro*, 116; sobre huũs degraos de *madeiro*, 341; huũ barril pequeno de *madeiro*, 355.
maẽfestar (= manifestar, confessar): ora te mi *maẽfestarei* outra vegada, 31; *maẽfesta* teus pecados, 2; *maenfesta* o que fezesti, 91; disseron-lhi que *maenfestasse* aquel feito, 60; *maẽfestou* todolos seus pecados, 127.
maenfesto (= manifesto): *maẽffesta* he de Deus sa alma, 69; pediu... que lhi desse *maenfesto*, 124; cuydo per alongar o *maenfesto*, pera outro dia, 255.
maer (= ficar, permanecer): nõ posso eu *maer* nẽ ficar fora da mha cela, 26.

maestre: *maestre* de todo bem, 12; *maestre* Alexandre, 91; cf. *meestre.*

magoa (= mácula, nódoa): aquela (ovelha) que era sẽ *magoa*, 229.

mal: nos tirasti... de quantos *maaes* ata aqui soffremos, 154; per deostos e per *maes*, 179; livra-o (deus) de todolos *maes*, 214; eles nẽbrã-sse dos *maes* que fezeron, 307; per outros *maaes*, 120; polos *maes* que fezerõ, 140.

mala (= má): en esta coita e en esta *mala* ventura vivi outros doze anos, 111; cf. *mao.*

malada (= serva): chamou... sas filhas e sas *maladas*, 312.

malamente (= màmente): que lhi errara muy *malamente*, 326.

mancebelĩo (= menino): hũu *mancebelĩo* que hi estava, 124; hũu *mancebelĩo* desejava a sseer monge, 261.

mancebo (= criado): aqueste don Stevã viindo hũa vez da carreira e chegando a sa casa disse ao seu *mancebo*, 90.

mandar: o enmiigo *mandô-o* açoutar, 33; como me tu *mandasti*, 152; Euticio *mandou* por seu amigo Florencio, 73.

mango (?): serro que jazia en fundo do *peego* e tornou-sse ao *mãgo* que andava nadãdo na agua per vertude de san Beento, 388.

manhãa (= manhã): aa (= de) *manhãa* chamou-me, 68.

manĩho (= maninho ou esteril): Rabeca que era *manĩha*, 350.

mansidõe (= mansidão): entra (deus) hu acha *mansidõe* e folgança, 48; boa consciencia, *mansidõe*, obediencia, 94; o abade metendo mentes na gram crueza e na grande humildade e *mansidoen*, 226.

manssionayro (= o que mora, vive): era *mãssionayro* naquela eigreja, 340.

manteer (= manter): os (pobres) *manterrá* hora, 229.

mantel (= manteu): ti dere os *mãtees* que tu metisti, 8.

mantiimento (= mantimento): pera *mantiimento* dos seus corpos, 13.

mao, maa: obras *maas* e desguisadas, 317; trager a *mao* estado, 11, 111.

maravilha: fermoso a *maravilha*, 41; grande a *maravilha*, 42; mui grande a *maravilha*, 18.

marteirar (= martirizar): como quer que nũca fossem *marteirados*, 104.

marteiro (= martirio): receberõ *marteiro*, 101.

matinha (= matina): dizer o avangelho aas *matĩhas*, 2; hũa

noite pois say de *matĩhas*, 114; quis ir aas *matĩhas*, 117; disseron sas *matĩhas*.

masto (= mastro): e no *masto* da nave, 122.

meaça (= ameaça): por *meaça* e per promissa, 14; sse ele faz *meaça*, 188; mando a ti, Pado, *meaças*, 121; nẽ per *meaças* grandes que lhis fezesse, 112.

mederoso (= medroso): atendendo seu *mederoso* juizo, 58.

medês (= mesmo): cada hũa (maneyra) en si *medes*, 192; aquela *medes* razõ que homẽ ha pera nõ rogar, 190; naquel tẽpo *medes* os pastores do gaado, 376.

meẽfestar: cf. *maẽfestar*: *meẽfestaron* o que fezeron, 43.

meestre (= mestre): deus o ffezesse *meestre* das vertudes, 377; segui (imper.) teu senhor e teu *meestre* en seus feitos, 70; assanhou muy mal seu *meestre*, 178; demandô-a (filha) d'amor hũu *meestre* d'escolas, 60; a omildade do discipolo foy *meestra* daquele que era abade e *meestre*, 327.

meezĩa (= mezinha): come en *meezĩas* pera os enfermos; ascondudos antr'as *meezĩhas*, 300.

meezinhar (= mezinhar); huũs ferros pera *meezĩhar*, 333.

meiça (= malicia): nom ajas enveja nem *meiça*, 52.

meio: ante dũu *meyo* d'ano, 114; en *meyos* de todas estas seedas estava hũa seeda mais alta ca todas, 120; en *meyos* destas companhas viinha huũ barom, 120; en huũ *meyo* d'ano aprendi todo o salteiro.

meirinho: filho do teu *meirinho*, 293.

meyogoo: chamou hi todolos frades e estando en *meyogoo* d'eles, 149; cf. *meogoo*.

menar (= conduzir): el *menava-as* (ovelhas) da hũa parte e da outra, 307.

mengua (= mingua): tristes pola *mẽgua*, 9; por *mengua* e por pobreza que avia, 184; desconforto e a *mengua*, 179; gram *mengua* da ffé, 117; por *mengua* d'agua, 388; vergonha pola *mengua* da ffé, 20.

menguar (= minguar): a nẽgũu non *mẽgua* boa andança, 142; nõ lhi *menguava* (a agua), 78; per quebrãto dos corpos *mẽguẽ* as tẽtações, 398; quando... vio *menguado* o pã na cesta esmou, 100; homeẽs *menguados*, 10; cf. *mingar*.

meninho, a (= menino, a): o bẽ avẽturado *menĩho*, 12; enviaron... sas doas per huũ *menĩho* de ssa terra, 133; tirado ende hũu *menĩho* pequeno, 351; o *menĩho* piedoso, 373; enton era muy *menĩho*; esta que mi vós mostrades *menĩha* a vejo eu, 74; hũa *menĩha* de quatro anos, 291.

mente: se o juiz... nõ metesse *mẽtes* nos corações, 189; ela metia *mentes* 159; metemos *mentes* nas molheres, 66; hũu menĩho nõ metendo *mẽtes* como devia a ir cordamente, 80; o velho... meteu *mentes* en terra, 170.

mentideiro (— mentiroso): per hũas paravoas *mentideiras* que lhi disseron, 338.

mentiral: cf. *mentideiro:* os outros que receberom sprito de verdade e nunca seer quiseron *mentiraes*, 46.

mentireiro: cf. *mentideiro:* per testemoĩho de muytos *mentireiros*, 338; o speritu *mentireiro* e desleal, 118.

mentre: de *mentre* os outros dormian, 120; podẽ fazer muytos miragres de *mentre* vivẽ, 93; di-me que fazias tu de *mentre* guisavam estas cousas, 120; de *mentre* comiã disse aquel que siia na seeda mais alta, 120; e de *mentre* esta referta era, 149; de *mentre* o levassẽ ao honrrado padre san Beento, 22; de *mentre* viveu o bispo, 135; cf. *dementre.*

meogoo: estavamos no *meogoo* do paraiso, 36; en *meogoo* da mayor caentura, 119; cf. *meyogoo.*

meor (= menor): destes menĩhos o maior avia XV anos e o *meor* dez anos; tanto he de *meor* vertude, 338.

meos (= menos): a nossa boca tãto a *meos* exouve nostro senhor, 76.

mercee (= mercê): pela *mercee* de Deus; ben e *mercee*, 235.

merchandia (= mercadoria, oficio de mercador): entendia muyto en seeus gaanhos dessas *merchãdias*, 167.

merecer: como quer que eu non *meresca* a sser sacerdote, 231; todos *merescamos* entrar i, 59.

merger (= abaixar): quando esto elrei vio *mergeu-sse*, 17; que (deus) *mergeu* os ceos e deceu aas terras, 69.

mericimento (= merecimento): me formasti sem meu *mericimento*, 67.

merloa (= melroa): hũa ave pequena e negra que chamã *merloa*, 376.

meselo (= misero): andando desnuados e muy *meselos* e muy menguados, 124.

mesquĩidade (= desgraça): vio a mha *mesquĩidade* e que ficava nos periigoos do mundo já lasso e febre, 109; pela *mesquĩidade* dos homẽs, 315; amor lhi fazia que cuidasse... nas *mesquĩidades* dos homẽs, 85.

messejeiro (= mensageiro): disse ao seu *messejeiro* que avia nome Juyãao, 295; mandou dizer ao *messejeiro* do papa que sse guysasse pera o caminho, 336.

mesturar (= misturar): agua que lhi (poo) *mesturei*, 149; nẽ *mesturar* nẽ hũa outra cousa, 75.

meter: *metudo* en poder do abade, 55; e sobr'esto foy el preso e *metudo* no carcer, 63; *metuda* ata o colo, 153; *meti* (imp.) mentes, filho, que nõ bevas, 7; *meti* (id.) en este corpo a alma que ende tirasti, 25.

meu: ca seria gram meu pecado, 229.

mha (= minha): nõ podes veer en mi a *mha* alma, 144; os acendimentos da *mha* carne son en mĩ, 157.

migo (= comigo): *migo* no moesteiro mora huũ frade, 86.

milheiro (= mil pés): moesteiro... que estava a nove *milheiros* do mar, 78; rio de Nilo que era dali preto duũ *milheiro*, 104.

mingar (= minguar): assi *mĩgou* o ffogo, 343; cf. *menguar*.

mininice (= meninice): aqueste de ssa *mininice*, 371.

miragre (= milagre): tantos *miragres* quis nostro senhor fazer per ele, 40; muitos *miragres*, 40; nostro senhor fez tãtos *miragres*, 366; el fará... muitos *miragres* no mundo, 15; nostro senhor faz... muitos *miragres*, 23; senhor Jhesu Christo teus son estes *miragres*, 100; per este *miragre*, 72; fazẽ *miragres*; en seus *miragres*, 346; nõ fazẽ *miragres*, 316; *miragre* semelhavil aaqueste, 87.

mõesteiro (= mosteiro): e chorando e gemendo muito feramente tornou-sse pera seu *mõesteiro*, 29; achei huũ *mõesteiro*, 35; possissões pera fazer *mõesteiros*, 123; a hũu *moesteiro*, 94.

molezinho, adv. (= com tibieza): eu dixi de gram coraçõ pero *molezĩho* os louvores de deus, 174.

mongia (= estado de monge): S. Fruitoso logo en começo de sa *mongia*, 40; da *mongia*, 25.

moolho (= molho): trouve toda sa messe legada en *moolhos*, 162.

moor (= mais velho): e o *moor* deles (mancebos) fez sinal ao meor, 173; (frade) que... he *moor* ca mĩ de dias e sol me dizer, 26.

mora (= estada, convivência): nõ he segura a *mora* de molher e de monge, 169.

morrer: a poucos dias foi *morto* (o homem boo), 35; se al no hũu dia ante que *moiràs* corregi (imper.) ta vida, 126.

mortaidade (= mortandade): enmiigos que fezerom aquelà *mortaidade* nos cristãaos, 161; depos toda esta *mortaydade*, 122.

mostrar: logar que mi ante *mostrasti*, 38.

mouteira (= moita): *mouteiras* d'ortigas e d'espĩhas; quantas arvores .. por altas que fossẽ nõ semelhavã aaqueles que estavam encima do monte senõ *mouteiras*, 80; o achavã jazer antr'as *mouteyras*, 376.

mover (= sair): o dia que sã Fruitoso *moveu* era domingo, 77; dous monges forõ *movudos*, 43.

N

nacer: maldito seja o dia em que tu *naciste*, 3.

negar: eu cativo mesquinho porque *neguei* ti..., 25.

negligença (= negligência): em muyta *negligença*, 246; ẽ muytas *negligenças*, 247; per sa *negligença*.

nẽbrar (= lembrar): bẽ sse *nẽbra* aĩda, 176; ja pela ventura te *nẽbrarás* como, 97; *nẽbrou*-sse da ameaça, 14.

nẽbro (= membro): todolos nervhos e todolos *nẽbros* foron assi afortelegados, 98; *nẽbros* principaes, 156.

nemiga (= maldade): fazer *nemiga*, 197.

nemigalha (= nada): nõ podia *nemigalha* merecer, 188; nõ he *nemigalha* vosso medo, 97; davã-mi a comer pouco e mal e de vestir e de jazer *nemigalha*, 110.

nẽgũu (= ninguem): a *nẽgũu* ouuymos falar, 175; parte que lhi non poderá tolher *nengũu*, 6; marteyro que lhi *nẽgũu* desse, 162; deus que todalas cousas prende e el non pode seer preso de *nẽgũu*, 45; nunca hi *nẽgũu* enferma, 63; en outra guisa nunca hi entrou *nẽgũu*, 62; *nengũu* nõ devia a despreçar o homen, 62; nõ quisera que lhi enviasse que comesse por *nẽgũu*, 98; nõ recebia embargo de *nengũu*, 314; enpeece a *nẽgũu*, 318; nõ pode *nẽgũu* gaanhar, 349; nõ cuyda *nẽgũu*, 131; cousa que *nẽgũu* non possa veer, 144.

nẽ hũu (= nenhum): nõ dizẽ... de *nẽ hũu*, 89; sẽ duvida *nẽ hũa*, 90; *nẽ hũus* sinais, 98.

nervho (= nervo): talhou-lhi (a pedra) o coiro e as veas e os *nervhos* e os ossos assi que foi dulta dele de perder o pee ou de morrer ende, 117; tiinha os *nervhos* dos pees encolheytos, 342.

niente (= nada): castigas cousa de *niente;* me fezisti de *niente*, 67; criou todalas cousas de *niente*, 126; aquel que a (alma) fez de *niente*, 172.

no (= lo, o): rogaron-lhi que lhi fezesse dizer quē *no* matara, 74.

nojado (= ennojado): o honrrado padre sã Beento veēdo-sse muyto *nojado* da lecença, 111; non te *nojes* do enfermo, 52.

noo (= nó): bagoo cheo de *noos*, 307.

nosco (= connosco): tanta lazeira soffreras... que nõ poderias *nosco* durar, 107; aquel sancto homē que *nosco* hia, 99; vaa-sse *nosco* pera nosso senhor Jhesu Christo, 139; nõ fique *nosco* no moesteiro, 331; apareceu *nosco* hũu mãcebo, 368.

nostro (= nosso): Deus *nostro* senhor, 35; *nostro* senhor Jhesu Christo, 3; fez sa oraçom a *nostro* senhor, 18; derom graças a *nostro* senhor que fez salvos aqueles que en el asperam, 6.

notairo (= notario): era *notáiro* da eigreja de Roma, 347.

notaria (= oficio de notario): leixou o offizio da *notaria*, 347.

noveenta (= noventa): foi todo o tempo da sa vida *noveenta* e nove anos, 18.

novicio (= noviço): aqueste frade *novicio*, 388.

nuu (= nu): eu me vejo *nuu*, 57.

nuujdade (= nudez): soffreu por ele muita fame e muita sede e muita *nuidade*, 84.

nuve (= nuvem): nõ aparecia nē hũa *nuve* no aar, 27.

O

obedeecer (= obedecer): sõo en coita de morte porque lhi (ao ēmiigo) *obedeeci*, 30; e ele (Sardoninho) *obedeecendo* ao mandado de nostro Senhor, 116; besta muda que lhi *obedeecia*, 72; aquele Vacrilo *obedeecia* aa sentença, 160; huũ amigo que mi *obedeecia*, 186; elas (ovelhas) lhi *obedeeciã*, 306; senõ souberõ premeiramente *obedeecer*, 319; nõ quis *obedeecer*, 361; nõ querēdo *obedeecer*; cõvē a nós que *obedeescamos*, 93.

obedeença (= obediencia): querendo provar *obedeēça*, 269; quero estar en *obedeença*, 59; forte *obedeença*, 104; come en *obedeença* come en paceença, 261.

obligar (= obrigar): ca elas se *obligarõ* aa morte do fogo, 184; porque conhoce que he *obligada*, 172; inferno a que tii-

nha ja ssa alma *obligada*, 85; morte perduravel que era *obligada*, 84.

ocajom (= ocasião): pera nõ averẽ os homẽs *ocaion*, 190.

offerecer: o corpo de deus *offeresco* nas mhas mãaos cada dia, 131; *offereci*-as (imper.) (missas) a deus padre, 299.

offerendar (= fazer oferenda): viinha cada dia *offerendar* aa eigreja, 14.

ofizio (= oficio): per razon do *ofizio* en que soon, 365.

oiteenta (= oitenta): ele avia *oyteẽta* libras d'ouro, 229.

oje: ainda *oje* este dia nõ sõ conhoçudos os mandadeiros, 9; aqueste fecto he hora assi nẽbrado naquel moesteiro bẽ come se *oje* aqueste dia acaecesse, 155.

ola: come se quebrasse *ola* per gram fogo, 367.

oliva (= azeitona): nõ apareciam nas oliveyras *olivas* nẽ hũas, 346.

onde (= donde): por veer *onde* saia aquel fedor, 14; filho *onde* he este fedor... e *onde* sõ aquestes vermeẽs? 14; terra maa e lixosa *onde* viim, 39; *onde* vẽes? 33; ffilho *onde* es ou quẽ he teu padre ou ta madre, 12; daly *onde* sse ele (deus) parte entram os maaos spritos, 48; o meu companheiro Johañe *onde* vos faley, 116; lagoa *onde* a (agua) tiravã, 174; preguntey-o muy de coraçõ *onde* era, 360; logar *onde* o tirastes, 368.

oo (= ao): os que mal fezerõ d'irem *oo* inferno, 54.

oonte (= ontem): o dia d*oonte* prometi, 326: o dia d*oonte*, 366; eu nõ ti dixi *oontẽ*, 337.

orar: se levantou logo huũ dos princepes e *orô-o* (Satanas), 33.

ordĩadamente (= ordenadamente): fezerõ todos o sinal da cruz *ordĩadamente*, 203; contou-me *ordĩadamente*, 275.

ordĩar (= ordenar): Judas... foi... *ordĩado* bispo, 4; este... foy *ordĩado* d'avangelho, 63; moesteiro em que o o bispo da terra *ordĩou* de missa, 116; foy depois *ordĩado* que morresse, 349; *ordĩaron* todo o moesteiro, 12; *ordĩon* aaquel que tevesse seu logar, 11; pois que se *ordĩou* de missa, 151; cf. *fazer*.

ordim (= ordem): que o recebesse na *ordĩ*... e o que a ordẽ pedia, 104; tu que nõ ás nẽ hũas *ordiis* sagradas, 332; que o recebesse a ssa *ordĩ*, 388; algũa destas *ordijs*, 3; *ordiis* sagradas, 3.

ordinhaçom (= ordenação): a *ordinhaçõ* que deus feze dos feytos, 349.

ordinhar: cf. *ordĩar:* e pois aquele mõge foy *ordinhado*, 95;

cousas que nõ forõ *ordinhadas* nẽ sabudas de nostro senhor, 349; ca se deus *ordĩhou*, 349; aaquel que se queria *ordinhar* d'avangelho, 229; foy depois tã boo que o *ordinhou* de missa, 231; *ordĩhanas* (mortes) cada que podem, 260.

osmar (= imaginar): eu *osmo* .. que o miragre, 87.

ousança (= ousadia): per sa *ousança* perseverada, 79.

outor (= autor): sol aparecer o *outor*, 159.

outoridade (= autoridade): disse-lhi que guardasse ja sa *outoridade*, 135; per *outoridade* do rei, 160; sẽ *outoridade* e sẽ lecẽça nẽ hũa, 334; homẽes d'*outoridade* e de verdade, 187; pela *outoridade* de deus, 347.

outri (= outrem): dizer a *outri*, 5.

outrim: cf. *outri*: piadade que a *outrĩ* fezesse, 125; eu ia soubesse per *outrĩ*.

outro: eles sẽedo falando hũus *outros*, 357; como se eles hũus *outros* conhocẽ, 136; deron-se paz hũus outros, 123.

ouvir: esto que *ouvisti*, 11; dou-ti graças senhor por que me *ouvisti*, 162; tu que o (posfaçador) *ouviires*, 45; *ouvi* (imper.) e cata as obras da sanha, 47; *ouvi* o quarto mandado, 46; ora *ouvy* o ssesto mandado, 48; *ouvi* outras cousas... fazi algo, 52; *ouvi* o noveo mandado, 52; filho ora *ouvi*, 55; ergo *ouvi*.

oveençal: mandou aos *oveençaes* de seu moesteiro, 125.

P

paancada (= pancada): nẽ per *paancada* nẽ per feridas, 323.

paceença (= paciencia): teer eu *paceẽça*, 12; soffrer com *paceẽça*, 188; per *paceença* e per humildade, 134; de tanta *paceẽça* he, 309; Deus aĩda atẽde cõ gram *paceença* dos pecados que lhi fezemos, 185; con gram *paceença*, 144.

padecer: amostra-mi per que *padesco* esta coita, 112; aquesto *padesco*, 199.

pagar (= apagar): fogo que nũca sse paga, 183; — se (= gostar): serpente que he animalha de que sse el muito *paga*, 98.

Paio: papa don *Payo*, 77.

Panuço: e san *Panuço* estava enton en orações pojando, 61.

parar (= aparar): quem te ferir na destra face para-lhi tu a outra, 54; — se (= encostar-se): e Macario se foi *parar*

sobrelo muimento, 74; *para*-te tras mhas spadoas e esta aqui, 120.

paravoa (=palavra): sanctas *paravoas* e... muytas esmolnas, 152; *paravoa* d'Antioco contra o mancebo, 91; o filho de deus padre se chamava *paravoa*... no começo era *paravoa* e *paravoa* era cõ deus e deus era *paravoa*... *paravoas* sẽ lenguas, 113; as *paravoas* que dezia, 185; amoestô-o per *paravoa*, 125; propoer a *paravoa* de deus, 332.

paravra: cf. *paravoa*: acendeu os corações dos homẽs assi no amor de deus per sa boa *paravra*, 79; vos contarei en poucas *paravras*, 111; estas *paravras* dezia, 149; dezia muytas *paravras* sandias e çujas, 144; como quer que o bispo sancto fosse sempre de boa *paravra*, 146; de nẽgũu aprendesse a *paravra* de deus, 134; propoer a *paravra* de deus, 334.

parda (= fêmea de leopardo (?): hũa besta que chamã *parda*, 19.

parecer: cousas que bẽ *parescã*, 163.

parte: deste pecado e dos outros que el fazia nõ sabiã os outros frades *parte*, 186.

parvoo (=pequeno): os menĩhos *parvoos* que estudavã na gramatica pois o viron yr assi bevedo 126; barões come molheres e assi velhos come *parvoos*; non podemos creer que todolos *parvoos* que já sabẽ falar devẽ a entrar no reino celestial, 161.

patrimõio (=patrimonio): todo o seu *patrimõio* damo-lo a essa eigreja, 160.

pea (=pena): pelos maaes que fiz e polas *peas* a que avia d'ir ouvi aqueste cuidado en meu coraçon e polo gram medo que avia do inferno secou-xi-mi assi a carne e os ossos, 43-4; o poboo... nõ se nẽbrou das coitas e das *peas* e dos tortos e das premas que ouverõ, 154; que lhis dessen grandes *peas*, 219; tira-os das *peas* do inferno, 258; lhis quita as *peas* que mereceron, 259; dementre se nẽbrou da *pea*, 3; mandou-lhis que morressem por *pea* da culpa en que caerã, 21; leva el (o emiigo antigo) os maos per enveja aas *pẽas* do ĩferno, 72; lhis dessen muytas *peas*, 102; a escritura santa... fala da *pẽa*, 172; receber morte e tormenta e *pea*, 172; polas *pẽas* grandes que avia, 278; muyto temo aquelas *pẽas* do inferno, 279.

peça (=porção de tempo): a cabo dũa *peça*, 76; era ja gran *peça* do dia andada, id.; durou hũa mui gram *peça* que

a loba nõ veo a ssa casa, 100; e pois rogaron muy gram *peça*, 82; sayu cõ eles hũa *peça*, 101; morei con eles (frades) *peça* de tempo, 275; (= porção): ardera já hũa *peça* da cidade, 343; morreu gram *peça* de gente, 184; muy gram *peça* deles non quiseron sacrificar e prougue-lhes mais, 103.

pecador (= pecadora): cf. *fazer*.

pecar: *pecasti* contra muitos pobres, 152.

pedida (= pedido): sen outra *pedida* e sẽ outra oraçõ, 23.

pee (= pé): porque me deitarei eu a sseus *pees*? 55; non te levantes dante seus *pees*, 55; deytou-sse a seus *pees*, 348.

peego (= pego): eu soo Paaya *peego* de maldade, 70; viinhã as animalhas... e beviã da agua daquel *peego*, 168; achey... hũu muy gram *peego* de muitas aguas, 167.

peendença (= penitencia): trager a *peendença*, 189; *peendẽças* que en este mundo nõ teve, 187; fazer *peendença*, 186.

peendençal (= penitencial); entõ lhi mandey rezar os psalmos *peendençaes*, 115.

peito: salvo que tijnha os *peytos* caẽtes (falando de homem), 184.

peoria (= estado ou condições de pior): segũdo a melhoria ou a *peoria* das cousas, 183.

pequeninho (= pequenino): tirado huum (chaão) muy *pequenĩho*, 343.

pequeno: hũa gram pena... foi toda talhada en *pequeno* tempo, 116; hũu *pequeno* d'espaço, 278; hũu *pequeno* tempo calou-sse aquela voz; sse calou a voz hũu *pequeno* de tempo, 348; o tempo *pequeno* que avia de viver, 348; en tã *pequeno* tẽpo, 12.

per (= particula reforçativa): depois que as (orações) *per* acabasse, 231; muito *per* he pequeno e dura pouco o sabor deste mundo, 107; ca ja (a obra) pouca *per* he, 336.

percudir (= censurar, repreender): mais *percudia* per sa lengua aqueles que enmiigos de deus eram.

perder: tempo *perdudo*, alma *perduda*, 31; o mais avia *perdudo*, ca todo sse saia en vermẽes, 75.

perdõar (= perdoar): rogares que mi *perdõe* os meus pecados, 299.

perduravil: vida *perduravil*, 3, 315; sperança *perduravil* e a promessa de nostro senhor Jhesu Christo, 58; nós que avemos padre *perduravil*... que dá aos que o servem requezas *perduraviis*, 66; morte *perduravil*, 306.

perfioso (= porfioso): son *perfiosos*, 138.

perigoo (= perigo): nostro senhor me livrou de *perigoo* deste mundo e das peas do inferno, 44; onde (= pelo que) devemos mais a catar que da ta saude ti nõ venha *perigoo*, 75; muitos *perigoos* que soffri, 114; Deus livrou os seus servos de tantos *perigoos*, 158; viir-lh-á ende *perigoo*, 310.

perleer (= ler bem, inteiramente): depois adur o *perleera* aynda, 237.

pero, conj. conc.: e *pero* se paga deus muito de filhar ordem e avito, mais se paga .. da limpha mente, 62; *pero* nõ fora chamado, 348; *pero* nõ leixa porẽ de seer, 144.

perseguçom (= perseguição): tantas *perseguções* e tantas trestezas, 119; se acharõ o tẽpo da *perseguçõ*, 101.

perteecer (= pertencer): cousas que *perteeciam* aa fé, 142; que aa ffe *perteeciam*, 13; cousas que ao tẽplo *perteeciam*, 377.

pesseveradamente (= perseveradamente): andar tã *pesseveradamente* de rredor, 376.

pesseverar (= perseverar): deves *pesseverar* em orações muito espessamente, 12; se *pesseverares* ata acima, 218; e ela (poonba) *pesseverava* voando, 68; ô (= ao) que puxa e *pessevera* dereitamente abrẽ-lhi, 97; o godo *pesseverãdo* en felonia de seu coraçon, 360; e o homẽ boo que andava con gram coyta de seu filho *pesseverou* en sa demanda, 24.

pestelença (= pestilencia): quanta *pestelença* avia, 141; *pestelẽça* que noutro dia acaeceu naquesta cidade de Roma, 184.

piadade (= piedade): por sa *piadade*, 10.

piadoso (= piedoso): deus poderoso... porque he *piadoso*, 89.

pistola (= epistola): ouvio a *pistola* de sã Paulo, 10; hũu clerigo de *pistola*, 111, 18; el fala en sas *pistolas*, 85.

poboo (= povo): eu moro em meyo do *poboo* que ha beiços lixosos, 76; a ira do seu *poboo*, 77.

pobrar (= povoar): que (rio de Nilo) he *pobrado* todo de moesteiros... pelas ribas, 103.

poçoento (= peçonhento): mordedura de cã *poçoento*, 128; as que erã *poçoentas* deitava-as a longe, 102.

poçonha (= peçonha): lhi deu a bever *poçonha*, 118; matar com *poçonha*, 111, 18.

poder: e non *pudi* nẽ hũa cousa veer, 37; nono *pudi* veer, 102; non *pudi* veer, 123; nõ *pudi* ouvir, 365; aadur *pudi* gaanhar, 6.

podridõe (= podridão): começou-lhi a sair da *podridõe* do corpo huũ fedor, 14.

poer (= pôr): este tal vermen *pugi* eu en meus olhos, 17; *poinha-sse* en cãto da casa, 241; *pose-lha* (coroa), 34; *pose-a* (lampada) ante sa porta, 30; a cobiiça... lhes (aos servos de deus) *pon* deante os desejos das molheres, 54; *pose-lhi* a maão sobrela chaga, 113; eu nõ ti *porrei* conselho, 103; *porrey* eu este adoue, 178; nós nõ *porremos* hi nossas mãaos, 131; *poynha-lhi* as maãos pelas barvas e pelo rostro, 182; cousas muy torpes... lhi *poynha*... deante, 286; *poinha-o* ante os meus olhos, 314; come lhi *poynhã* na cabeça hũa coroa de ffroles, 192; *porrei* toda a verdade, 317; *poende-me* cõtra o ffogo, 343; *poĩa-lhe* as maãos na boca e os pees aas vegadas, 78; a ta entẽçõ *pon* nome aa ta obra, 358; *pose-lhis* hũu dia assinaado, 11; *pose-as* (maãos) sobrela mesa, 27.

pois (= depois): *pois* esto e outras cousas muitas lhi ouve ditas, 64; e *pois* achou o usso morto, 72; *pois* esta palavra disse, 75.

pojar (= sobrepojar): mais o do Egipto *pojava* o outro en tãto que avia muita de graça com sancto Antonio, 73.

ponger (= pungir): *pongiã* barvas.

poo (= pó): fiz dela (saia) *poo* e bevy-o, 149.

poomba (= pomba): tres *poombas* mui fremosas, 41; viu o monge sair hũa *poomba* da ssa boca que voou atẽe o ceo, 25; vejo hũa *poomba*, 26; *põoba* muy branca, 152; en semelhança de *põoba*, 29; voava a derredor de mĩ hũa *poonba* negra e lixosa.

porende (= por isso): *porẽde* o miragre, 84.

pormeter (= prometer): ela *pormeteu-mho* mas escaeceu-lhi, 112.

pos: cf. *pois:* os seus ossos de *pos* sa morte, 93.

posfaçar (= dizer mal): non *pasfaças* nem ouças de boa mente o posfaçador, 45; outri non possa *posfaçar* de ti, 50; os homẽs maaos *posfaçarã* de mĩ e aporrã-mi depois, 132.

posfaço (= acção de posfaçar): o maao sprito faz homem posfaçar o *posfaço* do enmiigo, 46.

possisson (= posse, cousa possuida): a eigreja nõ avia *possissões*, 135; fezesse hũu moesteiro hũa sa *possisson*, 216; rica de vertudes e nõ de *possissões*, 282.

possoir: os maldizentes nõ *possoyrã*, 73.

pouco: bevessem *pouca* dagua, 72; el bevia mui *pouca* agua, 72; comiã (os frades)... *pouco* pam com *pouco* de sal, 73; quanto mais *pouco* guardarõ de fazer obras, 181; per *poucas* (= por pouco que não) ouue de morrer, 234; mais *pouco*, 315; tãto mais *pouco* veemos o porto, 316.

pouquetinho (= poucochinho): ante huũ *pouquetinho*, 271; (a aaguya) voou huũ *pouquetinho*, 261; fomos adeante huũ *pouquetinho*, 306; se nõ hũas (olivas) muy *pouquetĩhas*, 346; o azeite... quam *pouquetĩho* quer que fosse, 347; tomou aquel *pouquetĩho* d'azeite, 347; en hũas *pouquetĩhas* de videyras ficarom hũus *pouquetĩhos* d'aazeos d'uvas, 351; (taalhas) en que muy *pouquetĩho* de vĩho deytara, 352; colheu... en hũu vaso aquele *pouquetinho* de vĩo, 351; se quer *pouquetinho*, 377.

prazer: desto *prougue* muito a nostro senhor, 95; *prougue-lhi* cõ ela (pele), 102; quando o eu vi *prougue*-mi muyto, 116; quando lhi *prouguer*, 304; *prougue* aos cristãos que a consegrassem, 107; obras per que *prouguesse* a deus, 366.

prazo (= escrito de divida): deu-lhi o *prazo* que dela tiinha, 141.

prea (= presa): e assy começou a estar o mesquinho con sa *prea*, 94; cativos probes cristãos que a ele vĩinhã e aos outros que fugirõ da *prea* dos Lombardos.

preegar (= pregar): que (vertude de deus) lhi per palavra *preegara*, 112, 20.

preguntar: seu clerigo... *preguntou* ainda san Gregorio, 189; er *pregũtey-os* e dixi, 168.

prelacia (= prelazia): en tempo de sa *prelacia*, 282.

prelonga (= demora): el metendo-o en *prelonga* e avendo preguyça, 238.

prelongadamente (= prolongadamente): orou mui *prelongadamente*, 388.

prema (= pressão): e per *prema* da vertude de nostro senhor.

premeiramente (= primeiramente): este *premeiramente* comia hervas, 102; onde o *premeiramente* tirara, 310; carrega cõ que *premeiramente* nõ podia, 176; Paaio que *premeiramente* fez vida d'ermitã, 7; estado em que *premeiramente* vivi, 315; el *premeiramente* salvasse, 334; aquel (logar) pera que o *premeiramente* levarõ, 366.

premeiro (= primeiro): ca a *premeira* vertude de vencer, 105; esta era a *premeira* vertude que eles aviam: teer bẽ le-

cença de seu maior, 97; a grandeza do coraçon logo da *premeira* he sandia, 48; aa segunda noyte aveo-lhi assi como na *premeira*, 15; torna-sse (o bixo) aaquelo que tiinha da *premeira*, 133; come da *premeira*, 361.

premer ou **premir**: o dragon me *preme* cõ sas escamas, 185.

prepoer (=prepor): aqueste homen... *prepose* e firmou en seu coraçon, 78.

preste: don Stevã... soy *preste* da proẽça de Valeria, 89; hũu clerigo de missa e he *preste* d'Ysauria, 186.

preste, adv.: tijnha nostro senhor aa ssa boca e tã *preste* pera conprir o que lhi rogava, 75.

prestidado (=pronto (?): e por esto, Pedro, podes entender que o ẽmiigo antigo que tã *prestidado* está nos feytos corporaes, 90.

prestumeiro (=ultimo): sentença *prestumeira*, 141; o outro frade *prestumeiro*, 348; *prestumeira* parte, 80.

preto (=perto): vulcã que está aqui *preto* de nós, 175; hũu poço que hi avia a *preto* onde avia agua pera o mõesteyro, 13; vaamos a hũu poço que aqui ha *preto* de nós nẽ vẽtura se ascondesse hi, 15; *preto* dũu ano, 107; ouvemos feitas nossas orações a *preto* do sepulcro de nostro senhor, 7; mestre Alexandre foy-sse *preto* a hũu logar, 91; mataron hũu homẽ *preto* daly, 73; morã tã *preto*, 172; ficou *preto* dali en hũa mouta que hi avia, 79; era ja *preto* da noyte, 132; quando foi *preto* de manhãa, 174; avia *preto* de duzentos mõges, 318.

prez (=preço, honra, dignidade): pera tolherẽ *prez* e louvor aas obras, 358.

primeira: cf. *premeiro*: da *primeira*, 3, 380.

probe (=pobre): ja dera todo aos outros *probes*, 157; desse aaquela *probe*, 157.

probeza (=pobreza): Deus fez que elrei mi pos conselho en mha prison e em mha *probeza*, 110; acrecentou aĩda outra *pobreza* e outra coyta maior, 351; cf. *aver*.

proença (=provincia): na cidade de Merida e na *proença* de Luzitania, 141; estas vertudes fazia na *proença* de Sany, 320; fora abade naquela *proẽça*, 329; he custume naquela *proença*, 367; conhoçudos na *proença* de Pulha, 118; todalas *proenças* d'Italia, 99; cf. *preste*.

profeitamento (=proveito): a gram *profeitamento* dos monges, 348.

profeitar ou **porfeitar** (=aproveitar): pelas tas demandas

queres *profeitar*, 144; as pẽas do inferno *porfeitã* de as veer, 181; nõ *porfeytou* a el mais *porfeitou* aaqueles que o ouvyrõ, 180; a outro... nõ *porfeytou* ne migalha, 185; esta visõ nõ *porfeitou* a el que a vyu, 85; ca lhi nõ poderiã *profeytar*, 131; tã bẽ *profeitou* aquel menĩho na lẽeda de nostro senhor, 134; mais *profeita* ao homẽ trabalhar, 271.

profeitoso (= proveitoso): a todos era piadoso e *profeitoso*, 165.

profetar (= fazer de profeta, adevinhando o futuro): os homẽes *profetam* e dizẽ as cousas que an de viir, 10.

prol (= proveito): que a (parte) metesse en *prol* dos pobres, 63; fazer *prol* de, 60; non tem *prol* soffrese (= sofrer-se) homen dos homẽes e nõ doutros maaos desejos, 92.

prometer: nega... o que *promitisti* a ta ordem e dar-ch'ei mha filha, 25; o cilicio que *prometisti*, 113; (manto) que *prometisti*, 312; aquele que foy *prometudo*, 97.

promissa (= promessa): o clerigo nẽbrãdo-sse da *promissa*, 127; fosse acabada a *promissa*, 350; *promissa* que fezera, 363; *promissa* que lhis faz, 188; duvidasse das *promissas*, 112, 20.

propoer (= propôr): *propose* en seu coraçõ, 230; *propoynha*... de sse partir, 376.

propoimento (= intenção, proposito): com *propoymento* de fazer peẽdẽça, 169; bõo *propoymento*, 182; o firme *propoimento*, 182; bõo *propoimento*, 306.

proveitar: cf. *profeitar*: as requezas que forom gaanhadas per pecados *proveitem* a pobres.

proveer (= prover): nostro senhor que lhis *proveera* de tã boo pastor, 141; *proveeu* deus aa ssa eigreja... doutro bispo, 141.

provencia: cf. *proença*: clerigo de missa da *provencia* de Valeria, 89.

proviimento (= provimento): per cuidado e per *proviimento* de deus, 80.

punger (= pungir): agulhas... cõ que o *pungessem*, 117; agulhas que assi possã *punger*.

punhar (= esforçar-se): o ẽmiigo... *punha* de ete, 26; *punhei* em fazer aquelo que entendi, 31; *punhou* de lhi (a deus) fazer prazer.

purgaminho (= pergaminho): escrevera en hũu pequeno de *purgaminho*, 227.

puridade (= cousa secreta): assi come as *puridades* do ango, 97.

purgar (= limpar): que sse *purgassẽ* os seus pecados, 187; fogo do porgatorio en que sse *porgã* os pecados menores, 187.

Q

qual: morasse cõ *qual* gente quer que lhi mais *prouguesse*, 159.

quanto: depois que ali morei ja *quanto* tempo, 106; cf. *já*.

quareesma (= quaresma): tempo de *quareesma*, 284.

quareenta (= quarenta): *quareẽta* anos ha, 168; *quareẽta* milhas que fazẽ viinte leguas, 374.

que (= quem): o senhor... a *que* todalas (creaturas) devem servir, 144; (= o que): sen *que* nõ pode viver nẽhũa animalha, 144; gravava-o o sono já *que*, 133: cf. *já*; (repetição) deves a entender... *que* algũus feitos *que* contarei, 317.

quebrar: ante que *quebrasse* o alvor, 365.

quedar (= terminar): quantas tribulações e descordias e tẽpestades avia... todas *quedaron*... e tornarõ-se en paz e en concordia e en boa andança, 130.

quegendo (= qual): o dia do juizo *quegendo* ha de seer, 51; de cada hũa *quegenda* era, 257; queres... que ti conte *quegendos* forõ algũus, 350; *quegendo* foy per vertude, 126.

quemquer: *quẽ quer* lho (que avia muita graça de Deus) poderia entender pelo rostro, 72.

quer: como *quer* que (= ainda que) a voz... fosse pequena, 365; como *quer* que miragres nõ façã, 369.

querer: que lhi *quise* dar; tu pela ta mercee *quesisti*... mostrar tã gram sinal, 32; eu nõ *quigi* estar en mha ordẽ, 31; tu nõ *quisisti*... viver, 14; pois comeu quanto *quise*, 99; *quesesti* veer, 147; non *quesisti* leixar, 154; *quisi-o* deus... confortar, 159; nõ *quesisti* fazer sacreficio aos deos, 220; seu padre... nũca o *quesera* correger, 161; dou-ti graças por que nõ *quesisti*, 230; (o ẽmiigo) *querrá* sse apoderar de mĩ, 315; e *quise-o* (carneiro) leixar, 93; nõ *quesera* dar, 361; e nõ *quesisti* fazer meu rogo, 27.

quis qual (= cada um): diz o sabedor: *quis qual* he taes palavras diz e taes obras faz, 146.

quite: d'arvores e d'ervas era ela (terra) bem *quite*, 105; livres e *quites* dos cuydados do mundo, 372.

R

raçom ou **razom** (= razão): pois as partes disseron sas *rações*, 177; as *razões* que as partes disserõ, 177.

raffece (= vil, facil): el se metia aa tanto serviço *raffece*, 59; vestido de vestiduras muy viis e muy *rafeces*, 128; quatro cubertores *raffeces*, 239; nẽ hũa cousa nõ he mais *raffece* nẽ mais ligeira nẽ mais saborosa ca servir a Deus, 17; nõ lhi era *rafece* cousa de departir, 102.

raffecemente: se moveu *raffecemente*, 47.

raigada (= raiz (?): as lẽguas forõ talhadas pelas *raygadas*, 113; cf. *lengua*.

raigado (= arraigado): o seu coraçon assi era *rraygado* no amor de Deus, 143; tragia seu coraçõ *raygado* no amor de Deus, 13.

rago (= raio): queimaria o *rago* do sol a alma, 452; cf. *rigo*.

ravha (= raiva): toda a *ravha* e a braveza que avia mudou a em mãssidõe, 359.

ravhoso: hũu cavalo duum cavaleyro foi *ravhoso* e adur o podiã teer, 359.

rebever (= tornar a beber): bevia e *rebevia* sobre sa força, 126.

recadar (= levar): demẽtre o menĩho hya... *recadar* o mãdado que lhi dissera, 176.

recado: homẽes de maao *recado;* homen de pequeno *recado* e de pequeno entendimento, 341.

receber: *recebi* (imper.) os menĩhos, 361; senhor... *recebi* sa peendença, 26; *recebuda* he ta peendença, 26; tu desti, *recebisti*, 152; tu que *recebisti* muytos bẽes en ta vida, 177; tu rrico que *recebisti* muytos bẽes, 232; nẽ *recebisti* nẽ hũa ordẽ sagrada, 332.

recodir (= sair): o muy boo odor que de ssa cela *recodia*, 139; movimẽtos que lhi soyam a *rrecodir*, 329; *recodia* tã grande agua, 388; ffedor e nevoa que *recudia* do ryo, 182; entõ *recudiron* acima da ponte outros homẽes, 180; toda a companha *recudio* ali cõ gram choro, 185; tanto foy o boo odor que da ssa carne podre en logo de vermẽes *recudio*, 170; *recudio* tã boo odor... daquel muymento, 192; *recudio* ende (do muimento) hũu odor de tã gram prazer, 127.

reconhocer: *reconhosco*... que ele, 184; *reconhosco* padre que, 138; *reconhosco* que a alteza, 131; confesso e *reconhosco*, 28.
redoma: a *redoma* de vidro em que siia aquel pouco d'azeite; cf. *rodoma*.
reffece: cf. *raffece*: cousas viis e *rreffeces*, 362.
reffecemente: cf. *raffecemente*: vencerono as tẽtações do ẽmiigo tam *reffecemente*, 118.
refertoiro (= refeitorio): fezessẽ o *rreffertoyro*, 11.
regar (= rogar): outro veo aaquel abade *regalo*, 104.
reger: como *rega* sy e os outros, 319.
regueengo (= reguengo): hũu seu logar que era *regueengo*, 129.
reigado: cf. *raigado*: coraçon muy assessegado e muy *reigado* na fé, 147.
reiz (= raiz): Jhesu Christo... que he fonte da vida cõ Deus e *rreiz* de bondade, 97.
releu (1): ficarõ tãtos pedaços daquel pã no *releu* en que avia mais pã, 126.
religa (= reliquia): hu... as sas *religas*, 115; posessẽ hi as *religas* de sã Savaschãao, 107.
remiidor (= remidor ou redemptor): deu a ssa alma ao seu *remiidor*, 164; ir pera seu *remidor*, 172; o nosso *remiidor* quando alumeou os dous cegos, 352; a louvor do nosso *remiidor*, 370.
remiimento (= remição): por *remiimento* de ssas almas, 147.
remir: aquel que a (alma) fez e que a *remiio*, 172.
ren (= nada, alguma cousa): juyz a que sse *rẽ* nõ asconde, 191; como ousarei eu pedir *rrẽ*, 53; non fez sembrante que dava por en *ren*, 76; nõ podemos *rrẽ* de bẽ fazer, 377.
render (= retribuir): o boo jajunho tal he... e de nõ *rrender* homen mal por mal, 92.
repeender (= arrepender): se nõ *repeendeu*, 172; se bon fezeres e te bẽ *repeenderes*, 38; se a palavra ociosa... *repeende* o juiz... quanto mais *repeenderá* a palavra que

(1) Viterbo dá a este vocabulo o sentido de *resto*, *sobejo*, que aqui não convém. Morais tem igualmente *releu* ou *raleu*, também improprio.

enpeece, 74; se mal fezeres en ta vida e te nõ *repeenderes*, 38; Filemon *repẽedeu-se* muy de coraçon, 65.

reprendimento (= repreensão): sen *reprendimento* dos homẽs, 142.

requeza (= riqueza): tomou quantas *requezas* avia e trouve-as e deitô-as ant'os pees do sancto bispo e rogô-o, 44; guarda-te de sobeja *requeza*, de sabença de vãas palavras e de sobervha... e de posfaçar... e de teer meyça en teu coraçon e de deostar e de ascuitar o deostador, 50.

reteer: seja *retehuda* (a alma), 172.

retudo (= derretido): hũu mar de pez *retudo*, 279.

revel (= rebelde): muy *revees* pera sacrificar os idolos, 293.

reverença (= reverência): pera lhi fazer *reverença*, 268; tanta era a *reverença*, 108; posessem cõ gram *reverença*, 111.

revez (= cada um por sua vez): falando a *rrevezes*.

reytorica (= retorica): a *reytorica*... mostra carreyra, 371.

rezente (= recente): demẽtre a ssa pea foy *rezente* e nova, 3.

rigamente (= rijamente): chorou com eles muy *rigamente*, 147; começou a chorar muy *rigamente*, 365; chorou muy *rigamente*, de seus olhos, 72.

rigo (= rijo): e eles estavã muy *rigos* e muy fortes, 102.

riir (= rir): o mãcebo começou a *rrir* muy de coraçõ, 179; tu *rriis?* nõ queres que ria, id.; começarõ a trebelhar e a *rriir*, 182; os outros frades se *riiam* del, 104; e *rija*-sse del, 341.

rimanço (= romance): quer dizer en nosso *rimanço* (1).

rio: o *rio* de Tibre que corre per Roma, 87; o *ryo* de Nilo secava, 228.

rodoma: pois a *rodoma* deitarom de cima da feestra a ffundo, 19, 112; hũa *rodoma* de vidro, 18, 111; cf. *redoma*.

romeu (= romeiro): queixume que o *romeu* fazia, 357; tomou semelhança dũu *romeu*, 357.

rostro (= rosto): o *rostro* avia mui magro; con seu *rostro* deitado en terra, 79.

ruvho (= ruivo): aqueles outros que parecẽ *ruvhos* e vermelhos, 260; vio as faces *ruvhas*, 259; vy o mar *ruvho*, 102.

---

(1) Antes tinha dito: *nosso linguagem*.

S

saar (=sarar): como Fortunado *saou* o cego, 358; *saar* os enfermos, 366; demandando... mercee... que a *saasse*, 98; depois que o *saou* compridamente, 149; que me livres e me *saes* desta enfermidade, 98; rogarõno aĩda que *saasse* o braço do seu escabeçador.

sabado: os obreyros nõ lavravam en ela (casa) senõ no dia *sabado*, 182.

sabença: nõ pode atãger aa *ssabença*, 338; a *ssabença* que (deus) ouve desses feytos, 349.

sabenda (= sabença (?): non por *sabenda* que ende quisesse aprender, 191.

saber: *sabi* (imper.) que perdoados ti son (teus pecados), 191; *sabi* que mi derõ, 163; *sabi* que toda vez que ti crecer sobervha, 49; e *ssabi* que tal dultança, 53; *sabi* que eu seerey teu defendedor, 121; *sabi* que eu queymey, 149; *sabi*... que te mandarei atormentar muy cruevilmente, 148; como quer que *sabha* as obras que fez, 191; cousas que *soubi* dũus meus vezĩhos, 180; non *soubi* o que demandei, 144; ca bem *sabhas* que servo he de deus, 7; deste *soubi* eu muitas cousas, 77; ata hora nõ *soubi* 138; quando esto foi *sabudo* per toda a cidade, 6; logar *sabudo* da cidade, 224.

sacrifiço (=sacrificio): os cristãaos faziã seu *sacrifiço*, 106.

sagha (=çaga (?): verrá o filho de deus com seús sanctos angos na *sagha*, 57.

sagramento (=sacramento): tomar os *sagramentos*, 194; *sagramento* do seu corpo, 263; deu-lhis logo con sa mão o *sagramento* do corpo de nosso senhor, 16, 111.

sair: quando deste mundo *sal*, 144; depois que do corpo *sal* (a alma), 172; quando a alma *sal* do corpo, 178; homem de deus, *sal* (imperativo) acá, 15; *sal*-te e preega, 333; *sal*-te dele, 92; *saan* (conj.) do que prometeron, 93.

sajes (= prudente): come homem *sajes*, 117.

salteiro (=saltério): aqueste nũca quedava de rezar seu *salteiro*, 192.

sanador (= senador): ca viinha da lĩage dos *sanadores*, 131; dom Honorio o *sanador*.

sangui (=sangue): o ẽmiigo deitou comigo tã muitas pulgas

que mi çugavã o *ssangui*, 110; tanto que se lhi o *sangui* secou, 117.

sarrar (=sarar ou sãar (?)): toda a maldade *sarrará*, 146; (=fechar): *sarrou*-se en ela (cela) e vestiu hũu lorigon, 91; achou a porta da castra *sarrada*, 117; achou a porta *sarrada*, 137; esteve en aquele moesteiro *sarrado*, 151.

saude (=salvação): ffilha, sey leda, esto ti deu deus por ta *saude*, 75; *ssaude* de ssa alma, 84.

savaa (=toalha): deytou hũa *savaa* do altar sobr'ela e cobrio-a dela, 364.

Savaschaão (=Sebastião): eigreja de san *Savaschaão* martir, 363.

scarnho (=escarnio): querer fazer *scarnho*; forõ cõprehendudos no *scãrnho*, 1.

seeda (=assento, cadeira): as rodas das *seedas* eram como fogo ardente, 58; levantou-sse da *seeda* en que siia, 133; sol que saẽ dos corpos... logo as recebẽ nas *seedas* celestiaes 165.

seelar (=selar): sarrou a adega e *seelou* de seu seelo, 352.

seenço (=silencio): nẽ guardava seu *seenço*, 246; eigreja en que tomã con *seenço* aquela esmolna, 172.

seentar (=assentar): este bispo... *sẽetou*-sse, 48.

seer (=ser, estar): quem he este... que... *see* soo, 41; rogou ela... que... lhi prouguesse que ela *sevesse* en hũu logar asconduda, 128; nos que *siiamos* comendo, 3; e tu... enquanto comigo *fusti* fezeste a mĩ assi, 4; o servo de deus *seve* muy bẽ calado, 100; *sey* (imper.) contrairo a estes que mi querẽ fazer mal, 161; *sey* de largo coraçon e sesudo, 47; *sey* en ta cela e chora teus pecados, 168; hũu de seus filhos *sevesse* aa parte destra e outro aa sseestra, 101; o de largo coraçon he alegre... e *see* en grande alteza, 47; aa porta *siia* hũu velho, 62; logar hu *siiam* as seedas, assẽetou-sse, 120; hũa dona de gram sangui que *siia* casada con o melhor e mais nobre homen da cidade de Merida, 130; de mentre *siiã* e falavã muytas cousas; dali onde siiam, 157; *sivi* cõ eles; ele *seve* fazendo sa obra, 173; offizio en que *sõo*, 315; hũu homẽ *siia* en sa pousada, 357; cãdea que ssee sobrelo cãdeeyro alumea quantos *seen* na casa, 375; *severõ* e cõtarõ muytas bõas cousas, 375; el *siia* folgando, 13; *seve* no leito, 83; nẽ estar hu el *sevesse* ou estevesse, 150; sã Beẽto veo a ela cõ seus discipolos e *seve* cõ ela, 26; todalas outras

arcas que na eigreja *siiam*, 106; logar en que *siiam*, 27; menĩha paralitica que *sija* naquela eigreja, 97; *fusti* duvidoso e desasperasti, 152.

seestra (= esquerda): estando ante a *sseestra* da mha cela, 279; que a (redoma) deitassẽ a longe pela *seestra*, 112, 19; partio-sse da *seestra* da cela, 79; se deytava no lado *seestro* sempre os ẽmigos, 185.

segrado (= sagrado): logar *segrado*, 107; logares *segrados*, 106.

segral (= secular): fugia sẽpre aa cõpanha dos homẽs *segraes*, 162.

segre (= século): homẽs de *segre*.

seguir: *sigui* (imper.) teu salvador, 61; *segui* (id.) teu senhor, 70.

segur (= machadinha): ca lhi derõ cõ hũa *segur* pela cabeça, 110.

seitimo (= setimo): ante que sse comprisse o *seytimo* dia, 348.

semelhar: outras cousas que se *semelham* com estas, 51.

semelhavil: miragre *semelhavil* aaqueste, 87.

sempre: viver por *sempre*, 38.

Sempricio (= Simplicio): avia nome *Sempricio*, 108.

senbrante (= semblante): cõ *senbrante* de sanhuda, 92.

sen (= juizo): que tornara ja a ssi meesmo e era en seu *sen* e en seu recado, 176.

senhor (fem.): *senhor*, eu me vou, 160.

senhos (= cada um o seu): froles de *senhos* coores, 36; quantos homẽs hi estavã todos davam *senhos* juizos, 60; fez os meninhos poer en *senhos* cavalos, 361.

sentir: non *senteria*, 144.

sẽo (= seio): guardou-as (toalhas) en seu *sẽo*, 8.

sequia (= seca): gram *sequia* era na terra pola gram caentura, 77.

sergente (= servo): o apostolo se quis mostrar aaquel seu *sergente*, 97; nẽ a teu *sergente*, 104; hũa *sergente* de deus, 332; o enmiigo que he ẽmiigo dos *sergentes* de Jhesu Christo, 109; vai ao nosso *sergente* e di-lhi, 112; (mancebo) muyto boo *sergente*, 116; chamou sas filhas e sas *sergentes*, 114.

servidõe (= servidão): livrou si e seus filhos de *servidõe*, 202; *servidõe* he a cousa do mũdo que mais avorrece aos homẽes, 216; en cuja *servidõe* ficara, 117.

servir: en que hora eu *servho*, 174; *servir* Deus, 35; he gram dereyto que os *servhamos*, 198; prometo que... te *servha* muy lĩphamente, 197; anos ha que eu *servho*, 186; taaes officios en que *servhã*, 378.
sesseenta (=sessenta): colupna de *sesseenta* covedos, 17; achei... en outro (logar) *sesseenta* (monges), 105; depos *sesseenta* e dous anos, 119; *sesseenta* moyos de pã, 196.
sesudo (=sisudo): se algũu... non for *sesudo*, coffonde-lo-ha ella (a maa cobiiça), 54.
seu, sa: Isaac *seu* filho d'Abrão, 350; hũa *sa* ama delas (monjas), 14; a gram dano da *ssa* alma, 161; *sa* mercee de deus, 174; agua... corre segundo *sa* natura, 88; a claridade que das *sas* faces recudia, 152; creceu a fama da *ssa* bondade e da *sa* vertude, 72; acrecẽta depois a *ssa* graça, 333.
si (=se): *si* he porque nós tardi ou nũca ouvymos os seus mãdados, 76.
sigo (=consigo): aquel... deu logo *sigo* dentro, 103.
simplez (=simples): sõ puros e *simplezes*. 75; cf. *simprez*.
simpre: cf. *simprez*: don Paulo *simpre*, 196.
simprecidade (=simplicidade): homẽ de grande sãtidade e de gram *simprecidade*, 160.
simprez: tã *simprez* era, 180; *simprez* discipulo, 155; o homem *simprez*, 73.
simprezmente: el respondeu *simprezmente*, 138.
sinar-se (=persignar-se): e logo me *sinei* e dixi, 114.
so (=sob): *so* seu defendimento, 91.
sobervecer (=ensoberbecer): *soberuhecendo*, 181.
sobervha (=soberba): da amargura (nace) grandeza e *sobervha*, 48; paravoas... çujas e de gram *sobervha*, 146; fazer *soberuha*, 176; sse deleytã mais na *sobervha* que na justiça, id.; quẽ quer que... ti fezer mal *soberuha*, 78; deus quebrantou e omildou sa *sobervha*, 396; cõ desdenho e gram *soberuha*, 336; quãnta *sobervha* cuydara, 8; a *sobervha* que no seu coraçõ tẽ asconduda, 342.
sobervho (=soberbo): era muy *soberuho* e muy luxurioso, 185.
sobervhoso (=soberboso): foy hũu cavaleyro... muy *sobervhoso*, 216; homen que era tã *soberuhoso*, 335; que coraçõ avia se *sobervhoso* se omildoso, 34; era muy *sobervhoso* e muy luxurioso, 185.

sobinho (= deitado de costas): o corpo do abade jazia *sobĩho*, 95.

sobir: quando esto tal ti *sobir* no coraçon logo o (ango maao) conhocerás, 49.

soborralho (= cozido debaixo do borralho): fezerã (os frades) hũu pã de *soborralho*, 367.

sobrar (= vencer): se te vestires de boa cobiiça *sobrarás* a maa, 54.

sobre: muitos santos ás (tu, deus) ascondudos *sobre* la terra, 9; jouve hi... *sobre* la terra nuu, 132; pôs sas maãos *sobelos* olhos dos leões; poendo a mão *sobelo* seu estamago; veo perseguçõ grande *sobelos* cristãos, 218; *sobelo* altar, 118; hũas queriã pousar *sobrela* sa boca e outras *sobrelos* olhos, 173; *sobrela* porta, 237; *sobela* seeda siiam sete corvos, 253; *sobre* la maldade dos homẽs, 309; pose-lhi a mão *sobrela* chaga, 312; pôs sas mãaos *sobrela* enferma eno nome de deus, 132; deu salto *sobre* la leoa, 270.

sobreza (= circunspecção (?): *sobreza* que el avia, que sol a seer guardada d'umildade, 351.

sobrĩo (= sobrinho): era *sobrĩo* do patriarcha, 240; hũu meu *sobrĩo* filho dũu meu irmão, 118; era seu *sobrĩo* filho de sa irmãa, 133.

soer: muytas vezes *sol* acaecer, 184; *sol* muytas vegadas acaecer, 178; a carne *sol* a apodrecer e criar vermeens e fedor, 183; *soia* a falar comigo, 17⁴; *sol* aĩda homẽ a ssonhar naquelas cousas que...; assi *sol* acaecer aos grandes senhores, 334; arte de que el (o ẽmiigo antigo) *sol* usar, 78; come *sol* acaecer, 13; cf. *moor*.

sofrer-se (= abster-se): de todas estas cousas se [deve] a *soffrer* o que quer seer servo de Deus, 51; o que sse desto non *soffre*, 51; ergo *soffre-te* de todas estas cousas, 51; *soffre-te* de toda cousa maa e avol, 57; sey *sofrudo*, 26; peas e tormẽtos que já *soffristi*, 22.

sol (= só): disse aquel que era maior esta palavra *sol*, 174; desto *sol* contava hũu exẽplo, 194; el nõ lhi respondeu hũa paravoa *sol*, 219; *sol* deus sabe; el *sol* sabe, 132; *sol* que (= com tanto que) o levedes deles per seu grado, 233; *sol* que o sancto bispo fezesse caer, 120; e *sol* que (= tanto que) esta palavra disse, 90; *sol* que o soterrassem, 122.

solaz (= consolação): *solaz* que de seu padre esperital perdia, 162; cõ *solaz* volo dixi, 236; fazer *solaz*, 87.

soo (= só): se quiser viver *soo* crecermha ende argulho, 59; porque o acharõ *soo*, 130; esto *soo* non cuides, 53; sabe deus *soo*, 143; deus *soo* he juiz, 165; hua *soo* esteira, 180; cantar a missa a mĩ meesmo *soo*, 243; viveu *soo* per muitos anos enserrado en hũa cova, 77; cf. *sol*.
soo ou **sõo** (= som (?): aqueles *soos*, 281; boos *soos*, 132.
soombra (= sombra): hu vir ta *soombra*, 5.
sopultura (= sepultura): pera fazer a *ssopultura*, 192.
sorriir (= sorrir): cõ gram desdenho começou a *ssorriir*, 331.
soteleza (= subtileza): as vegadas acaece Pedro que tãta he a virtude e a *soteleza* das almas, 167.
sotil: cousas *sotiis*, 144; o aar daquel logar era muy *sotil*, 120.
soterrainho (= subterraneo): morada *soterraynha*, 262.
sperital (= espiritual): vida *sperital*, 13; cf. *esperital*.
sperito: recebẽdo a mĩ meu *sperito*, 278; *sperito* de profecia; e el que o (dia da sua morte) soube pelo *sperito* santo, 21; cf. *esperito*.
speritualmente: san Bẽeto veo *speritualmente*, 12.
spirar (= inspirar): (o esperito sancto) *spira* hu quer, 10.
spirital: os beẽs tẽporaes e os *spiritaes*, 272; cf. *sperital*.
suso (= acima): como de *suso* dissemos; cova de que *suso* falamos, 76, 78.

T

ta (= tua): pelas *tas* demandas, 143.
taalha (= talha): en todalas *taalhas*, 347; e eles sarrarõ as *taalhas*, 347; guardasse bẽ todalas... *taalhas*, 351.
taamo (= talamo): Jhesu Christo... me levou ao seu celestial *taamo*.
tabelliõ (= tabelião): fez chamar-lo hũu *tabelliõ*, 240; disse o patriarcha ao *tabelliõ*, 240.
talan (= vontade): se tã grandes miragres se faziã solamẽte polo *talã* que el avia que sse fezessẽ, 112.
talhoo (= banco de subir á cama) [1]: porque nõ achou vara nẽ paao cõ que lhi desse tomou as *talhoos* que tiinha ant'o leyto, 326; o dia doonte empecey nas *talhoos* dos pees e feri-me, 327.
tardi (= tarde): era ja muy *tardi*, 365; ja *tardi*, 8.

---

[1] *Escabelo subpedaneo*, diz o latim.

tarragido (= terror (?): quando deciã (os frades) aa costa do mõte aviã muy *tarragido* se paravã mẽtes a ffundo hu aviam d'ir e hiam sempre a gram perigoo, 387.

Tassis (= Tarsis): e pois *Tassis* esto ouuyo, 250.

tavoa (= taboa): feridas que lhis el dava cõ aquela *tavoa*, 100.

teer (= ter): *tivi* mentes, 36; que (corpo) *tiinham* en hũu leito, 39; nẽ lhi (abade) *terrei* a sa obedeença, 55; homẽs muitos que hi *terriam* aprestados, 158; boos cavaleiros consigo *tiinha*, 96; que sse *terriã* por pecadores, 98; *tevera* cõ dõ Lourẽço e nõ cõ Symaco, 187; este... sempre *teve* cõ dõ Lourẽço, 187; *tiinha* seu fogo ante ssi, 357.

teevra (= treva): aqueles que sse aĩda nas *teevras* do pecado e no fedor dos prazeres da carne deleytã, 183; seerá metudo nas *teevras*, 11; nembra-te... do inferno e de sas *teevras*, 58; todo o teu corpo seerá cheo de *teevra*, 358.

tegolo (= tijolo): casa de *tegolos* douro, 181.

temedor (= temente): *temedor* de deus e onrrador de seus amigos, 125.

temer: *temer* deus; que cousa he *temer* deus, 11; *temi* (imperativo) Deus, 55; pois *temi-o* (Deus) e guarda seus mandados; tu *temi* mais deus..., 57; o ẽmiigo nõ seera ia *temudo*, 91.

tender (= estender): e eu *tendi* mha mãao, 68; *tẽedo* as mãaos alçadas e o mãto *tẽdudo*, 354; *tendeu* sas mãaos ao ceo, 24.

tentamento (= tentação): fala do *tentamento* deste mundo, 11.

tercer (= terceiro): a *tercer* dia foi acabado (o cilicio), 114; e a *tercer* dia de pos a morte do menĩho, 234; a *tercer* dia foy fecto, 312; a *tercer* dia chamou o clerigo... seu sobrĩo, 352; depos *tercer* dia, 29.

termho (= termo): gloria que nõ ha par nẽ *termho*, 194; sen cima e sen *termho* nẽ hũu, 259; en cujo *termho* el viveu, 280; son sẽ *termho* alongados de nós pelos dões, 320.

terreal (= secular (?): nõ ousei a dizer meu pecado ante os *terreaes*, 31.

testemoinha (= testemunha): os frades... foron *testemoynhas* desto; Deus do ceo e da terra trago por *testemoynha*, 120; Deus trago por *testemõia*, 252.

testemõio (= testemunho): falso *testemõio*, 51; dezia en *testemoĩho* de verdade, 124; apoer *testemoĩho* falso, 188; *testemoynho* que tu deste, 189; per *testemõios* dos homẽes,

316; per *testemõio* domẽes boos, 317; que *testemoĩho* deve aver, 377; homẽs... que... dã *testemuynho*, 80.

testo (= tecido): desvesti hũa vestidura que tragia *testa* de cabelos de cabras, 223.

teyto (= tecto): o velho meteu mẽtes no *teyto*, 170; o *teyto* desta casa, 171; o *teyto* da eigreja, 88; siia hũu *teyto* d'arame, 278; caeu hũu seyxo do *teyto*, 354.

ti (= te): peço-*ti* por mercee que mho contes, 350.

tigo (= contigo): *tigo* dormirá esta noyte, 114; sempr'o (ango) tem *tigo* pera tas obras bõas, 49.

todo (= tudo): *todo* dizes, 144.

tolher (= tirar): tu *tulhisti* a ssa offerta a nostro senhor, 100; non *tolhisti* a ta misericordia de mĩ, 163; o que lhi foy *tolheito* per pequena sobervha, 115; porẽde *tolhi* (imper.) a palha, 151; todas estas cousas *tolhi* de ti, 52.

tomar: cousas... que *tomasti*, 23.

tornar: (= tornar-se): *tornou* (o cavalo) tã manso, 150; viron que o cavalo *tornara* tã manso, 150.

torto (= injustiça, sem razão): nem a *torto*, nem a dereito, 46; se te acusarem com *torto*, 55; *tortos* que lhi faziã, 85.

torva (= turvação): *torva* que ouve no seu coraron, 185; avia de tomar aas *torvas* e as tempestades do mundo, 152; fezeron gram *torva* no reino, 161.

torvo (= perturbada): (a alma) seerá *torva*, 52.

torvon (= trovão): per grandes *torvões*, 13.

toste (= cedo): leva-te *toste* e vay con el (mercador), 61; que o trouvesse tã *toste* a hũu mandadeiro do papa, 335.

trager (= trazer): o tabelhõ *trouue* o menĩho, 240; testemoĩho que *trouveste*, 173; porque o fezisti... *trouvisti*, 17; en tal que o *trouvesse* mal como *tragia* os outros que tã maaos erã, 100; o abade... *trouxe* mal os frades, 98; servo e... *trouve* aquelas cousas, 5; o *tragia* muy mal, 18; *tragi* (imper.) o menĩho e di-lhe ete, 240; *tragi-os* dentro, 267; autoridades que eu *trouxi*; e *trouve-o* (monge) mal, 112, 9; *trouve* mal e deostou... aquel bispo, 110.

traspassar (= deixar): o mandado de nostro senhor... nõ sse pode *traspassar* que se nõ compra, 139.

trastempar (= passar além do tempo, prescrever): cousa já *trastempada*, 3.

trasverter (= trasbordar): *trasvertia* o vĩo per cima das cubas e das taalhas, 352.

trebelho (= brincadeira): dezia en *trebelho*, 65.
treito (= tratado): hũu homẽ que era mal *treito* do ẽmiigo, 180; aacima levarom este mal *treyto* do ẽmiigo, 3.
tremedoiro (= tremendo): nostro senhor nos parará ante sa *tremedoira* seeda, 66.
trestẽpado (= fora de si (?): falava como *trestẽpado* ou tristepado, 76.
tresteza (= tristeza): tolhi de ti *tresteza* ca a *tresteza* he irmãa da dultança; ca *tresteza* he o peor sprito dos maaos e coffondi os servos de deus, 56; toda a *tresteza* se tornou en prazer, 141; confortado e sen *tresteza*, 235; pera crecẽtar mais mha *tresteza*, 314; tornarõ a el cõ *tresteza*, 11; ouve gram *tresteza* no moesteiro de ssa morte, 179; disse-lhi con gram *tresteza*, 27; creceu-lhi a *tresteza*, 73.
triindade (= trindade): hũa das tres pessoas da *triindade*, 352.
trobar (= fazer trovas): acharás tres homẽs: hũu escreve e outro *troba* e o terceiro tem hũu bagoo en sa mão, 39.
tromba (= trombeta): quando a *tromba* soar con seu rouco sõo, 38.

U

unger (= ungir): me... confortaua *ungendo* a mha boca, 209.
usso (= urso): mandaua ao *usso*, 72; fazendo o sancto homẽ tal vida com seu *usso*, 72; matarõ o *usso*, 72.
uuhar (= uivar): 276; cf. *huuhar*.

V

vagueiar (= vaguear): andasse *vagueiando* pelo mũdo, 111.
valer: *val* tãto come, 5.
vedro (= velho): testamento *vedro*, 283.
veer (= ver): logar que hora *visti*, 38; logar boo que *visti*, 38; aquel que *viia* na sancta seeda, 41; fremosura que en el *viia*, 41; ali *viia* homen flores brancas e vermelhas e jalnes e indias, 36; eles nono *viihã*, 169; e quando isto *vii*, 36; *viia* como o vale era todo cheo d'amores, 36; chus *visti* algũa cousa? 27; *veey* (imper.) como esta molher he chagada, 113; ora er *veey* as obras do ango maao, 49; irmãao, *veey* como non despendas mal teu tempo, 58;

ora *veey* o onzeno mandado, 58; *vey* que devas a fazer e avy cuydado, 117; *veey* como o olho, 145; viimo-lo *veer*, 171; que te maravilhas se non *visti* a alma, 144; os frades que esto *viiam;* porque *viiam* homem, 59; sempre o el *vee*, 95; dava-lhis... o que *viia* que lhis compria, 71; o que *viia* que era guisado, 97; e se *viia*, 179; aquel que tu *visti*, 174; lagrimas que lhi *viiam* chorar, 242; quando lhas (maravilhas) *viia* fazer, 350; algũus miragres daquestes que lhi *viiam* fazer, 352; que ali *viia*, 357; *viia*... os cuidados, 9; pois el *viia*... os cuidados, 9; foi *vehudo* de todos e non *vehudo* (deus), 45.

vegada (= vez): aas *vegadas* ouvesse (David) sperito de prophecia, 338; assi como parece muitas *vegadas*, 93.

vegiar (= vigiar): toda aquela noite *vegiaron* ambos os irmãos, 28.

vencer: sōo *vençudo;* o enmiigo... partir-s'á logo de ti *vençudo* e mal treito, 57; ficou *vençudo*, 146; viron os ereges *vençudos*, 146.

vendimha (= vendima): quando chegou o tempo da *vendimha*, 112; queria vir fazer sa *vendimha*, 311.

vendimhar (= vendimar): prazia ao patriarcha de o (homen boo) ir *vendimhãdo*, 233.

vendita (= vingança): toma *vendita*, 154; Deus tomasse deles sa *vendita*, 130.

verça (= especie de couve): hy avia hũu orto hu auia muitas *verças*, 99.

vergĩidade (= virgindade): aquel monge... me ouve de *vergĩidade*, 189; prometiã a guardar sa *vergĩidade*.

verm̃ee (= verme): erã (as coovras)... mui fortes pela fervura do sol como *vermees* da terra, 72; o sabor do luxurioso e o prazer he *vermẽ* e fedor, 183; polos *vermees*, 193.

vervejar (= falar): guarda-te de muito *vervejar* e de luxuria e de sobervha e de argulho, 52.

vespra (= vespera): des manhãa atee *vespra*, 13.

vesso (= verso): cãtarõ cinque salmos e seis *vessos*, 174.

veuva (= viuva): molher que ficava *veuva*, 82; o que ouueres de meter nas boas ceas da-o a *veuvas* 92; aquela saia que tomaste aa mesquinha *veuva*, 91; veo a el hũa *veuva* probezĩha, 157.

vezinho (= vizinho): as gentes *vezinhas*... ouvirom, 16.

via (= caminho): vai-te ta *via* pera hu quiseres, 14; el-rei... foi-se sa *via* dando graças a nostro senhor, 17.

viinda (= vinda): disse o mõge ca pela *viinda* do abade, 98; atendiam a *viinda* delrey seu senhor, 120.

viinte (= vinte): fezeron-lhi outro de *viinte* couedos, 16; ja avia *viinte* anos que servia nostro senhor, 109; en *viinte* (dias); mais este meninho Simhon quando ouue *viinte* e quatro anos, 10; tragia... *viinte* mil, 61; *viinte* dias e *viinte* noytes andara sempre sobre mar, 226; de *viinte* e cinque anos en deãte, 377.

viir: Deus *á viir* a julgar, 58; quando *vẽo* aaquela ponte, 180; esto te *viim* dizer por non argulheceres, 68; mi Deus prometeu que *verriades* a peendença, 170; *viinha-lhi* teer hũa loba companha e jamais nũca errava desto, 100; mal te *verrá* en, 113; (o ẽmiigo) *verrá* apos mĩ, 114; logo sse el *verria* de pos eles, 367; os pecadores *verriã* a peendença, 132; e se *viinha*, 367; e *viindo*, 368; vingança de deus *vẽo* logo sobre aqueles quatro monges, 73; *vẽo* a rraposa, 362; *viinha* a mĩ, 365; o usso nõ *viinha* aa hora en que o mandarõ *viir*; triste porque lhi non *vẽo*, 72; aquel rei... *vẽo*, 1; aqueles que cõ el *verriam*, 110; nõ *veesti*, 11; logo *verra*, 336; hũu homen *vẽo-o* a demandar ao seu moesteyro, 24; sentença temedoira que *verrá* sobre ti, consiira..., 126; aa cima *vẽo* ao sancto bispo, 138; des aqui adeante *verria*... aas sas eigrejas, 140; seendo el... no adro com muitos seus subjectos o arcediago *vẽo*, 136; tu que *viisti* a este mundo, 197; enton *verrás*, 231; bẽ seia *vehudo* o filho do meu sobrĩo, 240.

vil: panos velhos e *viis*, 269; duas vestiduras *viis*, 173.

vindita: receberã *vindita*; deus fez *vendita*, 73; cf. *vendita*.

vinho: compartir com eles (pobres) o *vinho*, 351.

virgẽe (= virgem): en hũu moesteiro de *virgẽes*, 330.

viver: *veviã* aĩda en este mũdo, 176; en tal guisa *vivi* (imper.), 52; *vivi* (id.) com Deus, 46.

voontade (= vontade): e assi foi pela *voontade* de nostro senhor, 19; comprisse sa *voontade*, 23; *voontade* de furtar e de roubar e crece-lhi muita sobervha e muita vaidade e livhaldade, 49; nõ era assi, ante era per *voontade* de Deus, 98; quando (o homẽ) sse asanha de sa *voontade*, 308; contra sa *voontade*, 28.

vosco (= convosco): entrarei eu *vosco*, 242; ficarei eu con *vosco*.

voz: respondeu o morto do muymento alta *voz* e disse que o nõ matara el, 74.

X

xe (= se): hũa noite *xe* mi asseentou aa cabeceira e chegou-*xi*-mi ao narizes, 109; hũa das bestas soltou-*xe*-lhis, 110; e logo *xi* lhi secarõ as mãos, 22; nõ *xi* mi asconde ren, 140; todo seu coraçon *xi* lhi rende, 57; certas son *xi* muy poucos, 131; ficou-*xi* no mundo, 264; assi como *xo* ele disse, 159.

Y

ypocresia (= hipocrisia): sabede que *ypocresia* he demostrar homẽ boa cristaidade e no na aver, 108.

D'este *Glossario*, onde apenas incluí as palavras e formas obsoletas, vê-se de quanta importancia é para a historia da lingua o texto donde o extraí; por isso conveniente seria que a Direcção da Biblioteca Nacional o fizesse publicar, tornando-o acessivel aos estudiosos.

J. J. N.

Gonçalo Fernandes Trancoso

I-III

Pelos artigos já aqui publicados pode considerar-se estabelecida na *Revista Lusit.* uma serie de estudos acêrca do nosso novelista do sec. XVI, Gonçalo Fernandes Trancoso. Esses estudos são:

I — *O Adagiario de Trancoso,* por Sousa Viterbo, no vol. VII, p. 97 ss.;
II — Uma edição dos «Contos», por Joseph de Perrot, no vol. XVI, p. 159 ss.;
III — *Um Trancosano ilustre,* por J. L. de V., no vol. XXIII, p. 190.

Agora se seguem outros estudos.

J. L. DE V.

IV

Um dos volumes da *Antologia Portuguesa,* com que o D.or Agostinho de Campos está vantajosamente contribuindo para a vulgarização de muitos dos nossos bons autores, é consagrado a Trancoso, e este mesmo titulo tem, Lisboa 1921. Consta de Introdução substanciosa, e dividida em sete capitulos:

1. — Biografia, onde apresenta a conjectura de que Trancoso exerceu qualquer profissão na organização judicial do seu tempo.
2. — Trancoso e a critica.
3. — Trancoso como escritor.
4. — Trancoso na História Literária das Espanhas.
5. — As fontes do livro de Trancoso.
6. — Bibliografia.
7. — A «Antologia».

Como informação bibliografica, devo dizer que os Contos de Trancoso tiveram tanta voga, que passaram para a *literatura de cordel.*

Possuo uma *Relação Curiosa*, Lisboa 1765 (folheto d'essa literatura) com o conto 7.º da pt. III que creio que é desconhecida dos bibliografos e dos etnografos. É possivel que haja separatas analogas.

J. L. DE V.

V

A proposito do mencionado volume da *Antologia Portuguesa* publicou T. F. Crane in *The Romanic Revien* XIII (1922), 279-282, um valioso artigo que com a dèvida vénia se transcreve a seguir:

In the introduction to the second volume of his *Orígenes de la Novela*, Madrid, 1907, Menéndez y Pelayo gives a detailed account of the short story or *novela* in the Iberian peninsula. The earliest tales of this kind go back to the translations of Oriental storybooks or of *exempla* originally intended for the use of preachers. Aside, however, from the very characteristic *El Conde Lucanor*, the Spanish short story was for ever a century a translation or imitation of the Italian *novella*. In my *Italian Social Customs of the Sixteenth Century* I have shown the extraordinary vogue of collections of short stories, the frame of which is an imitation of the introduction to the *Decameron*, This is peculiarly true of the seventeenth century, although the greatest of all Spanish stories at the beginning of this period, Cervantes's *Novelas Ejemplares*, had no frame in which the stories were fitted. This is also the case with another very interesting collection of moral stories published in Portugal some thirty-eight years earlier by Gonçalo Fernandes Trancoso. The absence of a frame in this latter work is all the more remarkable since the author wrote it to assuage the sorrow caused by the death at Lisbon in the plague of 1569 of his wife, daughter, a son, and nephew.

Trancoso's work was frequently reprinted (some fifteen editions between 1575 and 1764 are mentioned by the bibliographers) and he enjoyed great popularity in his own country, but his stories were not reprinted after 1764, and all editions are now scarce. His memory was kept alive only by bibliographers and historians of Portuguese literature until Theophilo Braga published in 1883 nineteen of Trancoso's thirtyeight tales in his *Contos Tradicionais do Povo Portuguez*, Oporto, vol. II, pp. 62-128. The stories published by

Braga were those of interest to students of popular tales. For a similar reason Sousa Viterbo published in the *Revista Lusitana*, vol. VII (1902), 97-103, an article on Trancoso as a source for the study of Portuguese proverbs. The writer gives the few known facts of Trancoso's life, reprints the prologue to the first edition (1), gives a list of the editions mentioned by previous bibliographers, and publishes nineteen proverbs from the *Histórias de Proveito e Exemplo.*

Nothing more was printed about Trancoso until last year (1921) when twenty-four of the thirty-eight *histórias* were reprinted in The *Antologia Portuguesa* edited by Agostinho de Campos and attractively printed at Lisbon by Aillaud and Bertrand. Of the fourteen omitted stories five are given by Braga in the work mentioned above, leaving nine still inaccessible to the student. Most of these are of little interest; only two, in fact, are of any importance; the second story of the second part (a version of the theme of «The Thankful Dead»), and the eighth of the third part, a story taken from Cintio's *Gli Eccatomiti*, II, 1.

Nothing is known of Trancoso's life except what he him-

---

(1) Sousa Viterbo does not say where he found the *Prologo* which he reprints. Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, p. LXXXVIII, says that the «carta» directed to the Queen Doña Catalina, widow of Don Juan III and «regentess» of the Kingdom, is found only in the first and very rare edition of the Contos of 1575 and was unfortunately omitted in the subsequent editions. This is a mistake. Professor J. de Perott in 1913 published in the *Revista Lusitana*, vol. XVI, pp. 159-163, an account of a rare edition printed at Lisbon in 1594 by Antonio Alvarez. This edition contains the *Prologo* to the Queen and is reprinted in full by Professor de Perott, showing that the *Prologo* had probably been printed in the previous editions of 1575 (?), 1585, and 1589. It was apparently not printed in the subsequent editions. It is reproduced with some omissions in the modern edition which forms the subject of this review. I may add that the edition of 1594 seems to be unknown to all previous bibliographers. By the courtesy of the owner I had an opportunity to examine this edition, which contains the first two parts only. The third part probably appeared for the first time in the next edition of 1596.

self tells us in the *Prologo* mentioned above: that he was living in the city of Lisbon in 1569 when it was depopulated by the plague which robbed him of a daughter twenty-four years of age, a son who was a student, a nephew, choir-boy in the cathedral, and a wife beloved for her virtues; that these losses caused him to fall into so deep a melancholy that he feared it would injure his body and soul; and to distract his mind he determined to write tales of adventure, profitable and exemplary stories, together whith some sayings of wise and serious men. He tells us in his stories that he lived in the parish of S. Pedro de Alfama, and Sousa Viterbo, *op. cit.*, p. 100, prints a document of 1575 in which Trancoso was surety for a certain Francisco Lainez, but which contains no details of his life. He was author of one other work, an ecclesiastical calendar to determine the moveable feasts of the church, published in 1570. All other particulars of Trancoso's life are pure conjecture, as to the place and date of his birth (Trancoso, 1515 or 1520) and death (before 1596).

The value of Trancoso's work for the study of diffusion of popular tales is slight. The author was familiar, of course, with the Italian novelists and borrowed some nine of his stories from Boccaccio, Bandello, Cintio, Sercambi and Straparola. Some eight stories are derived from sources more or less popular which reached Trancoso probably by way of oral tradition. Among these are the story (I, 9) of «The Envious Neighbors», one of whom is to receive double what is granted to the other. Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, p. XCVI, thinks Trancoso took his story from the fables of Avianus (20), but the story was widely known in many other forms (see Crane's *Jacques de Vitry*, No. 196; Klapper, *Erzählungen*, No. 156; and Braga, *op. cit.*, II, 69-230); «The Secret Revealed» (I, II), which has Italian variants as old as the *Cento Novelle Antiche* (see Oesterley's *Gesta Romanorum*, cap. 124, and Alessandro d'Ancona, *Studj di Critica e Storia Letteraria*, Bologna, 1880, p. 348; «The Emperor and the Abbot» (I, 17) (see Child's *English and Scottish Ballads*, pt. II, p. 403); here again Italian versions abound (see Crane's *Italian Popular Tales*, pp. 275, 276, 378); «The Three Counsels» (I, 18) (see *Gesta Romanorum*, cap. 103, and Crane, *op. cit.*, pp. 157, 357); a Spanish version is in *El Conde Lucanor*, ed. Knust, p. 37; «The Thankful Dead» (II, 1) has already been mentioned (the most copious references to this widely spread tale may be found in

the third volume of Bolte and Polivka's *Anmerkungen* to Grimm, pp. 40 et seq.); «The Virtuous Queen and the Two Envious Sisters» (II, 7), of which innumerable versions are found in Italy and the Iberian peninsula (see Braga, *op. cit.*, II, pp. 192 et seq.; Crane, *op. cit.*, p. 17; and Bolte and Polivka, *op. cit.*, No. 96); «The False and the True Prince», (III, 1), which has echoes in the *Cento Novelle Antiche*, IV, and in the *Libro de los Enxemplos*, No. 247. Finally, in this connection may be mencioned «The Found Purse» (III, 7), a very popular story of Oriental origin (see Chauvin, *Bibliographie des Ouvrages Arabes*, IX, p. 26, *Orient und Occident*, I, p. 656), of which variants are found in Italy (Sercambi, Nov. IV, Cintio, I, 9) and in Spain (Timoneda, No. VI). Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, p. XCIV, says that Trancoso's version appears to be independent of these and of popular origin.

Some of Trancoso's stories are mere anecdotes, the sources of which are to be found in such works as Melchior de la Cruz's *Floresta Española*, etc. This is the case with I, 8, where a steward tells the archbishop of Toledo that he has too many in his household. A list is made of those necessary and those unnecessary. The archbishop says: «Let those remain whom I need, and also those others who need me». The same idea is found in the preceding story (I, 7), where a king gives a youth a position as accountant in the customs. An inspector of the treasury remarking to the king on the uselessness of the office, the latter replies: «If we do not need the accountant, the youth needs the office». Some of this anecdotes are taken from Spanish history, e. g. II, 9, where the Marques de Priego, seeing one of is castles razed by the order of the Catholic King, says: «Thank God for having given me walls on which the kink's anger may be vented!»

One of the most curious of Trancoso's stories is the one (I, 14) entitled by Braga «A prova das laranjas» and by the Antologia «Alma Tabelioa» («A Notary's Mind»), which is briefly as follows. A lawyer with three sons asks his lord to take one of them into his service. The Lord tests the three by asking how many oranges are in a bowl of water. There are four whole ones and seven halves, which latter in the water, appear like whole ones. Two of the brothers answer a dozen and a half; the third calls in two witnesses and in their presence takes the oranges out of the bowl and draws up a legal document relating the facts. The lord takes him into his ser-

vice. The *Antologia*, p. XLVI, says that an analogous situation is found in *El Conde Lucanor*, No. 19. This ist not a very close parallel; in it a king tests the worth of his three sons by dressing them up and having them ride through the streets of the city and report to him what they had observed.

I have said above that Trancoso took some nine of his stories (occurring mostly in the third part) from the Italian novelists. It may be interesting to know which they are. From the *Decameron* he took the stories of Tito and Gisippo (X, 8) and of Griselda (X, 10); from Bandello (II, 15) the story of Pietro and the miller's daughter whom the duke of Florence compels him to make his wife; from Cintio (I, 5) the story of Pisti the Vinitian, who slays his wife's suitor and flees from justice; he finally surrenders himself to save his family from starvation, and is pardoned by the state (1); from Cintio (I, 9) the story of Filargiro, who loses a purse and offers a reward for its discovery; when it is found the owner pretends that it contained more money and the judge decides that it cannot be the one he lost (this story is also in Sercambi, IV, as has been stated above); from Cintio (II, 1), the story where Diego kills the lover of Caritea, who promises her hand to the one who will bring her the murderer's head. In a subsequent war with Portugal Diego defends Caritea and Captures her enemy the king of Portugal. Diego then surrenders himself to Caritea, who marries him.

T. F. CRANE.

(1) These two stories were very popular and furnished Lope de Vega with the plots of his plays, *La Quinta de Florencia* and *El Piadoso Veneciano*, both now accessible to the student in volume XV of the edition of Lope de Vega's works edited by the Spanish Academy, Madrid, 1913, pp. 359, 536.

ERVEDOSA

Linguagem popular de Ervedosa do Douro

Na faixa meridional dos xistos durienses, entre os rios Douro e Torto, e cêrca de duas léguas da sua confluência, encontra-se a povoação de Ervedosa do Douro.

Não é ela notável por belezas naturais: o scenário envolvente é feito de colinas escalvadas que a circundam e ocultam de olhares estranhos, salvo do noroeste que lhe fica aberto, à vista grandiosa do Marão e dos seus contrafortes orientais que veem morrer no Douro; e, contemplada a prumo do alto de algumas centenas de metros, talvez esta aldeia nos desse a ilusão duma cidade minúscula, branquejando espraiada pela face interna duma vasta cratera de vulcão extinto, cuja bôca apenas dum lado se estivesse esboroando.

Nem tão pouco é digna de consideração por belezas arquitectónicas: contemporâneas, não as há; de antigas, se as houve, não restam vestígios observáveis. Em 1925 foi derruído um edifício datado de 1636, talvez o mais vetusto desta povoação: era uma casa pequena, ainda então conhecida por *capela*, sensìvelmente quadrada, sem janelas de qualquer espécie, e apenas com uma porta voltada ao oriente, arqueada, de volta inteira, feita de pedaços de granito lisos e ao nível da parede, tendo insculpida na pedra do fecho a data acima apontada.

Entre os casebres de xisto argiloso, pardos, plúmbeos e acastanhados, sobressaem os bicos petulantes dos chalés modernos e algumas casas mais antigas de construção maciça.

Duas destas, ainda brasonadas, foram mansões senhoriais doutros tempos, a mais velha das quais não me parece, porém, anterior ao século XVII. Os bailes, os concertos, as festas que nelas se realizavam são ainda de ontem; e pelos seus salões passaram até solistas do teatro de S. Carlos, quando Ervedosa do Douro, antes da crise vinhateira, era a terra das libras loiras como os bagos de moscatel que lhe engrinaldavam os montes.

Bôs tampos! murmuravam, ainda há pouco, os velhos, ao

evocarem saüdosos os saraus em casa dos fidalgos, a azáfama festiva das vindimas fartas, o trabalho interminável pelos cêrros até os cocurutos, quando o Douro era o Brasil dos Galegos que por aqui estanciavam meses seguidos em grandes ranchadas laboriosas (1).

Mas, um dia, as nodosas, as veneráveis *cêpas*, fonte da riqueza e da alegria, começaram de morrer e, em breves anos, por todos êsses montes outrora verdejantes, ressequidas e torcicoladas, lembravam esqueletos exumados num cemitério revôlto de terra maldita, em que nem para os mortos houvesse descanso e piedade.

E foram-se os Galegos com esperança em tempos melhores, para então voltarem.

Alguns, porém, já não puderam desprender-se dessa terra, onde tinham lançado raízes mais rijas que as das *cêpas* amigas, agora mortas. E ali ficaram, esbracejando rebentos (2) e lutando contra a miséria por fim vencida.

Pois, emquanto muitos dos naturais emigraram, fugindo à fome, outros, mais apegados ao torrão onde nasceram, e talvez mais receosos da aventura longínqua, atiraram-se novamente à terra, logo que, despertos da estupefacção, do desalento que os prostrara, sentiram latejar nos pulsos o mesmo sangue indómito, pertinaz, dominador.

A luta foi rude, inquietante. Mas a perseverança trouxe a vitória.

Baldadamente tentou a filoxera morder a vide americana. A terra voltou a desentranhar-se em cachos negros e côr de oiro, como o oiro preciosos. E outra vez reverdeceram os montes, embora apenas ladeando os vales ou trepando a meio das encostas; outra vez se pôde viver naquela terra do *Port Wine*, ainda que não com a antiga abastança e a antiga alegria que a filoxera dali afugentara.

E agora, sob a ameaça permanente dos falsificadores sem conta que, com habilidosas imitações dêste vinho mundialmente conhecido, tentam arrebatar-lhe os mercados, o viticultor ervedosense olha com receio para o futuro sempre sombrio e inquietador.

Não é, pois, de estranhar o ar tristonho dessa gente em luta perpétua contra a natureza ingrata e contra os imitadores, que, dolosamente, procuram roubar-lhe o seu tesoiro.

Nessa aldeia nasci e nela colhi os elementos com que realizei o presente ensaio dialectológico que, originàriamente, era

por mim destinado a servir de dissertação, para o meu exame de licenciatura na secção de filologia românica.

Causas várias, cuja exposição não vem para aqui, me levaram a pôr de parte tal projecto. E êstes desgraciosos apontamentos iriam *in continenti* parar ao cesto dos papéis velhos, se a voz animadora de alguns amigos me não incitasse a publicá-los, não pelo seu valor scientífico ou literário, mas para perpetuar o registo dalguns fenómenos condenados a uma desaparição completa mais ou menos próxima, devida à acção niveladora da escola.

Aqui ficam, pois, consignadas as observações dialectológicas que pude efectuar, em Agôsto e Setembro de 1926, para que os estudiosos da Filologia possam delas aproveitar-se, se elas de algo lhes puderem servir.

Não quero, porém, que se suponha que os fenómenos lingüísticos a que vou referir-me se produzem apenas nesta povoação: sei muito bem que o português popular apresenta, por todo o norte, caracteres comuns. Mas, como de aldeia para aldeia há diferenças características bem nítidas (3) e como não tive tempo nem recursos para estudar ao menos a língua falada na região vinhateira duriense, limitei as minhas tentativas de estudo glotológico à pequena povoação onde nasci.

Em resultado do meu desconhecimento de bastos pormenores dialectológicos do português, é possível que alguns dos fenómenos lingüísticos que julgo privativos do falar ervedosense se manifestem também noutras linguagens regionais do nosso país.

Contudo, se outro mérito não tiver êste obscuro ensaio, poderá ao menos contribuir, ainda que pobremente, para o estudo minucioso dos dialectos setentrionais de Portugal, estudo que alguém melhor provido de inteligência e cultura há-de vir, de-certo, a realizar um dia.

Se, pelo contrário, fôr nula a sua utilidade filológica, terão ainda assim estas palavras o valor de esboçarem, muito imperfeitamente embora, algumas feições características do falar da minha terra num dos estádios da sua evolução.

*

Para abreviar quanto puder êste trabalho, deixarei de parte tôdas as semelhanças existentes entre o português normal e a linguagem popular ervedosense, procurando apenas determinar as diferenças que notar entre êstes dois idiomas.

E, posto isto, seguirei as normas estabelecidas nos tratados gramaticais e começarei pela

FONÉTICA

Como precisarei de representar com a possível exactidão a pronúncia de alguns vocábulos ervedosenses, vou indicar quais os sinais diacríticos de que me servirei para êsse fim (4).

⌢ sotoposto a uma vogal, significa que esta vogal se profere com a sua modalidade surda, átona, o mais ténue possível; ex.: *piadade* (<>*piedade)*, *dereito* (<>*direito)*, *fieito* (<> *fêto)*, *romédio* (<>*remédio)* e *lumioso* (<>*luminoso)*, respectivamente como em bôc*a*, sec*a*r, quás*i*, (ou inglês f*i*ll), lad*o* e t*u*nante.

~ será empregado para indicar a nasalação de qualquer vogal, principalmente no fim de palavras e antes de outra vogal; ex.: *bobêrũ* (<>*beberam)*, *amávãis* (<>*amáveis)*.

^ sôbreposto a ~, designa a vogal sôbre que recai o acento tónico principal.

A prolação do *ch* é sempre explosiva, surda, equivalente a *tx*.

O *c* (=*ç)* é vulgarmente proferido como *s* (=*ss)*, e o *z* como -*s*-. Estas sibilantes soam como, na Beira Alta, respectivamente nas palavrãs *nosso* e *casa*.

Sirvo-me do *ə* para representar o som do *e* acentuado (sobretudo tónico) antes de *r* e de *l* e em poucos casos mais. Assemelha-se muito ao *i* do inglês *bird;* ex.: *tərra* (<> *terra)*, *əla* (<>*ela)*.

Parece-me que, com estas indicações, se compreenderá bem o que vou expor neste desataviado estudo.

VOGAIS

Uma das principais diferenças entre o português normal e o falar ervedosense está no modo como êste trata a vogal nasal *ẽ* que naquele se ortografa *em* e *en*. Em regra, quando é tónica, o ervedosense transforma-a em *ã̂* (5) (igual ao *a* de *canto*, e, na ênfase, quási como o *u* do inglês *sung)*; ex.: *tampo*<>*tempo*, *antre*<>*entre* (prep. e verbo). Quando átona

(sobretudo se é inicial), é pronunciada *ĩ* (como o *i* de *inferno* proferido despreocupadamente nas locuções: «Que inferno!», «Parece o inferno» e noutros semelhantes); ex.: *intrar* <> *entrar*, *pindurar* <> *pendurar*, *quintura* <> *quentura* (calor), *Vintura* <> *Ventura* (nome próprio) (6).

No vocabulário que daquela linguagem compilei, apenas encontrei as seguintes excepções a esta regra:

alambrar (v. t.) — Lembrar (Talvez por influência do *l*, como, para *alantejano* e *lançol*, supõe o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (7). O mesmo se dá no galego (8). O *a* inicial é prostético).

alantejano (s. m.) — Alentejano (V. o vocábulo precedente).

antremôço (s. m.; pl. *-ôços)* — Tremôço (Devido a confusão de *tre-* com *entre*, segundo a opinião do Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos (9).

atanrar (v. t.) — Afiar, tornar mais delgado o gume dum instrumento cortante (Explica-se a manutenção do *ã* pela consciência que o povo ainda tem da formação desta palavra < *tanro* <> *tenro*. O mesmo se dá com *assantar* < *assanto* <> *assento*, *atromantar* < *tromanto* <> *tormento*, *conveniançudo* < *conveniância* <> *conveniência*, *semanteira* < *semante* <> *semente*, *vantaneira* < *vanto* < > *vento*.

lambrança (s. f. — Lembrança (V. *alambrar).*

lançol (s. m.) — Lençol (V. *alambrar).*

mantrastos (s. m. pl.) — Mentrasto (planta). (Pròvàvelmente, veio doutras regiões, já assim formada, esta palavra, que se encontra até no Alentejo [onomástico de Mértola] e é «aparentada com a miraddesa *maltrasto* e a hespanhola antiga *mastranto*») (10).

bancêlho (s. m.) — Vencelho (Não sei a que atribuir o *ã*, neste vocábulo e em muitos outros, como *banzer* <> *benzer*, *coland(r)ário* (11) <> *calendário*, *prancípio* <> *princípio*, *prancipal* <> *principal*, *tantar* <> *tentar)* (12).

De *ãicho*, *jəntiaga*, *jentar* <> *jantar* e *rãiger*, falarei ao tratar do *ch* e do *j*.

Finalmente, pela analogia, fàcilmente se explica a existência de *ã* em palavras como *apresantar*, *apresantação*, *representar*, *represantação*, nas quais deve, com certeza, ter-se reconhecido semelhança com *presante* <> *presente*; e em *atan-*

silhos, corruptela de *utensílios*, palavra resultante da convivência com pessoas mais ou menos cultas.

Deve também contar-se com a influência das inúmeras palavras em que *ă* corresponde ao português normal *am* e *an*.

Relacionada com êste fenómeno, está a transformação do *e* em *â* com uma ténue ressonância nasal (e até do *o* em *stâmago* [galego *estámago]* (13) <> *estômago)*, quando vai seguido de *m*, *n* ou *nh*; ex.: *alfazâma* <> *alfazema*, *nana* <> *nena* (14), *fanasco* <> *fenasco* < *feno* (?) e *cardanho* <> *cardenho* (casebre). Esta mudança é de regra no falar ervedosense.

*

Outra característica desta linguagem é a pronúncia do *e* aberto antes de *r*, a qual produz um som intermediário entre o *é* de *pé* e o *â* de *câmara*; ex.: *tərra* <> *terra*, *fərramanta* (cfr. gal. *farramenta)* (15) <> *ferramenta*.

Sabe-se que, no português normal, «*e* átono antes de *r* se muda fàcilmente em *a*: cfr. *sargento* < *sergento* (arc.), *tarei* (Extremadura) < *terei*, *amaricano* (pop.) < *americano*» (16).

No galego tambem «ante *r e*, y menos veces *o*, se hace abierta y llega frecuentemente hasta confundirse con *a*» (17); mas esta mudança não se restringe apenas a *e* e *o* átonos, pois Diego (18) apresenta os vocábulos *jarra* = *jerra* < SERIA e *chár-umas* = *chór-imas* < FLORE, a par de *númaro* (<> erv. *númaro)*, *cómaro* (<> erv. *cómbaro)* e *marmurar* (<> erv. *mərmurar*.

Do mesmo modo, na linguagem ervedosense deu-se, nas sílabas tónicas, aquele fenómeno que, no português normal, se limita às sílabas átonas. Suponho que a evolução se realizou do seguinte modo: Do *a* de *númaro* e *cómbaro*, passou-se ao *ə* átono de *mərmurar* e *fərramenta* e dêste ao *ə* tónico de *əra* (<> *era* [n. e v.]) e *tərra* (<> *terra)*.

Teria sido assim?

A transformação do *é* em *ə* antes de *l* pode ser devida à acção dêste fonema (cfr. o que ficou dito sôbre o vocábulo *alambrar)* ou à influência das palavras que teem *ər*, conhecida como é a tendência para a troca entre vibrante e lateral (ex.: *aluguel* e *aluguer*, *cristel* e *clister)*, tendência que também se nota no galego *marmular* (19) <> *marmurar*.

*

O antes de *m*, *n* e *nh* mantém-se sempre aberto, na linguagem ervedosense [20]; ex.: *cómbaro* <> *cômoro*, *cómo* (Indic.-Pres. de *comer*) <> *cômo*, *cóngra* (gal. *congra*) <> *côngrua*, *sóno* <> *sôno* e *sónho* <> *sônho*. Aquela linguagem não possúi, portanto, *ǒ*, ao contrário do falar pesqueirense, como vai indicado na nota 3.

SEMI-VOGAIS

Anàlogamente ao que, no português normal, sucedeu ao hiato *éa* que se resolveu ditongando-se a vogal tónica com a adjunção da semi-vogal *i*, intercala-se, no ervedosense, esta mesma semi-vogal, no Presente do Indicativo (1.ª sing. e 3.ª pl.) e do Conjuntivo dos verbos *doer moer* e *roer*, entre *ô* e *ọ*, *ó* e *ã*, *ô* e *ạ*, e *ô* e *ã*; ex.: *rôio*, *móiãĩ*, *dôia*, *môiaũ*, *rôiãis*.

O mesmo fenómeno se observa, no Conj.-Pres. do verbo *dar*, entre *é* e *ạ*, e *é* e *ã*; ex.: *deia*, *déiãis*.

Como no dialecto beirão, também na linguagem que estou estudando se emprega a semi-vogal *i* para desfazer o hiato resultante do encontro de dois *aa*, mas só quando o segundo é tónico [21]; ex.: *a i arma*, *senhora i Ana*, *a i ambos* [22]. Quando o primeiro é tónico e o segundo átono, êste enfraquece tanto que mal se ouve, mesmo quando se está atento à pronunciação; ex.: *traz cá ă réca*, *leva lá ă gata*, *dá cá ă mão*. Quando ambos são átonos, dá-se a crase; ex.: *tirà saca* <> *tira a saca* [23].

Antes de *j* e *g* palatal e, às vezes, antes de *ch* desenvolve-se também esta semi-vogal (*assimilação*); ex.: *haija* <> *haja*, *veijo* <> *vejo*, *lóija* <> *loja*, *rãiger* [24] <> *ranger*, *ãicho* <> *encho* [25].

A propósito, citarei aqui dois exemplos de criação do hiato *ia*, em *gázia* <> *gaze* e *hástia* <> *haste*, vocábulos que ouvi naquele falar. Provàvelmente, para o desdobramento do *e* em *ia* concorreu bastante a terminação *-a* característica do feminino na imensa maioria dos nomes portugueses.

Depois do *g* palatal, a semi-vogal *i* é absorvida nos vocábulos *gésta* [26] <> *giesta* e *jôlho* (<* *giôlho* <> *geolho* [arc.]) <> *joelho*. Todavia em *gésta* a absorpção pode ter sido feita pela base do ditongo crescente *ié*, como em *quéto* <> *quieto* [27].

*

Em ervedosense, interpõe-se também a semi-vogal *u* entre *ô* e *a̭* para desfazer o hiato; ex.: *boua* <> *bôa*, *Lisboua* < > *Lisbôa*, *pessoua* <> *pessôa*. E, semelhantemente ao que se dá com o *i*, emprega-se ainda, para evitar o hiato resultante do encontro de *e* com *a*, em frases como estas: *é ṷ a mulher* <> *é a mulher*, *vê ṷ a* <> *vê-a* ([28]).

No grupo *qu*, a semi-consoante *u* (ou apêndice labial, como algures lhe vi ou ouvi chamar) sofre, umas vezes, contracção com a vogal seguinte, produzindo *ò* ou *o̭*; ex.: *còntia* (gal. *contia*) <> *quantia*, *còl(i)dade* (mirandês *calidade* e *culidade*) ([29]) <> *qualidade*, *còrtilho* <> *quartilho*, *co̭ranta* (gal. *corenta*) <> *quarenta*, *co̭resma* (gal. *corésma*) <> *quaresma*. Outras vezes sofre elisão; ex.: *cal* (gal. *cal*) <> *qual*, *catro* (gal. *catro*) <> *quatro*, *calquer* (gal. *calquer*) <> *qualquer*, *catroçantos* (gal. *catrocentos*) <> *quatrocentos*.

Êste último caso observa-se também no grupo *gu*; ex.: *gardar* (gal. *gardar*) <> *guardar*, *igal* (gal. *igal*) <> *igual*, *igaldade* (gal. *igaldade*) <> *igualdade*, *minga* <> *míngua*, *mingar* <> *minguar* (gal. *mingar*) ([30]).

Esta evolução deve ter-se dado normalmente, na linguagem ervedosense, pois há no português popular doutras regiões *catro*, *contia*, *corenta* e *coresma*, como no literário já há *caderno* e *catorze* ([31]).

Em duas palavras aparece *ṷ* anaptítico: *óndua* <> *onda*, *ònduar* <> *ondear*. Parece-me que primeiramente se deu êste fenómeno no primeiro vocábulo, por assimilação da vogal tónica labial. De *óndua* muito naturalmente se formou *ònduar*, pois não creio que êste vocábulo seja derivado de *ondular*, têrmo erudito que o povo ervedosense desconhece.

DITONGOS

Quando, mais adiante (na Morfologia), tratar da flexão verbal, aparecerão três ditongos átonos, sôbre os quais devo aqui fazer algumas considerações.

São êles: *ãi*, *ãĩ* e *aṷ*.

O primeiro aparece sempre seguido de *s* na terminação da 2.ª pessoa do plural de todos os tempos dos vários modos, excepto no Imperativo e no Indicativo Presente e Futuro; se-

guido de ditongo nasal na 3.ª pessoa do plural dos verbos *ter* e *vir*; e num ou noutro vocábulo, como *rãiger*.

A génese e a nasalação dêste ditongo serão estudadas na Morfologia, visto que, no meu entender, a sua formação resultou da influência doutras formas verbais.

O segundo corresponde a *-em*, terminação da 3.ª pessoa do plural e, nos verbos *ter* e *vir*, da 3.ª do singular. É um verdadeiro ditongo nasal e não apenas semi-nasal como o antecedente.

A nasalação da subjuntiva realizou-se, creio eu, por influência do som nasal da base. O mesmo fenómeno se nota no mirandês *õũ* e no português normal *ão* ([32]).

O terceiro ditongo encontra-se na terminação da 3.ª pessoa do plural dos verbos que, segundo a ortografia oficial do português, se representa por *-am*.

É curiosa a troca de funções que se efectuou entre os dois elementos dêste ditongo; provàvelmente, foi êste o caminho seguido: lat. *-an(t)* > *-am* > *-ão* (que sôa *ãu̯)* > *-ãũ* > *-a̯ũ*. Passou dêste modo *ũ* a desempenhar o papel de base e *a̯* o de subjuntiva; pois mesmo nos ditongos átonos se reconhece diferença de intensidade na prolação dos seus dois elementos.

A evolução acima exposta já foi mais longe na terminação da 3.ª pessoa do plural do Perfeito e do Mais-que-perfeito do Indicativo, quando a vogal tónica dessa forma verbal é *á*, *ə*, *ê* ou *ô*; ex.: *dançárũ*, *tivərũ*, *perdêrũ*, *fôrũ*. O *a̯*, que já servia de subjuntiva, tornou-se ainda mais ténue e foi absorvido pela base, devido, talvez, a dissimilação (nos três primeiros casos) e a assimilação (no último) causadas pela tónica. Aquele fonema ainda se ouve quando a tónica é *i* (v. g. *partíra̯ũ)*, o que me leva a pôr de parte a hipótese de que a terminação *-rũ* ([33]) derive directamente da latina *-runt* (< *[vē]runt)*.

Como final de nomes, êste ditongo reduziu-se a *o̯*; ex.: *orfo* (gal. *orfo)* <> *órfão*, *Stêvo* (gal. *Estebo)* <> *Estêvão*, no onomástico *Freistêvo*, *oirégos* (gal. *ourego)* <> *ourégãos*.

A aversão ao ditongo *ão* final átono manifesta-se nas terminações verbais a que aludo acima, nos nomes agora mesmo citados e até no vocábulo *sóto* (loja, estabelecimento comercial) que, em ervedosense, ao contrário do que se deu no português normal, não sofreu a ditongação do *o̯*, paralelamente ao galego *sotoo* ([34]). A etimologia desta palavra vem na já citada obra do Sr. Dr. J. J. Nunes, a p. 122: «subtu-, *soto* (donde *sotão)*» ([35]).

*

Antes de passar ao estudo das consoantes, ainda apontarei aqui alguns casos de evolução de ditongos:

OU

ougar (v. i.) — Aguar, sentir crescer a água (saliva) na bôca, e daí veio a ter o sentido de desejar veementemente qualquer alimento ou bebida que se vê, ou de que se fala, ou em que se pensa (de **augar* [cfr. *inxaugar*] < *auga* < *água)* ([36]).

Não se confunda êste vocábulo com *ougar* (v. t.) que significa «atar molhos de lenha, fachas de palha, *capões* (<> molhos) de vides, etc.». Não sei qual seja o étimo dêste verbo.

O *ou* manteve-se inalterado nestes dois vocábulos, bem como na derivado do primeiro *desougar* (satisfazer o apetite de qualquer alimento que se desejou muito), talvez pelo contacto com a gutural *g;* e o mesmo se deu em *louquinho* (viçoso; < *louco)* pela da influência gutural *c* (= *qu),* se não se deve, antes, atribuir a manutenção do *ou* à influência dissimiladora do *i* tónico. É, a meu ver, êste último fenómeno o que se observa no verbo *ouvir,* em cujas formas arrizotónicas se conserva o *ou,* ao passo que, em tôdas as outras, êste ditongo muda para *oi* (v. g. *ouvi, ouviria; oiço, ôiçaũ),* excepto no Ind.-Presente, 2.ª pess. sing. e 3.ª pess. sing. e pl. *(ouves, ouve, ôuvãĩ),* o que tanto se pode explicar pela acção da labial *v* (idêntica à que se nota em *poupar* e *roubar)* ([37]), como pela analogia com as formas arrizotónicas, pois, em *coive* <> *couve,* o *v* não impediu a transformação do *ou* em *oi.*

Como regra geral, o ditongo *ou* do português normal transmuda-se em *ôi* no ervedosense: *doitor* <> *doutor, oirina* <> *ourina* ([38]), *oitro* <> *outro,* etc. ([39]).

Em *lòreiro* (loureiro, louro), a redução do ditongo a *o* aberto parece-me resultante de se empregar sempre o nome da árvore para designar as folhas, de modo que o povo, desconhecendo o nome *louro* com esta acepção, não o transformou em *loiro* (como fêz ao adjectivo) e depois *loureiro* em *loireiro,* como era de esperar (cfr. *toiro, toireiro).* Mas, mantendo-se o *ou* sempre átono, sem confronto com palavra aparentada onde *ou* aparecesse tónico, perdeu-se a noção de di-

tongo e simplificou-se em vogal fechada *(ô)* que depois se abriu *(ò)*.

OI

Com êste ditongo dá-se um caso curioso — é a sua tritongação nos seguintes vocábulos:

lavo̯eira (s. f.) — Cultura de cereais (< *lavoira)*.
panço̯eirada (s. f.) — Queda; pancada (<*panç(a)* + *oirada* < > *pançada*, queda de bruços).
stampo̯eirar (v. t.) — Deteriorar; gastar (<*(e)s* + *tamp(o)* + *oirar* <> *destampar*, tirar os tampos, arrombar, estragar).

Suponho que o ditongo foi intercalado, nestes dois últimos vocábulos, entre as terminações *-ada*, *-ar* e os substantivos *pança*, *tampo*, com o fim de tornar mais enérgica a expressão das ideias que estas palavras representam. O *-r-* seria apenas um infixo para melhor estabelecer a ligação entre as partes das novas palavras.

EI

A redução dêste ditongo a *ə* observa-se na locução interjectiva *ə-lho!*

É esta empregada, repetida várias vezes, pelo rapazio quando, pelo Carnaval, reconhece na rua algum indivíduo mascarado; os rapazes perseguem-no então, apontando-o e gritando de longe *ə-lho! ə-lho! ə-lho!* prolongando bastante o fonema *ə*.

A meu ver, o étimo está em *ei-lo* (< *eis-lo)*, locução adverbial designativa que sofreu as seguintes modificações: por influêneia do ditongo, ter-se-ia desenvolvido a semi-vogal *i* após o *l* (apresento esta hipótese, porque me custa a crer que se desse a metátese *é-lio* inversa da que é própria do português normal e do falar ervedosense; ex.: *boticairo, rosairo, vigairo* ([40]); de **ei-lio* fàcilmente resultaria *ə-lho*, pelas formas intermediárias: **ei-lho* (palatização do *l*; cfr. gal. *heillo)* ([41]) > **é-lhə* (absorção do *i̯* pelo fonema *lh)* > *ə-lho*. A passagem de *é* a *ə* deve ter sido causada por atracção do *lh*, pois observei grande oscilação na pronúncia do *e* aberto antes de *lh*; ex.: *vélho* e *vəlho*, *quélho* e *quəlho*, *quélha* e *quəlha* (gal. *quella)* ([42]).

Se, além disto, não contribuiu também para esta modificação o prolongamento e a intensidade da prolação do *é*, como sucedeu com o *o* de *olha* que se muda em *u*, quando o proferem enèrgicamente: *ulha! ulha!*

Análoga redução se deu no ditongo átono *ei* do vocábulo *fəticeira* < *feiticeira*, talvez por dissimilação.

CONSOANTES

B e V

Encontrei no ervedosense alguns vocábulos, nos quais êste fonema corresponde a *v* no português normal. Ei-los:

baige (s. f.) — Vagem (Da apócope do *m* falarei mais adiante. Sôbre o desenvolvimento do *i*, ver o parágrafo relativo às semi-vogais).
bancêlho (s. m.) — Vencelho (A êste vocábulo já me referi, ao tratar do *ã*).
barrer (v. t.) — Varrer (Cfr. castelhano *barrer*) (43).
bassoira (s. f.) — Vassoira (Cfr. galego *basoira*) (44).
bḙlador (s. m.) — Velador, móvel antigo onde se colocava a candeia ou a lamparina, de noite.
bḙrrão (s. m.) — Porco destinado a procriar (Cfr. *varrão*) (45).
bḙrter (v. t.) — Verter.
bisabô (s. m.) — Bisavô (Devido a influência do *b* inicial (46). Feminino *bisabó*).
bo̭ar (v. i.) — Voar.
brilhas (s. f. pl.) — Virilha (Cfr. gal. *brillas*) (47).
bro̭melho (adj.) — Vermelho (< *brḙmelho*, por assimilação, forma que também se emprega no ervedosense, metátese de * *bḙrmelho* < *vermelho*) (48).

Em *baranho* <> *maranha* (port. normal), houve mudança dentro da mesma classe de consoantes (*labiais m* e *b*), porventura por semelhança de sentido com *baralhar* e por aproximação dos três fonemas iniciais *bar-* e um pouco também do sentido com os das palavras *baralho*, *barulho*, *barulheira*.

*

Em quinze palavras — *aldrave* <> *aldraba, aldravão, aldravar, aldravice, Alvano* <> *Albano, Anivle* <> *Aníbal, incavar* <> *encabar, movilha* ([49]), *movilhar, prove* <> *pobre, savão, travalhar, travalho, vacalhau* e *vêrça* ([50]) <> *bêrça* — houve troca de *b* por *v*, as quais, juntas às onze mencionadas quando me referi à permuta inversa, não bastam para que Ervedosa seja localizada na «região do *vom binho*» ([51]), pois nos restantes vocábulos não há flutuação na pronúncia dêstes fonemas.

O vocábulo *abixeiro* <> *avesseiro* deve ter vindo directamente do latim **adversiarius*, segundo a opinião do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ([52]). Fica, portanto, fora da lista.

Aparece *b* epentético em *cómbaro* <> *cômoro* palavra que talvez se explique pela galega *cómaro (ó = ô)* donde teria vindo *cómaro* ([53]) e depois *cómbaro;* ou então por *combro* ([54]) > *cómbaro,* com *a* anaptíctico devido à influência do galego *cómaro* ou em virtude da tendência para o emprêgo da anaptixe ([55]), em parte explicado pela lentidão do falar ervedosense.

Absorpção do *b* dá-se em *tamãĩ* <> *também,* fenómeno que também se observa no galego *tamén* ([56]), no mirandês *tamiẽ* e na forma *tamién* usada em alguns dialectos espanhóis ([57]).

CH, X, G = J e J

Já a propósito da semi-vogal *i,* apontei alguns casos em que esta semi-vogal se desenvolve devido à presença daqueles fonemas palatais.

Dou aqui a lista das palavras que encontrei no meu vocabulário, nas quais se verifica êste fenómeno:

ãicho (adj.) — Ancho, envaidecido (Cfr. gal. *ancho)* ([58]).
ãicho, -es, -e, etc. (Formas rizotónicas do verbo *incher).*
ãijo (s. m.) — Anjo (Neste vocábulo, também pertencente ao português literário, o *i* é originário, segundo a opinião do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos ([59]).

arrãijo (s. m.) — Conjunto de haveres, sobretudo bens rurais, que permitem a alguém viver modestamente; ex.: «Êl inda tãi o seu arrãijo».

cõicho (adj.) — Muito envaidecido (Aparece também como adjectivo na locução *sapo cõicho*, comum ao galego ([60]), para designar o *cágado*. O étimo é, portanto, *concha)*.

desmãicho (s. m.) — Abôrto.

fərrãicho (s. m.) — Palavra ouvida na frase «Siga o fərrãicho!» <> «Siga o rancho!» Julgo, por isso, que fərrãicho é uma amplificação de *rãicho* <> *rancho,* talvez por cruzamento com *fərracho* <> instrumento ou pedaço de ferro ferrugento, inútil. Será?

frũicho (s. m.) — Pequena borbulha na pele (<*furúnculo;* cfr. gal. *f(u)runcho)* ([61]).

gãicho (s. m.) — Gancho.

rãichada (s. f.) — Rancho, grupo de trabalhadores rurais, sem distinção de sexos.

scãicha (s. f.) — Acção de afastar muito as pernas, como para atravessar uma vala (<*scãichar* <> *escanchar)*.

A mesma assimilação se verifica nos vocábulos derivados dêstes ou seus afins; pelo que pode estabelecer-se a seguinte regra: — «Quando as vogais nasais *ã, õ, ũ* precedem imediatamente as consoantes ântero-palatais fricativas ([62]), estas originam o aparecimento da semi-vogal palatal *i* que serve de fonema de ligação entre aquelas duas espécies de fonemas.»

Idêntico fenómeno se observa após as vogais orais tónicas quando estas precedem *g* = *j* e *j*; ex.: *caije (caijo* e *acaijo)* ([63]), *seija, fóijes, fuijo*, e nas terminações *-aige* <> *-agem* e *-uige* <> *-ugem;* ex.: *linguaige* ([64]) <> *linguagem, feluige* ([65]) <> *felugem* (metátese de *fuligem)* ([66]).

*

Já no comêço dêste capítulo afirmei que, em ervedosense, a pronúncia do *ch* é sempre explosiva. É claro que a linguagem que estudo aqui é apenas a do povo analfabeto, pois as pessoas que já alguma vez passaram pela escola teem a pronúncia um pouco modificada, em virtude da acção educativa dos professores. Contudo, mesmo entre estas, não é raro ouvir-se a pronúncia do *ch* em *chá* e *chão* com intensidade equivalente à do mesmo fonema no inglês *child.*

Não quere isto dizer que os ervedosenses sejam incapazes de, sem grande esfôrço, proferir o fonema sonoro correspondente àquele; ao contrário do que se deu com as sibilantes línguo-dentais, que se confundiram, o *x* em ervedosense mantém a sua pronunciação muito distinta do *ch;* bastas vezes ouvi proferir *inxada* <> *enxada* de modo absolutamente inconfundível com *inchada* (em frases como esta: «Tens a cara inchada»). Da mesma forma pronunciam *inxaugar* <> *enxaguar, inxuto* <> *enxuto, inxàbido* <> *enxabido, caixa, caixão,* etc. Só encontrei uma excepção: *chicra* <> *xícara,* talvez devido à influência de *Chica* <> *Francisca.*

*

Devo referir-me aqui a dois vocábulos a que já aludi, ao tratar da vogal nasal *ã: jəntiaga* <> *gentiaga* e *jentar* <> *jantar.*

No primeiro esperar-se-ia *jantiaga,* pela consciência da derivação de *jante* <> *gente;* houve, porém, abrandamento de *ã* em *ə,* talvez por se tornar átona aquela vogal e devido à influência do fonema *j* precedente. Digo *talvez* porque neste caso, como em muitos outros, os meus conhecimentos de glotologia são nìmiamente escassos para que eu tenha a veleidade de me convencer de que as suposições que apresento teem base scientífica indiscutível.

Em *jentar* <> *jantar,* se a passagem de *ã* a *ẽ* não puder explicar-se pela acção do *j* inicial, há o recurso da atribuïção à influência do português popular doutras regiões (67), nas quais também se diz *jentar.* No galego (68) existe, igualmente, esta forma.

Há ainda dois vocábulos em que me parece ter o *j* influído na modificação sofrida pela vogal que o segue; são êles:

jinéla < **jenéla* < *janéla;* e
jinêlo < **jenêlo* < *janêlo.*

Ambos atravessaram as mesmas fases: primeiro, dissimilação de *a-é* e *a-ê,* a qual produziu *e-é* e *e-ê;* depois, atracção do fonema *e* pelo *j* que o palatizou tornando-o *i* (69).

Ç, SS, -S- e Z

Em dada época da sua evolução, esta linguagem, patenteando predilecção pela pronúncia dos *ss* e do *-s-* intervocálico beirões, aproximou tanto dela a prolação do *ç* e do *z*, que esta última foi absorvida, desaparecendo da bôca dos ervedosenses (incultos, bem entendido) a faculdade de emissão dêstes fonemas. Desta absorpção fonetica, resultou proferir-se *fijér* <> *fizer* exactamente como *quijér* <> *quiser* e *pujér* <> *puser*.

A passagem do *z* a *-s-* ficou indicada; a de *-s-* a *j* é fácil de compreender pela continuação da palatização que naquela primeira passagem começara. Fonemas vizinhos fàcilmente se confundem. E assim se explicam aquelas transformações, bem como as que sofreram vocábulos como *rejestir* e *curjidade*.

O primeiro, em virtude da dissimilação *e-i*, passou pela forma intermediária *resestir* ([70]) que ainda hoje, a par daquela, vive na bôca das pessoas semi-cultas influenciada pela escola e pelos jornais. Estas mesmas pessoas também pronunciam *curzidade*, forma encurtada (resultante de síncope) de *curiosidade*, a qual pela palatização do *z* deu o vocábulo popular *curjidade*, donde o povo depois derivou normalmente *curjidoso* <> *curioso*.

Paralelamente, os *ss* passaram a *x*; ex.: *dixér* <> *disser*, *troixér* <> *trouxer* *(x = ss)*, *inxinar* <> *ensinar*.

De modo que, resumindo, a evolução das sibilantes, em ervedosense, foi:

ss, ç > ss > x, -s-, z > -s- > j.

É claro que nem sempre se completou esta evolução; razão por que, naquele falar, se encontram *ss* a par de *x* e *-s-* a par de *j*.

E já agora creio que ela não prosseguirá, porque a acção escolar e o aumento de meios de comunicação com o resto do país irão apagando, a pouco e pouco, estas características dialectais ([71]).

*

Ainda aqui vou mencionar dois casos de palatização da nasal *n* seguida da semi-vogal *i*, casos de evolução paralela à do mirandês e do português popular doutras localidades ([72]):

Antónho <> *António* (mir. e port. pop. *Antonho)*; e
demónho <> *demónio* (mir. e port. pop. *demonho)*.

*

Da palatização do *l* por influência do *i* seguinte, já apontei dois casos, quando tratei das labiais *b* e *v*: *movilha* <> *mobília* e *movilhar* (< *movilha)* <> *mobilar*. Convém juntar-lhes *atansilhos* <> *utensílios*, vocábulo a que me referi, ao tratar do *ã*.

*

E, para terminar estas ligeiras observações sôbre as principais diferenças que, no consonantismo, se notam entre o ervedosense e o português normal, apresentarei dois vocábulos em que aparece a gutural *g* em condições excepcionais:

gómito <> *vómito* (e o seu derivado *gomitar* ([73]) <> *vomitar)*; e
gorrêta.

A mudança do *v-* em *g-* no primeiro vocábulo, embora pareça devida ao mesmo processo fonético que outrora transformou *verra*, *visa*, *vardar* e *Vimaranis* em *guerra*, *guisa*, *guardar* (erv. e gal. *gardar)* e *Guimarães* ([74]), é provàvelmente resultante de comparação efectuada com o som emitido involuntàriamente no acto de vomitar (processo onomatopaico).

O segundo vocábulo, *gorrêta*, emprega-se para designar qualquer caminho sem curvas, muito declivoso e apertado entre muros ou montes.

Comparando esta palavra com *Orrêta* (cfr. mir. *öurreta* ou *öurrieta)* ([75]), tanto a sua pronunciação, como a ideia que expressa «valle profundo entre montes, e com mui estreita margem, que apenas admite poucas fiadas de oliveiras ou outras árvores» ([76]), surpreende-nos a analogia de significa-

ção existente entre elas aumentada pela paridade das terminações.

De que modo, porém, se teria desenvolvido o *g* inicial? Por influência da vogal labial *o̭* <> *ṷ*?

Alguns exemplos de alterações fonéticas idênticas às que ocorrem no português normal

Para não alongar desnecessàriamente esta lista, omitirei a maior parte dos vocábulos a que já fizesse referência nas páginas precedentes.

ASSIMILAÇÃO

alfo̭nête (s. m.) — Alfinête (A forma intermediária foi *alfenête*, vocábulo que também se usa em Ervedosa. O ensurdecimento do *i* nesta forma seria também devido à vizinhança da labial, como a passagem de *e* para *o̭*?)

bo̭ber (v. i. e t.) — Beber (Por atracção do *b* inicial. Forma comum ao galego) ([77]).

bo̭rbo̭rêta (s. f.) — Borboleta (Por influência do *r* antecedente. Da forma *bərbo̭rêta* tratarei no parágrafo dedicado à *dissimilação)*.

condanar (v. t.) — Condenar (Sôbre a acção do *n* na vogal precedente, veja-se o que fica dito acêrca da vogal nasal *ã*. No galego também se encontra êste vocábulo) ([78]).

fo̭rmanto (s. m.) Fermento (Assimilação do *ḙ* pela labial inicial; cfr. *alfo̭nête*. No galego existe *formento* ([79]), bem como *formentar* ([80]) <> erv. *fo̭rmantar)*.

gro̭vata (s. f.) — Gravata (Forma devida à influência do *v* sôbre o *a* antecedente; cfr. *lo̭var)*.

imbigo (s. m.) — Umbigo (Através da forma *embigo* que perdura no galego ([81]). Da transformação do *ẽ* átono em *ĩ*, já falei atrás. A não ser que o étimo seja o latim vulgar *imbilicus* ([82]). «Forme sporadique», lhe chama o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos) ([83]).

inguanto (s. m.) — Ungüento (Em documentos galegos ainda aparece a forma *engüento*, pela qual se passou para a actual forma comum ao galego e ao ervedosense) ([84]).

lovar (v. t.) — Levar (Assimilação regressiva do *v* sôbre o *e*. O mesmo aconteceu no galego [85]. Êste verbo também é usado intransitivamente com o sentido de «apanhar pancadas», «ser sovado»).

piadade (s. f.) — Piedade (Por atracção do *a* tónico. Esta forma também existe no português popular doutras regiões [86] e no galego) [87].

premeter (v. t.) — Prometer (Assimilação regressiva do *e* sôbre o *o*).

promeiro (numeral ordinal) — Primeiro (Por influência da labial *m*, talvez auxiliada também pela inicial *p*. Esta forma é comum ao mirandês) [88].

queculo (s. m.) — Cogulo (Talvez por analogia com o vocábulo *quecote*, do qual mais adiante falarei, deu-se a assimilação progressiva *c-c* de *c-g*, por intermédio da forma dissimilada *quegulo*. Daquela deriva o verbo *aquecular* < < *acogular)*.

romandar (v. t.) — Remendar (Por influência da consoante labial *m*, a vogal gutural *e*, transmudou-se na labial *o*. Cfr. galego *romendar* [89]. O mesmo fenómeno se deu em *romando* (s. m.) — *remendo)*.

romédio (s. m.) — Remédio (Tem explicação igual à que dei para o vocábulo precedente. Em galego também existe esta forma [90]. Do verbo *romedear*, comum ao galego [91], o ervedosense formou o substantivo *romedeio* que tem a significação de *remédio* no sentido figurado, de auxílio; ex.: «Aquele hêrdo [92] é um leve romedeio» <> «Aquela herança é apenas uma pequena ajuda»).

rôr (s. m.) — Grande quantidade (De *ról*, por assimilação ao *r* inicial, tendo-se mudado o *o* aberto em fechado, talvez por analogia com as palavras terminadas em *ôr)*.

somana (s. f.) — Semana (Cfr. *romandar*. Esta forma também se encontra no galego e no português popular doutras regiões) [93].

soparar (v. t.) — Separar (V. as observações feitas ao vocábulo antecedente).

strumo (s. m.) — Estrume (Assimilação progressiva *u-o*. Sôbre a aférese do *e*, ver o parágrafo em que trato dêste fenómeno.

tanazas (s. f. pl.) — Tenaz (A mudança do *e* protónico em *a* foi devida à influência do *n* vizinho, fenómeno a que já

aludi. A terminação *as* formou-se por analogia, com a de *tisoiras* <> *tesoira*, pois aquela palavra, como esta, pertence à categoria dos *pluralia tantum* populares. Em ervedosense também se diz *truquêsas* <> *turquês*. «São uma espécie de dual», diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos [94], «por corresponderem a objectos constituídos por duas partes simétricas». Em galego também se encontra *tanazas)* [95].

zenir (v. i.) — Zunir (O *e* substituiu o *u* por a atracção do *z*, fonema que é mais vizinho do *e* e, portanto, mais fácil de proferir).

DISSIMILAÇÃO

Àgusto (s. p. m.) — Augusto (Houve síncope da subjuntiva no ditongo *au* por influência do *u* tónico, resultando de *au-u*, por dissimilação *à-u*. A mesma forma existe no mirandês e nos falares doutras regiões de Portugal) [96].

amerôso (adj.) — Macio (De *amoroso*, por dissimilação *e-o* de *o-ô*. A mudança de sentido é de fácil compreensão).

arrigar (v. t.) — Arrancar (Embora, à primeira vista, pareça ter esta forma resultado, por dissimilação, das formas populares *arrencar* e *arrincar* [97], o seu verdadeiro étimo é, segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, o lat. *eradicare)*.

arromedar (v. t.) — Arremedar (A-pesar-de o resultado aparente ser o da dissimilação *o-e* de *e-e* — e por isso menciono aqui êste vocábulo —, parece-me, contudo, que o fenómeno que nele se operou foi o da assimilação do primeiro *e* pelo *m* vizinho tornando-o *o*, como em *romandar*, *romédio*, etc. Em galego aparece a forma *romedar)* [98].

Bárbora (s. p. f.) — Bárbara (Neste vocábulo também devem ter concorrido, para a sua actual forma em ervedosense, a dissimilação *á-o* de *á-a* com a assimilação dêste *a* pelo *b* contíguo tornando-se na vogal labial *o*. É, no meu entender, outro caso de dissimilação aparente e assimilação real).

bərborêta (s. f.) — Borboleta (Da forma *borborêta*, já mencionada no parágrafo consagrado à assimilação, resultou aquela pela dissimilação *ə-o* de *o-o*. O Sr. Dr. J. Leite de

Vasconcelos (99) apresenta a forma *barboleta*, como tendo resultado da intermediária **berboleta* por influência do *r*. Em Ervedosa apenas ouvi as duas formas apontadas — *borborêta* e *bərborêta* —, o que, porém, de modo algum invalida aquela explicação; pelo contrário é muito natural que entre estas duas formas tenha havido uma outra intermediária **berborêta*. Sôbre a passagem do *e* antes de *r* a *ə*, ver o parágrafo dedicado a êste fonema e confrontar, adiante, *mərmurar*).

cambóio (s. m.) — Combóio (Dissimilação *ã-ói* de *õ-ói*. Por influência dos vocábulos que começam por *camb-* — *cambar*, *cambalear*, etc. —, sobretudo de *cambǫar* ou de *acambǫar* — cfr. *comboiar* — que significa, em Ervedosa, «puxar a um carro com mais duma junta de bois, para subir ladeira íngreme?»)

castinheiro (s. m.) — Castanheiro (Aparentemente, também se manifesta aqui uma dissimilação: *â-i*; creio, porém, que juntamente com a aversão natural pela repetição de sons iguais ou semelhantes (100), se deu a atracção do fonema palatal *nh* assimilando a vogal vizinha anterior, do que resultou a transformação desta na palatal *i* (101). Em *castanha* esta assimilação não se realizou, por ser tónica a vogal a que me refiro. Em galego também há a forma *castiñeiro*) (102).

chicolate (s. m.) — Chocolate (Garcia de Diego (103) explica esta forma, comum ao galego, pela atracção do fonema *ch*, pois, diz êle: «la palatal prefiere *i* para sílaba inicial sea cualquiera la vocal originaria». E assim confirma o que eu disse a propósito de *jinela* e *jinêlo*. Tenha, embora, sido esta forma devida a uma assimilação, o facto que à primeira vista se observa é o da dissimilação *i-ǫ* de *ǫ-ǫ*. Por isso a incluo neste parágrafo).

cǫlandário (s. m.) — Calendário (Êste vocábulo é de formação recente e resultante do convívio com pessoas cultas ou semi-cultas. Doutro modo, ter-se-ia dado a metátese *-airo* de *-ário*, ou apresentaria mesmo *-eiro*, se tivesse sido criado nos primeiros tempos da língua. A dissimilação *ǫ-a* não aparece no galego que deu a êste vocábulo a forma epentética *calandrario* (104). Também ouvi, em ervedosense, *cǫlandrário*, mas apenas uma vez, pois a pronúncia geral é *cǫlandário*. A passagem de *ẽ* a *ã* já foi explicada ao tratar desta vogal nasal).

fantesia (s. f.) — Fantasia (Forma comum ao português popular, ao mirandês ([105]) e ao galego. Parece-me, todavia, que, neste último idioma, tem o *e* aberto, o qual Diego ([106]) atribúi à influência da tónica *i*. Em ervedosense o *e* sôa surdo, o que me leva a crer que esta forma resultou da dissimilação de *ā-a* em *ā-e).*

Fedrico (s. p. m.) — Frederico (Como a tôdas as palavras de importação ou formação erudita, o povo infligiu inconscientemente a êste vocábulo as alterações indispensáveis para poder fàcilmente servir-se dêle. Assim, primeiramente, efectuou a síncope do *r* da primeira sílaba, do que resultou uma forma idêntica à que se usa na Espanha: *Federico* — dissimilação total ([107]) —. Depois, o povo prosseguiu na sua inconsciente tarefa de dissimilação e suprimiu o *e* que separava o *d* do *r*. Ficou dêste modo a forma *Fedrico* que se encontra também no português popular doutras regiões).

fertuna (s. f). — Fortuna (Neste vocábulo e no seguinte, a repulsão à semelhança de sons vizinhos foi mais poderosa que a atracção exercida pela consoante inicial. Do que resultou a dissimilação *e-ú* de *o-ú*. A mesma forma existe no mirandês ([108]) e no galego) ([109]).

feturo (s. m.) — Futuro (V. observação precedente e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Dialectologie», p. 103. Desta forma derivou o verbo *feturar* que, em Ervedosa, se emprega com o sentido de *supor).*

friolanto (adj.) — Friorento (Dissimilação de *r-r* em *r-l*. A troca entre vibrante e lateral dá-se, às vezes, por analogia e confusão; um exemplo disto está no vocábulo *sonoranto* <> *sonolento* que não pode explicar-se por dissimilação, mas talvez por confusão dos sufixos *-lanto* e *-ranto*. Era êste último o de **friorante*, forma que precedeu *friolanto*. O *ã* por *ẽ* já ficou explicado).

manhê (s. f.) — Manhã (Não sei a que atribuir esta dissimilação *â-ê*, quando se devia esperar *e-ã*, como aparece noutros falares portugueses ([110]). Os ervedosenses também dizem *manhezinha* na acepção de madrugada; ex.: «*Fui lá de manhezinha*» <> «*Fui lá ao amanhecer*». O mesmo fenómeno se observa em *àmanhê* <> *àmanhã).*

mermurar (v. i.) — Mermurar (Deu-se primeiramente a dissilação *e-u* de *u-u*, idêntica à de *feturar*. Depois sob a acção

do *-r-*, o *e* mudou para *ə*, como em *bərborêta*. Eis a evolução seguida *murmurar* > * *mermurar* > *mərmurar)*.

meroiço (s. m.) — Montículo feito com as pedras que tiram da terra ao lavrá-la ou cavá-la (De *moroiço*, por dissimilação. No onomástico de Vila do Conde ([111]), aparece o vocábulo *Maroiço*. Não me parece, porém, que possa admitir-se esta forma como intermediária entre *moroiço* e *meroiço*, visto que não se conseguiria explicar a passagem de *a* a *e* antes de *r* — eu pelo menos não o sei —, fenómeno inverso do que é característico do ervedosense, como apontei ao tratar do fonema *ə*. O derivado *immeroiçar* significa «amontoar desordenadamente quaisquer objectos»).

nagalho (s. m.) — Cordel para atar sacos (Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ([112]), o étimo dêste vocábulo é o arcaico *legalho* que se transformou em *negalho*, por dissimilação de *l-lh*. Mas a que foi devida a passagem do *e* a *a*? A assimilação do *n*? Diego ([113]) diz: «En sílaba inicial [*n*] puede convertir en *a* la *e* siguiente». Contudo, em ervedosense, não conheço mais nenhum vocábulo onde tal fenómeno se dê. Relacionado com êste vocábulo, pois é derivado dêle, está o verbo *anagalhar* que tem significação muito lata e emprêgo muito freqüente: usa-se nas acepções de *fazer*, *compor*, *vestir*; ex.: «Anagalha lá isso!» <> «Faze lá isso!» «Que mal anagalhada que vens!» <> «Como vens mal composta [vestida, penteada]!»)

nambro (s. m.) — Membro (Se esta dissimilação se efectuou depois de o segundo *m* ter sido reduzido a simples ressonância nasal — fase que ainda perdura em ervedosense —, não creio que a dissimilação tenha sido de *m-m* para *n-m*, a-pesar-da autorizada opinião do Sr. Dr. J. J. Nunes ([114]). Pronunciando-se êste vocábulo *mẽbro*, ou já *mãbro*, a dissimilação ter-se-ia operado de *m-b* para *n-b*, forma que ainda hoje se ouve da bôca de ervedosenses analfabetos. É a manutenção do arcaico *nembro* ([115]), forma que também perdura ainda no galego ([116]). Sôbre a passagem de *ẽ* a *ã* é escusado insistir).

pantomina (s. f.) — Pantomima (Por dissimilação de *m-m* para *m-n* ([117]). Em Ervedosa, no singular, dão a êste vocábulo o sentido de «habilidade de palhaço, principalmente a volta do corpo, tendo a cabêça como ponto de apoio no

chão»; no plural, empregam esta palavra com a significação de «exibição de palhaços» ([118]). Dela derivaram *pantomineiro:* «palhaço, funâmbulo» e, daí, «hipócrita, falsário, burlão», — evolução semântica; ver a obra citada nesta observação — ; e *pantominice:* «hipocrisia, falsidade, burla» — o sufixo *-ice* é muito da predilecção dos ervedosenses —).

Pertugal (s. p. m.) — Portugal (Dissimilação *e-u* de *o-u*, como om *fertuna* e *feturo*, a que já fiz referência. A mesma forma aparece num documento português do séc. XVI ([119]). Cfr. também a forma mirandesa *Pertual* ([120]). Idênticamente se explica *pertuguês).*

pírula (s. f.) — Pílula (Esta forma, resultante da dissimilação *r-l* de *l-l*, encontra-se também no português popular doutras regiões ([121]).

quecote (s. m.) — Nuca *(*De *cocote*, forma sincopada de **cocr'ote* < *cocorote*, por *cocuruto*? De **cacote* < *caco* <> *cabêça?)*

quegulo (s. m.) — Cogulo (Dissimilação *e-u* de *o-u*. O mesmo se dá no vocábulo *aquegular*, derivado daquele, <> *acogular).*

quercova (s. f.) — Reintrância na nuca, também intitulada, em ervedosense, *còvinha do ladrão* ([122]) (De *corcova*, por dissimilação *e-ó* de *o-ó*; cfr. *redor* < *rodor*. A mudança de sentido de *protuberância*, *giba*, para *reintrância*, *concavidade* parece-me devida a etimologia popular, pois o povo aproximou êste vocábulo de *cova* e deu-lhe significação idêntica à dêste).

questume (s. m.) — Costume (V. *quegulo*. Do mesmo modo, *aquestumar* e *questumar*. Cfr. também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 121).

Rabolêdo (s. p. m.) — Reboredo — nome de propriedade rústica — (De *Roboredo*, através das formas *Reboredo* — existente no onomástico de Ponte da Barca ([123]) — > *Rebolêdo* — vocábulo galego ([124]). Como da dissimilação *e-o* se passou para *a-o*, não sei explicar. Por influência do *r* inicial? Por analogia com outros vocábulos que principiam por *rab-?)* ([125])

ralo (adj.) — Raro (Dissimilação de *r-r* em *r-l*. Esta forma existe também no português popular doutras regiões, no espanhol antigo e no mirandês) ([126]).

repaz (s. m.) — Rapaz (Esta dissimilação *e-á* dá-se principalmente no vocativo — «Ó repaz!» «Anda cá, repaz!» —, quando proferido com ritmo mais rápido que o usual. Fora dêste caso, a pronúncia vulgar é ainda *rapaz).*

rezão (s. f.) — Razão (Neste vocábulo não se nota a oscilação indicada na observação anterior. A dissimilação *e-ã* é constante) ([127]).

saluço (s. m.) — Soluço (Dissimilação *a-u* de *o-u*. A preferência do fonema *a* para esta dissimilação será talvez devida a atracção exercida pelo *l* ([128]). Desta forma deriva *saluçar)* ([129]).

samear (v. t.) — Semear (Dissimilação de *e-e* em *a-e)* ([130]).

scândola (s. f.) — Ofensa, motivo de queixa (De *escândalo*. Creio que a metátese recíproca de *a* e *o* foi devida à influência dissimiladora da vogal tónica *ã*. Depois, a vogal final *a* provocaria a mudança do género gramatical. Terá sido assim? Da aférese do *e-* falarei mais adiante).

secorrêr (v. t.) — Socorrer (Também no galego ([131]) existe esta forma fàcilmente explicável pela dissimilação *e-o* de *o-o*. Relacionado com êste vocábulo está o substantivo *secôrro* <> *socôrro*, no qual se verifica o mesmo fenómeno).

selada (s. f.) — Salada (Forma também existente no português popular doutras regiões) ([132]).

stepôr (s. m.) — Estupor: nome injurioso dirigido a qualquer pessoa ou coisa (Além da aférese do *e-*, devida à situação do *s* — *s* impuro —, houve a dissimilação *e-ô* de *u-ô).*

stordegar (v. t.) — Estortegar (Também neste vocábulo, comum ao galego ([133]), houve aférese do *e-*, além da dissimilação *t-d* de *t-t).*

testão (s. m.) — Tostão (Forma que também se encontra no português popular doutras regiões, bem como o plural *testões*. Embora presentemente nos pareça resultante duma dissimilação, ela de facto não o é, pois, segundo a opinião de eruditos filólogos, o seu étimo é *teston)* ([134]).

trevão (s. m.) — Trovão (Suponho esta forma influenciada pelos vocábulos *trevoada* <> *trovoada* e *trevoar* <> *trovoar*, nos quais se deu a dissimilação de *o-o* em *e-o*, não obstante a vizinhança da labial *v).*

véspora (s. f.) — Véspera (Ainda que, aparentemente, se observe

a dissimilação *é-o* de *é-e*, na realidade o que sucedeu foi a assimilação da vogal *e* pelo *p*, transformando-a na labial *o*. Em galego há a palavra *véspora* significando *vêspa*, pelo que vi nas citadas obras de Garcia de Diego [135], de Lugris Freire [136] e de Santiago y Gómez [137]; em *ante-véspera* [132] tem a forma e o sentido do português).

METÁTESE

-airo (sufixo nominal) — *-ário* (Aparece em alguns vocábulos de formação relativamente recente, porque, nos mais antigos, o ditongo *ai* apresenta-se abrandado em *ei*. Deixando de lado *vigairo* — também galego — *contrairo* e mais algumas formas que se encontram também no português popular doutras regiões, mencionarei aqui apenas o vocábulo *Rosaira*, nome próprio de mulher que corresponde a *Maria do Rosário*. A qualquer mulher ou criança que tenha sido registada com êste nome, o povo ervedosense chama abreviadamente *Rosaira*. No meu entender, começou por encurtar o nome, preferindo, para melhor particularização, empregar apenas o segundo, visto que *Maria* é mais vulgar do que *Rosário*; mas, pela conhecida tendência popular de feminizar nomes masculinos, quando com êles quere designar pessoas do sexo feminino que os usam — ex.: *Monteira*, *Caracola*, *Miragata*, etc. —, transformou aquele nome em *Rosária*, palavra que ainda hoje empregam algumas pessoas que se prezam de cultas; por fim, deu-se a metátese, tão vulgar no sufixo *-ário*, e assumiu a forma actual *Rosaira*. A evolução lat. *-ariu-* > *-airo* > *-eiro* é um fenómeno comum ao português normal e ao galego).

auga (s. f.) — Água (Esta forma é comum a vários dialectos portugueses, ao mirandês [139] e ao galego [140], sendo, portanto, muito conhecida esta metátese. Dela derivaram *augàrdante* <> *àguardente* — cfr. gal. *augardente* [141] — e *inxaugar* <> *enxaguar* — cfr. gal. *enjagoar* [142] —).

bêldros (s. m. pl.) — Bredos (Neste vocábulo que ouvi sempre no plural — como *mantrastos*, *oirégos*, *baldroegas*, etc. —, observam-se duas alterações: metátese do *r* e epêntese do *l*. Parece-me que foi esta a evolução seguida: *brêdo* > *bêdro* [143] > *bêldro*. A epêntese será talvez devida a cru-

zamento com a palavra *beldroega*, efectuado quando êste vocábulo se pronunciava assim; porque, actualmente, neste último vocábulo, graças à atracção do *l*, deu-se a transformação do *e* em *a*, do que resultou a forma *baldroega*, única de que o povo se serve. Êste vocábulo assim modificado existe também já como apelido, em Ervedosa) (144).

bicabornato (s. m.) — Bicarbonato (Metátese, a meu ver, resultante da atracção da vibrante *r* pela línguo-dental *n*. Êste mesmo fenómeno se observa nas formas, que ali também ouvi, *bitabornaco*, *bitabornaque* e *bitabernaque*, nas quais se nota ainda a metátese recíproca das oclusivas *c* e *t*. Nas duas últimas variantes, aparecem os *oo* substituídos por *ee*, talvez devido a assimilação da gutural *c*. Seria esta a evolução: *bicarbonato* > *bicabornaco* — por atracção do *n* — > *bitabornaco* — metátese devida a quê? — > *bitabornaque* — assimilação progressiva do *c* — > *bitabernaque* — assimilação regressiva do *e* sôbre *o*? —).

chêpa (s. f.) — Pecha, defeito (Metátese recíproca entre o *p* e a africata *ch* de *pecha* que já então se pronunciaria *pêcha*, ou pela acção do fonema palatal *ch*, ou por influência de palavras que teem *pê* inicial: *pêca* — feminino de *pêco* —, *pêga*, *pêta*, etc. Cfr. *choupo* < * *poucho* < lat. *pop(u)lu-)*.

dávida (s. f.) — Dádiva (É provável que para esta metátese recíproca muito tivesse contribuído a conhecida tendência para afastar, modificar ou suprimir sons iguais ou semelhantes).

Delovina (s. p. f.) — Ludovina (Houve primeiramente a dissimilação *e-o* de *u-o*, tendo resultado * *Ledovina*. Deu-se então a metátese entre o *l* e o *d*, e ficou a forma actual).

dromir (v. i.) — Dormir (Esta metátese só se verifica nas formas arrizotónicas: *dromimos*, *dromides*; mas *durmo*, *dormes*, *dúrmamos*, *dórmãĩ*, etc.).

fərnesim (s. m.) — Frenesi(m) (Creio que deve ter-se dado a metátese entre *r* e *e* antes da passagem dêste *e* a *ə*, para poder explicar-se esta troca vocálica pela acção do *r* seguinte. Seria, pois, esta a evolução: *frenesim* > * *fernesim* > *fərnesim*. Se quiser tomar-se * *franesim* como têrmo intermediário, terá de admitir-se a dissimilação *a-e* de *e-e*. E que lei fonética o autoriza?)

fərnétigo (adj.) — Frenético (Deve ter atravessado a evolução

indicada para o vocábulo antecedente. O abrandamento do -*c*- intervocálico foi fenómeno muito freqüente no português arcaico. Em galego encontra-se a forma *farnético)* ([145]).

feluige (s. f.) — Fuligem (Embora esta metátese se tenha dado também no português normal — Gonçalves Viana já incluiu *felugem* no seu Vocabulário —, entendi que devia mencioná-la aqui, mesmo só para documentação. Suponho que êste fenómeno teve lugar no português arcaico, durante o período de evolução paralela à do galego, pois neste idioma também existe a mesma forma ([146]) com a apócope do *m*, como em ervedosense. A evolução teria sido: lat. *fuligine-* > * *filugine* > * *felugẽe* > *felugẽ* — ortografado *felugem* — > *feluge* > erv. *feluige*, pelo desenvolvimento do *i* de que já falei quando me referi aos fonemas consonânticos palatais).

fremoso (adj.) — Formoso (Deu-se primeiro a dissimilação *e-ô* de *o-ô*, como o atestam o português arcaico *fermoso* ([147]), o mirandês ([148]) e o galego ([149]) que possuem a mesma forma. Seguiu-se a metátese recíproca de que resultou *fremoso*, forma que também existiu no português arcaico ([150]) e que ainda existe no galego) ([151]).

friesta (s. f.) — Festra, fresta (Êste vocábulo já aparece com estas três formas no Vocabulário de Gonçalves Viana. Menciono-o, porém, porque a forma usada em Ervedosa é ou foi comum ao galego ([152]) e ajuda a explicar a forma *fresta* que julga ser a mais vulgarizada. Eis os estádios que êste vocábulo tem atravessado: lat. *fenestra-* > *feestra* > *fiestra* ([153]) > *friesta* — por metátese — > *fresta* — em virtude da tendência que teem os ditongos crescentes para se reduzirem a vogais, pela absorpção da subjuntiva pela base ([154]). A forma *festra* deve ter resultado da crase dos *ee* da forma arcaica *feestra)* ([155]).

gorvata (s. f.) — Gravata (Também esta forma já se encontra no Vocabulário de Gonçalves Viana. Cito-a, todavia, porque ouvi, em Ervedosa, também a forma intermediária *grovata*. Poderá, portanto, reconstituir-se a sua evolução: *gravata* > *grovata* — por assimilação do *a* a *o* pela labial contígua, embora o fenómeno aparente seja a dissimilação — > *gorvata* — metátese a que talvez não tenha sido estranha a analogia com algumas palavras que começam

por *gor* e *gar*; ex.: *gorgôlo, gorgolejar, gorgomilo, gargalheira, garganta, gargarejar* —).

gurrinha (s. f.) — Ruga (De *ruguinha*, por metátese recíproca entre a gutural *g* e a vibrante forte que passou a ser representada por *rr*, em virtude da sua nova posição intervocálica. Nesta forma tomou origem o verbo *engurrinhar* <> *enrugar*. No galego encontrei *engurrar* e *enrugar* (156), com o mesmo sentido do português, e *desengurrar*) (157).

Loimil (s. p. m.) — *Leomil* (Visto que, em *Leomil*, o *e* sôa como a semi-vogal *i*, houve aqui a passagem do ditongo átono crescente a átono decrescente. Não sei explicar esta mudança que também se realizou no galego, onde se encontra a mesma forma (158). Devo acrescentar que só ouvi pronunciar uma vez êste vocábulo).

Madanêlo, -a (s. p.) — Apelido com que o povo designa os membros duma família, à qual deve ter pertencido outrora uma qualquer *Madalena* que deu origem àquele apelido popular (A meu ver, a metátese efectuou-se da forma feminina *Madaléna* para *Madanéla*. Depois, querendo masculinizar o apelido para maior brevidade, o povo começou a dizer *o [Antónho, João, Zé*, etc.] *Madanélo*, por *o [Antónho, João, Zé*, etc.] *da Madanéla* (159); e, provàvelmente por influência do freqüente sufixo *-êlo*, masculino de *-éla*, embora com tonalidade diminutiva — ex.: *jinêlo, jinéla; panêlo, panéla; coirêlo, coiréla* —, deu-lhe a forma *Madanêlo* (160). Por fim, a forma masculina contaminou a feminina que passou a ser *Madanêla*. Esta metátese também se deu no português popular doutras regiões (161) e no galego (162), idiomas que possuem a forma *Madanela*. Actualmente já, em ervedosense, se não efectua esta metátèse, pois, a par com aquelas formas *Madanêla* e *Madanêlo* cristalizadas como apelidos populares, existe a forma *Madaléna* como nome de baptismo).

misəravle (adj.) — Miserável (Metátese comum ao mirandês, o qual tem a forma *misarable* (163). A passagem do *e* a *ə* foi devida à influência do *r* seguinte. Também pode supor-se derivado, por síncope, da forma paragógica *miseravele*. Outro vocábulo com a terminação *-avle* encontrei em ervedosense: *é cadavle*, derivado de *cadáver*, forma em que houve troca de vibrante por lateral, fenómeno inverso do

que se deu em *sonoranto* <> *sonolento*, ao qual me referi ao tratar do vocábulo *friolanto).*

ódio (s. m.) — Iodo (Ouvido só na locução *tintura d'ódio* <> *tintura de iodo.* Será devida esta metátese a comparação com a palavra *ódio* <> *rancor?)* ([164]).

pertandêr (v. t.) — Pretender (Metátese que também aparece no galego *pertender* ([165]), talvez devida à influência de *pertencer.* O mesmo fenómeno se nota nas palavras aparentadas *pertandante* e *pertansão).*

píveda (s. f.) — Pevide; palhêta dos instrumentos de sôpro (É esta outra forma que — como *ódio, gázia* e *hástia* — contraria a regra, pois o povo prefere os vocábulos graves. Na tantas vezes citada obra de Diego, encontrei a forma *píbeda,* a p. 79, e a correspondente *pebida* — que êle diz derivar do lat. *pituita* —, na mesma página e na 168).

prove (adj. e s.) — Pobre (Comum ao português popular doutras regiões e ao arcaico ([166]), esta forma não necessita de que eu me alongue em considerações. No mirandês e no galego, há *probe)* ([167]).

profeição (s. f.) — Perfeição (Após a metátese, talvez devida à acção do grande número de vocábulos que teem *pre* inicial houve a assimilação regressiva da *labial* contígua — e talvez também a progressiva da *labial* inicial —, transformando o *e* em *o.* Foram, portanto, estas as fases que êste vocábulo atravessou: *perfeição* > *prefeição* > *profeição.* O mesmo sucedeu com *profeito.*

Quiətâno (s. p. m.) — Caitano (A forma intermediária deve ter sido *Queitano* que ainda se encontra no galego ([168]). Neste mesmo idioma, também existe, a par desta, a forma *Quietano,* como pode ver-se no «Diccionario Gallego» de Cuveiro).

rebervério (s. m.) — Reprimenda (Palavra que, a meu ver, é devida ao convívio com pessoas cultas ou semi-cultas e é de origem recente. Talvez dessem a *reverberar* a mesma significação que tem o simples *verberar;* daquele verbo teria alguém que se prezasse de culto derivado o substantivo *reverbério* com o sentido de *verberação.* Depois, por metátese, faria o povo *rebervério.* Seria assim?)

redadeiro (adj.) — Derradeiro (É curiosa esta metátese de que resulta a aproximação de sons semelhantes, a-pesar-da

predilecção que o povo manifesta pela dissimilação consonântica. Esta forma é comum ao mirandês) (169).

sastifeito (adj.) — Satisfeito (Outra metátese em que há também aproximação de sons semelhantes. Por influência de quê?)

scápula (s. f.) — Cápsula [de qualquer medicamento] (Como é regra geral no ervedosense dar-se a aférese do *e-* que vai seguido de s + consoante que não seja *s*, encontram-se neste falar muitas palavras que começam por *sc*; ex.: *scada*, *scaldar*, *scapar*, *scapulir*, etc. Foi possìvelmente por influência dêstes vocábulos que se deu a metátese apontada).

stauta (s. f.) — Estátua; pessoa muito alta (Metátese idêntica à que se deu em *auga* < *água*. Em galego encontra-se *estauta* (170). Sôbre a aférese do *ḙ-*, ver o vocábulo antecedente).

stro̭var (v. a.) — Estorvar (Como a metátese consonântica mais freqüente é a que se dá com o *r* (171), dispenso-me de explanações sôbre êste vocábulo, bem como sôbre os três seguintes. Da aférese do *ḙ-*, já falei na observação à palavra *scápula*. Os mesmos fenómenos se deram em *strôvo*, vocábulo derivado daquele).

trḙceiro (num. ordinal) — Terceiro (Esta forma também existe em mirandês (172). A metátese do *r* é idêntica à do vocábulo precedente).

tro̭cêr (v. t.) — Torcer (Sôbre êste vocábulo e os derivados *retro̭cer* e *tro̭cedela*, ver a observação referente a *stro̭var*).

tro̭manto (s. m) — Tormento (Para a explicação desta palavra e da derivada *atro̭mantar*, serve o que ficou dito acêrca de *stro̭var*; V. também o parágrafo em que tratei da vogal nasal *ã*).

truquêsas (s. f. pl.) — Turquês (A metátese do *r* já está suficientemente explicada nas observações antecedentes. A formação do plural em *-as* explica-se pela analogia com o das palavras que terminam em *-êsa* no singular: *mesa*, *riqueza*; *pḙrtuguêsa*, etc.).

PRÓSTESE

acipreste (s. m.) — Cipreste (Em galego *alcipreste* e *acipres* (174). O *a* prostético é muito freqüente no português normal; po̭r isso, apontarei aqui sòmente as palavras que não

estiverem mencionadas no Vocabulário de Gonçalves Viana).

adevertimanto (s. m.) — Divertimento (Cfr. galego *adevertimento* (175). O mesmo fenómeno se verifica em *advertir* < > *divertir).*

adumar-se (v. r.) — Vergar-se, dobrar-se; sujeitar-se (De *domar.* Represento por *u* o ǫ átono, porque o povo transforma-o em *u* acentuado nas formas rizotónicas; ex.: «*Êl nũ s'aduma*». Cfr. mirandês *adomar)* (176).

afavorecêr (v. t.) — Favorecer, ajudar (Ouvido na locução «*Deus o afavorêça!*» com que costumam despedir o mendigo a que não dão esmola).

anoz (s. f.) — Noz (O *a* é prostetico, pois, se fôsse o artigo definido, desapareceria quando antepusessem a êste vocábulo o artigo indefinido ou qualquer adjectivo determinativo. Ora eu ouvi dizer: *umànoz* < *uma anoz* < > *uma noz, duas anozes* < > *duas nozes,* etc.).

Arraúl (s. p. m.) — Raúl.

arrecebêr (v. t.) — Receber; casar com (Ex.: «*Êl já àrrecebeu*». < «*Êl já a arrecebeu*». < > «*Êle já casou com ela*») (177).

arrecuar (v. i.) — Recuar (Só menciono esta forma, que já pertence ao português normal, porque no galego também existe) (178).

arrelantar (v. t.) — Desbastar, tornar mais raro (Só ouvi empregar êste vocábulo com referência a plantas; ex.: «*Vou arrelantar as coives*». Suponho que o seu étimo é *ralo* < *raro,* ao qual foi aplicado o sufixo de sentido causativo *-ntar* (179), anàlogamente a *arrebantar* < > *arrebentar, acresçantar* < > *acrescentar,* etc., originando a forma *arralantar.* Depois, por dissimilação, deu *arrelantar).*

atopar (v. t.) — Encontrar, topar com (Também já se encontra no Vocabulário de Gonçalves Viana esta palavra; todavia cito-a aqui porque é comum ao galego, como pode ver-se nas obras citadas de Diego, a p. 125, e de Lugris Freire, a p. 129).

Igualdino (s. p. m.) — Gualdino (Esta próstese é devida à influência do adjectivo *igual* — pronúncia das pessoas cultas e semi-cultas —, tendo o povo relacionado entre si os dois vocábulos por possuírem a sílaba comum *gual.* Devo acrescentar que poucas vezes ouvi proferir êste nome,

É provável que por muitas pessoas já seja pronunciado *Igaldino;* o que eu talvez reconheça em ulteriores observações).

scontra (prep.) — Contra (De *escontra*, onde a próstese é aparente e não real, pois deriva de *ex contra*. Esta preposição também se encontra no galego) ([180]).

ANAPTIXE

alambarar (v. i.) — Arder, incendiar-se (De *alambrar* < *lambra*, palavra que, em ervedosense, significa *chama*, *labareda*. Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *lambra* < * *lamb'rêda* < *labareda).*

belusa (s. f.) — Blusa (Esta forma anaptíctica é típica para exemplificar a lentidão do falar ervedosense, que, a meu ver, é a causa principal da maioria dos fenómenos anaptícticos que vou apontar).

cáibaro (s. m.) — Caibro (V. observação anterior).

cómbaro (s. m.) — Cômoro (Desta palavra já falei, ao tratar do *b).*

cóngaro (s. m.) — Congro (Cfr. galego *congoro* ([181]). V. *belusa).*

felôr (s. f). — Flor (V. *belusa*. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 119).

fieito (s. m.) — Fêto (Confrontando estas duas formas, tem-se a impressão de que a primeira derivou da segunda por intermédio da forma * *fiêto* devida a qualquer influência para mim desconhecida. Porém Garcia de Diego ([182]) apresenta como étimo de *fieito* — vocábulo que também é galego — a forma hipotética *filictu-*. Neste caso, seria assim a evolução; * *filictu-* > * *filecto* > * *fiecto* > *fieito* ([183]). No onomástico de Ervedosa, encontra-se ainda *fieiteira).*

lúcaro (s. m.) — Lucro (V. *belusa).*

querédo! — Exclamação que significa ténue admiração (De *credo!* Devo notar que, neste vocábulo, só observei a anaptise neste caso. Quando é tomado como substantivo ou quando se emprega para manifestar espanto, mêdo, mantém-se intacto; ex.: «*Ia co credo na bôca*». «*Credo! Santo nome de Jasús!*»).

scairro (s. m.) — Escarro (Esta ditongação anaptíctica parece-me devida a ênfase, ao desejo de reforçar — onomatopaicamente? — o som dêste vocábulo, para acentuar bem

a diferença entre o que êle representa e o que significa a palavra *cuspo* <> *saliva*. Contudo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos é de opinião que êste vocábulo derivou do verbo *scairrar* (também usado no ervedosense) que, por sua vez, derivou de **scarriar* < *(e)scarrar*, por troca de sufixos).

Acêrca de *gázia, hástia, óndua* e *onduar*, ver a parte em que trato das semi-vogais *i* e *u*; sôbre *láija* <> *laja*, *cereija* <> *cereja*, *tóijo* <> *tôjo*, *ferruige* <> *ferrugem* e mais palavras em que aparece o grupo vogal + *ij* ou *ich* + vogal, ver os parágrafos dedicados às palatais.

EPÊNTESE

abrótigas (s. f. pl.) — Abróteas, abrótias (Ouvi esta palavra sempre no plural, como várias outras a que fiz referência quando tratei do vocábulo *bêldros*. O *g* epentético (?) ([184]) também aparece no galego *abrótiga* ([185]).

almọtriga (s. f.) — Almotolia (Creio ter sido esta a evolução dêste vocábulo: *almotolia* ([186]) > **almot'lia* > **almotria* > *almotriga*. (Não sei como explicar a epêntese do *g* que também se observa em *fatiga* e *melanciga)*.

alquedute (s. m.) — Aqueduto (Epêntese devida à influência das inúmeras palavras de uso cotidiano em que aparece *al* inicial. Assim, ficou com o aspecto árabe um vocábulo genuïnamente latino. A troca do *o* final por *e* será talvez devida a dissimilação *ú-e* de *ú-o;* se não é também originada na semelhança com vocábulos de derivação árabe terminados em *e: almocreve, almude, alqueire, alvaiade*, por exemplo).

alrọtar (v. i.) — Arrotar (Considero a epêntese do *l* devida à causa apontada na observação precedente e também motivada pela ênfase, sobretudo quando dão a *alrọtar* a significação de *ser sovado*, como nestas frases: *«Há-des alrotar!»* <> *«Hás-de ser sovado!» «Se fazes isso, alrotas».* <> *«Se fazes isso, bato-te»)*.

astrever-se (v. r.) — Atrever-se (Forma que aparece no português popular doutras regiões, no mirandês com a troca de *v* por *b*, e no galego com *e* inicial em vez de *a)* ([187]).

bêldros (s. m. pl.) — Bredos (Epêntese do *l*. A êste vocábulo já me referi ao tratar da metátese).

bonécra, -écro (s. m. f.) — Bonéca, -éco (Forma comum ao português popular doutras localidades [188]).

brasalicão (s. m.) — Basilicão (Teria sido criada esta forma pela influência de *brasa?* de *Brasil?)*

Celestrino (s. p. m.) — Celestino (Esta forma é empregada também noutros falares populares do português [189]. Mas, em Ervedosa, observei ainda o encurtamento dela pela queda do *-l-*, e fusão dos dois *ee*, na forma *Cestrino*, e a dissimilação do segundo *e* em *u* — talvez por influência de *lustre* ou *lustro* — na forma *Celustrino).*

conrespondêr (v. i.) — Corresponder (Talvez não seja correcto considerar fenómeno epentético a nasalação duma vogal. Contudo incluo nesta parte êste vocábulo, porque me parece ver nesta forma um pouco de ênfase, como que um desejo de acentuar a sílaba inicial que, na forma normal, tem vogal surda e passa quási despercebida. Há, todavia, quem veja aqui um fenómeno de *recomposição* devido à consciência que o povo tem da formação dêste vocábulo).

desbulhar (v. t.) — Debulhar (Por confusão com *desbulhar* < > *esbulhar).*

despois (adv.) — Depois (Forma comum ao galego [190] e ao português popular doutras regiões [191]. Sendo esta forma derivada do lat. *de* + *ex* + **posti* ou **pox*, segundo a opinião do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, não pode ela ser considerada epentética, embora o pareça pelo confronto com o português normal. O mesmo se não dá, porém, com os vocábulos *asquêls* < > *aqueles* e *asquélas* < > *aquelas* — e nas suas ligações com as preposições *de* e *em* —, nos quais se realizou a epêntese do *s* por influência do *s* do plural, pois nunca ouvi pronunciar o singular *asquêl* ou *asquéla).*

dònezinha (s. f.) — Dòninha (Em galego existe a forma paralela a esta *doneciña* [192]. Contudo, embora esta forma possa ter influenciado aquela, em ervedosense há formas com o sufixo *-inho* não comuns ao português literário, nas quais aparece o infixo *z-* — ex.: *lèvezinho* < > *levinho*, *nòvezinho* < > *novinho* —, que podem ter contaminado a forma *dòninha* do português normal).

fatiga (s. f.) — Fatia (V. *almotriga).*

fiarpo (s. m.) — Fiapo (A epêntese deve ter sido causada por

cruzamento com o verbo *fiar*, pela semelhança de som e de sentido).

incertar (v. t.) — Encetar (Por influência de *inxertar* <> *enxertar*, creio eu, visto que aquela palavra é geralmente empregada para designar a acção de cortar o primeiro pedaço de pão ou de qualquer outro alimento, e *inxertar* designa uma acção complexa em que o golpe — o *côrte* — ocupa o lugar principal).

Ismelindra (s. p. f.) — Ermelinda (O *r* epentético, a-pesar-de ser a consoante preferida pelo povo para a realização dêste fenómeno, pode, neste vocábulo, ser talvez devido à acção conjunta do *r* da sílaba inicial e dos vocábulos *melindre*, *melindrar* e *melindroso*. Para a mudança *Ir-* <> *Er-* em *Is-* teria possìvelmente contribuído a pronúncia enfática *is* de *es* + consoante, com que principiam tantos vocábulos do português normal).

Jacintra (s. p. f.) — Jacinta (Por influência de quê? Também ouvi esta forma epentética noutras localidades).

léstro (adj.) — Lesto (Epêntese idêntica à do vocábulo seguinte).

listra (s. f.) — Lista (Forma comum ao português popular doutras regiões) ([193]).

manclitar (v. i.) — Manquejar (Talvez por influência do verbo iterativo *saltitar*, ouvido a pessoas cultas ([194]), tivesse o povo formado o verbo **manquitar* <> *manquejar*. Dar-se-ia depois a epêntese do *l*, possìvelmente com fins onomatopaicos).

melanciga (s. f.) — Melancia (V. *almotriga)*.

spîlro (s. m.) — Espirro (Tanto esta forma como *spilrar* já se encontram no Vocabulário de Gonçalves Viana, salvo, é claro, a aférese do *e-)*.

sp(r)ital (s. m.) — Hospital (Estas duas formas são usadas pelo povo em várias regiões do nosso país ([195]). Garcia de Diego ([196]) acusa a existência, no galego, das formas *hespital*, *espital* e *spital*. Em Ervedosa ouvi pronunciar sempre *spital* na locução *p'r'ò spital* <> *para o hospital*, provàvelmente por dissimilação de *prò spri-* em *prò spi-*, pois ali dizem sempre *no sprital* <> *no hospital;* ex.: «*Foi p'r'ò spital*». «*Stá no sprital*»*)*.

zernideira (s. f.) — Brinquedo feito com a casca duma noz, dentro da qual se faz girar um pau que produz um zum-

bido característico ([197]) (De *zenir* <> *zunir* — V. êste vocábulo na parte em que trato da assimilação —. Como no português normal há *zunideira*, também pode supor-se que dêste vocábulo derivasse directamente **zenideira*, donde resultaria *zernideira* pela epêntese do *r*, fenómeno freqüente no português popular).

PARAGOGE

Excepto nas palavras *sertãĩ* (que já está incluída, com a *sertãe* no Vocabulário de Gonçalves Viana. Cfr. espanhol *sartén*, mirandês *sartiã* ([198]) e galego *sartana)* ([199]) e *ferrãĩ* <> *ferrã* ([200]), no advérbio *sòmantes* <> *sòmente* e nas locuções «*indas que*» ([201]), «*de maneiras que*», «*a pontos que*» e no apelido *Metildes* ([202]), a paragoge mais freqüente, que chega até a constituir uma regra (sobretudo no cantar), é a do *e* nos vocábulos oxítonos que terminam em consoante lateral ou vibrante, vogal ou ditongo oral; ex.: *jornale, papéle, funile, róle, Arraúle; falare, comêre, saíre, repôre; láe, sóe, túe; maue, chapéue, voue*, etc.

O *e* paragógico também se encontra no português popular doutras regiões, no mirandês e no galego ([203]). Apenas se não ouve quando, por qualquer motivo, a fala seja mais apressada que normalmente.

Talvez possa explicar-se êste fenómeno pela preferência que o povo dá aos vocábulos graves, em detrimento dos esdrúxulos e dos oxítonos ([204]).

AFÉRESE

bondar (v. i.) — Bastar (De *abondar*, forma comum ao galego ([205]). *Bondar* também existe noutros falares populares portugueses) ([206]).

gasalho (s. m.) — Cogumelo (Nome resultante da semelhança desta planta com um guarda-chuva aberto? Como a qualquer objecto que serve para agasalhar se dá o nome de *agasalho* ([207]), é provável que êste nome também tenha servido para designar o guarda-chuva. Depois, por analogia de feitio, passaria ao cogumelo e ficaria a pertencer-lhe).

gramasso (s. m.) — Argamassa (Nesta forma, que já aparece no Vocabulário de Gonçalves Viana, deve ter-se dado primeiramente a metátese do *r*, ficando de *argamassa* **agramassa*; a seguir a aférese do *a-*; e por fim a mudança de género sob influências que não consigo descobrir. Relacionado com esta forma está o verbo *agramassar* <> *argamassar).*

Lambiqueiro (s. p. m.) — Apelido (De *alambiqueiro*, nome que terão dado a algum antepassado que fazia àguardente em *alambique).*

Lixandre (s. p. m.) — Alexandre (A passagem do *e* a *i*, foi, a meu ver, resultante da contiguïdade com o fonema palatal *x*. Esta forma também existe no mirandês e no galego) (208).

masgar (v. t.) — Esmagar (Verifica-se neste vocábulo a aférese mais freqüente no falar ervedosense, a qual também é comum ao português popular doutras localidades (209): é a supressão do *e* antes do *s impuro* — V. o que ficou dito a respeito do vocábulo *scápula* —. Só quando desejam pronunciar enfàticamente qualquer palavra que comece por *e* + *s impuro*, é que os ervedosenses proferem o primeiro fonema, porém com o som de *i* — Cfr. o vocábulo *Ismelindra* —. Mas, voltemos à explicação de *masgar*: — A evolução seguida deve ter sido: *esmagar* > *smagar* > *masgar* — por metátese do *s* —).

Mərico (s. p. m.) — Américo.

môr (s. m.) — Amor, na frase «*prò môr de*» <> «*por amor de*» (É um caso de fonética sintáctica, pois, a meu ver, a aférese aparente resultou do encontro de **pro* — *por* — e *amor*. Digo *aparente*, porque, segundo penso, o *ò* representa a contracção do *o* de **pro* e do *a* de *amor*. Eis a evolução: «*por amôr de*» > «**pro amôr de*» > «*prò môr de*»).

Quelino (s. p. m.) — Aquilino (O ensurdecimento do primeiro *i* é devido à dissimilação *e-i* de *i-i*, que ainda é de regra no português normal).

quemodar (v. t.) — Aquietar, conciliar (De *acomodar*, por dissimilação *e-o* de *o-o* e por aférese do *a* —).

tralha (s. f.) — Vocábulo que serve para designar o conjunto desordenado de vários objectos — mobília, ferramenta, etc. (Do lat. *trăgŭla*? A uma mulher do povo ouvi eu empre-

gar *metralha* com a mesma acepção que vulgarmente dão, em Ervedosa, a *tralha*. Seria um caso de etimologia popular? É apenas para fazer notar êste caso que cito êste vocábulo neste lugar, pois na realidade só haveria aférese se se admitisse como recomposição do verdadeiro étimo o vocábulo *metralha*, o que, por emquanto, nada me autoriza a fazer. Também ouvi a palavra *tralha*, com o sentido que acima aponto, pronunciada por várias pessoas da Beira-Alta).

treminar (v. t.) — Determinar (Aférese da sílaba *de-*, possìvelmente por dissimilação — quási haplologia —, se não influiu nesse fenómeno o vocábulo *terminar*, ouvido a pessoas cultas. Metátese do *r*, caso muito vulgar e já estudado. Em mirandês também se encontra êste vocábulo) ([210]).

tropesia (s. f.) — Hidropisia (Esta forma, que também se encontra no dialecto minhoto ([211]), resultou da aférese do *i-*[<>*hi-*] e da mudança do *d* em *t*, porventura através das seguintes formas intermediárias: **adropesia* ([212]) > **dropesia* — aférese, muito freqüente, do *a-* — > *tropesia* — por influência dos vocábulos que teem *tro-* —).

SÍNCOPE

açucre (s. m.) — Açúcar (Resultante da forma paragógica *açúcare*, por síncope do *a*, em virtude da aversão aos esdrúxulos comum à linguagem popular doutras regiões. Cfr. *aljôfre* e *aljôfar*, *almiscar* e *almiscre*, no português normal; e, no galego, *sucre* ([213]), *zucre* ([214]) e *azucre* ([215]).

àmotolia (s. f.) — Almotolia (Esta forma e *almotriga*, a que já fiz referência, coexistem em ervedosense: a primeira é preferida pelas pessoas semi-cultas ou pseudò-cultas, a segunda pelo povo analfabeto. Parece-me que se efectuou simplesmente a síncope do *l*, pois, se se tivesse dado a assimilação dêste fonema ao *m* vizinho, pronunciar-se-ia com *â* levemente nasal, em vez do *à* que ouvi regularmente proferir).

arve (s. f.) — Árvore (Forma que se emprega também noutras localidades, juntamente com *arbe* que pertence também ao mirandês ([216]).

cartar (v. t.) — Carretar (Esta síncope foi devida à posição

protónica da sílaba, o que produziu o enfraquecimento da pronúncia dos *rr* e, por fim, a queda da sílaba).

chicra (s. f.) — Xícara (Da mudança de *x* em *ch*, falei quando me referi a estas palatais. A síncope do *a* foi causada pela conhecida aversão aos esdrúxulos).

cócras (s. f. pl.) — Cócoras (No português normal também se diz *cócaras*, como no galego. A síncope realizou-se pelo motivo exposto na observação anterior).

còldade (s. f.) — Qualidade (De *còlidade* < *qualidade*. Acêrca da transformação sofrida pelo grupo *qu*, falei no lugar próprio. Como a consoante lateral é susceptível de formar sílaba com a vogal contígua antecedente, o *i* caíu, reduzindo-se o vocábulo a trissílabo).

crapuço, -uça (s. m.,-f.) — Carapuço, -uça (A síncope do *a* nestas palavras resultou: α) da dissimilação dos sons vizinhos *a-a*; β) da faculdade que possúi a vibrante *r* de formar grupo próprio com a oclusiva precedente; e γ) da tendência para o encurtamento das palavras que, mau grado tôda a sua lentidão de pronúncia, também se manifesta no ervedosense).

Fedrico (s. p. m.) — Frederico (Desta palavra já tratei na parte referente à dissimilação).

fincha (s. f.) — Frincha (Qual será a causa desta síncope?)

frũicho (s. m.) — Borbulha na pele (De *furúnculu-* através das seguintes formas **furunclu-* > *furuncho* — ainda existente no galego ([217]) — > *fruncho* > *frũicho*. Acêrca do *i* anaptíctico, *vide* o parágrafo referente às palatais).

lumiôso (adj.) — Claro (Ouvi esta palavra na frase «*Hoije stá mũto lumiôso*», querendo significar que a noite não estava escura, graças à claridade que irradiavam as estrêlas. De *luminoso*, pela síncope do *n*, como no galego que também possúi a forma *lumioso*) ([218]).

Mumanta (s. p. f.) — Moimenta (Para explicar aquela forma, equivalente a *Mumenta* que se usa na Beira ([219]), é preciso admitir a forma intermediária **Muimenta*. A passagem do ditongo *ôi* a *ui* e a redução dêste a *u*, acha-se atestada em várias formas do português arcaico e do galego actual, v. g.: *coitelo* — gal. — *cuitelo* — arc. — > *cutelo*, *froita* — arc. e gal. — > *fruita* — arc. e gal. — > *fruta*, *loito* — arc. e gal. — > *luito* — arc. e gal. — > *luto*, *entroido* — arc. <> gal. *antroido* — > *entruido* — > arc. — > *entrudo* ([220]), etc.).

pampo (s. m.) — Pâmpano, rebento (Houve síncope do *n* em *pâmpano*, mas possìvelmente depois de se ter nasalado a vogal antecedente *a*, ficando a forma *pâmpão*; depois, pela tendência para a redução do *ão* átono final — através das formas — *aũ* > -*ũ* > -*u* <> -*o* ([221]) —, assumiu a actual *pampo)*.

pòcurar (v. t.) — Procurar e preguntar (Síncope por dissimilação? O mesmo fenómeno se deu em *pòcura* <> *procura)*.

própio (adj.) — Próprio (Nesta forma, como em *propiadade* <> *propriedade* e *apropiar* <> *apropriar*, é clara a causa da síncope: dissimilação. *Própio* é comum ao castelhano, ao galego, ao português arcaico e popular actual ([222]).

sotil (adj.) — Subtil (Síncope idêntica à de *sustar* < lat. *substare* e de *sustância* — arc. e popular em várias localidades, inclusivè Ervedosa — < lat. *substância* —. *Sotil*, além de ser vocábulo arcaico e actualmente empregado pelo povo em várias regiões, é ainda comum ao galego ([223]). Desta palavra se derivou o verbo *sotilizar* que ouvi, em Ervedosa, empregado com o sentido de *supor)*.

sprança (s. f.) — Esperança (A síncope do *e* explica-se pela mobilidade do *r* que foi atraído pela oclusiva vizinha, formando um grupo consonântico próprio. O mesmo aconteceu em *sprar* que, todavia, recupera o *e* nas formas rizotónicas; ex.: *spəro, spəre, spəraũ*; mas *spramos, spravas, sprei*. Tanto *sprança* como *sprar* são comuns ao mirandês) ([224]).

sprito (s. m.) — Espírito (À primeira vista, êste vocábulo parece ter resultado da metátese do *r* em *(e)spírito*. Todavia, não é aceitável esta explicação, porque, na realidade, a metátese não pode dar-se em sílaba tónica. Deve ter-se dado em *spritual* (forma que, todavia, ainda não ouvi em Ervedosa) e daí ter-se depois formado *sprito*. Esta forma é usada em vários falares de Portugal ([225]). Da aférese que nela se nota, bem como nas da observação antecedente, já disse o suficiente no lugar próprio).

suprior (adj. e s. m.) — Superior (V. *sprança)*.

ubre (s. m.) — Carne das têtas da vaca (De *úbere*, pela síncope do *e* postónico. Causa: aversão aos esdrúxulos. Em galego também se encontra *ubre)* ([226]).

APÓCOPE

arrate (s. m.) — Arrátel (Esta forma já é considerada português normal, pois Gonçalves Viana incluíu-a no seu Vocabulário. Menciono-a aqui, porque nela se observa um caso de apócope aparente. Todavia foi a seguinte a evolução dêste vocábulo: *arrátel* > *arratle* ([227]) > *arrate* — síncope do *l*, porque o português é avêsso ao grupo *tl*—).

êl (pronome) — Êle (Quando se emprega em próclise, êste pronome sofre a apócope do *e*. No português literário faz-se normalmente a elisão do -*e*, quando a palavra que se segue a esta proclítica começa por vogal ou *h*. Daí, à apócope constante, mesmo antes de consoantes, quando êste pronome é proclítico, foi um passo pequeno e de fácil realização ([228]). Em igualdade de circunstâncias, também se diz *aquêl*, *àquêl*, *daquêl*, *dêl*, *naquêl* e *nêl* ([229]). São casos de fonética sintáctica).

fol (s. m.) — Fole (Neste vocábulo e em *pél* <> *pele* e *val* <> *vale*, observei um fenómeno inteiramente oposto à regra geral que mencionei, ao tratar da paragoge: sendo palavras que no português normal terminam em *e*, no ervedosense sofrem a apócope, e no plural apresentam a síncope do -*l*-, por analogia com os nomes que no português normal acabam em *l*. Êste ouvi-o na locução «*Andar com gatos ĩ fóis*» <> «*Fazer o contrário do que promete; ser falsário*»).

home (s. m.) — Homem (Aparece esta forma também no português arcaico, em vários dialectos actuais, em mirandês e em galego ([230]).

-je ou **-ge** (terminação de substantivos) -*jem* ou -*gem* (No decurso dêste despretencioso trabalho, já várias vezes apareceram vocábulos com esta terminação apocopada, também comum ao galego; ex.: *barcaje*, *coraje*, *f(e)luge*, *ferraje*, *ferruge*, *fogaje*, *friaje*, *lingoaje*, *marge*, *orige*, *pasaje*, *ramaje*, *romaje*, *roupaje*, *salvaje*, *virge* ([231]). É, portanto, escusado insistir mais. Sôbre a perda da nasalidade, ver Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 101).

onte (s. f.) — Ontem (Gonçalves Viana já apresenta a forma apocopada como português normal. Não faz, porém, o mesmo a respeito de *antonte* e *tresantonte*, formas correntes no falar ervedosense. Lugris Freire ([232]) menciona

onte e *antonte* como formas galegas. Santiago y Gómez ([233]) cita *onte* e a sua variante *honte*. Em mirandês também há *onte)* ([234]).

orde (s. f.) — Ordem (Forma comum a falares portugueses doutras regiões e ao galego) ([235]).

pél (s. f.) — Pele (Mais que uma vez ouvi dizer: «*As péis dos cabritos [coelhos, etc.]*», por «*As peles dos cabritos [coelhos, etc.]*. Ver a observação relativa a *fol)*.

vál (s. m.) — Vale (Plural *vais;* ex.: «*As augas das trevoadas arrastarũ tudo por êsses vais*». V. observação precedente. *Val* também pertence ao português arcaico e ao popular doutras localidades) ([236]).

HAPLOLOGIA

Além do caso já citado pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ([237]) — *trêstões* por *três testões* (popular) —, observei, no ervedosense, três outros que vou mencionar aqui:

Chicurato (Nome por que era conhecido um homem falecido há poucos anos) < *Chico* (<> *Francisco) Curato* (Apelido de várias pessoas ainda vivas, aparentadas com aquele Francisco).

rècochino. -na (Expressão qualificativa que significa «*muito porco, -ca*», ouvida por mim bastas vezes, especialmente dirigida a crianças).

Como em mirandês há *cochino* e *cochina* que significam respectivamente *porco* e *porca* (ambos substantivos) e como, no dialecto transmontano, *cochina* tem o sentido de *suja* (adjectivo) ([238]), não me parece que me afaste muito da verdade se apresentar como étimo de *rècochino* as duas palavras *réco* (designa *pôrco* — substantivo —, em várias regiões de Portugal) e *cochino* (na acepção adjectiva de *sujo)*.

Assim, com *reco* + *cochino* quereriam dizer *porco sujo* ou *muito porco*, significação que tem a forma haplológica *rècochino*.

Poderia ainda supor-se que, na locução *reco cochino*, a primeira palavra também se adjectivou, valendo então as duas por dois qualificativos *sujo, sujo*, cuja aposição os superlativa, em harmonia com um processo popular muito conhecido. Quantas vezes tenho eu ouvido: «*Êle é porco, porco!*», frase equivalente a «*Êle é muitíssimo porco!*»

Ainda antes de passar ao terceiro caso de haplologia, quero apontar aqui três adjectivos com que, em Ervedosa, é costume qualificar os porcos conforme o tamanho:

chino — pequeno, que cresce pouco;
meão — de tamanho mediano; e
varudo — grande, comprido.

Pondo de parte *meão*, adjectivo conhecido, ficam dois problemas a resolver.

Qual será o étimo de *chino?* Em ervedosense há também o adjectivo *chinchinho* (talvez derivado daquele) que significa *pequeníssimo*.

E o de *varudo? Vara*, medida? O galego *barudo?* ([239]).

O outro caso haplológico a que aludi é:

pante de rubar (Nome com que o povo designa o pente de dentes bastos destinado à limpeza da cabeça).

No meu entender, aquela frase está por *pante de derrubar (silicet* caspa, parasitas); e, sendo assim, ter-se-ia dado a eliminação do *de* inicial da última palavra, por dissimilação haplológica.

CRUZAMENTO

A *bêldros, fiarpo, incertar* e a mais alguns vocábulos cuja formação é possível ter resultado de cruzamento, já fiz as precisas referências nas observações anteriores. Apresentarei aqui mais dois:

impresilho (s. m.) — Empecilho (Creio que a epêntese do *r* e a passagem a sonora da sibilante surda de *empecilho*, foram devidas a cruzamento com o adjectivo e particípio *prêso* — se não com *presigo* ou *presilha* —, porque não é pequena a semelhança de sentido entre *prender* e *estorvar).*

pròguntar (v. t.) — Preguntar e procurar (Parece-me que, passando-se fàcilmente do sentido de *preguntar por alguém ou algo* para o de *procurar alguém ou algo*, estes dois verbos cruzaram-se e motivaram a mudança do *e* em *o*, no verbo *preguntar*, ao mesmo tempo que lhe transmitiram as significações que cada um dêles tinha separadamente. Êste último fenómeno estendeu-se depois a *pòcurar*, vocábulo que já ouvi empregar na acepção de

preguntar. De *prògunlar* se derivou *prògunta* que também significa *pregunta* e *procura*, ao passo que *pòcura* tem apenas o sentido de *procura).*

*

Na regularmente extensa lista de vocábulos que, até aqui, apresentei, encontram-se bastas interrogações, e locuções e advérbios dubitativos. Não deve isto causar estranheza, pois não representa mais do que o reconhecimento e a confissão das dificuldades inerentes nos estudos filológicos e da minguada cultura e duvidosa competência explicáveis num principiante.

II

MORFOLOGIA

Não me alongarei tanto nesta parte, porque são muito poucas e pequenas as diferenças que, na morfologia se notam entre o português normal e o falar ervedosense. Nem outra coisa era de esperar, visto que esta linguagem é apenas uma variedade do falar português.

NOME

Pouco há que dizer a êste respeito.

Sôbre plurais, mencionarei: *fóis*<>*foles*, *péis*<>*peles* e *vais*<>*vales*, a que já aludi ao tratar da apócope; *cóses*<>*cós*, *filhóses*<>*filhós*, *nóses*<>*nós* e *póses*<>*pós*, formas que também se encontram no português popular doutras regiões e que o Sr. Dr. José Joaquim Nunes explica como plurais duplos ([240]); em *riles* ([241]), plural de *ril*<>*rim*, mantém-se o *l* intervocálico, semelhantemente ao que acontece noutros falares portugueses ([242]), igual fenómeno se observando em *barriles*<>*barris*, possìvelmente por influência daquela forma, pois o plural de *funil* sôa *funis*.

O vocábulo *(e)iró(s)*, plural *(e)irós(es)*, aparece com a forma *iról*, no plural *iróis*, por motivos que desconheço.

Dos nomes terminados no singular em *-ão*, ouvi os seguintes plurais, diferentes do português normal: *alamões*>>*alemães*, *chões*<>*chãos*, *grões*<>*grãos*, *irmões*<>*irmãos*, *scrivões*<>*escrivães*.

No falar ervedosense, nota-se grande confusão no em-

prêgo da metafonia que, no português normal, se dá no plural dos nomes que teem *o* fechado tónico no singular. Assim, observei muitos casos como os que seguem: *óvo — ôvos, pôço — pôços, ósso — ôssos, pôvo — pôvos, ólho — ólhos* (e *ôlho — ôlhos*, quando se referem a plantas, na acepção de rebento, *botão*, parte central mais tenra da couve e da alface, etc.), *repôlho — repôlhos, tóijo* (<> *tôjo) — tóijos, fôrno — fôrnos, córno — córnos* (e *côrno*, na acepção de marido de adúltera, ou como epíteto injurioso — *côrnos); dóno — dónos, móno* (boneco; pessoa taciturna) — *mónos* [243]; de adjectivos: *tórto — tôrtos, pórco — pôrcos, mórto — môrtos, nóvo — nôvos*, mas *amerôso* [244] (<> *macio) — amerôsos, cheirôso — cheirôsos*, etc.; *infadónho — infadónhos*.

Na observação referente a *tanazas* (assimilação), já aludi aos outros dois *pluralia tantum* que encontrei no falar ervedosense: *tisoiras* e *truquêsas*.

*

Acêrca do género, apontarei sòmente a preferência dada à terminação *-oua*, para a formação do feminino dos nomes terminados em *-ão*; ex.: *anão* (s. e adj.) — *anoua, Assunção* (apelido) — *Assunçoua, meão* (adj.) — *meoua, Paixão* (apelido) — *Paixoua, Passarão* [245] (alcunha) — *Passaroua, Sandão* (apelido ou alcunha) *Sandoua*. E, a propósito, direi que o masculino de *boua* (<> *boa)* sôa sempre *bô* (<> *bom)*. Todavia *boua* é muitas vezes reduzida a *bô* em próclise; ex.: «*Ah! bô rapariga!*» «*Que bô mulher!*»

Síncope idêntica se nota no adjectivo *má*, por *mau*, em frases como estas: «*Tãĩ má génio*». «*Que má jeito*». «*É má home*» [246].

*

Relativamente à gradação do adjectivo, citarei o emprêgo da conjunção comparativa *ca*, nas locuções «*mais ca mim*» < < «*mais do que eu*» e «*mais ca ti*» <> «*mais do que tu*» [247]. Não consegui notar esta conjunção em mais nenhuma frase, pois com os outros pronomes e com os substantivos ouvi sempre *que* e *de que* (<> *do que)*; ex.: «*manos* (<> *menos) qu'eu*», «*mais* [248] *que nós* (ou *vós)*», «*manos qu'êl(es)*», «*mais de qu'éla(s)*», «*mais qu'o Antónho*», «*manos qu'o Chico*», etc.

Também ouvi empregar a conjunção comparativa *cuma* (<> *como)* antes de *mim* e *ti* (e até antes de substantivos,

embora muito menos vezes que *cumo)*; ex.: «*Atão êl nũ é cuma mim?*» «*Eu sou cuma ti*». «*O burro dêl nũ faz os serviços cumà* (<> *cuma a) burra*» ([249]).

Não me lembro de ter ouvido os comparativos *maior* e *menor* da bôca dos ervedosenses analfabetos; substituíram-nos pelas formas analíticas *mais grande* e *mais picâno (-a)* <> *mais pequeno (-a)* ([250]). Até pessoas semi-cultas empregaram *mais grande*, na minha presença.

Em duas palavras comuns ao mirandês e ao português popular doutras regiões ([251]), observei o sufixo superlativo *-íssemo* (<> *íssimo)*, simples e duplicado na forma *-essíssemo:* — *Santíssemo* (s. p. m.) — Cristo; — *grandessíssemo* (adj.) — muitíssimo grande.

*

No capítulo nomes numerais, apenas encontrei dignas de menção as seguintes locuções multiplicativas: «*dois tantos*», a-par de *dôbro*, e «*três tantos*» <> *tríplo* ([252]).

PRONOME

Do emprêgo de *mim* e *ti* por *eu* e *tu*, falei no parágrafo anterior.

As formas do pronome pessoal da 3.ª pessoa *lhe* e *lhes* estão representadas, no ervedosense, por *le* e *les*. Por vezes, *le* desempenha as funções de *les* ([253]).

A *êl*, proclítico, já me referi ao tratar da apócope, e a *asqueles, asquélas* quando me ocupei da epêntese.

*

Dos possessivos, encontrei o peor nome *minha* abreviado na forma *nha* ([254]), mas só em próclise; ex.: «*Ó nha mãĩ!*» «*Vêu cá ont'a nha filha?!*»

Vòssemecê, fórmula de tratamento muito empregada em Ervedosa, é suficientemente conhecida para que se justifique esta simples menção. A *vòcê* dão sentido depreciativo.

*

Os ervedosenses pronunciam *êsta(s)* <> *esta(s)* e *êssa(s)* <> *essa(s)*. Será êste facto devido à manutenção do som *ê* < lat. *ĭ*, pois, segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ([255]),

esta vem de *ista* e *essa* de *ipsa*? ([256]) Ou por contaminação das formas masculinas *êste, êsse*? Mas, admitindo qualquer destas hipóteses, por que razão o mesmo fenómeno não atingiu *éla* e *aquéla*? Pela influência das inúmeras palavras terminadas em *-éla*? ([257])

Como é natural relacionar-se o artigo definido com os pronomes demonstrativos, apontarei aqui duas frases em que aparece a forma arcaica daquele artigo: «*Vinha i éla mai lo* (<>*mais o) home*». «*Incontrei-a n'Antre las Ĉasas* (nome duma propriedade rústica)» ([258]).

*

Outro sôa sempre *ôitro* ([259]), pois, como já disse ao tratar do ditongo *ou*, no ervèdosense há forte tendência para transformar êste ditongo em *ôi*.

Êste vocábulo é também empregado como pronome indefinido nas frases: «*Cumo diz o ôitro*», «*Cumò* (<> *Cumo o) ôitro que diz*» equivalentes a «*Como se diz*» «*Como dizem*» ([260]).

Ambos aparece quási sempre nesta locução: «*ambos de dois*» ([261]).

Muito, quer como pronome indefinido quer como advérbio, é sempre pronunciado *mũto*. Sucedeu, neste vocábulo, ao ditongo nasal *ũi* (pois, como se sabe, no português normal *muito* sôa *mũito)* o que se deu com o oral *ui* em várias palavras que citei a propósito de *Mumanta* (síncope) ([262]).

Muitas vezes êste pronome é substituído pela locução pronominal indefinida «*qu'eu sei lá*», a qual é muito freqüentemente transformada em «*ca sôi lá*»; ex.: «*Tãĩ prədios e dinheiro ca sôi lá!*» <> «*Tem muitos prédios e muito dinheiro*».

Antes de *tempo* preferem, às vezes, a locução «*mais de canto*» <> «*mais de quanto*» a êste mesmo pronome; e chegam até a suprimir a palavra *tempo*, ficando «*mais de canto*», a significar «*muito tempo*»; ex.: «*Stou à tua spəra há mais de canto [tampo]!*»

Mais duas locuções pronominais indefinidas, muito usadas em Ervedosa, são: «*uns cantos*», «*uns poucos*». Teem ambas a significação de *alguns* e formam o feminino regularmente.

De *cal* <> *qual, calquər* <> *qualquer* (pl. *cais, caisquər)* e *canto* ([263]) <> *quanto*, já falei quando tratei do grupo *qu*.

Resta-me apontar as seguintes frases, cuja explicação per-

tence à fonética sintáctica: «*Qu'ə dêl?*» «*Qu'ə déla?*» equivalentes a «*Que é [feito] dêle (dela)?*» «*Onde está êle (ela)?*»

VERBO

Parafraseando a conhecida afirmação de Diomedes, posso dizer afoitamente «*est verbum velut sermonis anima*»; e, como tal, devo consagrar-lhe algumas páginas para ficarem bem vincadas as diferenças que, na flexão verbal, se notam entre o português normal e o falar ervedosense.

Começarei por enunciar os tempos simples de três verbos regulares, um de cada conjugação:

Intrar(e̯)

Indicativo

PRESENTE

antro
antras
antra
intrâmos
intrais, intraides
ântra̯ũ

IMPERFEITO

intrava
intravas
intrava
intrávamos
intrávãis
intráva̯ũ

PERFEITO

intrei(e̯)
intrastes
introu(e̯)
intrâmos
intrástãis
intrárũ

MAIS QUE PERFEITO

intrara
intraras
intrara
intráramos
intrárãis
intrárũ

FUTURO

intrarei(e̯)
intrarás
intrará(e̯)
intrarâmos
intrareis, intrareides
intrarão

Condicional ([265])

intraria
intrarias
intraria
intraríamos
intraríãis
intraría̯ũ

Imperativo

antra

intrai(de)

Conjuntivo

PRESENTE

antre
antres
antre
ântremos
ântrãis
ântrãĩ

IMPERFEITO

intrasse
intrasses
intrasse
intrássemos
intrássãis
intrássãĩ

FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)

intrar(ḙ)
intrar(ḙ)s
intrar(ḙ)
intrarmos
intrárãis
intrárãĩ

GERÚNDIO

intrando

PARTICÍPIO PASSADO

intrado

Bo̭bêr(ḙ)

Indicativo

PRESENTE

bêbo
bébes
bébe
bo̭bâmos
bo̭beis, bo̭beides
bébãĩ

IMPERFEITO

bo̭bia
bo̭bias
bo̭bia
bo̭bíamos
bo̭bíãis
bo̭bía̭ũ

PERFEITO

bo̭bí(ḙ)
bo̭bêstes
bo̭bêu(ḙ)
bo̭bâmos
bo̭bêstãis
bo̭bêrũ

MAIS QUE PERFEITO

bo̭bêra
bo̭bêras
bo̭bêra
bo̭bêramos
bo̭bêrãis
bo̭bêrũ

FUTURO

bo̭berei(ḙ)
bo̭berás
bo̭berá(ḙ)
bo̭berâmos
bo̭bereis, bo̭bereides
bo̭berão

Condicional

bo̯beria
bo̯berias
bo̯beria

bo̯beríamos
bo̯beríãis
bo̯beríaũ

Imperativo

bébe

bo̯bei(de)

Conjuntivo

PRESENTE

bêba
bêbas
bêba
bêbamos
bêbãis
bêba̯ũ

IMPERFEITO

bo̯bêsse
bo̯bêsses
bo̯bêsse
bo̯bêssemos
bo̯bêssãis
bo̯bêssãĩ

FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)

bo̯bêr(e̯)
bo̯bêr(e̯)s
bo̯bêr(e̯)
bo̯bêrmos
bo̯bêrãis
bo̯bêrãĩ

GERÚNDIO

bo̯bando

PARTICÍPIO PASSADO

bo̯bido

Partir(e̯)

Indicativo

PRESENTE

parto
partes
parte
partimos
partis, partides
pártãĩ

IMPERFEITO

partia
partias
partia
partíamos
partíãis
partía̯ũ

PERFEITO

partí(e̯)
partistes
partíu(e̯)
partimos
partístãis
partíra̯ũ

MAIS QUE PERFEITO	FUTURO
partira	partirei(e)
partiras	partirás
partira	partirá(e)
partíramos	partirâmos
partírâis	partireis, partireides
partírañ	partirão

Condicional

partiria	partiríamos
partirias	partiríâis
partiria	partiríañ

Imperativo

parte	partide

Conjuntivo

PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)
parta	
partas	partir(e)
parta	partir(e)s
pártamos	partir(e)
pártâis	partirmos
pártañ	partírâis
IMPERFEITO	partírâĩ
	GERÚNDIO
partisse	
partisses	partindo
partisse	
partíssemos	PARTICÍPIO PASSADO
partíssâis	
partíssâĩ	partido

*

Para evitar repetições escusadas, apresentarei aqui, num só conspecto, as terminações dos verbos regulares das três conjugações, a fim de fazer a devida análise das que não são comuns ao português normal.

TERMINAÇÕES

Indicativo	I	II	III
PRESENTE	— o	— o	— o
	— a-s	— e-s	— e-s
	— a	— e	— e
	— â-mos	— â-mos	— i-mos
	— a-is	— e-is	— i-s
	— a-ides	— e-ides	— i-des
	— a-ũ	— ã-ĩ	— ã-ĩ
IMPERFEITO	— a-va	— i-a	— i-a
	— a-va-s	— i-a-s	— i-a-s
	— a-va	— i-a	— i-a
	— á-va-mos	— í-amos	— í-amos
	— á-vã-is	— í-ã-is	— í-ã-is
	— á-va-ũ	— í-a-ũ	— í-a-ũ
PERFEITO	— ei(e)	— i(e)	— i(e)
	— astes	— êstes	— istes
	— ou(e)	— êu(e)	— íu(e)
	— âmos	— âmos	— imos
	— ástãis	— êstãis	— ístãis
	— árũ	— êrũ	— íraũ
MAIS QUE PERFEITO	— a-ra	— ê-ra	— i-ra
	— a-ra-s	— ê-ra-s	— i-ra-s
	— a-ra	— ê-ra	— i-ra
	— á-ra-mos	— ê-ra-mos	— í-ra-mos
	— á-rã-is	— ê-rã-is	— í-rã-is
	— á-rũ	— ê-rũ	— í-ra-ũ
FUTURO	— ar-ei(e)	— er-ei(e)	— ir-ei(e)
	— ar-ás	— er-ás	— ir-ás
	— ar-a(e)	— er-á(e)	— ir-á(e)
	— ar-âmos	— er-âmos	— ir-âmos
	— ar-eis	— er-eis	— ir-eis
	— ar-eides	— er-eides	— ir-eides
	— ar-ão	— er-ão	— ir-ão
CONDICIONAL	— ar-ia	— er-ia	— ir-ia
	— ar-ias	— er-ias	— ir-ias
	— ar-ia	— er-ia	— ir-ia
	— ar-íamos	— er-íamos	— ir-íamos
	— ar-íãis	— er-íãis	— ir-íãis
	— ar-íaũ	— er-íaũ	— ir-íaũ

IMPERAT.	— a	— e	— e
	— a-i(de)	— e-i(de)	— i-de

Conjuntivo

PRESENTE	— e	— a	— a
	— e-s	— a-s	— a-s
	— e	— a	— a
	—́ e-mos	—́ a-mos	—́ a-mos
	—́ â-is	—́ â-is	—́ â-is
	— ã-ĩ	— a-ũ	— a-ũ
IMPERFEITO	— a-sse	— ê-sse	— î-sse
	— a-sse-s	— ê-sse-s	— i-sse-s
	— a-sse	— ê-sse	— i-sse
	— á-sse-mos	— ê-sse-mos	— í-sse-mos
	— á-ssã-is	— ê-ssã-is	— í-ssã-is
	— á-ssã-ĩ	— ê-ssã-ĩ	— í-ssã-i
FUTURO (E INFINIT. PESSOAL)	— a-r(e̯)	— ê-r(e̯)	— i-r(e̯)
	— a-r(e̯)s	— ê-r(e̯)s	— i-r(e̯)s
	— a-r(e̯)	— ê-r(e̯)	— i-r(e̯)
	— a-r-mos	— ê-r-mos	— i-r-mos
	— á-r-ãis	— ê-r-ãis	— í-r-ãis
	— á-r-ãĩ	— ê-r-ãĩ	— í-r-ãĩ
GERÚND.	— a-ndo	— a-ndo	— i-ndo
PAR. PAS.	— ado	— ido	— ido
INF. IMP.	— a-r(e̯)	— ê-r(e̯)	— i-r(e̯)

OBSERVAÇÕES

1.ª

A transformação em *â* (com ténue ressonância nasal) do *e* da 1.ª pessoa do plural no Indicativo Presente e Perfeito da II conjugação e Futuro das três conjugações, bem como do *á* da mesma pessoa do plural no Indicativo Perfeito da I conjugação, é devida à acção da nasal *m* que se encontra imediatamente após aqueles fonemas, fenómeno a que já aludi ao tratar da vogal nasal *ã*.

2.ª

A 2.ª pessoa do plural aparece-nos com duas formas no Indicativo Presente e Futuro das três conjugações e no Imperativo da I e da II.

A génese da forma não comum ao português normal efectuou-se, a meu ver, do seguinte modo:

No galego, são usadas para a formação da 2.ª pessoa do plural do Imperativo, nos verbos de tema em *a*, quatro terminações: *-ade* (< lat. *-ate)*, *-ai* (< * *-ae* < *-ade)*, *-á* (< *ai*, pela contracção do ditongo), e *-aide* (resultante da fusão das duas primeiras) ([266]).

Ora, no ervedosense, a terminação correspondente de que estou tratando é também *-aide* e a do mesmo modo e pessoa dos verbos de tema em *i* é *-ide*. como no galego. É fácil de supor que estas duas terminações tivessem contaminado a paralela dos verbos de tema em *e*, gerando, a-par dessa comum ao português normal, outra *-eide* que pode assim considerar-se terminação anológica.

Para, conforme creio, evitar confusão com a 1.ª pessoa do singular do Indicativo Perfeito dos verbos de tema em *i*, o povo deixou de empregar a 2.ª do plural do Imperativo dos mesmos verbos, homónima daquela ([267]), servindo-se apenas da forma terminada em *-ide*, comum ao galego.

Criadas dêste modo as terminações da 2.ª pessoa do plural do Imperativo *-aide -eide* e *-ide*, e existindo já no galego e no minhoto a terminação *-ides* na mesma pessoa do Indicativo Presente, não é de estranhar que no ervedosense surgissem, ao lado das formas comuns ao português normal, na 2.ª pessoa do plural do Indicativo Presente, as terminações *-aides*, *-eides* e *-ides*. Esta criação anológica foi ainda reforçada pelo seguinte confronto, inconsciente embora:

-ai está para *-ais*, e *-ei* está para *-eis* (formas primárias), como *-aide* para *-aides* e *-eide* para *-eides* (formas secundárias).

Mas a analogia ainda não ficou por aqui; estendeu-se ao Indicativo Futuro das três conjugações regulares. Como a terminação da 2.ª pessoa do plural, neste tempo, acabava em *-eis* tónico, a pessoa correspondente do Indicativo Presente dos verbos de tema em *e*, que, como acima disse, já possuía duas terminações simultâneas *(-eis* e *-eides)*, actuou sôbre aquela e gerou nova forma, igual à sua secundária.

Foi assim, em meu entender, que se originaram as terminações duplas, patentes no quadro que estou analisando ([268]).

3.ª

Acêrca do ditongo *aũ* átono que termina a 3.ª pessoa do plural de vários tempos, bem como da sua redução a *ũ* no Indicativo Perfeito e Mais que Perfeito dos verbos de tema em *a* e em *e*, já discorri o suficiente na parte da Fonética dedicada ao ditongo.

4.ª

Como já disse na parte que acabo de citar, a nasalação da subjuntiva do ditongo *ãĩ* foi resultante do som nasal da base. A passagem de *em* (< lat. *-en(t)* a *-ãi* observa-se no português normal, porque, como muito bem nota o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ([269]), «a orthographia litteraria *-em* é apenas para os olhos, pois a pronúncia culta é *ãi*, por ex.: *devem* pronuncia-se *dévãi* (com *a* fechado, já se entende).» Ora foi a base dêste ditongo *-ãi* que assimilou a subjuntiva. nasalando-a, do que resultou a forma *-ãĩ* que é um ditongo nasal completo.

5.ª

Antes de *s* manteve-se aquele ditongo semi-nasal que constitúi uma outra característica da flexão verbal ervedosense ([270]): — Excepto no Indicativo Presente e Futuro e no Imperativo, a terminação da 2.ª pessoa do plural acaba sempre em *-ãis* átono.

Na minha desautorizada opinião, a génese desta forma efectuou-se no Conjuntivo Imperfeito, sob a acção da terminação da 3.ª pessoa do plural. O contágio da nasalidade da 3.ª para a 2.ª pessoa é compreensível: talvez quando ainda diziam *êls chamássãi, batêssãi, pedíssãi*, os ervedosenses fôssem levados a dizer, por analogia, *vós chamássãis, batêssãis, pedíssãis*, em vez de *vós chamásseis, batêsseis, pedísseis*.

A passagem de *eis* e *ãis* não é difícil de conceber-se nem de realizar-se, sobretudo quando os ditongos *ei* e *ãi* se encontram no mesmo tempo e em formas tão semelhantes como as que acabo de mencionar.

Depois de alterada assim esta terminação, outros tempos a adoptaram, por analogia; para o que não foi de pequena monta a influência da nasalidade existente em tôdas as terminações da 3.ª pessoa do plural. E, a meu ver, esta contamina-

ção de formas deu-se quando o actual ditongo átono *-aũ* ainda não perdera a nasalidade do *a*, soando, por isso, *-âu* ou *ãũ*.

Os tempos contagiados em primeiro lugar foram aqueles cuja 2.ª pessoa do plural terminava em *-eis* (como ainda actualmente no português normal): Indicativo Imperfeito e Mais que perfeito; Condicional e Conjuntivo Presente. Nêste último tempo, só se deu a nasalação depois da mudança do acento para a penúltima sílaba; emquanto fôsse tónico, o ditongo *ei* não sofreria aquela contaminação.

No Indicativo Perfeito, houve primeiramente a ditongação do *e* da terminação *-stes*, fenómeno comum a vários outros falares portugueses ([271]) e que eu próprio observei na pronúncia de pessoas dotadas de razoável cultura. A mudança para *ã* do *e* da terminação *-steis* efectuou-se depois pela influência da terminação *-ãis* dos outros tempos.

E foi tal o poder desta influência que, no Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), fêz desaparecer a desinência *-des* e ocupou o seu lugar

Dêste modo chegou a dominar em todos os tempos, salvo nos que indiquei no comêço desta observação.

6.ª

Aludi ainda há pouco à terminação *-steis* da 2.ª pessoa do plural do Indicativo Perfeito. Segundo o Sr. Dr. J. J. Nunes ([272]), é ela de criação anológica resultante do confronto com as terminações em *-eis* da mesma pessoa, predominantes na flexão verbal.

A 2.ª do singular do mesmo tempo, aparece-nos terminada em *-stes*. O *s* final poderá, a meu ver, explicar-se também pela analogia com a terminação sigmática da mesma pessoa em todos os outros tempos, o que também acontece nas terminações de igual tempo, no galego, *-ches* e *-stes* ([273]).

7.ª

Outra alteração devida à analogia é o recuo do acento para a sílaba anterior, observado nas 1.ª e 2.ª pessoas do plural do Conjuntivo Presente. Como as outras quatro formas são rizotónicas, aquelas duas acompanharam-nas, porque neste caso teve mais fôrça a analogia do que a lei da persistência do acento e a aversão aos proparoxítonos manifestada pela ervedosense ([274]).

No dizer dos gramáticos que consultei, o galego mantém ainda, nestas formas, o acento latino. Mas igual afirmação tem sido feita a respeito do Indicativo Imperfeito [275] e, todavia, Lugris Freire [276], na sua gramática, publicada em 1922, apresenta como esdrúxulas a 1.ª e a 2.ª pessoas do plural dêste tempo. São palavras dêle: «Adoptamos a forma esdrúxula neste tempo despois de estudiálo ben e de consultalo con persoas peritas na nosa fala.»

Sinal de que a analogia segue triunfante.

8.ª

Nos três verbos que apresentei como paradigmas e neste quadro das terminações, escrevi entre parêntesis o *-ḙ* paragógico a que já me referi na Fonética, ao tratar da paragoge.

Também coloquei entre parêntesis o *ḙ* da terminação da 2.ª pessoa do singular do Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), para indicar que, no falar ervedosense, é muito freqüente a supressão daquele fonema.

Mas nas formas verbais que ainda tiver de citar neste trabalho, não tornarei a mencionar o *-ḙ* paragógico, nem a encerrar em parêntesis o *ḙ* do Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), a que fiz referência nesta observação.

*

Para terminar estas anotações à flexão verbal regular ervedosense, resta-me apontar três casos que observei naquele falar:

1.º — Sempre que ouvi empregar o Indicativo Mais que perfeito foi com a função de Condicional;

2.º — Na posposição do pronome *o (a, os, as)*, nunca notei a transformação em *l* do *-s* final das formas verbais, como no português normal. Em vez da manutenção desta assimilação antiga, intercalam a semivogal *i* do seguinte modo: — *comâmos-i̭-o* <> *comêmo-lo*, *tu chamas-i̭-a* <> *tu chama-la*, *partistãis-i̭-os* <> *partiste-los*, *compraríamos-i̭-as* (o povo nunca intercala os pronomes) <> *comprá-las-íamos*, etc., etc. [277];

3.º — O sufixo verbal *-iar* é muito freqüentemente substituído pelo *-ear*, do que resulta ouvirem-se a cada passo frases como estas: «*Ago̭neia-se m'o 'stâmago*». «*O lampeão nũ alúmeia nada*».

*

Passemos agora aos verbos irregulares ([278]).

abrir

IND.-PRES.: aibro <> abro.
CONJ.-PRES.: aibra, aibras, aibra, âibramos, âibrãis, âibraũ.

(Diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos que *aibro* assenta no lat. *ap'rio* (< *ap'rire*). Do mesmo modo, se podem explicar pelas formas sincopadas do Conj. lat. *ap'ria(m)*, etc. as restantes formas dialectais).

amuar-se

Nas formas rizotónicas, muda o *u* em *ô*, por analogia com os verbos terminados em *-oar* (*atroar*, *doar*, *soar*, etc.)

Igual fenómeno se verifica nos verbos *consuar* e *suar* (<> *transpirar*). Ex.: *êl amôa-se, que nós consôemos, eu sôo*, etc. ([280]).

c'rêr <> querer

Indicativo

PRESENTE	PERFEITO
quəro	*quije*
{ *quərs*	*quijestes*
{ *quəs*	*quije*
quər	*quijâmos*
c'râmos	*quijéstãis*
{ c'reis	*quijərũ*
{ c'reides	
{ c'randes	
quərãĩ	

IMPERFEITO	MAIS QUE PERFEITO
c'ria	*quijəra*
c'rias	*quijəras*
c'ria	*quijəra*
c'ríamos	*quijəramos*
c'ríãis	*quijərãis*
c'riaũ	*quijərũ*

FUTURO	
querei	querâmos
querâs	{ quereis / quereides
querá	querão

Condicional

(Igual ao IND.-IMPERFEITO)

Conjuntivo

PRESENTE	
queira	*quijər*
queiras	*quijərmos*
queira	*quijərãis*
quéiramos	*quijərãĩ*
quérãis	
quéiraũ	

INFINITIVO PESSOAL

c'rêr
c'rêrs
c'rêr
c'rêrmos
c'rêrãis
c'rêrãĩ

IMPERFEITO

quijésse
quijésses
quijésse
quijéssemos
quijéssãis
quijéssãĩ

GERÚNDIO

c'rando

FUTURO

quijər
{ *quijərs* / *quijəs*

PARTICÍPIO PASSADO

c'rido

(A síncope do *e* no Infinitivo, no Gerúndio, no Particípio, no Indicativo Presente — formas arrizotónicas — e Imperfeito, e no Condicional, teve a mesma causa que a já observada no vocábulo *sprança* (V. Síncope). Da mesma síncope na 2.ª pessoa do singular do Ind.-Presente, Conj.-Futuro e Inf.-pessoal, falei na Obs. 8.ª à flexão verbal regular. Emprego o apóstrofo nestas formas sincopadas, para evitar confusão com as do verbo *crer*.

Sôbre as formas *quəs* e *quijəs*, e tôdas as outras que teem *-j-*, cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 438, e «Dialectologie», p. 140; e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340.

Nas formas *quəs, quijəs, dixəs*, e semelhantes, houve assimilação do *r* ao *s*.

No português arcaico, bem como no galego, encontra-se o futuro *querrei*, *querrás*, etc. ([281]).

A forma *c'randes*, do Indic.-Presente, deve ser — como *sandes* do verbo *ser* — resultante de analogia com *tandes*, 2.ª pessoa do plural do mesmo tempo e modo do verbo *ter).*

dar ([282])

CONJ.-PRESENTE: deia, deias, deia, déiamos, déiãis, deia̯ũ.

(Em galego, também há, no Conj.-Presente, *dea* = *dia* = *deña*, *deas* = *dias*, *dea* = *dia* = *deña*, e, no Imperativo, 3.ª pess. sing. *dea* = *dia*, e 3.ª pess. pl. *dean* = *dian* ([283]).

Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ([284]), «estas formas explicam-se pelo lat. vulg. * *deam*, alongamento de *dem.*»

São também quási tôdas comuns ao português popular doutras localidades) ([285]).

de̯zêr

Indicativo

PERFEITO

dixe
dixéstes
dixe ([286])
dixâmos
dixéstãis
dixə́rũ

MAIS QUE PERFEITO

dixəra
dixəras
dixəra
dixə́ramos
dixə́rãis
dixə́rũ

FUTURO

de̯ze̯rei
de̯ze̯rás
de̯ze̯rá
de̯ze̯râmos
de̯ze̯reis } de̯ze̯reides
de̯ze̯rão

Condicional

de̯ze̯ria
de̯ze̯rias
de̯ze̯ria
de̯ze̯ríamos
de̯ze̯ríãis
de̯ze̯ría̯ũ

Imperativo

diz	dezei(de)

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
	dixər
dixésse	{ *dixərs* / *dixə́s* }
dixésses	
dixésse	*dixər*
dixéssemos	*dixərmos*
dixéssãis	*dixərãis*
dixéssãĩ	*dixərãĩ*

(Acêrca das formas que teem *-x-*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 334; Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 441 e 442, e «Dialectologie», p. 139; e as obras citadas de Diego e de Lugris Freire, nos parágrafos relativos à flexão do verbo *Dicir* = *Decir* = *Decer* = *Dicer*. Cfr. também as formas do Ind.-Futuro e do Condicional com os galegos *dicirei* = *decirei*, *diciria*, etc.

A respeito de *dixə́s*, cfr. as observações ao verbo *c'rer* < > *querer*.

Cito o Imp. *diz*, que é até usado na conversação de gente culta, por o Sr. Dr. J. J. Nunes — loc. cit. nesta observação — se referir a êle).

doer

IND.-PRESENTE: *dôio* ([287]).

CONJ.-PRESENTE: *dôia*, *dôias*, *dôia*, *dôiamos*, *dôiãis*, *dôiaũ*.

Idênticamente se conjugam os verbos *moêr* e *roêr*.

(As formas que apresento do verbo *doêr* são comuns ao galego e ao português popular doutras regiões ([288]).

fazêr

Indicativo

PERFEITO

	fêz
	fijâmos
fije	*fijéstãis*
fijéstes	*fijərũ*

MAIS QUE PERFEITO

fijəra
fijəras
fijəra
fijəramos
fijərãis
fijərũ

FUTURO

fazerei
fazerás
fazerá
fazerâmos
{ fazereis
{ fazereides
fazerão

Condicional

fazeria
fazerias
fazeria
fazeríamos
fazeríãis
fazeríaũ

Conjuntivo

IMPERFEITO

fijésse
fijésses
fijésse
fijéssemos
fijéssãis
fijéssãĩ

FUTURO

fijər
{ fijərs
{ fijəs
fijər
fijərmos
fijərãis
fijərãĩ

(Cfr. o que, sôbre estas formas irregulares, diz o Sr. Dr. J. J. Nunes, na p. 335 da sua citada obra.

Sôbre a forma *fijəs*, cfr. as observações ao verbo *c'rer* < > *querer)*.

haver

Notei o emprêgo das formas contractas *hâmos* e *heis*, de preferência às formas plenas *havemos, haveis*.

ir

Em lugar de *vades* (2.ª pess. pl. do Conj.-Presente), usam a correspondente forma do Indicativo *ides* (cfr. n. 274).

mintir

Indicativo

PRESENTE	
	mintimos
minto	mintis / mintides
mantes	
mante	mântãĩ

Conjuntivo

PRESENTE	
	minta
	míntamos
minta	míntàis
mintas	míntaũ

Nas formas arrizotónicas mantém-se o fonema ĩ átono. De igual modo se conjuga o verbo *sintir*.

(Os infinitivos *mintir* e *sintir* são comuns a falares portugueses doutras regiões e ao galego; no mirandês também se encontra *mintir*. Ver, a êste respeito, Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57 e 347; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 238, 239, e II, p. 198).

ouvir

PARTICÍPIO PASSADO: ouvisto.

(Por analogia com *visto*, igual forma do verbo *ver*, segundo o Sr. Dr. J. J. Nunes) ([289]).

pôr

IND.-PRESENTE: *pujâmos*, por pômos.

PERFEITO	MAIS QUE PERFEITO
pus ([290])	*pujəra*
pujéstes	*pujəras*
pôs	*pujəra*
pujâmos	*pujəramos*
pujéstãis	*pujərãis*
pujərũ	*pujerũ*

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
pujésse	*pujər*
pujésses	{ *pujərs* / *pujə̍s* }
pujésse	*pujər*
pujéssemos	*pujərmos*
pujéssãis	*pujə̍rãis*
pujéssãĩ	*pujə̍rãĩ*

PARTICÍPIO PASSADO: pósto.

(A respeito destas formas, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 338-339.

O emprêgo de *pujâmos* por *pômos*, no Ind.-Presente, resulta da confusão entre o Presente e o Perfeito que, nesta pessoa, se dá também nos verbos *ver* e *vir*.

Acêrca de *pujə̍s*, ver o que fica dito nas anotações ao verbo *c'rêr* <> *querer)*.

rejḙstir

Indicativo

PRESENTE	
rejisto	rejḙstimos
rejéstes	{ rejḙstis / rejḙstides }
rejéste	rejéstãĩ

Conjuntivo

PRESENTE	
rejista	rejista
rejistas	rejístamos
	rejístãis
	rejístaṷ̃

Nas formas arrizotónicas mantem-se o ḙ na sílaba *-jes-*.

(O infinitivo *rejestir* é comum ao mirandês ([291]); Diego menciona, como forma galega e castelhana arcaica, *registir* ([292]). Cfr. também a forma alentejana *rezestex)* ([293]).

sabêr

IND.-PERFEITO: 1.ª pess. sing. sube<>soube.

(Forma comum a falares portugueses doutras localidades) [294].

screvêr

PARTICÍPIO PASSADO: screvido.

(Forma analógica devida à tendência para a regularização das flexões que se nota na linguagem infantil e na das pessoas incultas).

sêr

Indicativo

PRESENTE: sâmos<>sômos, seis e sandes<>sois.
PERFEITO: foi (em próclise)<>fui, *fumos* [295]<>fômos.

Nunca ouvi empregar a 2.ª pess. sing. do Imperativo; a do plural é *seide.*

(As formas *sâmos* e *sandes* são analógicas [296]; e creio que à mesma categoria pertencem *seis* — Ind.-Pres. — e *seide* — Imperativo —. As primeiras, por influência das correspondentes pessoas dos verbos *têr* e *pôr;* as segundas, pela acção das mesmas pessoas dos verbos regulares de tema em *e.*

A forma *foi<>fui* é comum a outros falares portugueses [297].

Fumos aparece também no galego) [298].

suprir

IND.-PRESENTE: 3.ª pess. sing. sopre; 3.ª pess. plural sóprãĩ.

(Estas formas são muito empregadas com referência a qualquer alimento; ex.: «*Êstes feijões sóprãĩ mais qu'aquêls*». A *suprír* dão a significação de *aumentar* [299].

Esta metafonia é devida a analogia com os verbos em que se dá o mesmo no português normal: *cobrir, dormir,* etc. Terá também influído nela o verbo *(as)soprar?)* [300].

têr

IND.-PRESENTE: tânho, tãĩs, tãĩ, tâmos, tandes e tândãis, tãiãĩ.

IMPERATIVO: tãĩ, tande.

(Desprezando as particularidades fonéticas de que tratei na parte a elas referente, quero notar aqui apenas a manutenção do ditongo *ãĩ* antes de *s*, na forma *tãĩs* ([301]), e a dualidade de pronunciação da 2.ª pess. pl. do Ind.-Presente.

A forma *tandes*, depois de ter contribuído para a génese das formas *c'randes* e *sandes*, respectivamente dos verbos *c'rêr* <> *querer* e *sêr*, sofreu já a influência da terminação átona *-ãis*, predominante na flexão verbal ervedosense. Assim, muito poucas vezes ouvi a ervedosenses incultos pronunciar *tandes*, sendo *tândãis* a forma corrente na bôca do povo) ([302]).

trazêr

Indicativo

PERFEITO

truxe ([303])
troixéstes
troixe
troixâmos
troixéstãis
troixərũ

MAIS QUE PERFEITO

troixəra
troixəras
troixəra
troixəramos
troixərãis
troixərũ

FUTURO

trazerei
trazerás
trazerá
trazerâmos
trazereis / trazereides
trazerão

Condicional

trazeria
trazerias
trazeria
trazeríamos
trazeríãis
trazeríaũ

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
	troixər
troixésse	*troixərs* / *troixes*
troixésses	
troixésse	*troixər*
troixéssemos	*troixərmos*
troixéssãis	*troixərãis*
troixéssãĩ	*troixərãĩ*

(Acêrca de *truxe*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 393, n. 3, e 439. Sôbre *troixe*, ver p. 141 da «Dialectologie» dêste último autor.

De *troixəs* nada mais há que dizer, além do que anotei na observação relativa a *c'rêr* <> *querer*.

A respeito de tôdas as outras formas, cfr. as obras citadas de Díego e do Sr. Dr. J. J. Nunes, p. 145 e 342-343, respectivamente).

vêr

IND.-PRESENTE: veijo, vês, vê, vimos, veis e veides, véiãĩ.
IMPERATIVO: sing. *vê;* plural *vei* e *veide.*

(Como nos verbos *ter* e *vir*, se menciono tôdas as formas do Ind.-Presente, é apenas para indicação da sua pronúncia.

De interêsse morfológico é o emprêgo das formas *veis* e *veides* no Ind.-Presente, e *vei* e *veide* no Imperativo. São formas analógicas, devidas à influência da conjugação regular.

Vimos, por *vemos*, é resultante de confusão entre o Presente e o Perfeito do Indicativo, idêntica à que se deu nos verbos *pôr* e *vir).*

vir

IND.-PRESENTE: vânho, vãĩs, vãĩ, viâmos, vindes, vãiãĩ.
PERFEITO: vĩ, viéstes, vêu, viâmos, viéstãis, vierũ.

(A respeito de *-ãĩs*, na forma *vãĩs*, ver o que ficou dito na anotação ao verbo *ter*.

À confusão entre o Presente e o Perfeito que se nota em *viâmos* — Ind.-Presente —, por *vimos*, já aludi ao tratar dos verbos *pôr* e *vêr*.

Acêrca da forma *vêu*, por *veio*, cfr. Dr. Leite de Vas-

concelos, F. P., p. 374, F. M., I, p. 441, e «Dialectologie», p. 141).

*

E foram estas as observações que pude realizar acêrca da flexão verbal ervedosense.

PARTÍCULAS

Neste capítulo terei de restringir-me a citações avulsas, o que, diga-se, não destôa muito da índole dêste trabalho que deve considerar-se mais como repositório de observações dialectais do que como estudo filológico pròpriamente dito.

a) Advérbios

Locuções dubitativas muito freqüentemente empregadas:

Por i; ex.: «*São por i coranta*». <> «*São talvez quarenta*». «*É por i algum bicho*» *(por i* <> *talvez).*
Às vezes; ex.: «*Nũ vá às vezes êl chigare...*» *(às vezes* <> *por acaso),* «*Pode, às vezes, ser êle*» *(às vezes* <> *talvez).*

Com o sentido de *não*, ouvi muitas vezes empregar a palavra *àgora* (304); ex: — «*Stás doante, repaz? — Àgora! Stou aqui a descansare*».

Também, em ervedosense, é usado o pronome *isso*, como negação enfática; ex.: — «*Olha qu'o cachôrro com'o coêlho! — Isso com'êle!*» (305).

A propósito dêste emprêgo adverbial, citarei ainda aqui o seguinte trecho dum diálogo que ouvi: — *S'eu nũ quijésse, havias de ver s'eu te davò* (<> *dava o) dinheiro! — Ó milagre de dars!*» (<> *Havias de dar, custasse o que custasse!)*

Não, em próclise, sôa sempre *nũ*; em pausa, sempre *não* (306).

É muito usado o advérbio *bem*, para designar quantidade; ex.: «*É bãĩ alto!*» <> «*É muito alto*», «*Nũ é bãĩ branco*» <> «*Não é suficientemente branco*».

Chegam a torná-lo adjectivo pronominal indefinido; ex.: «*Havia lá bãĩ hómãis*» <> «*Havia lá muitos homens*».

Êste mesmo advérbio seguido de *feito* constitúi uma locução adverbial de modo, muito em voga na linguagem ervedosense. Significa *bem, com precisão, com exactidão;* ex.: «*Nũ l'acertei bãĩ feito*», «*Se t'apanho bãĩ feito, sgano-te!*», «*Chigastes lá bãĩ feito?*» (<>«*Chegaste mesmo lá?*»). «*Nũ s'ouve ali bãĩ feito*» (<>«*Ali não se ouve bem*») ([307]).

Então está representado, no ervedosense, por *antão* e *atão* (devido a dissimilação *a-ã* de *ã-ã*). Esperar-se-ia *intão,* segundo a regra que mencionei na Fonética ([308]).

O advérbio *onde,* quer só quer nas suas ligações com as preposições *a* e *de,* foi por mim várias vezes ouvido pronunciar com *d* inical (cfr. o castelhano *donde);* ex.: «*Donde stavas?*», «*Adonde fôstãis?*», «*De donde vêu êle?*», «*Na casa donde morava...*», etc.

Além de vários advérbios comuns ao galego que já foram mencionados nas páginas antecedentes, como *despois, onte, sòmantes,* etc., quero ainda aqui citar as locuções seguintes: *a eito, òs poucos* (<>*a pouco e pouco), de scãicha pernas* (com as pernas afastadas, como quando se vai a cavalo; gal. *a canchapernas), a valer; ò cabo* (<>*por fim), ĩ diante* (gal. ant. *yndiante,* mod. *endiante); arriba, ĩ riba* (<>*acima, em cima;* gal. *arriba, enriba).*

O galego e português *amiúde* é quási sempre substituído por *a-miúdo* também galego.

Semelhante à galega *de cote* é a locução ervedosense *a cote*<>*a uso, diàriamente;* ex.: «*Agora trago êsta roupa a cote*». *De cote* passou a locução adjectiva; ex.: «*Êsta é u a minha roupa de cote*» (*Roupa de cote*<>*roupa de uso,* em contraposição a *roupa de ver a Deus*<>*roupa domingueira)* ([309]).

As arrastras (gal.) corresponde a *d'arrastos* (erv.); ex.: «*Atão andas d'arrastos?!*»

Caje (gal.), em ervedosense *caije, caijo* e *acaijo,* já foi citado na Fonética ([310]).

De rompão (<>*sùbitamente)* tem o equivalente galego *de romplón.*

E muitos mais.

Mas já bastam estas ligeiras anotações, para se ver como, também neste capítulo, se manteem a par o galego e o português popular falado em Ervedosa do Douro.

b) Preposições, conjunções e interjeições

Quási tôdas as preposições galegas teem forma idêntica à das que existem no português normal.

De *antre, despois* e *scontra*, já falei noutro lugar. Aqui mencionarei apenas as locuções prepositivas *enriba de* (<>erved. *ĩ riba de), rente de* (erv. *rante de<>junto de),* comuns ao ervedosense e ao galego.

Na locução *por via de* dá-se um caso de fonética sintática, semelhante ao de *ca sói lá,* a que já aludi, ao tratar do pronome. A situação das palavras, nessas frases como que estereotipadas, faz com que se modifiquem recìprocamente, sobretudo aquelas em que não recai o acento da frase. Assim, na locução *que eu sei lá,* só a última palavra se manteve inalterada por ter em si o acento; na *por via de,* como é pronunciada ràpidamente e subordinada ao acento da palavra que a segue, deu-se um ensurdecimento da única sílaba acentuada que ela tinha e transformou-se em *por vê de,* com o *ê* quási átono, como o *è* de *pègada* e o *a* de *activo.*

Outro caso de fonética sintáctica se nota nas locuções adverbiais: *ò pa trás<>para trás* e *ò pa riba<>para cima;* ex.: *andar ò pa trás<>recuar, caminhar ò pa riba<>subir* (uma encosta). Nestas locuções, o *r* de *trás* e *riba* fêz cair, por dissimilação, o da preposição *p'ra<>para.* Com *baixo* e *diante,* nunca se verifica esta síncope; ex.: *caminhar ò p'ra baixo<>descer* (uma encosta), *stá lá p'ra diante* ([311]).

Das conjunções citarei quási só as que, sendo comuns ao galego e ao português popular falado em Ervedosa, não são usadas no português literário, pelo menos na forma em que as apresento aqui.

ca (comparativa. V. as linhas concernentes aos adjectivos), *coma* (erv. *cuma,* também já referida), *cando<>quando, desque* ([312]), *en canto* (erv. *ĩ canto)* ([313]), *despois que.*

Observei a transformação em *a* da conjunção copulativa *e* na frase *còrtilho a meio<>quartilho e meio,* ou *um e meio quartilho* ([314]).

Em «*cheira mal ca pésta!*» verifica-se outro caso de fonética sintáctica; esta frase significa «*cheira muitíssimo mal*» e deve ser corrupção de «*cheira mal, que é peste!*»<>«*cheira tão mal que parece peste!*»

Entre as interjeições galegas, aparecem duas que muito amiúde ouvi em Ervedosa, exactamente com a mesma significação: «*ei* para animar a à los bueyes», diz Garcia de Diego ([315]); e «*xó!* para deter as bestas», *apud* Lugris Freire ([316]). Para enxotar os porcos, usam naquela povoação a interjeição *côche!* (Cfr. as palavras galegas *cocha* e *cocho*, respectivamente *porca* e *porco*, em português) ([317]).

As interjeições empregadas para o chamamento dos porcos são, pelo que observei, as seguintes:

réco! réca!, nomes com que designam, em algumas províncias, o *porco* e a *porca;*

vicá! e *quiá!*, que podem considerar-se locuções interjectivas, pois são, respectivamente, resultantes da alteração de *vem cá* e de *aqui há (silicet vianda* <> alimento, em grande parte líquido, destinado aos porcos). A formação dêstes dois vocábulos é explicável pela fonética sintáctica.

Já na Fonética tratei de *ə́-lho!* e de *úlha!* Devo aqui indicar outra interjeição de emprêgo muito freqüente para chamar a atenção de alguém; é ela *òr'olhe!* (e *òr'ólhãĩ!)*, também pronunciada *òr'olha!* (e *òr'o̭lhai!)* ([318]), quando o tratamento tido para com a pessoa ou pessoas a quem ela é dirigida, assim o permite. Como é composta de *ora* + verbo *olhar*, será mais exacto denominá-la locução interjectiva. Também ouvi empregar *òr'úlha!* para chamar a atenção e manifestar simultâneamente grande admiração.

III

COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

Meia dúzia de observações, apenas.

Talvez por analogia com as palavras de origem arábica que começam por *al-*, e talvez também por ser mais sonoro que *ar-* êste prefixo, encontram-se no ervedosense alguns vocábulos com *al-* inicial que não o possuem no actual português literário.

Cito cinco: *almário* (comum ao galego) ([319]), *almažãĩ (almazém*, no português arcaico); *alquedute* <> *aqueduto* (V. epêntese), *alvidar*, por *olvidar*, e *Alvira* (subs. próprio feminino), por *Elvira.*

O prefixo *des-* aparece, como intensivo, na palavra *desin-*

quéto <> *muito inquiéto*, vocábulo que, com leves alterações, aparece noutros falares dialectais ([320]).

Como exemplo de combinação de prefixos, menciono a palavra *desīòlhado* <> *desòlhado, que tem olheiras.*

*

A-par com o sufixo aumentativo *-ão* (feminino *-óna)*, é usado *-ôrro* (feminino *-ôrra)* em *grandôrro*, *grandôrra* ([321]). O aumentativo *Grandão* aparece como alcunha posta a um homem de estatura superior à média, o qual, por êsse mesmo motivo, também é chamado *Comprido.* A propósito, direi que a terminação *-ão* em *Sandão* (que eu já considero apelido, pois não envolve ideia depreciativa) foi resultante de assimilação realizada pela nasal *-an-;* a meu ver, foi esta a evolução seguida: *sandêu* > * *sandéu* > * *sandâu* > * *sandãu* > *sandãũ* que ortografo *sandão*, pelos motivos que expuz na Fonética.

Dos sufixos diminutivos dignos de nota, mencionarei *-ôlo* ([322]), *-ôto* e *-êlo;* ex.: *terreôlo*, pequena propriedade rústica, e *casinhôlo*, casebre pequenino; *spigôto*, pequeno espigo, ou grêlo, de couve (cfr. *perdigôto);* já citei *coirêlo* e *panêlo*, a propósito de Madanêlo (V. metátese); *cadêlo* é outro exemplo típico, pois, além de diminutivo (como no lat. *catēllus)*, é depreciativo; ajuntar-lhes hei ainda *codêlo* (< *côdea)*, pequeno pedaço de pão, e *cancêlo* que é usado como diminutivo de *cancela*, com uma acentuada modalidade depreciativa, portanto de significação diferente da do étimo lat. *cancēllus.*

Um exemplo de composição de sufixos vê-se em *pequerrichinho* ([323]) e em *beberrichar*, verbo diminutivo-freqüentativo. De *chinchinho* já falei na Fonética (V. haplologia).

Como já disse ao tratar de *dònezinha*, o infixo *-z-* é mais empregado no ervedosense que no português normal; aos dois exemplos ali apontados, acrescento aqui *mòlzinho*, que tem o sentido de *muito mole* ([324]).

Sôbre os sufixos *-íssemos* e *-essíssemo,* ver o que ficou dito no capítulo em que tratei do NOME.

Em duas palavras observei o sufixo depreciativo *-ête:* *cheirête*, mau cheiro (cfr. *reizête)*, e *lamb(a)rête*, repreensão (< *lamber?)*

A *-aige* <> *-agem* aludi ao tratar da apócope. Talvez por influência desta terminação, ouvi mais do que uma vez dizer, em Ervedosa, *corje* e *forje*, por *corja* e *forja*.

Ao rematar estas breves anotações, direi ainda que observei, no ervedosense, uma acentuada predilecção pelo sufixo *-eiro*; ex.: *viageiro* <> amigo de viajar, *preguiceiro* <> *preguiçoso*, *trabalhadeira* <> amiga de trabalhar, etc. ([325]).

IV

SINTAXE

Mal valeria a pena iniciar mais uma parte neste despretencioso estudo, se eu não tivesse observado, no ervedosense, uma construção sintáctica que, por analogia, pode contribuir para a explicação da génese do Infinitivo pessoal ([326]).

É a posposição da terminação *-mos*, desinência da 1.ª pess. pl. ([327]), ao gerúndio, quando se refere a esta pessoa; ex.: *«Nũ sei cumo tanto devâmos, ganhando-mos tanto dinheiro!»* <> *«Nem sei como, ganhando tanto dinheiro, devemos tanto!»*, *«Nũ saindo-mos de casa, morrâmos à fome»*. <> *«Se não sairmos de casa [para trabalhar], morreremos de fome»*.

Para poder estabelecer-se o confronto entre as combinações do gerúndio com as várias pessoas gramaticais, dou, a seguir, alguns exemplos, nos quais aquela forma verbal aparece precedida da preposição *ĩ* <> *em*, construção de uso freqüentíssimo no falar ervedosense: *«Ĩ comando, lá irei»*. <> *«Quando eu acabar de comer, lá irei»*. *«Ĩ tu vindo, te coçarei»*. <> *«Quando vieres, te darei o castigo»*, *«Ĩ êl chigando, t'o direi»*. <> *«Dir-to hei, logo que êle chegue»*, *«Ĩ* STANDO-MOS *co êle, le pedirâmos contas»*. <> *«Quando o encontrarmos, lhe pediremos contas»*, *«Ĩ vos levantando, m'assantarei»*. <> *«Quando vos levantardes, me assentarei»*, *«Ĩ êls te chamando, nũ faltes»*. <> *«Quando êles te chamarem, não faltes!»* ou, melhor, *«assim que êles te chamarem, vai logo!»*

A observação aí fica. Que a aproveite quem souber e puder, se ela fôr digna de prender, por alguns instantes, a atenção dos estudiosos de filologia.

*

Ànàlogamente a outros falares portuguêses, no ervedosense faz-se grande uso do pronome *êl* <> *êle* com os verbos impessoais e até como sujeito pleonástico ([328]); ex.: «*Êl choverá hoije?*» «*Êl sampre há cada burro!*» «*Êl a jante sampre faz cada asneira!*»

*

O emprêgo do presente pelo futuro é comum ao português normal (ex.: «*vou lá àmanhê*»); mas julguei dignas de serem aqui mencionadas estas duas expressões: *que vem* <> *víndoiro*, e *que nasce* <> *nascituro*. A primeira ouvi-a bastas vezes nestas frases e idênticas: «*P'r'ò ano* (ou *mês) que vãĩ*». «*P'rà semana que vãĩ*». A segunda ouvi-a apenas uma vez e nesta frase: «*Isto* (fazenda que estava comprando uma mulher grávida) *é p'r'ò que nasce*».

*

Dois exemplos de mudança de significação, de passiva para activa, notam-se nos seguintes participios, o primeiro dos quais já ouvi empregar noutras localidades: *poupado* <> *que poupa*, e *aproveitado* <> *que aproveita*. Há ténue gradação no sentido dum para o outro: «*F. é poupado*» quere dizer «*F. não é pródigo do que possúi*»; «*F. é aproveitado*» significa «*F. não deixa perder-se a oportunidade de aumentar o que possúi*» (isto é, *poupa o que tem e procura aumentá-lo)* ([329]).

*

Findas estas observações principais, agora só casos avulsos poderia anotar, como, por exemplo, a estranha construção do verbo *chamar*, nesta frase: «*Chamei-me a S. Gonçalo e casei*» <> «*Pedi a S. Gonçalo e êle ateudeu-me: deu-me marido*»; — a significação de *estar*, neste passo: «*Stou que são ciganos*». <> «*Creio que são ciganos*»; — o emprêgo pleonástico do pronome complemento *o̭*, nesta locução: «*Mal o haija o home!*»; — e inúmeros *bordões* a que se arrima, no seu falar vagaroso, a gente inculta: *ò despois, ò despois agora, ò despois antão, i agora*, etc.

Mas isto ficaria melhor num estudo lexicográfico metòdicamente organizado, que nestes apontamentos de dialectologia apressadamente alinhavados.

Vamos, portanto, às conclusões.

CONCLUSÃO

De tudo o que fica exposto, parece-me poder salientar-se:

1.º — Que a linguagem falada pelo povo inculto, em Ervedosa do Douro, constitúi uma variedade local que estabelece a transição entre os dialectos beirão e duriense, tendo, portanto, características próprias que justificam a expressão com que a designo — *falar ervedosense;*

2.º — Que as principais destas características são: *a)* representação de *ẽ* por *ĩ* quando átono, e por *ẫ* quando tónico; *b)* transformação de *e* em *ə* antes de *r; c)* redução constante de *qu* e *gu* a *c* e *g*, respectivamente; *d)* existência dos ditongos *ãi*, *ãĩ* e *a̭ũ* e da terminação *-ũ* (<>*-am)* na flexão verbal; *e)* desenvolvimento de *i̭* antes das palatais *ch*, *x*, *j* e *g=j; f)* confusão, na pronúncia, de *ç* com *ss* e de *z* com *-s-; g)* terminação em *-de* e *-des* da 2.ª pessoa do plural do Imperativo e do Indicativo Presente e Futuro, respectivamente; *h)* retracção do acento, na mesma pessoa do Conjuntivo Presente; *i)* substituïção da desinência *-des* pela *-ãis*, na mesma pessoa do Conjuntivo Futuro e do Infinitivo Pessoal; *j)* confusão constante entre o Presente e o Perfeito do Indicativo, na 1.ª pessoa do plural dos verbos *pôr*, *ver* e *vir;* e *l)* uso de várias palavras e locuções próprias daquela localidade, algumas das quais se podem ver no presente ensaio dialectológico.

NOTAS

(1) Costumavam estas ranchadas vir no princípio de Novembro (pelos Santos) e regressar à Galiza desde meados de Março. Galegos havia, porém, que se demoravam pelo Douro até princípios de Junho, dirigindo-se então a Castela, a fim de tomarem parte nas ceifas.

(2) É curiosa a proporção existente entre o número de habitantes de origem galega e a totalidade da população de Ervedosa do Douro.

Pelo último censo da população (1921), reconheceu-se ter esta povoação mil e quinhentos habitantes (números redondos).

Ora, por informações fidedignas, colhidas naquela localidade, da bôca de pessoas cuja idade ia de 60 a 70 anos, consegui apurar que estas se lembravam da residência ali de cinqüenta e quatro galegos, nos últimos cinqüenta anos, e que os descendentes ainda vivos dêsses galegos atingem o número de trezentos!

Nos registos paroquiais encontrar-se hão, sem dúvida, os nomes dos que ali casaram ou deixaram descendência. Na impossibilidade de consultar presentemente o arquivo paroquial, limito-me a registar, tais quais os ouvi, os apelidos que mais rescendem a exotismo ou os nomes dos que são dignos de nota como troncos de famílias relativamente numerosas:

Árias — trabalhador rural	11
Camoeira — trabalhador rural	5
Crucho — trabalhador rural.	16
Góro — trabalhador rural	0
Lamês — trabalhador rural	5
Loisana — trabalhador rural	1
Massaira — trabalhador rural	7
Maranhau — taberneiro	4
Miragato — trabalhador rural	15
Rey — empreiteiro e, depois, taberneiro .	12
Roixo — sapateiro	8
Sandão — pedreiro	4
Vales — trabalhador rural	18
Varela — trabalhador rural	14
Aquilino Leguíssimo — trabalhador rural.	7
Bento Galego — sapateiro	4
Bento Galego — taberneiro	0
Bértelo Galego — trabalhador rural . .	4
Bértelo Galego — hortelão	0
Domingos Rodrigues — proprietário . .	46
Pedro Fernandes — lojista	40
Romão Gordo — sapateiro	0
Romão Regalo — trabalhador rural . .	2
Serafim Vasques — trabalhador rural . .	10
Zé (<>José) Alfaiate Galego — alfaiate.	12

Os algarismos indicam o número de descendentes conhecidos pelos meus informadores até à data. Alguns dos apelidos serão, porventura, alcunhas, o que, só pelo confronto

com os lançamentos nos registos paroquiais, se poderá saber. Também muito útil seria a consulta dêstes registos para se averiguar a naturalidade, o estado, a progénie, etc. Infelizmente, não pude ainda efectuar essa consulta; mas espero poder algum dia realizá-la.

Aquilino Leguíssimo casou com uma filha do sapateiro Roixo, também mencionado.

Bértelo virá de Bártolo? de Humberto? de Alberto? Por obsequiosa informação dum amigo, professor, soube eu que, no concelho de Lousada, o povo transforma o nome Alberto em Bértelo. Em Ervedosa, porém, não observei a supressão do *al-* em nenhuma palavra; e sempre ouvi pronunciar Alberto como no português normal.

Como pode verificar-se, dos vinte e cinco galegos, que cito, houve, pelo menos, duzentos, quarenta e cinco descendentes. Digo *pelo menos*, porque é muito provável que, por esquecimento (aliás bastante justificável em quem rememora factos passados há dezenas de anos), tenha havido omissão de alguns que já morreram ou que emigraram de Ervedosa.

E repare-se que todos êstes galegos se estabeleceram naquela povoação de meados do século XIX em diante, alguns mesmo já depois do aparecimento da filoxera (1877-1878, segundo informes ali obtidos). Três ainda eram vivos quando comecei a alinhavar êstes apontamentos.

Quão mais numerosa não seria a colónia galega nos tempos que medearam entre as medidas pombalinas protectoras do Douro e a morte das vinhas pelo ataque da filoxera!

Deviam, pois, ter razão de sobejo as raparigas e os rapazes ervedosenses — os poucos ainda incontaminados de sangue galego — quando, aí por 1875, cantavam a seguinte cantiga — aquelas para se esquecerem do frio na apanha da azeitona, êstes para alegrarem a povoação nas *ruadas* nocturnas dos sábados:

«Irvedosa era bô terra,
Se nũ tivera dois êrros:
Passeada de magânos,
Rodeada de galêgos.»

Tendo a população aumentado de então para cá, implìcitamente foi aumentando o número de habitantes com ascendência galega. E não é de estranhar que actualmente o número dêstes seja computado num quinto daquela.

(3) Por exemplo, em Soutêlo do Douro, povoação limítrofe de Ervedosa, pronunciam igualmente *tampo*<>*tempo*, mas, em dadas condições, ditongam os fonemas *a* e *e*. Eu próprio ouvi *quièbrito*<>*cabrito* e *guiânho*<>*ganho*; e afirmaram-me que lá também dizem *quiabra*<>*cabra* e *quieijo*<>*queijo*. É um caso a estudar.

Em S. João da Pesqueira, sede do concelho e também limítrofe de Ervedosa, ouvi pronunciar *tiêmpo*<>*tempo*, *Sarmiênto*<>*Sarmento*, *Antônho*<>*António* (ervedosense *Antónho)*, *dôno* (erv. *dóno)*.

Por motivos alheios à minha vontade, não pude fazer dêstes falares o estudo que tencionava. (Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Esquisse d'une dialectologie portugaise», p. 90 ss.)

(4) Subentende-se, é claro, que, além dêstes, empregarei todos os sinais e combinações usados na representação gráfica do português normal, oficialmente adoptada.

Por *português normal* entendo a língua falada pelos portugueses cultos e ensinada nas escolas oficiais; por *ervedosense*, o português popular falado em Ervedosa do Douro.

(5) Àcêrca das transformações que, no ervedosense, sofre a vogal nasal *ẽ*, cfr. Dr. José Leite de Vasconcelos, «Estudos de Philologia Mirandesa», I, p. 239, n. 1 e «Esquisse d'une dialectologie portugaise», p. 93. 100-101 e 149.

D'ora-avante, quando citar estas obras, fá-lo hei abreviadamente: a primeira, por F. M.; a segunda, por «Dialectologie».

(6) Provàvelmente, é por influência desta modificação regular que, em Ervedosa, se pronuncia *intigo*<>*antigo* e *ingorêta*<>*ancoreta* (barril chato).

Sôbre êste assunto, ver o «Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa» (Fonética-Morfologia) do Sr. Dr. José Joaquim Nunes, p. 60-61, e a «Dialectologie», do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, p. 98.

(7) F. M., II, p. 153.

(8) D. Vicente Garcia de Diego, «Elementos de Gramática Histórica Gallega», p. 65-5.

(9) «Lições de Philologia Portuguesa», p. 473. Para

maior brevidade, designarei êste livro por F. P., nas citações subseqüentes.

(10) Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 475.

(11) Cfr. Diego, ob. cit., p. 62 e 71.

(12) Cfr. Diego, ob. cit., p. 64-3. Cfr. também as vogais nasais átonas mirandesas *ã-* (<*ẽ-*, *ĩ-*) e *-ẽ-* (<*-ẽ-*). Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 237-239.

(13) Diego, ob. cit., p. 21 e 64. O autor indica comummente com ʹ o som fechado e com ˋ o aberto.

(14) «Nena em galego significa «menina»; corresponde-lhe *neno* no masculino «menino». Dr. Leite de Vasconcelos, «De Campolide a Melrose», p. 44, n. 1.

(15) Diego, ob. cit., p. 65, 90 e 192.

(16) Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 339. V. ainda, *ibidem*, p. 475, *inaroiço*, *maravilha*. Em erv. também encontrei *aməricano* (carro eléctrico e bacêlo), *Mərico*<>*Américo* e *jəração*<>*geração* (Cfr. F. P., p. 150; e, sôbre *e* tónico antes de *r*, comparar a mesma obra, p. 470 com o citado livro de Diego, p. 65, n. 1. Cfr. ainda Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57, e n. 1: *farramenta*, *tarramoto*, etc., e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 100 e 123).

(17) Diego, ob. cit., p. 64-65.

(18) Loc. cit., p. 65.

(19) Consultar o «Dicionário Galego» de Cuveiro.

(20) Cfr. *ŏ* aberto, no sub-dialecto *baixo-duriense*. V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 149.

(21) Cfr. Diego, ob. cit., p. 85.

(22) O mesmo sucede se estão em contacto *a* e *é*; ex.: *uma i égua*.

(23) Do encontro de *a* e *o* átonos resulta *ò*; ex.: *p'r'ò repaz*<>*para o rapaz*, *ò pai*<>*ao pai*.

(24) Cfr. gal. *renger*. Diego, ob. cit., p. 35, 48 e 112.

(25) Ao tratar das palatais apresentarei mais exemplos.

(26) Cfr. gal. *gesta*. Diego, ob. cit., p. 30, 41, 55 e 86.

(27) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 25, obs. II.
Também se diz *quêdo* <> *quiéto*, em ervedosense, vocábulo de formação anterior a *quéto*, pois ainda sofreu o abrandamento da dental intervocálica. A forma *quêdo* é comum ao galego (V. Diego, ob. cit., p. 169).

(28) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 87.

(29) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 173 e 178.

(30) V. Diego, ob. cit., p. 19, 58, 62 e 111.
Êste verbo entra numa locução adjectiva muito usada no ervedosense: quando se diz de alguém «*F. é um* (ou *uma) nũ vou lá nãĩ faço minga*» pretende-se significar que «F. é um homem (ou mulher) indolente, sem préstimo».
Minga <> *falta*, como *mingar* <> *faltar*. Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 146.

(31) Cfr. Diego, ob. cit., p. 58, 64, 80, 96-98, 100 e 102, e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 302 e 463, e «Dialectologie», p. 104.

(32) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 183-184.
No ervedosense, êste último ditongo, quando tónico é sempre nasal completo; ex.: *mão, mandarão* sôam, respectivamente, *mãũ, mandarãũ*. Como, porém, esta pronúncia é comum ao português normal, represento sempre por *ão* êste ditongo tónico, para maior facilidade de grafia e leitura.

(33) Em mirandês *-rũ*, em galego *-ron*. Cfr. as obras citadas sôbre êstes dois idiomas, na parte em que tratam da flexão verbal. Acêrca desta terminação, cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 137.

(34) V. Diego, ob. cit., p. 31. Nesta mesma página e na 168 veem os nomes galegos citados no período antecedente.

(35) Sôbre a redução de *ão* átono a *ǫ*, ver êsse mesmo

livro, p. 80, e a «Dialectologie», do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, p. 110-111.

([36]) É crença popular que a não satisfação dêste ardente desejo pode originar uma doença que é designada pela locução «andar ougado».

([37]) Nestes verbos, a vogal temática deve, talvez, também ter contribuído para a manutenção inalterada do ditongo *ou*. Cfr. as formas que na Morfologia, cito dos verbos amuar, consuar, suar, e *doer*, *moer*, *roer*.

Sôbre a metafonia nos verbos de tema em *e* e *i*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 290 ss.

([38]) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 80.

([39]) A manutenção de *ou* em *Oufâmia*, *Sant'Oufâmia*, explica-se por influência do galego *Oufêmea*, *Sta Oufêmea* (V. Diego, ob. cit., p. 76) e doutros dialectos portugueses, nos quais soa *Ofema* (V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 75).

([40]) Cfr. gal. e port. popular *vigairo*. V. Diego, ob. cit,, p. 37.

([41]) V. «Filologia de la Lengua Gallega», de D. José de Santiago y Gómez, p. 235.

([42]) V. Diego, ob. cit., p. 41. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 119, n. 2.

([43]) V. Diego, ob. cit., p. 65.

([44]) V. Diego, ob. cit., p. 26 e 170; e M. Lugris Freire, «Gramática do Idioma Galego», p. 198.

([45]) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 126, n. 1.

([46]) Em gal. *bisabó*. V. as citadas obras de Diego e Lugris Freire, p. 182 e 138, respectivamente.

([47]) V. Diego, ob. cit., p. 92 e 170.

([48]) Cfr. mirandês *burméilho* (V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 172 e 289) e gal. *bermello* (V. Lugris Freire, ob. cit., p. 138).

(49) Cfr. alentejano *familha*, V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 111.

(50) Deve notar-se que esta forma está de acôrdo com a etimologia, pois deriva do lat. * *vir'dia*, segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

(51) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 193, e «Dialectologie», p. 112.

(52) V. F. P., p. 431, n. 7.

(53) Forma portuguesa do séc. X, segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (V. «Dialectologie», p. 12.

(54) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 133-4.°
Em ervedosense também se diz *carumba* por *caruma* (fôlhas de pinheiro sêcas). Não a citei no texto, por já ser considerada português normal.

(55) Cfr. *cáibaro* <> *caibro*, *queredo* (em exclamações) <> *credo*, *lúcaro* <> *lucro*.

(56) V. as ob. cit. de Diego e Lugris Freire, p. 49, e 75 e 101, respectivamente.

(57) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 222.
No português popular doutras localidades encontra-se, igualmente, *tamén*. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (V. «Dialectologie», p. 119) explica esta síncope pela absorpção do *b* pelo fonema nasal precedente.

(58) V. Diego, ob. cit., p. 57.

(59) V. «Dialectologie», p. 89.

(60) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 15 e 151, *sapo concho*.

(61) V. Diego, ob. cit., p. 35, 40, 55, 74 e 166.

(62) Classificação do Sr. Dr. J. J. Nunes. V. ob. cit., p. 28.

(63) Cfr. gal. *caje*. V. Diego, ob. cit., p. 39.

(64) Cfr. gal. *lingoaje*. V. Diego, ob. cit., p. 58 e 185.

(65) Cfr. gal. *f(e)luge*. V. Diego, ob. cit., p. 35, 39, 69, 70, 166 e 190.

(66) Cfr. port. normal *graixa* <> *graxa*, *coixa* <> *côxa*, etc. V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 122.

(67) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 60.

(68) V. Diego, ob. cit., p. 34 e 125.

(69) Já depois disto escrito, vi que Garcia de Diego (V. ob. cit., p. 66, n.) é da mesma opinião.

(70) Cfr. gal. *resester* = *resistir*. V. Diego, ob. cit., p. 112.

(71) Sôbre êstes fonemas palatais, cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 114-115.

(72) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 160, e «Dialectologie», p. 111.

(73) Digo que êste vocábulo deriva do primeiro e não o primeiro dêste, porque de *gǫmitar* o povo não faria *gómito*, visto que, no verbo, o ǫ é sempre átono e, portanto, fácil de confundir-se com *ṷ*.

Cfr. gal. *gumîtar* (V. Diego, ob. cit., p. 62) e *gomitar* (V. Lugris Freire, ob. cit., p. 145).

V. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 112.

A propósito, notarei que os ervedosenses também empregam, na acepção de *vomitar*, a locução *lançar fora* ou mesmo apenas o verbo *lançar*.

(74) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 170.

(75) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 20-21 e 206.

(76) Viterbo, «Elucidário»; transcrito pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, no loc. cit. na nota precedente. V. também a «Dialectologie» dêste último autor, p. 147.

(77) V. Diego, ob. cit., p. 39 e 63.

(78) V. Diego, ob. cit., p. 183.

(79) V. Santiago y Gómez, ob. cit., p. 94.

(80) V. Diego, ob. cit., p. 63.

(81) V. Diego, ob. cit., p. 20, 31, 37, 42, 77, 171 e 182.

(82) V. Diego, ob. cit., p. 77, n. 3.

(83) «Dialectologie», p. 103.

(84) V. Diego, ob. cit., p. 77.

(85) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 63.

(86) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 99.

(87) V. Diego, ob. cit., p. 62 e 186.

(88) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 296 e 351, e II, p. 116-118, 120 e 210.

(89) V. Diego, ob. cit., p. 63 e 183.

(90) V. Diego, ob. cit., p. 63 e 183.

(91) V. Diego, ob. cit., p. 183.

(92) Vocábulo comum ao galego. Cfr. Diego, ob. cit., p. 166.

(93) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 63, e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 123.

(94) F. P., p. 375.

(95) V. Diego, ob. cit., p. 19, 62 e 64.

(96) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 152, e F. P., p. 122.

(97) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 61.
Em galego também se diz *arrincar*. V. Lugris Freire, ob. cit., p. 127.

(98) V. Diego, ob. cit., p. 63, 169 e 183.

(99) «Dialectologie», p. 123.

(100) A não ser quando se tem a intenção de os repetir (sentimento do ritmo — V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 156 —, ou processo onomatopaico) como em *cuco* ou nas interjeições *piu, piu, piu, piu!* usadas para o chamamento de aves domésticas, sobretudo dos *pintaínhos*. Para chamarem galinhas, também em Ervedosa se emprega, repetida, a interjeição *pelinha!* (Vocábulo formado por influência da terminação de gâlinha? Mas o povo designa esta ave geralmente por *pita...).*

(101) E talvez esta atracção tenha sido reforçada pela comparação dêste vocábulo com o nome *castinceira* <> *castanheiro bravio.*

(102) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 140. É também forma usada no port. arcaico, pois já aparece na carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel I anunciando-lhe o *achamento* do Brasil (1 de Maio de 1500).

(103) Ob. cit., p. 66. V. também, *ibidem*, p. 180.

(104) V. Diego, ob. cit., p. 62 e 71.

(105) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., p. 188.

(106) Ob. cit., p. 62.

(107) Acêrca dêste vocábulo, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 214-215.

(108) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 189.

(109) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 67.

(110) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58. Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, o *-ê* é devido à palatal *nh*, fenómeno que êste filólogo também observou em *Lourinhê*, nome com que os naturais da Lourinhã designam esta localidade.

(111) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 475.

(112) F. P., p. 293.

(113) Ob. cit., p. 64.

(114) Ob. cit., p. 149, n. 3.

(115) V. Dr. J. J. Nunes, loc. cit. na nota precedente. Outra forma arcaica que perdura no ervedosense é o substantivo *fim*, com o género feminino na locução «*Stamos na fim do mundo*».

(116) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(117) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 218.

(118) Também designam por *comédias* (sempre no plural) qualquer representação falada (comédia, drama, tragédia, opereta, etc.) executada por amadores ou por profissionais ambulantes.

(119) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 333.

(120) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 272.

(121) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 217.

(122) Asseguraram-me, em Ervedosa, que esta palavra é um eufemismo de *pediculus capitis*.

(123) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 82.

(124) V. Diego, ob. cit., p. 39, 40 e 67.

(125) Ex.: *Rabaçal* (nome de propriedade rústica), *rabiça*, *rabisco*, etc.

(126) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 216, e F. M., II, p. 212.

(127) «La forme *rezão* se trouve déjà au XVI^e siècle», diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 98 da sua «Dialectologie».

(128) Cfr. Diego, ob. cit., p. 65-5, e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57.

(129) Cfr. galego *saloucar* (V. Diego, ob. cit., p. 65 e 73) e *salouzar* (*ibidem*, p. 73 e 169).

(130) V. Dr. J. J. Núnes, ob. cit., p. 58, onde se indica esta palavra como pertencente ao português popular.

(131) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(132) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Dialectologie», p. 98. Aí se verá quão vulgar é a dissimilação vocálica em que o fonema ê substitúi a vogal dissimilada.

(133) V. Diego, ob. cit., p. 183.

(134) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Revista Lusitana», IV, p. 233.

(135) P. 64, 73 e 170.

(136) P. 154.

(137) P. 94.

(138) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(139) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 125, 126, 142, 144 e 165.

(140) V. Diego, ob. cit., p. 26, 58 e 184; e Lugris Freire, ob. cit., p. 15 e 137.

(141) V. Diego, ob. cit., p. 91; e Lugris Freire, ob. cit., p. 15.

(142) V. Diego, ob. cit., p. 165.

(143) Por influência das palavras em que há o grupo *-dr-* (ex.: *adro, vidro, pedra, medrar,* etc.)? A várias pessoas semi-cultas ouvi proferir *bêdros* por *brêdos*.

(144) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 123. Cfr. também Diego, ob. cit., p. 63, e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 56-57.

(145) V. Diego, ob. cit., p. 65 e 69.

(146) Diego, ob. cit., a p. 35, 70 e 190, menciona *feluge* e, a p. 12, 35 e 190 da mesma obra, *fluge* (síncope do ê); Lugris Freire, ob. cit., a p. 18, ortografa *feluxe*. Como o idioma galego não tem a merecida protecção oficial nem uma literatura

regular e tradicional, nota-se grande instabilidade na forma de o ortografar.

Nas obras a que tenho aludido, Garcia de Diego que admite «la etimologia como critério ortográfico» (ob. cit., p. 11), emprega as letras *g* e *j* para a representação gráfica do fonema palatal correspondente ao nosso *j*, ainda que um pouco diferente, pois para a sua prolação é necessário procurar uma posição intermediária entre as que tomamos para proferir o *x* de *xícara* e o *j* de *já* (Valadares, no seu dicionário representa-o algumas vezes por *ch*). Lugris Freire e Santiago e Gómez adoptam exclusivamente o *x* para tal representação; o primeiro diz: «O son do *x* ê igual á *ch* francés» (ob. cit., p. 1) e... «debemos de escribir con *x* o son galego semellante á *ch* francés» (ob. cit., p. 12); o segundo, em vários passos do livro citado, compara aquele fonema ao *j* francês — transcreverei alguns: «En los antiguos monumentos de la lengua gallega aparece escrita la *j*, y con igual pronunciación que la *j* francesa;...» «La *x* en gallego es un poco paladial y su empleo en el gallego moderno se debe para diferenciar el sonido de *j* francesa con la *j* castellana» (p. 113). «El sonido de *x*, o sea la *j* francesa, en *Jean, joie, jardin*, etc., y el de la *g* cuando le siguen las vocales *e, i*, como *général, gilet, gendre*, es en gallego *Xoan, xardin, xeneral, xenro*, etc.» «En gallego la *j* o la *g* fuerte, delante de las vocales *e, i*, se representa por *x*, y se pronuncía, como hemos dicho, igual que la *j* francesa e italiana, bien se encuentre en princípio de dicción, como *xardin, xente*, ya en medio, como *laranxa, laxe, exido*, etc.» (p. 114). O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (F. M., I, p. 438) também diz: «*x* gall. <>*j* port.»

(147) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P. p. 219; e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58.

(148) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 189.

(149) V. Diego, ob. cit., p. 67.

(150) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58.

(151) V. Diego, ob. cit., p. 69.

(152) V. Diego, ob. cit., p. 69.

(153) Cfr. o gal. *fiestra*. V. Diego, ob. cit., p. 35, 41, 69, 166 e 184.

(154) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 25.

(155) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(156) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 143.

(157) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(158) V. Diego, ob. cit., p. 175, n. 1.

(159) Outro exemplo de masculinização de apelidos observa-se ainda em *Maleiro*<>*Mèleiro* (<*mel)*, nome dado aos filhos duma proprietária que, em Ervedosa, possuía grande número de colmeias *(cortiços)*, das quais extraía grande quantidade de mel. Ficou-lhe o nome de *Maleira*<>*Mèleira* e dela passou aos filhos do sexo masculino, sob a forma já exposta.

(160) Talvez também tenha contribuído para isto a influência dos sons vizinhos semelhantes *a a*; contudo acho mais provável aquela explicação.

(161) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 120.

(162) V. Diego, ob. cit., p. 70, e o «Diccionario Gallego» de Cuveiro.

(163) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 198.

(164) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 145.

(165) Cfr. Diego, ob. cit., p. 77.

(166) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(167) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 210, e as obras citadas de Diego, p. 79, n. 2, de Lugris Freire, p. 27, e de Santiago e Gómez, p. 112.

(168) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 115.

(169) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 300, e II, p. 221, onde vem a sua explicação.

(170) V. Diego, ob. cit., p. 26.

(171) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(172) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 351.

(173) Cfr. mirandês *retroçido*. V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 300.

(174) V. Diego, ob. cit., p. 73, 78, 181 e 182.

(175) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 135.

(176) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 297, e II, p. 152.

(177) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 121.

(178) V. Diego, ob. cit., p. 70.

(179) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 396.

(180) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 361, e Diego, ob. cit., p. 152.

(181) V. Diego, ob. cit., p. 72.

(182) Ob. cit., p. 35, 42, 49 e 166.

(183) No port. arcaico aparece a forma *feeytos* <> *fêtos*, como pode ver-se na carta de Pero Vaz de Caminha, a que me refiro em a nota 102.

(184) Faço esta interrogação porque se *-iga* vem de *-ica*, como parece depreender-se do que diz Diego (ob. cit., p. 67), não há epêntese: há apenas abrandamento normal de *-c-* em *-g-*, e, na forma portuguesa *abrótias*, queda desta consoante após o abrandamento.

(185) V. Diego, ob. cit., p. 67.

(186) Ou directamente do árabe *al-motli*, forma que o Sr. Dr. J. J. Nunes dá no seu citado livro (p. 182), a par de *al-mataria* que apresenta na página 164?

(187) V. Diego, ob. cit., p. 114; Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 121; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 462-463, e II, p. 107, 122 e 165. Êste último procura dar-lhe uma explicação cabal.

(188) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153.

(189) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(190) V. Diego, ob. cit., p. 78 e 149; e Lugris Freire, ob. cit., p. 74.

(191) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 354; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 450; para o mirandês *despuis*, ver esta mesma obra, I, 449-450, e II, p. 184.

(192) V. Diego, ob. cit., p. 70, 76, 165 e 191.

(193) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153.

(194) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 396.

(195) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 97.

(196) Ob. cit., p. 46, 77 e 183.

(197) Cfr. «História do Museu Etnológico Português» do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, 392-393, *réla* ou *arréla*.

(198) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 319 e n. 4.

(199) V. Diego, ob. cit., p. 30, 34, 39 e 169.

(200) Derivado dêste vocábulo, encontrei o adjectivo *aferranhado* que significa *basto;* mas só ouvi empregá-lo com referência a forragem e a gramíneas. A paragoge do *ĩ* deve ter resultado da influência das palavras que terminam em *-ãĩ* tónico, muito mais numerosas que as terminadas em *-ã*.

(201) Comum ao mirandês. V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 90.

(202) Sôbre o *s* paragógico, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 442, e «Dialectologie», p. 143, e Dr. J. J. Nunes, ob.

cit., p. 153 e 360. Acêrca da passagem do *a* a *ẹ*, ver Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie» p. 99.

A-par dêste apelido, há em Ervedosa o vocábulo *Metilde* <> *Matilde* como nome de baptismo. Cfr. o que fica dito sôbre *Madanêlo*.

(203) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153; Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 143, n. 1, «Dialectologie», p. 113, 116 e 121, e F. M., I, p. 266 e 268; e Diego, ob. cit., p. 23 e 72.

(204) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 86.

(205) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(206) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 152.

(207) Gonçalves Viana, no seu Vocabulário, já dá a forma *gasalho*; e no galego também se encontra *gasallo* (V. Diego, ob. cit., p. 192).

(208) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, 298, e II, p. 196; e Lugris Freire, ob. cit., p. 115.

(209) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 93, obs. I.

(210) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 462, e II, p. 224.

(211) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 119.

(212) Em Ervedosa, ouvi uma vez pronunciar *apotecar* <> *hipotecar*. É possível que o *i-* seja de existência precária na bôca do povo, quando não tenha a reforçá-lo uma nasal ou outra consoante (sibilante, vibrante ou lateral), com a qual forme sílaba.

(213) V. Diego, ob. cit., p. 165 e 180.

(214) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 154. Como já ficou apontado, a propósito do fonema representado por *j* e por *x*, há grande instabilidade na ortografia do galego. Uns autores preferem o *s*, outros o *z*, para a representação gráfica da sibilante surda, e, por vezes, até o mesmo autor adopta as duas

grafias; ex.: Diego, ob. cit., p. 34, 57 e 169, *sanfona*, p. 19 e 64 *zanfona*; p. 19, *tanasas*, p. 62 e 64 *tanazas*.

«La pronunciación caracterizada del gallego es *s* por *s* y *z*; todo lo más *z* o bien *s* apical por *z*;... La *z* paladial se representa e pronuncia por *s* paladial», diz Santiago y Gómez, a p. 84 da sua já citada «Filologia de la Lengua Gallega» (Santiago, 1918). Devo, porém, acrescentar que as afirmações dêste último autor não podem ser aceites sem exame prévio, tão deplorável é a falta de critério scientífico que se patenteia nêsse livro de título pretencioso e enganador.

(215) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 138.

(216) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 87 e 216, e F. M., II, p. 153.

(217) V. Diego, ob. cit., p. 35, 40, 55, 74 e 166.

(218) Cfr. Diego, ob. cit., p. 41.

(219) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 123.

(220) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 51, 77-78 e 147; Diego, ob. cit., p. 29 e 166; e Lugris Freire, ob. cit., p. 136, 145 e 147.

(221) Cfr. *oirégos*, *Stêvo*, *orfo*, a que já aludi.

(222) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 149; Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 116; e Diego, ob. cit., p. 26, n. 1.

(223) V. Dr. J. J. Nunes, ob, cit., p. 122; e Diego, ob. cit., p. 31 e 89.

(224) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 220.

(225) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 97.

(226) V. Diego, ob. cit.. p. 92.

(227) Por metátese (ou síncope) idêntica à de *cadavle* e *misəravte*, já citados. Esta forma intermediária foi por mim ouvida em localidade que não consigo precisar.

(228) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», páginas 128-129.

(229) Cfr. Diego. ob. cit., p. 99 e 107; e Lugris Freire, ob. cit., p. 32 e 34.

(230) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 127; Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 203; Diego, ob. cit., p. 21, 23. 41, 81, 85 e 88; e Lugris Freire, ob. cit., p. 146.

(231) V. Diego, ob. cit., p. 185; 92, 185; 35, 39, 70, 166, 190; 92, 185; 39, 62, 63, 166; 185; 58, 92, 185; 30, 39, 190; 21, 30, 190; 92; 185; 30, 33, 39, 88, 190.

(232) Ob. cit., p. 74, 136 e 149.

(233) Ob. cit., p. 231 e 232.

(234) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 449.

(235) V. Diego, ob. cit., p. 71 e 168; e Lugris Freire, ob. cit., p. 149.

(236) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 110, e «Dialectologie», p. 124.

(237) F. P., p. 219.

(238) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 457, e II, p. 45.

(239) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 128.

(240) V. ob. cit., p. 229.

(241) Plural comum ao galego. V. Diego, ob. cit., p. 41 e 191.

(242) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 228, n. 3; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 170-171, e «Dialectologie», p. 104.

(243) Cfr. o que, na Fonética, ficou dito sôbre a vogal *o*.

(244) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 101.

[245] Por me parecer curiosa a história desta alcunha, vou reproduzi-la aqui, tal como a ouvi da bôca de pessoas merecedoras de todo o crédito!

— Por ocasião duma festa religiosa realizada em Ervedosa do Douro, o *juíz* (<>presidente da irmandade que promove a festa) convidou para jantarem com êle alguns amigos.

Como, porém, em dada altura do repasto, notasse que os convivas eram mais vorazes do que imaginara, a ponto de nem sequer lhe deixarem alimento suficiente para os criados, lembrou-se de empregar um estratagema para salvar alguma coisa da bôca daqueles *tubarões*. Assim, quando chegou o último prato, anunciou êle em voz alta que após êste viria ainda um *passarão*. Todos supuseram que se tratava dum peru, a ave doméstica maior nesta região, e mal tocaram na iguaria que acabava de ser servida, reservando a voracidade para o *passarão* prometido. Mas, logo que os criados retiraram as travessas, desta vez quási intactas, exclamou o anfitrião galhofeiramente: «Pois, meus senhores! Por hoje, *passarão!*» *(silicet*, sem mais iguarias). Os convivas compreenderam imediatamente o lôgro em que tinham caído; mas, por maior que fôsse a decepção sofrida, julgaram que era melhor associarem-se às risadas do dôno da casa e retiraram-se amigàvelmente.

A historieta correu de bôca em bôca...

Tempos depois, estando um proprietário rural com os seus obreiros em determinado prédio, quando chegou a hora da merenda notaram todos pesarosamente que esta lhes tinha sido comida por um cão, que descobrira o cesto onde estava guardada. Lembrou-se o proprietário da partida pregada pelo juiz e repetiu a frase: «Pois, meus senhores! Por hoje, *passarão!*» Em má hora a proferiu. Os jornaleiros, azedados pelas exigências do estômago insatisfeito, não levaram a bem a aplicação daquele dito. E, como vindicta, crismaram de *Passarão* êste proprietário. Depois, por meio do sufixo feminino preferido dos ervedosenses, formaram o nome *Passaroua* com que passaram a designar a mulher e as filhas do proprietário referido. —

E aqui está como o povo cria nomes.

[246] Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 87 e 104.

([247]) Estas mesmas locuções se usam na Galiza, como pode ver-se nas seguintes frases: «*A miña nena ê mais xeitosa ca mín, e o meu fillo ê menos carraxudo ca tí*» (Lugris Freire, ob. cit., p. 28).

Estas formas encontram-se também noutros falares populares portugueses. V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 239; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 143.

([248]) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 235.

([249]) Em galego, *coma*. V. Lugris Freire, ob. cit., p. 90. Cfr. também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», páginas 143-144.

([250]) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 234, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125.

([251]) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 307, 345, n. 1, e II, p. 191, e «Dialectologie», p. 125.

([252]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 311.

([253]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 352, n. 1, 354, e II, p. 106, e «Dialectologie», p. 128.

([254]) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 244 e n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 56, e «Dialectologie» p. 131.

([255]) F. P., p. 58.

([256]) Outro caso de pronúncia popular exacta, em conformidade com a etimologia, é o do apelido *Guedes* que todos os ervedosenses incultos pronunciam *Guêdes*. Isto, se, como suponho, êste vocábulo deriva de * *Guĭdĭci*, genitivo medieval de *Guidu-*.

([257]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 129.

([258]) Cfr. as formas galegas correspondentes (Diego, ob. cit., p. 104-105; e Lugris Freire, ob. cit., p. 11), e mais estas duas frases, numa das quais o *a* é pronome e na outra artigo: «*Êl vêu cá pola ver*» <> «*Êle veio cá para a ver*», «*Fui pela carta*» <> «*Fui por a carta*», isto é, «*Fui buscar a carta*».

([259]) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 250, n. 3.

([260]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 130.

([261]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 302.

([262]) Esta pronúncia já vem apontada pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 110 e 143 da sua «Dialectologie».

([263]) Estas três formas são comuns ao galego (V. Diego, ob. cit., p. 58, 100 e 101; e Lugris Freire, ob. cit., p. 35). O Sr. Dr. J. J. Nunes aponta, como pertencentes ao português arcaico e ao popular moderno, as formas *cal* e *canto* (V. ob. cit., p. 94, 141 e 268).

([264]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 131.

([265]) Devo aqui dizer que emprego, a respeito dêste tempo, a nomenclatura mais vulgarmente adoptada, embora não concorde com esta designação. A índole dêste trabalho, já de si tão longo, não me permite entrar em explanações sôbre êste assunto.

([266]) V. Diego, ob. cit., p. 116.
Acêrca das terminações *-ades*, *-edes* e *-ides* do português e do espanhol arcaicos, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 370.

([267]) Na verdade, como no Imperativo muitas vezes se não emprega sujeito vocativamente expresso, havia locuções (ainda existentes no português normal) cujo sentido só pela modulação da voz se podia conhecer; ex.: «*Saí daí!*» que tanto pode significar «*Saí vós daí!*», como «*Eu saí daí!*». No primeiro caso, o ervedosense diz sempre «*Saíde daí!*».

([268]) A p. 135-136 e 138 da sua «Dialectologie» apresenta o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos as terminações *-aide*, *-eide*, *-ide*, e *-aides*, *-eides*, como empregadas, respectivamente, no Imperativo e no Indicativo Presente, pelo povo do Minho, a-par com as terminações *-ande*, *-ende*, *-inde*, e *-endes*, usadas nos mesmos tempos, em várias regiões de Portugal. Não, estende, porém, estas terminações ao Indicativo Futuro. o que, como se vê no texto, já se verifica no falar ervedosense.

(269) F. M., I, p. 240.

(270) O que não quere dizer que seja privativa dêste falar, pois encontra-se também na linguagem doutras localidades. V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 315, n. 1; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 136.

(271) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 315, n. 1.

(272) V. loc. cit. na nota precedente.

(273) V. Diego, ob. cit., p. 115. Devo, porém, acrescentar que o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos («Dialectologie», p. 133) diz que, nesta pessoa, «au parfait de la Ire conjugaison, on ajoute *-s*, à peu près dans tout le pays, à la voyelle finale, par analogie avec les autres personnes, parce que toutes se terminent par *-s.*»

Seja-me permitido dizer que só li esta última obra depois de ter redigido o amontoado de notas que constitúi êste pequeno ensaio.

(274) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 34, onde se indica já a retracção do acento na 1.ª pessoa do plural do Conjuntivo Presente, notada na linguagem popular. O mesmo faz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 135 da sua «Dialectologie».

Mas, a respeito da 2.ª do plural, diz apenas êste último (ob. cit., p. 136): «Le peuple remplace sonvent la 2.e pers. du subjonctif par celle de l'indicatif.» Ora, nos meus cadernos de apontamentos, só encontro anotado êste fenómeno como observado no verbo *Ir* (V. o parágrafo a êle referente) e, por vezes, na forma negativa do Imperativo (ex.: «*Nũ fazeide isso!*» «*Nũ bobeide aí!*», mas «*Nũ vos ríãis dêle!*»); o que, todavia, não quere dizer que tal não suceda noutros verbos e em determinadas frases.

A forma que mais me prendeu a atenção foi a rizotónica terminada em *-ãis*, bastas vezes ouvida em frases como estas: «*Quəro que fáçãis isto.*» «*Nũ quəro que lo péçãis.*» «*Isso é p'ra que lo déiãis.*»

(275) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 387; Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p, 35; e Diego, ob. cit., p. 123.

(276) Ob. cit., p. 47 e n.

(277) Sôbre estas formas, cfr. Dr. Leite Vasconcelos, F. P., p. 354, F. M., II, p. 301 e 308, e «Dialectologie», p. 88 e 128. A mesma intercalação se verifica nesta frase: «*Há-des-i-a pôr!*» <> «*Hás-de pô-la!*»

Acêrca de *há-des* <> *hás-de* e *há-dãĩ* <> *hão-de*, formas comuns ao ervedosense e a outros falares portugueses, ver, do autor citado nesta nota, F. P., p. 354, F. M., I, p. 401 e 413, e «Dialectologie», p. 139; ver, também, Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 335, n. 3.

(278) Devo advertir que, com raras excepções, mencionarei apenas as formas diferentes do português normal. Além disto, para poupar tempo e espaço, irão em *itálico*, nos quadros da flexão, tôdas as formas semelhantes às galegas (isto para simples comparação), subentendendo-se que o confronto deve ser feito principalmente com as formas citadas por Diego na parte consagrada à flexão verbal da sua «Gramática Histórica Gallega».

(279) F. M., I, p. 404.

(280) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 97.

(281) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 111, 281 e 282; e Diego, ob. cit., p. 143.

(282) Relacionado com êste verbo, existe em ervedosense o adjectivo *daimôso* (<*dai-me* + *ôso?* Cfr. *dixe-mo*, na nota referente ao verbo *dezêr*) <> *generoso, amigo de dar.*

(283) V. Diego, ob. cit., p. 138.

(284) F. M., p. 430-431.

(285) V., dêste último autor citado, F. P., p. 301 e 308, e «Dialectologie», p. 138.

(286) Com esta forma criou o ervedosense a locução «*dixemos, dixemos*» (<*dixe-mo*) que significa *bisbilhotice;* ouvi-a em frases como estas: «*Nũ gosto de dixemos, dixemos.*» «*F. anda sempre com dixemos, dixemos.*»

(287) Não consegui ouvir esta forma; contudo acho muito provável a existência dela em frases como esta: «*Eu tamãĩ me dôio (<>ressinto) do mal que me fázãĩ*». *Moêr* e *roêr* teem, nesta pessoa, respectivamente, *môio* e *rôio*.

(288) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 334.

(289) V. ob. cit., p. 348, n. 1. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 141.

(290) Também se usa a forma *puje*, quando leva o pronome enclítico *o (a, os, as)*; ex.: «*eu puje-os lá*» <> «*eu pú-los lá*». Nas mesmas circunstâncias, acrescentam à 3.ª pess. sing. um *e* (Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 339, n. 1) ou o *-i-a* que me referi ao terminar as observações à flexão verbal regular; ex.: «*êl pôse-a* (ou *pôs-i-a) aqui*» <> «*êle pô-la aqui*».

(291) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 213.

(292) Ob. cit., p. 39 e n. 4.

(293) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 142.

(294) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 393, n. 3.

(295) Esta forma é comum ao verbo *ir*.

(296) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 341, n. 1; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 140.

(297) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 110 e 140.

(298) V. Diego, ob. cit., p. 144 e n. 1.

(299) Também é usado o verbo *abonar*, com o mesmo sentido.

(300) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 142.

(301) É isto, em meu entender, devido a ser tónico o ditongo nesta forma.

O mesmo fenómeno se observa em igual pessoa do Ind.-Presente do verbo *vir*.

([302]) Relacionado com êste, está o verbo *intretêr* que ouvi empregar como regular, nas frases seguintes e noutras idênticas: «*Intreti-me lá.*» «*Êl intreteu-se a ouvir tocar.*» «*Êls intretêrũ-se a jogar.*» Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 377.

([303]) Nas formas dêste verbo que teem *x*, êste sôa como em *xícara*.

([304]) Esta partícula já se encontra mencionada na p. 108 da «Gramática Portuguêsa Elementar» (2.ª edição — Pôrto, 1901) de José Domingos de Azevêdo, natural de Ervedosa do Douro e tio-avô do autor dêste acervo de apontamentos dialectais.

([305]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P.

([306]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 142. Quando aos advérbios *não* e *bem* se segue o pronome *o (a, os, as)*, desenvolve-se um *n* antes dêste; ex.: «*Nũ na incertárũ?*» «*Se bãĩ no dixe, milhor o fêz*».

([307]) Esta mesma locução ouvi em Penela da Beira na seguinte frase: «*Nũ foi capaz de lhe meter a gadanha bem feito*».

([308]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 44, n. 2 e 143.

([309]) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 354 e n. 3; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 143.

([310]) Cfr., também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 41 e 103.

([311]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 143.

([312]) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 361.

([313]) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 144.

([314]) Cfr. a formação, no português normal, de *dezasseis*,

dezassete, *dezóito* e *dezanove*. V., também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 39 e 144.

(315) Ob. cit., p. 154.

(316) Ob. cit., p. 84.

(317) V. «Diccionario Gallego» de Juan Cuveiro Piñol.

(318) Já depois de alinhavados êstes apontamentos ouvi esta locução pronunciada *ər'ôlhai!*, para exprimir admiração de que um facto se realizasse.

Também notei a locução interjectiva *ah! feito!* empregada com a significação admirativa de *ora essa!*

(319) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(320) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 461-462, e II, p. 40.

(321) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 421, F. M., I, p. 341, e «Dialectologie», p. 126.

(322) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 90 e 293, e F. P., p. 164.

(323) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 341.

(324) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125 e 145.

(325) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125.

(326) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 374.

(327) Cfr. a transformação desta desinência em pronome, no mirandês (V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 40 e 354).

(328) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 293 e 307, e F. P., p. 325. Cp, também com estas frases dum diálogo a que assisti:

«— *Atão a î auga nũ falha?!*

— *Êl não!*»

(329) Cfr. *esquècido*, com a significação activa nesta frase: «*F. é muito esquecido*», isto é, «*F, esquece-se muito*».

Em Ervedosa, diz-se também «*F. é mũto squècido*»; e, às vezes, «*F. é mũto squècediço* (<>*esquecidiço)*», quando se quere significar com maior intensidade que «*F. é muito atreito a esquecer-se, muito desmemoriado*».

ÍNDICE DOS VOCÁBULOS

A

canto
capão
cardânho
cartar
casinhôlo
«ca sôi lá»
castinceira
castinheiro
catro
catroçantos
Celestrino
Celustrino
cereija
Cestrino
chamar-se a
cheirête
cheirôso(s)
chêpa
Chica
Chico
chicolate
chicra
chinchinho
chino
côche!
cócras
codêlo
cõicho
coirêlo
coive
coland(r)ário
còl(i)dade
cómbaro
comédias
Comprido
condanar
cóngaro
conresponder
consuar
contia
conveniância
convenianaçudo
coranta
coresma
corje
córno(s)
côrno(s)
còrtilho
cóses
crapuça
crapuço
c'rer
cuma
cumo
Curato
curjidade
curjidoso
curzidade

D

daimoso
daquêl
dar
«d'arrastos»
dávida
de (enclítica)
«de cote»
«de donde»
dêl
Deluvina
demónho
dereito
«de rompão»
des- (intensiva)
desbulhar
«de scãicha pernas»
desinquéto
desĩòlhado
dêsmãicho
desougar
despois
dês-que
«de ver a Deus»
dezer

díxemos-díxəmos
doer
«dois tantos»
doitor
donde
dònezinha
dóno(s)
dromir

E

ə (verbo *ser)*
-ear
ei!
-eide(s)
-eiro
êl(s)
ə-lho!
-êlo
əra <> era (sub.)
«ər olhai!
-errichar
-errichinho
êssa(s)
-essíssemo
êsta(s)
-ête

F

fanasco
fantesia
fatiga <> fatia
fazer
Fedrico
fəlor
feluige
fərnesim
fərnétigo
fərracho
ferrãi
fərrãicho
fərramanta
ferruige
fertuna
fəticeira
feturar
feturo
fiarpo
Fieiteira
fieito
filhóses
fim
fincha
fol
forje
formantar
formanto
fôrno(s)
Freistevo
fremoso
friesta
friolanto
frũicho
fugir

G

gãicho
gardar
gasalho
gázia
gesta
gomitar
gómito
gorrêta
gorvata
gramasso
Grandão
grandessíssemo
grandôrro, -ôrra
grovata

Guêdes
gurrinha

H

hástia
haver
home

I

-i-
ĭ̂<>em
«i agora»
«ĭ canto»
-ide(s)
«ĭ diante»
igal
igaldade
Igualdino
imbigo
immeroiçar
impresilho
incavar
incertar
incĥer
«indas que»
infadónho(s)
ingorêta
inguanto
ingurrinhar
intigo
intrar
intreter
inxàbido
inxada
inxaugar
inxuto
ir
«ĭ riba»
Ismelindra
-íssemo
issô

J

Jacintra
-je
jentar
jəntiaga
jəração
jinéla
jinêlo
jôlho

L

la(s)
laija
lamb(a)rête
Lambiqueiro
lambra
lambrança
lançol
lavoeira
le(s)
lêstro
lèvezinho
Lisboua
listra
Lixandre
lo(s)
lóija
Loimil
lòreiro
louquinho
lǫvar
lú̂caro
lumioso

M

má
Madanêla
Madanêlo
magano
«mais de canto»
«mais grande»

«mal o haija»
maleiro
manclitar
«maneiras que (de)»
manhê
manhezinha
manoŝ
mantrastos
masgar
meão, -oua
Mərico
mərmurar
meroiço
Metildes
milagre
mim
minga
mingar
mintir
misəravle
moer
mòlzinho
móno(s)
«môr de (p'r'ò)»
mórto, môrtos
-mos
movilha
movilhar
Mumanta
mũto

N

nagalho
nambro
nâna
naquêl
nêl
nha
nóses
nòvezinho
nóvo, nôvos
nũ
númaro

O

«ò despois»
«ò despois agora»
«ò despois antão»
ódio
oirégos
oirina
oitro
ólho(s)
ôlho(s)
-ôlo
óndua
onduar
onte
«ò pa riba»
«ò pa trás»
«ò pa baixo»
orde
orfo
òr'ólha
òr'ôlhai
òr'ólhãĩ
or'ólhe
-ôrra, -ôrro
òr'úlha
«òs poucos»
ósso, ôssos
-ôto
-oua
Oufâmia
ougar
ouvir
óvo, ôvos

P

Paixão, -oua
pampo
pançoeirada
panêlo
pantomina
pantomineiro

pantominice
partir
Passarão, -oua
pél
pḙlinha!
pequḙrrichinho
pḙrtandante
pḙrtander
pḙrtansão
Pḙrtugal
pḙrtuguês
pessoua
piadade
pindurar
pírula
piu, piu!
píveda
pôço(s)
pòcura
pòcurar
«pontos que (a)»
pôr
pórco, pôrcos
«por i»
«por vê de»
póses
poupado
pôvo(s)
«p'ra diante»
prancípio
preguiceiro
premeter
presante
pro̭feição
pro̭feito
prògunta
pròguntar
pro̭meiro
propiadade
própio
prove

Q

quecote
queculo
quêdo
quegulo
quelha
quelho
Quḙlino
quḙmodar
«que nasce»
quḙrcova
quḙredo
quḙstumar
quḙstume
quêto
«que vãi»
quiá!
Quietano
quintura

R

Rabaçal
Rabolêdo
rãichada
rãicho
rãiger
ralo
rebḙrvério
réca, -o
redadeiro
rejḙstir
repaz
repôlho(s)
represantação
represantar
resestir
retrocer
rezão
roer
ro̭mandar
ro̭mando

ro̭medear
ro̭medeio
ro̭médio
rôr
Rosaira
rubar

S

saber
saluçar
saluço
samear
Sandão, -oua
Santíssemo
«sapo cõicho»
sastifeito
savão
scãicha
scairrar
scairro
scândola
scápula
scontra
screver
sḙcorrer
sḙcôrro
sḙlada
semante
semanteira
ser
sḙrtãĩ
sintir
so̭mana
sòmantes
so̭no̭ranto
so̭parar
so̭til
so̭tilizar
sóto
spigôto
spilrar
spilro
sprança
sprar
sp(r)ital
sprito
squècḙdiço
squècido
-stãis (átona)
stâmago
stampoeirar
stauta
stḙpôr
-stes
Stêvo
stordegar
strovar
strôvo
strumo
suar
suprior
suprir

T

tamãĩ
tampo <> tempo
tanazas
ter
terra
tḙrrḙôlo
tḙstão
ti
tisoiras
tóijo
tórto, tôrtos
trabalhadeira
tralha
travalhar
travalho
trazer
treceiro
treminar

tresantónte
« três tantos »
trêstões
trevão
trevoada
trevoar
trocedela
trocer
tromanto
tropesia
truquêsas

U

-u-
ubre
ulha!
« uns cantos »
« uns poucos »

V

vacalhau
val
vantaneira
vanto
varudo
velho
ver
véspora
viageiro
vicá!
Vintura
vir
vòcê
vòssemecê

X

xó!

Z

-z-
zenir
zernideira

Lisboa.

CELESTINO MONTEIRO SOARES DE AZEVÊDO
Licenciado em Filologia Germânica.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação do vol. XXVI, págs. 211-246)

CXV

Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que lá fica

Var.: *a)* **Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que se quebra;** *b)* **Tantas vezes vai o púcaro à fonte, até que lá fica;** *c)* **Tantas vezes vai a infusa ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço;** *d)* **Tantas vezes vai o caldeiro ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço;** *e)* **Tanto vai a bilha ao poço, || que lá lhe fica o pescoço;** *f)* **Tantas vezes vai o cantarinho ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço;** *g)* **Tantas vezes vai o cântaro à bica, || até que lá fica;** *h)* **Cântaro que vai muitas vezes à fonte, || ou deixa a asa ou a fronte.**

Num códice do séc. XVI: *Tantas vezes vai o cantarinho...* (1).

Alem.: *Der Krug geht so lange zum Wasser bis er zerbricht.*

Franc.: a) (séc. XVI) *Tant va la cruche à l'eau, qu'à la fin elle se brise;* b) *Tant va la cruche à la fontainette, qu'elle y laisse la manche ou l'oreillette;* c) (séc. XIII) *Tant va pot a l'eve, que brise;* d) (séc. XIII) *Tant va le pot au puis, qu'il quasse.*

Hesp.: a) *Tanto va el cántaro à la fuente, hasta que se rompe;* b) *Tantas veces va el cántaro à la fuente, que deja el asa ó la frente;* c) *Cantarillo que muchas veces va al agua, alguna se quiebra;* d) *Tantas veces va el cántaro à la fuente, que alguna se quiebra.*

Hol.: *De kruik gaat zo lang te water dat zij eindelyk breckt* (Tantas vezes vai o cântaro ao poço, que se quebra) (2).

Ingl.: *The pitcher that often goes to the well, gets broken*

---

(1) Apud Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, p. 534, n.º 510.
(2) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

at last; ou: *The pitcher that goes too often to the well, comes home broken at last.*

Ital. (do séc. XVIII): a) *Tanto va l'orcio per l'acqua, ch'egli si rompe;* b) *Tante volte al pozzo va la secchia, ch'ella vi lascia il manico, o l'orecchia.*

Lat.: *Cantharus assidue gestatus perdit ansam* (1).

CXVI

Tanto se me dá que a água corra para baixo, como para cima [ou como que corra para cima]

Tanto me importa uma coisa como outra. Tudo me é indiferente; nada me preocupa: «... uma criatura de Deus, que *tanto se lhe dava que a água corresse para baixo, como para cima.*» (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro).*

A um indivíduo natural de Vinhais (Trás-os-Montes) e com setenta anos de idade, ouvi o seguinte conto, que êle me disse conhecer desde a sua infância e ser ali tradicional:

Um rei, andando à caça, encontrou um velho a chorar, e preguntou-lhe qual a causa da sua dor.

— Que fôra castigado pelo pai, respondeu o velho.

O rei, informado de que o pai do velho andava trabalhando numa horta próxima, foi aí procurá-lo, e preguntou-lhe porque batera no filho.

— Por êle ser teimoso, real senhor.

— Então tu nunca teimaste?

— Não, real senhor.

O rei, indicando ao velho um regato que corria próximo, preguntou-lhe:

— Para que lado corre a água?

— Para baixo.

Diz-lhe o rei, para o experimentar:

— Não é tal; a água corre mas é para cima.

O homem, percebendo a intenção do rei, retorquiu-lhe:

— Olhe, real senhor, na idade em que estou, *tanto se me dá que a água corra para baixo, como para cima.*

---

(1) Bento Pereira.

CXVII

Tenho um dedo que adivinha

Diz-se para significar o pressentimento de um acontecimento, ou a posse do dom da presciência: «Tenho um dedo que me adivinha que ainda há-de ser coisa por aí além.» (Castilho, *Casamento de oiro*). — *Diz-se às crianças, para as convencer a confessar uma maldade, fazendo-lhes crer que se possui um dedo revelador das suas acções.*

Popular:

Tenho um dedo que adivinha,
um dedo que me diz tudo;
preguntei-lhe se me amavas,
mas o ladrão ficou mudo.

A locução parece fundar-se numa crença, que bem pode ser a de que os pactos com o diabo são firmados com sangue do dedo mínimo — que é «o que adivinha» (cf. neste artigo a locução *ter pacto com o diabo)*, ou a que se narra na *Enciclopédia das Famílias*, 23.º ano (1909), p. 818, por êste teor: «Nos tempos que vão correndo, uma pessoa com seis dedos numa mão ou num pé, não passa de um fenómeno mais ou menos desagradável à vista; mas antigamente não era assim. Na idade-média acreditava-se em que o indivíduo que tinha um dedo a mais, possuia um sexto sentido, de que eram privadas as outras pessoas; êsse sexto sentido consistia na faculdade de poderem decifrar os sonhos proféticos. Tão enraizada estava a crença neste privilégio dos polidáctilos que, quando um artista queria representar a figura duma personagem dotada do dom dos sonhos proféticos, nunca deixava de lhe pôr seis dedos numa das mãos, ou num dos pés. Os documentos iconográficos desta natureza vão já sendo muito raros, infelizmente. Os mais notáveis são dois dos mais famosos quadros de Rafael. Na «Madona Sixtina», que se conserva em Dresde, o papa Sixto IV aparece com seis dedos na mão direita. O detalhe está pintado com tal arte e tanta naturalidade que, não o sabendo, se pode ver o quadro cem vezes sem se notar a existência do sexto dedo.

O outro quadro em que o grande artista de Urbino im-

primiu a referida superstição, é o célebre «Sponsalizio», que representa o matrimónio da Virgem. A figura de S. José tem o pé esquerdo descalço, não por simples capricho do pintor, mas para mostrar um sexto dedo, o qual, como o da mão de Sixto IV, não se distingue sem prévio conhecimento da sua existência.

Que o artista atribuisse a S. José o sexto sentido, nada oferece de extraordinário, pois que a própria História Sagrada nos diz que o pai putativo de Cristo recebia em sonhos as instruções e os avisos celestes.

A origem de tão curiosa crença remonta, sem dúvida, à infância da humanidade, pois entre os antigos Caldeus já era opinião corrente que tôda a pessoa que possuia um dedo supranumerário, podia adivinhar o futuro dos reis. Esta superstição de-certo se relaciona também com o costume dos Índios, que indicam a sabedoria e o poder sobrenatural dos seus deuses consoante lhes multiplicam os braços e, portanto, os dedos.

Seja como for, essa crença é das que mais depressa caíram no esquecimento, e bem o demonstram alguns infelizes que a natureza dotou com dedos a mais e boa sorte a menos.

Se a posse de mais um dedo significasse dom sobrenatural, êsse dom serviria aos seus possuidores de talisman, pelo menos, para não lutarem com as correntes agruras da vida. Contudo não se pode negar que alguns polidáctilos tenham exercido uma influência misteriosa sôbre os que os rodeiam. Ana Bolena, por exemplo, tinha seis dedos, o que não diminuiu, um ápice sequer, a sua celebridade.

Há pouco tempo ainda, havia na Arábia uma tríbu, a dos hiabitas, de que talvez haja restos, a qual considerava uma desonra ter só cinco dedos. Todos os indivíduos dessa tríbu tinham seis dedos em cada mão e em cada pé, e, como apenas contraíam matrimónio entre si, o fenómeno ia-se perpetuando de pais a filhos.»

Dizem os Ingleses: *A little bird told me.*

O dic. de Larousse insere a locução francesa *mon petit doigt me l'a dit,* e diz que, provàvelmente, esta locução vem do hábito de se levar ao ouvido o dedo mínimo, chamado «auricular.» Esta origem é também admitida, como provável, por Afonso Mariette, na sua obra *French and english idioms. and proverbs,* Paris, 1896, II, p. 54.

Não vejo relação entre o dom de presciência — a que as locuções portuguesa e francesa se referem — e o acto de se

coçar a orelha com o dedo mínimo, o que, aliás, se pode fazer com qualquer outro dedo.

CXVIII

Ter Espírito-Santo de orelha

Ter quem lhe diga o que não sabe, para o repetir diante de outrem; ter quem lhe inspire ou sugira alguma ideia; repetir o que outrem lhe disse ou lhe está soprando ao ouvido: «... isto de falar a hora tôda com dez minutos de *Espírito-Santo de orelha,* não passa de uma irresponsabilidade de papagaio.» (Fialho de Almeida, *Saibam quantos...)*

Entre outros dons, o Espírito-Santo possui o de profecia e o de actuar sôbre a nossa vida, esclarecendo a nossa inteligência e fortalecendo a nossa vontade. Com o seu auxílio podemos levar a cabo as obras mais difíceis (1).

Foi o Espírito-Santo quem inspirou à Virgem de Nazaré o voto de castidade, quem com suas luzes a iluminou para que pudesse penetrar os segredos do futuro (2), e quem esclareceu S. João, profeta desde o ventre materno (3).

Os livros evangélicos foram escritos pela inspiração do Espírito-Santo. *(S. Mateus,* x, 19-20, e *S. João,* xiv, 26 e xvi, 12-13) (4).

Todos os que teem a graça santificante recebem do Espírito-Santo os seus sete dons, isto é, sete aptidões da alma, que são: sabedoria, inteligência, sciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus (5).

---

(1) *Catecismo popular católico,* por Francisco Spirago, trad. de Manuel Abúndio da Silva, Pôrto, 1908, I, 275.

(2) *O Evangelho, explicado, defendido, meditado,* pelo padre Dehaut, trad. do padre António Gomes Pereira, Pôrto, 1905, I, 165, 181.

(3) Idem, I, 180.

(4) Idem, I, 123 e seg.

(5) Ob. cit. na nota 1, I, 293-294.

CXIX

Ter o diabo [ou o **demónio**] **no corpo**

Estar enfurecido, ser insuportável; ser mau, inquieto, travêsso: «Ah! conte-me isso... ela *tinha o demónio no corpo?* Note você, padre Bento, que os espíritos maus quási sempre se ferram nos bons corpos!» (Camilo, *Maria Moisés*).—*Fazer coisas extraordinárias; mostrar ligeireza, actividade, doidice ou valentia:* «... um tal Aníbal... que parece que *tinha* mesmo *o diabo no corpo,* bate os Romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha-os mais além...» (Pinheiro Chagas, *Hist. alegre de Portugal*).

Esta locução é vestígio dos tempos da grande eflorescência mística, em que a medicina estava ainda bem atrazada e os fenómenos da patologia do sistema nervoso eram freqüentemente tidos como obra do diabo.

O P.^e Manuel Bernardes n-*Os últimos fins do homem* (Lisboa, 1728, p. 421), apresenta estes dois casos de energúmenos —como antigamente se chamava aos possessos ou endemoninhados: «Em hum logar de França, estando à mesa huma mãy com huma filha sua de quinze annos, esta lhe irritou a paciencia de sorte, que de palavra em palavra, veyo a dizerlhe: Tantos demonios te entrem no corpo, quantas ervilhas agora comeste. Mal o tinha dito, quando na pobre moça entrou huma caterva de espiritos immundos, os quaes não sahirão senão passados tres annos, sendo levada à cova de Santa Maria Magdalena, que he muy celebre naquella região. Vejão, que caro lhe custou à filha o jantar, que o não pode esmoer, nem vomitar senão dahi a tres annos; e quantas molestias e incommodidades padeceria esta mãy, por não saber refrear huma só palavra impaciente. Semelhante he o caso, que refere Cesario, de huma menina de cinco annos, a quem o pay achou bebendo hum pouco de leite furtivamente; e subitamente irado lhe disse: Bebe, bebe, o leite, e mais o diabo. Elle o disse, e Deos assim o permittio; porque logo immediatamente lhe entrou o inimigo no corpo, donde não sahio, senão depois que sendo já de idade adulta, foy levada a Roma ao sepulchro de S. Pedro, onde por merce de Deos, e meritos do Principe dos Apostolos, ficou livre de tão molesto hospede.»

Wedal e Hoffman acreditaram nas doenças demoníacas. O P. Gassner, de Bludenz, no Tirol, atacado por dores de cabeça, supô-las obra do demónio e deu-se a ler todos os livros de exorcismos; depois exerceu a arte que aprendera, curando em nome de Jesus os possessos [1].

Franc.: *Avoir le diable au corps.*

CXX

Ter pacto [ou partes] com o diabo

Ser levado da breca, ser muito endiabrado; fazer coisas maravilhosas, extraordinárias; conseguir coisas que parecem impossíveis de realizar ou de obter: «As feiticeiras defumam sempre as casas, fingindo louvar o Santíssimo Sacramento, quando por fim de contas, dizia a velha com entono, o que elas *teem é pacto com o diabo,* a quem rezam como a gente reza a Deus Nosso Senhor.» (Maximiliano de Azevedo, *Histórias das Ilhas).*

Segundo as crenças supersticiosas da idade-média, aquele que fazia pacto com o diabo, entregava-lhe a alma em troca de benefícios terrenos.

Nos pactos com o diabo lavrava-se um documento, que se assinava com sangue do braço — ou, segundo Teófilo Braga [2], com sangue do dedo mínimo, que é o que, na credulidade infantil, adivinha. (Cf., neste artigo, o adágio — *Tenho um dedo que adivinha).*

No *Fausto,* de Goethe, e no *Mágico prodigioso,* de Calderon de la Barca, há pactos com o diabo. Teófilo Braga, nas *Lendas cristãs,* p. 363, fala do relato de Guibert de Nogent *(De vita sua,* liv. I, cap. XXVI) àcêrca do pacto de um monge com o diabo. O inquisidor Cumanos diz que se podem fazer dois pactos com o diabo — um solene, e outro particular.

Vendendo a alma ao diabo, cada um pedia a realização do sonho da sua vida. Alberto Magno queria interpretar os

---

(1) César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de M. Bernardes Branco, Lisboa, 1878, IX, p. 406.

(2) *Povo Português,* II, 94.

segredos da natureza; o padre Trytheim, no século XIV, a chave dos mistérios humanos; Cornélio Agripa quer atingir os fins dos problemas da alquimia; Falstaff vende a alma, numa sexta-feira de Paixão, por uma coxa de capão e uma garrafa de vinho, diz Louandre; Luís Gauffredi vende-se para que as mulheres, só com o assoprar-lhes, fiquem perdidas de amor por êle. Em 1778, um lacaio vende-se, só para poder jogar; o inglês Ricardo Dugdale vende-se por uma lição de dança, pois queria ser o melhor dançarino, de Lancaster (1).

Nas lendas portuguesas há, pelo menos, um dêstes pactos — o de S. Frei Gil, que cede à promessa de ser senhor da *arte magica*, a primeira de tôdas as sciências, que não só alcançava o presente, mas antevia o futuro (2).

A essa lenda alude Garrett, no seu poema *D. Branca*, canto VI, p. 165:

> ... Frei Gil. Do diabo a quem vendera
> a alma pelo poder da bruxaria,
> o escrito cobrou que lhe fizera
> de obrigação, lavrado com seu sangue.

Diz-se que Simão Mago fêz pacto com o diabo.

Até na classe sacerdotal se encontram dêstes pactos, como sucedeu com o papa Sixto V, por exemplo, do qual diz Thou, na sua *História*, que pactuara com o diabo entregar-lhe a alma se fôsse eleito papa, e o seu pontificado durasse seis anos, findos os quais o diabo viera exigir o cumprimento do contracto (3).

Na sentença que condenou Luís de la Peña por feitiçaria (1626), descreve-se assim o seu pacto com o diabo: «Eu sou o espírito que te apareceu, e te digo que se quiseres adivinhar tudo o que te preguntarem, hás de deitar três pedras, em meu nome, em um poço, e quando elas sairem dêle, e as tornares a ver na tua mão, então não adivinharás.» (4)

A pedra que se emprega no pacto com o diabo, da feiti-

---

(1) V. José de Sousa, *O misticismo*, Lisboa, 1895, p. 101.

(2) Pode ler-se a lenda nos *Monumentos e lendas de Santarém*, de Zeferino Brandão.

(3) Teófilo Braga, *Lendas cristãs*, p. 363, 385.

(4) A pud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 60.

çaria do século xvi, ainda se conserva nos costumes da Ilha de S. Tiago, de Cabo Verde, onde se dá o nome de *fetal* a uma pedrinha mágica, do tamanho de um grão de mostardeira, que as pessoas que fazem pacto recebem no sítio chamado *Água-de-Má-Morta*. A pedrinha é metida debaixo da pele, e aquele que a trás em si — o *fetalista* — fica para sempre livre de desgraças, embora não chegue a ser rico (1).

Alexandre Herculano, no artigo *Superstições populares*, publicado no *Panorama*, IV (1840), p. 162, descreve assim a solenidade da instituïção de qualquer feiticeira ou bruxa: «A adepta é levada alta noite pelas feiticeiras professas a um logar ermo, onde o diabo aparece transformado em bode negro. Começa a cerimónia, como é razão pela matrícula, e a noviça escreve o têrmo de venda da sua alma com o próprio sangue; então o diabo lhe entrega um novelo e um pandeirinho, que são os símbolos da nova dignidade que recebe, e pelo que fica hábil para fazer os seus malefícios, e para se transformar no que quiser, quer sejam corpos animados, quer inanimados. Depois disto o demónio, *bodificado*, se assenta no seu trono cercado de candeiinhas, e por baixo dêste trono passa a noviça três vezes; acabado o que, a nova feiticeira dá um beijo na proximidade da cauda ao transformado rei do inferno.»

No seu livro *As superstições e o crime*, p. 59 (2), diz o Visconde de Carnaxide: «Dos processos arquivados da Inquisição e das listas dos autos de fé, que suprem em parte muitos dos processos perdidos, se vê, que, em geral, as variedades da feitiçaria e encantamentos eram pela hermenêutica do Santo Ofício subordinados à classificação de pactos com o diabo. Por estes se explicava tudo: desde as acusações com provas, em que se baseavam as sentenças condenatórias, de uma mulher ir a uma ilha encoberta falar com D. Sebastião, até às de várias outras terem cópula com o seu contratante, o próprio diabo, havendo êste tomado várias formas, de bode, de frade, de estudante, etc. O número das feiticeiras (sendo em tóda parte o contingente das mulheres na feitiçaria muitíssimas vezes maior do que o dos homens) relaxadas

(1) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 65.

(2) Ed. da Academia das Sciências de Lisboa, Coimbra, 1916.

em Portugal à justiça secular e condenadas à fogueira, não foi muito considerável. Eram, geralmente, pessoas humildes, benzedeiras, e que a tortura obrigara à confissão de relações e pactos demoníacos.

. . . .

Da crença dos pactos com o diabo e do poder, que daí vinha aos contratantes, é frisante exemplo o de em 1724 um rapaz prêso em Cascais fazer um escrito ao diabo, sendo a tinta sangue seu, propondo-lhe entregar-se-lhe em troca de o livrar da prisão.»

Em nota cita o Visconde de Carnaxide as fontes de que recolheu estas informações.

Em Inglaterra, pelo Estatuto 33.º de Henrique VIII, c. 8, e depois ainda pelo Estatuto 1.º de Jacob I, c. 12, foi decretada a pena de morte contra aqueles que invocassem, consultassem, empregassem, sustentassem ou recompensassem os demónios, fazendo pactos com êles (1).

CXXI

Ter sete fôlegos

Var.: *a)* **Ter sete fôlegos como os gatos;**
b) **Ter fôlego de gato**

Diz-se de uma pessoa dotada de fôrça ou energia bastante para resistir a grandes incómodos ou trabalhos físicos ou morais: «É preciso que êle *tenha sete fôlegos, como o gato*, para resistir a uma coisa assim!» (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro).*

O povo diz *sete foles.*

Efectivamente os gatos teem mais resistência, mais vida, do que muitos outros animais. Muitas vezes, engalfinhando-se lá no alto dos telhados de um terceiro ou quarto andar, êles aí veem pelos ares, de encontro ao solo, deitando cada um a correr para o seu lado.

---

(1) Blackston, *Comentário aos Cód. crim. de Inglaterra*, tômo I, c. 4, p. 56, cit. por Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, p. 267 (Lisboa, 1816).

O *Alm. Bertrand*, de 1911, a pág. 106, nota: 1.º — Colocados um gato e um cão da mesma idade em um recipiente carregado de ácido carbónico, no seu natural estado gazozo, ver-se-há o primeiro sobreviver ao segundo, tendo-se observado em uma experiência que o cão morreu em cinco minutos, e o gato ainda respirava quarenta minutos depois; 2.º — Um gato, depois de estar duas horas submergido em água fria, restabeleceu-se completamente; 3.º — Outro voltou a si passadas oito horas da morte aparente produzida por uma dóse de ácido prússico. Um célebre experimentador belga, Filips Bellings, que passou a vida a efectuar tôda a espécie de provas fisiológicas com animais domésticos, averiguou por diferentes vezes que os gatos resistem a causas mais sérias de destruïção três vezes mais de que os cães.

Alem.: *Eine Katze hat neun Leben, wie die Zwiebel sieben Häute.*

Hesp.: *Tiene sete vidas, como los gatos.*

Eugène Rolland recolheu a superstição de Castelnaudary, de que «os gatos teem nove vidas.» *(Faune Populaire de la France*, IV, 107).

CXXII

Ter varinha de condão

Ter a virtude, o dom, a maneira de atrair, de vencer dificuldades, de fazer ou conseguir coisas extraordinárias, de desvendar coisas secretas, de adivinhar. Ter tudo quanto deseja, ser feliz: «Adivinha-me o coração que vou achar um grande casamento... Pois se o pai já sabe que *tenho varinha de condão...*» (Camilo, *Santo da Montanha)*.

O uso de adivinhar pela vara, ou de conseguir com ela outras coisas extraordinárias, parece ter sido inspirado pela virtude de Aarão e Moisés, que — principalmente o primeiro — com suas varas operáram prodígios no desenvolvimento das pragas do Egito. Vejam-se, entre outros passos do *Êxodo*: cap. IV, 2 e 3; VII, 9, 10, 19 e 20; VIII, 16 e 17; IX, 23; X, 13; e XIV, 16.

Lê-se também no *Êxodo*, VII, 11, 12 e 15, e VIII, 18, que os magos de Faraó se serviram de varas.

Estrabão, no liv. 15, diz que os brâmanes da Pérsia adi-

vinhavam tendo na mão pequenos ramos de árvores. Heródoto escreveu que entre os Scitas havia muitos adivinhos que tinham aprendido com os seus antepassados a arte de adivinhar com varas de salgueiro. Cícero, aludindo a êste uso, disse: *Se alguma vara, divina, segundo o provérbio comum, nos fornecesse o que nos é necessário.*

Filóstrato (in *Apollonius*, lib. 3, cap. 5) conta que os brâmanes das Índias se serviam de varas para predizerem o futuro. Deus censura esta superstição do seu povo em *Oseas*, IV, 12 (1).

Era com uma vara de aveleira que antigamente se pretendia descobrir nascentes de água, minas, tesouros enterrados e, até, o rasto de ladrões e assassinos. O operador conservava a vara horizontalmente, mas dando-lhe completa liberdade de movimento; e, quando êle se aproximava de local onde houvesse uma nascente, ou um tesouro, a vara voltava-se por si própria entre os seus dedos.

É desta operação que fala B. Pereira, na *Anecephaleosis*, p. 118, quando diz: «A varinha do condão, ou vara de Aveleyra, conforme se inclina ou torce para a parte onde ha ouro, assim mostra os thesouros escondidos nos montes e minas» (2).

Tal sistema de pesquisas era defeso pelas Ord. Filip., liv. 5.º, tit. 3.º, § 2.º, onde se prescrevia: «Outro-si, não seja algũa pessoa ousada, que para adivinhar deite sortes, nem varas para achar thesouro...»

A pena ali cominada para os infractores, era: «seja publica-mête açoutado com baraço, e pregão pela Villa, ou Lugar onde tal crime acontecer, e mais seja degradado para sempre para o Brasil, e pagará tres mil reis para quem o accusar».

Para se inspirarem nas suas mais importantes pesquisas, os alquimistas da idade-média empunhavam uma vara.

A *varinha de condão* é o instrumento mágico e dotado de poderes sobrenaturais que nos contos de fadas e feiticeiras simboliza o poder delas. É por meio da *varinha de*

(1) V. M. Gilbert — Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion*, Paris, 1741, VII, 224 225.

(2) Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, p. 285.

condão que elas teem o poder de transformar tudo e de se transformarem a si.

Os prestidigitadores ainda hoje usam uma *varinha de condão*, por cuja virtude pretendem fazer aparecer e desaparecer objectos aos olhos maravilhados dos espectadores.

É vulgar dizer-se que uma pessoa *tem o condão de fazer tal ou qual coisa*, dando-se a *condão* o significado de «dom, prerogativa» e, às vezes, o de «poder sobrenatural, prodigioso, inexplicável».

CXXIII

Tirar a castanha [ou a sardinha] do fogo [ou do lume] com a mão do gato

Ou: *a)* Tirar as castanhas do borralho com a mão do gato; *b)* Tirar a castanha [ou a sardinha] com a mão do gato

Tratar de obter um resultado ou um proveito, sorrateiramente, servindo-se de uma terceira pessoa, e pondo-a em risco ou causando-lhe incómodo.

Na fábula de La Fontaine, *Le singe et le chat* (liv. IX, fáb. 17), o macaco, lisonjeando astutamente a habilidade e a ligeireza do gato, incita-o a furtar as castanhas que estão a assar na lareira.

O gato, assim lisonjeado, escalda-se ao afastar a cinza, e, sacudindo as patas, lá vai conforme pode tirando das brazas as castanhas, que o macaco só tem o trabalho de trincar.

O *Alm. Hachette*, de 1907, tratando, a pág. 305, da origem da locução *tirer les marrons du feu*, transcreve um pequeno trecho da referida fábula, e acrescenta: «Cette fable n'est pas de l'invention de La Fontaine. On la trouve avant lui, sous des formes diverses, dans Simon Maioli, Noël du Fail, Le Noble, Benserade. Le conte de Simon Maioli est particulièrement savoureux en ceci qu'il donne à la petite scène une apparence historique. Selon lui, un soir, les camériers du pape Jules II mirent des marrons au feu avant d'aller coucher son maître. Ils laissaient derrière eux un singe et un chat qui se chauffaient. Le singe empoigna le chat et se servit de sa patte comme des pincettes pour tirer les marrons

des cendres brûlantes. Aux miaulements furieux du chat, les camériers accoururent... et mangèrent les marrons».

Efectivamente La Fontaine viveu no século XVII, e já no século anterior o nosso Jorge Ferreira de Vasconcelos, a pág. 111 da *Eufrosina* (1), empregara a locução *tirar a castanha do borralho com a mão do gato*, porventura extraida de algum conto ou fábula dêle conhecida.

Franc.: *Tirer les marrons du feu avec la patte du chat.*

Hesp.: *Sacar el ascua con la mano del gato* [ou *con mano ajena*].

Ingl.: *To take the nuts from the fire with the dog's foot* (2).

Ital.: (séc. XVIII) *Cavar la castagna colla zampa altrui.*

CXXIV

Tirar carta de seguro

Acautelar-se, precaver-se contra um mal que se receia.

Pereira e Sousa, nas suas *Primeiras linhas sôbre o processo criminal* (Lisboa, 1827), p. 73, define: «Seguro he a promessa judicial pela qual o Réo, debaixo de certas condições se exime da prizão até à conclusão da causa».

Êste seguro era, nos seus efeitos, pouco mais ou menos o mesmo que é hoje a fiança judicial, e dêle se passava carta ao réu, para sua salvaguarda. (V. *Ord. Filip.*, liv. 5.°, tit. 130).

Não é, porém, a tais *cartas de seguro* que alude a locução, como alguns supõem e já li algures (creio que n-*O Elvense*, em artigo de A. Tomás Pires), mas sim às *cartas de segurança real* de que tratam as citadas *Ord.*, liv. 3.°, tit. 78, § 5.°, e liv. 5.°, tit. 128, as quais eram concedidas pelos Juízes das Terras, não aos criminosos, mas — como diz Pereira e Sousa a pág. 74 da citada obra — «aos innocentes que temem com justa causa ser inquietados por outros, e buscão o abrigo da

(1) Ed. de Lisboa, 1616.

(2) Vem na *Faune populaire de la France*, de Eugène Rolland (Paris, 1877), IV, p. 120, onde também se regista a forma hespanhola: *Con ajena mano sacar la culebra del horado.*

Justiça para que reporte aquelles que os vexão, e os cohiba de lhes fazerem mal, precedendo para isso breve e extrajudicial Informação».

As *cartas de seguro* foram requeridas pelos povos do reino a D. Pedro I, nas Côrtes de Elvas. *Ord. Afons.*, liv. 5.°, tit. 57, §§ 1.° e 2.°. Procurou-se, com elas, obstar à vindicta pessoal, então permitida; com o andar do tempo, porém, foram tendo o restrito fim de eximirem os réus da prisão, para se livrarem soltos dentro do tempo por elas concedido.

V., além de Pereira e Sousa, A. M. Seabra de Albuquerque, *Lições de direito criminal português* (Coimbra, 1861), pág. 29.

Fernão Mendes Pinto, nas *Peregrinações*, p. 103, fala em *carta segura* (1).

CXXV

Tôda a gente come [ou todos comem] palha — o caso é saber-lh'a dar

Todos se deixam iludir, se para o conseguir se sabem empregar os meios.

Jacome Ratton — cidadão francês, que residiu em Lisboa no tempo do Marquês de Pombal — conta, no seu livro *Recordações*, o seguinte, referido àquele estadista: «Um outro facto notável se conta dêste género, tal é o de que, queixando-se êle marquês a um indivíduo, que o visitava, do alto preço a que tinha chegado a palha naquele ano de carestia dêste artigo, o dito indivíduo se lhe ofereceu para lh'a mandar vir de Abrantes, onde dizia achar-se por metade do preço, que lhe indicava, proposta que o mesmo marquês aceitou, de que resultou encherem-lhe o palheiro a abarrotar, e quando alguém lhe notou que isto não fôra mais do que um meio de que se serviram para o obsequiar, a resposta que deu a isto foi o dito que ficou em provérbio, que *todos comem palha, o caso é saber-lh'a dar*» (2).

---

(1) Apud dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «seguro».

(2) Apud Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, VIII, pág. 16.

CXXVI

Todos os caminhos vão dar a Roma

Ou: Por diferentes caminhos se vai a Roma

Estes adágios veem dos tempos em que grande multidão de peregrinos ia, de todos os pontos da Europa, visitar os túmulos de S. Pedro e S. Paulo, em Roma, especialmente nos anos santos.

Era tal a multidão, que tôdas as casas eram albergues, e não bastavam; e muitos romeiros ficavam nas ruas, expostos às intempéries.

Só o Hospital da Santíssima Trindade albergou pelo jubileu de 1575, sob o pontificado de Gregório XIII, em todo o ano, 360:000 peregrinos [1].

Dessas grandes peregrinações derivam também os adágios *caminho de Roma, nem mula manca, nem bôlsa vasia, e quem tem bôca vai a Roma.*

Também se diz: *Todos os caminhos vão dar a Belém* ou: *por diferentes caminhos se vai a Belém,* aludindo à povoação de Bethlém, na antiga Palestina, tribu de Judá, onde nasceram Jesus Cristo e David.

La Fontaine escreveu *tous chemins vont à Rome,* na fábula *Le juge arbítre, l'hospitalier et le solitaire:*

Trois saints, également jaloux de leur salut,
Portés d'un même esprit, tendaient à même but.
Il's s'y prirent tous trois par des routes diverses:
Tous chemins vont à Rome; ainsi nos concurrents
Crurent pouvoir choisir des sentiers différents.

Pensaram tornar-se agradáveis a Deus: um julgando gratuitamente as demandas; o segundo tratando os enfermos, e o terceiro vivendo na solidão.

Franc.: *Tout chemin mène à Rome.*

---

(1) Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire* (Roma, 1889), p. 4.

Hesp.: a) *Todos los caminos van à Roma;* b) *Por todas partes se va à Roma;* c) *Muchos caminos van à mi casa.*
Ingl.: *Every road leads to Rome.*
Ital.: *Tutte le strade conducono a Roma.*

CXXVII

Toma casa com lar, || e mulher que saiba fiar

Desde remotíssimos tempos, o saber fiar foi considerado como um dos mais apreciáveis predicados da boa dona de casa.

A mulher hebreia fiava o linho e tecia os estofos destinados ao vestuário e mais alfaias caseiras, e ao fabrico de velas e faixas, que vendia aos Fenícios, procurando assim aumentar o património de seus filhos, que eram para ela o que havia de mais santo sôbre a Terra. Dessa actividade fala Salomão, *Prov.*, XXXI, 10 e seguintes.

O fiar e o tecer completavam a educação das Atenienses e das Romanas. As ocupações da mulher grega consistiam em fiar lã, tecer, bordar, dirigir as servas e ir ao rio lavar a roupa da família; e assim fazia Nausicaa, a-pesar-de ser de estirpe real (1).

Do aprêço em que entre os Romanos era tida a fiandeira, diz J. Boissier, num artigo intitulado *La journée d'une Romaine*, publicado na rev. parisiense *Lectures pour tous*, 1.º ano (1899), n.º 12, pág. 1064: «On mettait sur la tombe des Romaines de la bonne époque ces mots, qui, croyait-on, reufermaient l'éloge le plus délicat qu'on pût leur adresser: «Elle resta chez elle et fila de la laine». Cet éloge, quoiqu'on ait continué par tradition à l'inscrire sur quelques tombes,

---

(1) Fernando Nicolay, *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres* (trad. hespanhola de Juan Bautista Ensañat, Barcelona, 1904), vol, 3.º, pág. 279.

O *Dictionnaire complet illustré*, de Larousse, fala assim de Nausicaa: «Fille d'Alcinoüs, roi des Phéaciens, qui accueillit Ulysse après son naufrage. Homère la représente allant elle-même avec ses femmes laver ses robes et celles de ses frères».

É na *Odisseia* que Homero fala assim daquela princeza.

les femmes cesserent bientôt de le mériter. Déjà, au lendemain des guerres puniques, Lucilius se plaint qu'elles saisissent tous les prétextes pour quiter leur maison. Quant à filer de la laine, c'était aussi une habitude qu'on avait un peu perdue. Celles que n'y renonçaient pas tout à fait, le faisaient pour avoir l'air de conserver les vieilles mœurs et obtenir un meilleur renom. C'est en vain qu'Auguste affecta de ne porter des vêtements que ceux que sa femme et sa fille avaient travaillés de leurs mains, nous ne voyons pas qu'on ait beaucaup suivi son exemple. Il ne réussit jamais à remettre les anciens usages à la mode».

Na Noruega, ainda modernamente é tida em grande aprêço a mulher que sabe fiar.

O *Mundo Legal e Judiciário*, 15.° ano (n.° 20, de 25 de Julho de 1901), pág. 328, dá notícia de uma lei, então recente, promulgada naquele país, e segundo a qual nenhuma mulher podia contrair matrimónio sem provar, por certidão devidamente legalizada, que sabia coser, fazer meia, cozinhar, e *fiar*.

*

Os historiadores e os poetas da alta antiguidade atribuem ao fuso e à roca o simbolismo de um labor honroso, a que se entregavam não só as simples mulheres do campo, mas, também as rainhas e as princezas, que em algumas novelas populares aparecem fiando em rocas de oiro, como, por exemplo, na novela *O rei Sardão*, pubicada in *A Tradição*, I, 12.

É bem conhecida a locução francesa *du temps où la reine Berthe filait*, ou *du temps que la reine Berthe filait*, correspondente à italiana *non è più il tempo che Berta filava*.

Segundo L. Martel [1], esta rainha Berta era a mãe de Carlos Magno, à qual um poema da idade-média chamava a *Fiandeira*.

Sôbre a sepultura da filha de Otão, o *Grande*, em Mogúncia, vê-se uma roca e um fuso, sem dúvida para mostrar que a princeza fôra uma boa fiandeira [2].

No interior dos castelos medievais, ou à tarde nos seus eirados, viam-se a roca e o fuso nas mãos das mais nobres

---

[1] *Petit recueil des proverbes français*, § 62.
[2] V. *Alm. Lemb.* de 1891, pág. 313.

donas e donzelas; e no século XVIII, e, mesmo, nos princípios do XIX, ainda muitas damas portuguesas não desdenhavam o título de fiandeiras, podendo dizer-se que havia sempre entre as suas alfaias uma roca, um fuso e uma baraça de esquisitos lavores.

*

As mulheres do norte de Portugal ainda hoje se ocupam muito em fiar na roca, sendo vulgar encontrar-se às portas das casas, principalmente no Minho, velhas fiando. A êsse antigo costume se refere Fr. João dos Santos (séc. XVII), na sua *Ethiopia Oriental*, liv. I, cap. XII: «... tão propria he a enxada nas mãos dos Cafras como a roca na cinta das molheres de Entre Douro & Minho» (1).

Em recordação das fiandeiras jovens ficou a quadra popular:

Quem me dera ser tão fino
como o linho que fiais,
que vos dera tantos beijos
como vós no linho dais.

*

A roca aparece na Fábula como distintivo das Parcas, acompanhada do fuso e da tesoura, e nas mãos de Hércules que, tendo perdido os seus atributos e a sua fôrça, e subjugado pela paixão, chegou a fiar aos pés de Omfale, rainha da Lídia.

Na *Iliada*, canto 6.º, Heitor tranqüiliza Andrómaca, sua esposa, dizendo-lhe:

Amor meu, não te aflijas sem medida:
Ninguém me dará morte prematura,
do fado contra as leis: das leis do fado
nenhum dos homens, que nascido tenha,
valente ou sem valor, pode esquivar-se.
Volta, portanto, ao sólito aposento,
na *roca*, no *tear*, em teus lavores,
entende, e as servas ao trabalho obriga (2).

---

(1) Apud Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, V, 311.

(2) A *Iliada, de Homero*, trad. do original por João Felix Pereira. Lisboa, 1891, I, 164-165.

*

No romanceiro português encontram-se às vezes passos referentes às fiandeiras.

Assim, no da *Nau Catrineta*, exclama o gajeiro:

Alvíçaras, capitão,
meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
areias de Portugal;
mais enxergo três meninas
debaixo de um laranjal:
uma sentada a coser,
ontra *na roca a fiar*,
a mais formosa de tôdas
está no meio a chorar.

E no romance da *Bela Infanta:*

Dera-te as minhas jóias
que não teem pêso e medida;
dera-te o meu *tear* d'oiro,
roca de prata pulida.

*

A roca aparecia como símbolo nas cerimónias nupciais dos Romanos. Quando a esposa era conduzida para o domicílio conjugal, seguia-a no cortejo um mancebo, que levava uma roca com lã e um fuso, para lhe recordar o trabalho a que habitualmente devia dedicar-se, pois era o labor em que se ocupavam as mais ilustres Romanas, tais como Lucrécia, e tantas outras, como refere Tito Lívio (I, 57). Também Suetónio nos diz que Augusto (*vida de Augusto*, cap. LXXII) vestia túnicas fiadas por sua mulher (1).

O dic. de Bescherelle, s. v. «quenouille», também diz, aludindo aos Romanos: «Dans les cérémonies du mariage on

(1) *Ob. cit.* na nota 1, a pág. 214, vol. 3.°, pág. 286-287.

portait derrière la nouvelle mariée une quenouille garnie de laine, pour lui rappeller ses occupations futures».

Procedia-se identicamente nas cerimónias nupciais entre os Francos. Segundo César Cantu (1), os parentes da recém-casada recebiam no altar de Maria uma roca benzida, e apresentavam-na à esposa, que nela fiava um pouco para indicar as ocupações e cuidados que a esperavam.

Em Portugal existe uma forma simbólica semelhante, que Leite de Vasconcelos narra assim nas suas *Trad. pop.*, § 333, *a)*: «Em Marco de Canavezes os noivos passam por debaixo de três arcos. No primeiro está uma *roca* e papel e tinta: *a noiva fia*, e o noivo escreve alguma coisa. No segundo está um livro e uma almofada: a noiva cose, e o noivo lê. No terceiro está uma meia e uma espada: a noiva faz meia (isto é, trabalha na meia) e o noivo desembainha a espada».

A actividade da mulher, se refere o nosso velho adágio *a fiar e a tecer, ganha a mulher que comer;* e, a censurar a sua negligência pelos trabalhos caseiros, diz estoutro: *Perdi a roca, e o fuso não acho; três dias há que lhe ando pelo rasto.*

*

Em Portugal, Santa Iria é tida como advogada das tecedeiras, porque o povo diz que ela foi também tecedeira. Em Rôças (Minho—Cabeceiras de Basto) as mulheres levam-lhe um *novelinho de fiado* para o altar, afim de que as teias saiam boas para se poderem vender.

Além de Santa Iria, também a Virgem, que é Mãe dos homens, protege as tecedeiras, que cantam, no Minho:

Nossa Senhora m'ajude
ela me queira ajudar
a spiar a minha roca
e a torná-la a carregar (2).

Hesp.: *Toma casa con hojar, y mujer que sepa hilar.*

---

(1) *Hist. Universal*, trad. de Manuel Bernardes Branco, IV, 385.

(2) Apud Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, I, 307.

CXXVIII

Tomar Deus [ou o Céu] por testemunha

Invocar o nome de Deus, para provar o que diz.

Desde a origem das sociedades — diz Fernando Nicolay (1) — o homem sentiu a necessidade de buscar fora de si uma testemunha da sua própria consciência; e a experiência das suas fraquezas pessoais, e a observação dos desfalecimentos alheios, haviam-no ensinado a pôr-se em guarda contra a palavra humana, convertida em instrumento do êrro e da mentira, e então se formou de uma maneira lógica o racional juramento, isto é, êsse modo especial e solene de afirmação ou de promessa, que comunica à palavra um carácter sagrado, uma virtude sôbre-humana.

A invocação do *testemunho de Deus, dos Céus e da Terra*, data dos mais remotos tempos.

Dos Céus e da Terra a faz Moisés, no *Deuteronómio*, XXX, 19.

S. Paulo chama o *testemunho de Deus* em *Aos Romanos*, I, 6; *Aos Coríntios* (2.ª epist.), I, 23 e XII, 19, e *Aos Tessalonicenses* (1.ª epist.), II, 10.

São interessantes as seguintes considerações de Francisco Spirago, professor do Seminário Imperial e Real de Praga, no seu *Catecismo Popular Católico* (2):

«Há casos em que a palavra de um homem não basta para lhe darmos crédito. Mas se êle traz consigo uma testemunha, que diz: «Sim, isso é verdade, eu vi» — então já nos achamos mais dispostos a dar crédito ao primeiro: e tanto mais crédito daremos quanto maior fôr o valor moral das testemunhas invocadas. Pode, porém, suceder, que o homem chame a Deus por testemunha, isto é, que invoque a Deus, que sabe tudo, para que dê a conhecer, pela sua omnipotência, a verdade do que jura. Neste caso, as suas palavras

(1) *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres* (trad. hesp. dê Juan Bautista Enseñat, Barcelona, 1904), I, p. 33.

(2) Trad. de Manuel Abúndio da Silva. Pôrto, 1908, p. 104 a 107.

consideram-se como se fôssem palavras de Deus. Assim como o sêlo real serve para dar autenticidade aos régios decretos, assim o juramento é como o sêlo de Deus para confirmar a verdade (Marchant). O juramento é uma peça de ouro, de grande valor, que traz o cunho de Deus vivo (Stolberg.)...

. . . .

«No juramento podemos invocar directamente a *Deus* ou às *coisas sagradas*. Invocamos directamente a Deus quando dizemos, por exemplo: *Por Deus; tomo a Deus por testemunha; assim Deus me salve; isto é tão certo como Deus estar nos céus*, etc. — Também é costume invocarem-se as coisas sagradas, como o Crucifixo, o Céu, os Evangelhos, etc. — Em rigor, a quem então damos por testemunha não é a estes objectos, que não podem dar testemunho nem castigar o perjúrio, mas sim o próprio Deus (S. Thom. d'Aq.). Jesus ensina-nos que também se pode jurar pelo Templo, pelo Céu e pelo trono de Deus (S. Mat., XXIII, 21) [1] ...... O juramento, disse Cristo, provém do *mal*, isto é, tem a sua origem nas inclinações do homem. Com efeito, se o homem perseverasse na justiça e na santidade original, o juramento seria inútil: só se recorreu a êle quando a sinceridade e a fidelidade se tornaram cada vez mais raras. «Só quando o mal corrompeu o universo — diz S. João Crisóstomo — se introduziu o costume do juramento; como a mentira e a malícia geral destruiram a confiança dos homens nos seus semelhantes, êles começaram a tomar a Deus por testemunha das suas palavras».

Entre os Romanos, as declarações de guerra eram precedidas da ida de um dos feciais á fronteira da nação que dava motivo à queixa, e aí aquele sacerdote expunha os agravos, e tomava os deuses por testemunhas. Depois de esperar a resposta durante trinta dias, declarava que ia informar o Senado da denegação de justiça. Resolvida a guerra, o fecial voltava à fronteira e, em presença de três testemunhas, declarava a guerra, com a fórmula e nos têrmos consagrados a esta cerimónia religiosa, e arremessava um dardo sôbre o território da nação inimiga [2].

---

[1] A citação está incompleta, porque se trata dos versículos 21 e 22.

[2] V. M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741), 3.° vol., p. 500.

Nos nossos mais antigos diplomas, sobretudo em actos de doação, encontram-se obrigações contraídas com invocação de Deus, ou por outra forma solene consagrada pela religião. Proïbiu D. Denis que nos contractos se exarasse aquela fórmula religiosa de lhes segurar a execução, sob pena de nulidade do acto, da perda do dinheiro recebido ou de multa; e a lei passou para o código de D. Afonso v, onde se declara que ela esteve sempre em vigor [1].

Na Guiné, sob a iminência de um perigo, numa grande aflição, ou quando se teme uma injustiça manifesta, toma-se Deus por testemunha, dizendo-se: *Olorún ri mi* (Deus me vê) ou *Olorún mo pe emi ko puro* (Deus sabe que não minto)—levantando-se ao mesmo tempo as mãos ao céu [2].

CXXIX

Três, || é a conta que Deus fêz

Por mais remota que seja a época a que nos transportemos, encontramos a crença de que certos números—principalmente o 3 e o 7—teem uma virtude misteriosa.

O número três, de que cabe aqui tratar agora em especial, parece ser, na Natureza, o número por excelência. Dêle diz Chateaubriand, no *Génio do Cristianismo*, cap. 3.º [3], que não é gerado e gera tôdas as outras fracções, e daí vem chamar-lhe Pitágoras o número *sem mãe*.

Efectivamente, o número três—místico em alto grau—tem uma propriedade singular, por virtude da qual, em cada um dos seus múltiplos, a soma dos algarismos tomados isoladamente dá sempre 3, ou um múltiplo de 3. Por exemplo: 12, somados os seus algarismos, dá 3; 15 dá 6, múltiplo de 3; 18 dá 9; 24 dá 6; 27 dá 9, e assim sucessivamente.

O número impar é o mais perfeito, segundo Macróbio [4];

---

[1] V. Gama Barros, *Hist. da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, tom. 3.º, p. 121.

[2] Apud loc. cit. na nota 1 da pag. 219.

[3] Trad. de Camilo Castelo Branco, Lisboa, 1860, p. 15.

[4] Impar numerus mas est, par fœmina vocatur: item arithmetici imparem patris & parem matris appellatione venerantur. *Macrob. in somn. Scipion*, lib. 1. e. 6., *Plutarch. quæst.*

simboliza a concórdia, por ser indivisível, ao passo que o número par é fàcilmente sujeito à divisão, da qual é símbolo. O número impar é consagrado às divindades celestes, o número par às infernais ([1]).

O número três é o principal dos impares, e parece imperar sôbre todos os outros números porque, tomando-se dois números quaisquer, êle é sempre o divisor ou de um dêles em separado, ou da sua soma, ou da sua diferença.

É o resumo da Natureza, tendo a vantagem de reünir em si um princípio, um meio e um fim. *Fazei três laços de três côres,* disse Vergílio, *porque à divindade apraz o número impar* ([2]).

O número três — que os antigos consideravam como sagrado — aparece de um modo notável nos mistérios e ritos da antiguidade profana, da religião cristã e de outras, na História Sagrada, nos fenómenos da Natureza, na legislação, nas tradições do povo, etc.

*

Nas crenças pagãs greco-romanas encontram-se a cada passo aplicações dêsse número místico.

Três deuses tinham o govêrno do mundo: Júpiter, Neptuno e Platão.

Diana tinha três caras, e Cerbero — o cão monstruoso que exercia as funções de vigilante porteiro da região infernal — tinha três cabeças.

Os ministros de Platão, os juízes do Inferno, eram três: Minos, Eaco e Radamanto.

O Inferno dividia-se em três partes: Érebo, Tártaro e Campos Elísios.

Rom., 102. (Apud M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion*, Paris, 1741, VII, p. 252).

([1]) Loc. cit. na nota 4 da pág. anterior.

([2]) Necte tribus nodis ternos Amarylli colores.
... numero Deus impare gaudet.
Virg.

Quæ laborantes utero puellas
Ter vocata audis.
Horac.

(Apud ob. e vol. cit. na nota 4 da pág. anterior, p. 253).

César deu apenas três divindades aos povos do norte e aos antigos Germanos: O Fogo, o Sol e a Lua.

Eram três as Parcas, as Fúrias, as Gorgonas e as Harpias.

Um tridente era o sceptro de Neptuno.

Na mitologia dos povos do norte encontram-se as três deusas, que teem exactamente as mesmas atribuïções que as Parcas: São as *Nornas*, deusas do passado, do presente e do futuro (1).

Na mitologia dos Hindus aparecem três deuses: Brahma, Siva e Vichnu; o primeiro é o organizador do mundo; Vichnu é o conservador da criação; Siva é o deus destruïdor. A reünião destas três divindades compõe a *Trimurti* na trindade indiana.

Representa-se a *Trimurti* por três cabeças num corpo só. A primeira, com uma longa barba, figura Brahma; numa das mãos tem a cadeia dos seres, na outra a urna contendo a água, que fecunda a Terra. À sua esquerda está Vichnu, de fisionomia jovèn e amável; à sua direita, Siva, com uma êxpressão de barbaria feroz.

Segundo os ritos hebraicos de Leão de Módena, em certos dias solenes o livro da lei é lido por três pessoas, e nesses dias devem tomar-se três refeições; mas nos dias de jejum não é permitido comer senão depois de ter visto no céu três estrêlas, pelo menos.

Está também prescrito que se deve louvar a Deus três vezes por dia, e inclinar-se, também por dia, outras tantas vezes, à triple elevação do livro da lei.

Os Caldeus e os Egípcios acreditavam que todos os atributos da divindade se resumiam em três: *poder*, *inteligência*, *amor*. Distinguiam também três espécies de mundos: terrestre, aéreo e intelectual; e três propriedades principais: corpo, luz e movimento (2).

---

(1) Os seus nomes são: *Urdhr*, *Verdhandi* e *Skuld*, isto é, «era», «é», e «será» (Leite de Vasconcelos, *Ensaios Etnográficos*, III, 149).

Há a respeito destas deusas uma lenda, que pode ler-se no *Alm. Bertrand*, de 1904, p. 29.

(2) Ob. e vol. cit. na nota 4 da pág. 221, p. 253-254.

*

A respeito do número três nos mistérios e ritos da religião cristã, como vislumbre da Trindade, e em passos da História Sagrada, seriam inúmeros os casos a citar. Indicarei alguns.

São três os grandes nomes que dominam o Cristianismo: Deus, Jesus, Maria.

Há três habitações da alma depois da morte: Céu, Purgatório, Inferno.

Há três elementos em cada sacramento.

Jesus Cristo foi crucificado às três horas e com três cravos; permaneceu três dias na cruz, e ressuscitou ao terceiro dia; a sua vida pública durou três anos, e esteve revestido da tríplice dignidade de pontífice, de rei e de profeta [1].

São três as pessoas da Santíssima Trindade; por isso as Trindades se tocam três vezes ao dia, e a cada vez se dão três badaladas.

São três: — as virtudes teologais (fé, esperança e caridade); as cruzes do Calvário; os inimigos da alma (mundo, diabo, carne); e as potências da alma (memória, entendimento, vontade).

S. Pedro negou o Cristo três vezes.

Três vezes preguntou Jesus Cristo a Pedro se o amava, e à terceira resposta lhe conferiu o primado.

Três dias andou o Menino Jesus perdido em Jerusalém, disputando com os doutores, e na idade de três vezes quatro anos.

Três Marias acompanharam Jesus na sua Paixão; e três mulheres, e tôdas Marias, foram ao seu sepulcro com os aromas, e foram igualmente as três primeiras testemunhas da sua Ressurreição.

Dão testemunho no Céu: o Padre, o Filho e o Espírito Santo; e dão testemunho na Terra: o espírito, o sangue e a água.

As leis que Deus comunicou ao mundo, são três: lei natural, lei escrita, lei da graça.

A túnica do Senhor foi jogada com três dados.

---

(1) V. Francisco Spirago, *Catecismo popular catolico*, trad. de Manuel Abúndio da Silva. Pôrto, 1908, I, 109.

Os reis Magos, que procuraram Jesus, eram três; e ofereceram três coisas: oiro, incenso e mirra.

O Cristianismo, religião revelada por Jesus Cristo, divide-se em três ramos: Religião Católica Apostólica Romana ou Igreja Latina ou Ocidental; Religião Grega; Religião Protestante.

Três são os conselhos de Cristo: pobreza voluntária, obediência inteira, castidade perpétua.

As partes da penitência são três: contrição de coração, confissão de bôca, satisfação de obra.

Os doze artigos que se conteem no Credo, e que são as doze partes principais da fé católica, declaram-nos os três mistérios da Santíssima Trindade: Encarnação, Redenção, Salvação nossa.

O sino chama três vezes para a missa.

Missa de pontifical é celebrada por três padres.

Em dias de Natal e de finados, dizem-se três missas.

À sagração da hóstia conservam os padres os dedos polegar e index unidos, e com os outros três fazem o sinal da cruz três vezes sôbre o cálice; toca-se a campainha três vezes no momento da elevação, para advertir os assistentes de que o Senhor está presente.

Cada vez que batemos no peito, à missa, são três pancadas.

O trespasso é o jejum de três dias seguidos.

Baptizando-se uma criança, o padre faz três cruzes com a concha da água (1).

Para o casamento são necessários três pregões.

Sábado de Aleluia aparece uma vela grossa dividida em três, do meio para cima.

Quando se incensa o altar, a cerimónia é feita três vezes, com o turíbulo suspenso por três correntes.

---

(1) Santo Ambrósio, *de Myst.*, descrevendo a maneira como se administrava o Sacramento do baptismo nos primeiros séculos da Igreja, diz que, adoçadas as águas pelo sinal da cruz, mergulhavam nelas três vezes o catecúmeno, em honra da Trindade, ensinando-lhe que três coisas dão testemunho no baptismo: água sangue e espírito. (Chateaubriand, *O génio do cristianismo*, ed. cit. na nota 3 da pág. 221, p. 30).

As lâmpadas estão suspensas também por três correntes.

O altar-mor tem muitas vezes três lâmpadas.

O galo, no ofício de Trevas, é triangular.

Dentro de um triângulo se representa o ôlho da Providência.

Os clérigos usam chapéu de três bicos, e os seus barretes pretos, a-pesar-de quadrados, teem três pestanas, sòmente, no tôpo.

As lanternas que acompanham os andores ou o pálio, teem três vidros.

Os ceriais, maçanetas do pálio, pés de cruzes e castiçais dos altares, tudo tem base triangular.

Os frades franciscanos, e alguns de outras ordens, usavam um cordão, cingindo o hábito, com três nós.

Três vezes se bate à porta principal da igreja, com a extremidade inferior da haste da cruz, na procissão dos Ramos.

Nas igrejas, os altares estão cobertos com três toalhas brancas, sem as quais não é permitido celebrar a missa; significam elas as três pessoas divinas, ao mesmo tempo distintas e inseparáveis.

Quando nos persignamos, fazemos três cruzes: a primeira na fronte, para atestar que nos não envergonhamos do Evangelho; a segunda na bôca, porque deve ser Santa para o pronunciarmos; a terceira no coração, para dêle deitarmos fora o demónio, preparando-nos assim para receber, e fazer frutificar, a palavra divina.

Os Serafins cantam a Deus três vezes santo (*Isaias*, VI, 3).

*

O número três tem certa evidência nos fenómenos da Natureza: três são os reinos da criação: mineral, vegetal e animal; três os estados dos corpos: sólidos, líquidos, gasosos; três as divisões do tempo: passado, presente e futuro.

*

Não é alheio à nossa legislação o número três.

Diz-se que *o enforcado tem três dias*, por alusão aos dias chamados «de oratório», que se concediam aos condenados à morte, mas que não chegavam a ser dois dias completos de

24 horas, como se vê do preceito das Ordenações Filipinas, liv. 5.º, tit. 137, n.º 2, que diz: «E ás pessoas que por Justiça houverem de padecer, se notificará a sentença hum dia á tarde, a horas que lhe fique tempo para se confessarem, e pedirem a Nosso Senhor perdão de seus peccados. E depois q̃ forem confessados estarão cõ elles algumas pessoas Religiosas, para os consolarem, e animarem a bem morrer, e assi mais outras pessoas que os guardem. E ao outro dia seguinte pèla manhãa lhes daráõ o Santissimo Sacramento, e se continuará em estarem cõ elles as pessoas Religiosas, e os q̃ os guardão. E ao terceiro dia pela manhãa se fará no condemnado a execução de morte cõ effeito, segundo em a sentença for conteúdo».

Segundo a lei de 9-Outubro-1841, as leis deviam executar-se em Lisboa e seu têrmo três dias depois de publicadas no *Diário do Govêrno*. Hoje vigora o art. 1.º da lei orçamental do Ministerio do Interior, de 30-Junho-1913, que contém preceito idêntico, pois diz que as leis «entram em vigor em todo o continente, salvo declaração especial, no terceiro dia depois da publicação».

*

O número três aparece em muitas práticas supersticiosas do povo.

Em certas romarias dão-se três voltas em roda da igreja, para que as pessoas e o gado fiquem livres de mau olhado.

Há um processo de desembruxar crianças, «passando-as pelò biscoito», em que tomam parte três Marias, tôdas solteiras (1).

O doente que não se levantar da cama quando à sua porta passa um funeral, morre dentro de três dias.

Para que uma galinha recolha cedo, esfregam-se-lhe três vezes os pés na lareira, e diz-se-lhe outras tantas vezes: «para casa às horas!»

Quando as bruxas querem fazer morrer alguém, reünem-se em número de três, para modelarem a sua figura e operarem o mal.

---

(1) V. *Alm. Lemb.*, de 1866, p. 311.
Sôbre costumes idênticos na Rússia e na Polónia, v. *Mélusine*, VIII. 174-175.

Quer na letra, quer na forma de aplicação dos ensalmos ou orações para *talhar* doenças, aparece com freqüência o número três.

Serve para talhar o *bicho* (Minho) um sarapatel de pólvora, cortiça, lascas de pinho, palhas-alhas, azeite, sola e flor de sabugueiro, com o qual se unta o lugar mordido, que se benze, recitando-se a seguinte oração três vezes e pelo espaço de três dias:

Sapa, sapão,
bicho, bichão,
rato, ratão
lagarto, lagartão,
Saramela, saramelão,
aranha, aranhão,
e todos os bichos que tais,
sêcos, mirrados sejais (1).

Contra a erisipela (Cadaval):

Indo Pedro nas estradas,
Jesus Cristo encontrou,
e Êle lhe preguntou:
—Donde vens, Pedro?
—De Roma, Senhor!
—Que viste por lá?
—Erisipela, Senhor!
—Volta atrás, Pedro,
erisipela se irá e nunca mais tornará,
erisipela se irá e nunca mais tornará,
erisipela se irá e nunca mais tornará.

Ao proferirem-se os três últimos versos faz-se uma cruz, na parte afectada do mal, com um raminho de oliveira, ou de alecrim, molhado em azeite (2).

Observa Leite de Vasconcelos (*Ensaios Etnográficos*, III, 160) que os ensalmos se dizem ordinàriamente três ou nove

---

(1) V. *Alm. Lemb.*, de 1870, p. 139.

(2) Do meu artigo *Tradições populares colhidas no concelho do Cadaval*, na *Rev. Lus.*, VI, 107.

(3×3) vezes, e as cerimónias e rezas que os acompanham são igualmente triplicadas.

Os romances populares também aludem com persistência ao número três.

Do romance *Três voltas dei ao castelo:*

Três voltas dei ao castelo,
sem achar por onde entrar.
. . . .
. . . .
Êsse soldado, senhora,
. . . .
três chagas tem no seu corpo
e tôdas três são mortais.

Manhansinha de S. João:

. . . .
Casadinha haveis de ser,
muito bem afortunada;
três filhos haveis de ter,
todos de capa e espada.

Cruel vento, cruel vento:

Cruel vento, cruel vento,
ah! roubador maioral!
Derrubaste três cidades,
tôdas três em Portugal;
desonraste três donzelas,
tôdas de sangue real.

A nau Catrineta:

. . . .
Mais enxergo três meninas
debaixo de um laranjal:
uma sentada a coser,
outra na roca a fiar,
a mais formosa de tôdas
está no meio a chorar.

Estes trechos de romances são transcritos do *Romanceiro Português*, de Leite de Vasconcelos, onde se podem ver mais aplicações do número três nos romances *O maio, era no maio.* — *Oração do dia do Juizo.* — *A ressurreição.* — *Noite de Natal.* — *Olindinha.* — *D. Silvana.* — *Branca-flor.* — *D. Denis*, etc.

Seria extensíssima — senão interminável — a enumeração das aplicações do número três nas superstições populares, aplicações a que Leite de Vasconcelos dedicou um capítulo, nos seus *Ensaios Etnográficos*, III, desde pág. 148 a 163.

CXXX

Comilão de Almada

Pessoa excessivamente glutona

Deu origem a esta locução um indivíduo chamado Francisco Fernandes, trabalhador da fábrica de tijolo de Palença, próximo de Almada, cujas proezas gastronómicas lhe angariaram a alcunha de *comilão de Almada.*

A primeira notícia que conheço àcêrca dessas façanhas, é a inserta no jornal lisbonense *O Século,* de 11-Junho-1896, sob a epígrafe «barriga excepcional». Aí se refere a aposta feita com um tal António Maria, de Almada, de comer «uma arroba de batatas, dois quilos de bacalhau, três pães, sendo tudo isto ensopado em cinco litros de vinho.» Aquela notícia não cita o nome do Francisco Fernandes, que é revelado em números subseqüentes do jornal, já com o apodo de «comilão de Almada».

Segundo se vê de vários números d-*O Século* — nomeadamente dos relativos a 22, 25, 29 e 30 de Junho de 1896 — o afamado comilão exibia as suas proezas na barraca dos Castelos Africanos, na feira de Alcântara (Lisboa), pertencente a Benjamim Cid — certamente assalariado para servir de reclame á baiúca, a qual, em tardes de comesaina, era freqüentada por algumas centenas de pessoas, cujo número chegou a exceder mil e mil e quinhentas.

Do noticiário d-*O Século* extraio os seguintes *delicados menus:*

Em 24-Junho-1896 ingeriu, por três vezes, «vinte quilos de batatas, seis quilos de bacalhau, oito pães de meio quilo, duas cafeteiras de chá, oito laranjas, uma terrina de sopa de pão, e um litro de vinho.» Para se cozinhar esta comida consumiram-se dois litros de vinagre e meio litro de azeite.

Em 28 do referido mês devorou, desde as 4 horas da tarde até ás 10 da noite: «seis fressuras de vaca guisadas com seis quilos de batatas, oito pães, onze laranjas, dez litros de vinho e seis de chá.»

Ainda no mesmo mês, no dia 29, também das 4 horas da tarde ás 10 da noite: «seis quilos de carneiro, oito quilos de batatas, oito pães, vinte e seis laranjas, sete litros de vinho, seis de chá e dois de vinagre, e gastou um quilo de açúcar.»

O *Século* de 22 daquele mês de Junho dá notícia de que — provàvelmente na véspera — o Francisco Fernandes não pudera comparecer na barraca dos Castelos Africanos à hora marcada para uma aposta, a qual, por isso, se não realizára, mas que, ainda assim «e a título de experiência», comera na referida barraca, às cinco horas da tarde, dois coelhos com batatas, quatro pães, seis laranjas, uma terrina de sopa, e, ainda, na barraca «Século 77» uma terrina com sopa para oito pessoas, e bebera seis litros e meio de vinho e cinco cafés.

O *Século* do referido dia 29 publica o retrato do *comilão de Almada.*

*

Mas, que foi o *comilão de Almada* — no seu tempo muito falado, a ponto de a sua memória persistir na linguagem do povo — em comparação com os imperadores romanos Vitélio e Heliogábulo, com o faustoso Luculo e com tantos outros famigerados glutões de que nos fala a História Antiga? Nada absolutamente nada — ou, melhor, um verdadeiro «pisco».

Vejam-se ainda êste famoso Gargântuas, cujas proezas gastronómicas Brás Luís de Abreu narra assim no seu *Portugal Médico*, p. 28, § 102: «Fome tão canina experimentou Cambyses, Rey da Lydia, que em huma noute comeo sua propria Molher. El-Rey Mithridates não só comia, e bebia muyto; mas assinava grandes premios aquem comesse, e bebesse mais do que elle. Ao imperador Maximiliano se apresentou certo homem, que comia hum bezerro, e huma ovelha crua, e ficava faminto.»

Ao pé dêstes, como o *comilão de Almada* fica reduzido e ofuscado! — se aquela de Cambises ter comido a mulher não fôsse patranha ainda mais impossível de engulir.

CXXXI

Ter um T na testa

Ser tolo, parvo, estúpido

Segundo o dic. de Eduardo Faria, o motivo desta locução é ser o T a letra inicial das palavras *tolo* e *tolice* — às quais acrescentarei *tanso*, *tontice* e *tonto*.

Não tenho elementos para apreciar tal opinião, mas ver-

dade é que em França se alude à letra B como inicial de certos termos empregados depreciativamente.

Assim, diz o dic. de Bescherelle: «*Être marqué au* **b.** Façon de parler pour designer ceux qu'on peut qualifier d'un nom qui commence par un *b*: comme *bâtards*, *bossus*, *bigles*, *boiteux*, *borgnes*, etc.»

M. C. de Méry (1) escreve: «*Il est marqué au B.* Ce prov. se prend en mauvaise part, et regarde principalement les *boiteux*, les *borgnes*, les *bossus*, dont on dit qu'ils sont marqués au B, parce que les noms qui marquent ces défauts corporels commencent par cette lettre.»

Quanto à ideia que a locução envolve de «marcar alguém com uma letra», é possível que se relacione com a antiga pena de mutilação, que, na sua forma mais suave, consistia na imposição de uma marca indelével, a qual, além do mal físico, trazia também consigo o mal moral do desprêzo a que ficava exposto o condenado. Assim, os Romanos marcavam os delinqüentes com um R, os Ingleses com um T, e, entre nós, marcavam-se com um L. Esta pena tornando fàcilmente reconhecível o criminoso, era um dique contra a reincidência (2).

Pelo alvará de 9 de Agôsto de 1516, os feiticeiros — além de sofrerem as outras penas da Ordenação — eram ferrados no rosto, em ambas as faces, com um ferro que para isso se fêz com a letra F.

O assento de 30 de Abril de 1613 declarou os casos em que aos condenados se devia pôr a marca P ou uma fôrca. Este último sinal fôra já mandado aplicar pelo alvará de 23 de Outubro de 1515 — mas sem letra — aos reus de furto presos na «côrte e cidade de Lisboa» e não condenados a morte natural ou civil.

Suponho que a marca a que alude aquele assento de 1613 já não era impressa no rosto, visto o alvará de 26 de Fevereiro de 1524 ter determinado que «não se ferrasse no rosto nenhum homem.»

As marcas no rosto foram proibidas por Constantino no L. 17, *cod. de poen* (3).

---

(1) *Histoire générale des proverbes*, Paris, 1828, II, 305.

(2) Vid. A. M. Seabra de Albuquerque, *Lições de Direito criminal português*, Coimbra, 1861, p. 113.

(3) Vid. Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 25.

CXXXII

Conto do vigário

Sistema astucioso de roubar, que consiste, ordinàriamente, em iludir a vítima com a perspectiva de um negócio excelente ou de outra origem de magníficos lucros, apanhando-se-lhe, assim, dinheiro, ou valores.

O «conto do vigário» *tem muitas variantes, e consiste sempre em iludir o roubado por meio de palavras.*

O jornal *O Século*, de 25-Abril-1919 diz, numa notícia intitulada «gatunos internacionais»: «Em Hespanha passavam os Portugueses por terem a especialidade do *conto do vigário*, ali introduzido por larápios lusitanos, vindos do Brasil ou da Argentina. Assim lhe chamavam «el timo del portugués», como os franceses lhe chamam «vol à l'américaine», visto que o processo de roubar por tal forma veio do Novo Mundo».

O gatuno «especializado» no *conto do vigario*, chama-se *vigarista.*

*

Na gíria popular, e na dos próprios gatunos, estes tomam diversas denominações conforme o «género» ou «especialidade» que cultivam.

Gatunos do golpe, ou *filhos de golpe*, são os que, sem serem pressentidos, roubam aos transeuntes carteiras, malinhas de mão, relógios, correntes, etc. Se, porém, o roubo é praticado ràpidamente e com violência, o «operador» toma o nome de *gatuno de esticão.* Os que só furtam carteiras, teem a denominação especial de *carteiristas.* Estes gatunos manobram mais freqüentemente nos ajuntamentos de pessoas, nas plataformas dos carros eléctricos e nas gares de caminho de ferro.

Gravateiros são os que, na via pública (geralmente nas ruas mais escusas e menos iluminadas) passam ao pescoço da vítima um lenço, cujas pontas puxam até aquela cair quási asfixiada. Também usam o processo de dar um sôco no estômago da vítima, amordaçando-a em seguida, ou aplicando-lhe a «gravata».

Filhos da noite, os que altas horas, assaltam barcos e fra-

gatas atracados no Tejo, em Lisboa, para roubarem da sua carga.

Espadistas, os que se introduzem nas casas, servindo-se de chaves falsas.

Ratos de hotel, os que furtam nos quartos dos hotéis e das hospedarias.

Sovaqueiros, os que furtam fazendas e outros artigos expostos nos estabelecimentos.

Gatunos do queles, os que atacam as casas de malta, quando os habitantes delas andam no seu trabalho diário.

Corujas dos cemitérios, os que roubam nos jazigos e sepulturas.

Filhos do môsco, os que roubam com arrombamento.

Vitrinários, os que furtam das montras ou «vitrines» dos estabelecimentos.

Bate-sornas, os que recebem dinheiro ou objectos aos indivíduos que se deixam adormecer nos bancos das praças públicas, ou em algum outro ponto da via pública.

De mau olhado, os que roubam hipnotizando a vítima, a qual, sob o domínio da vontade do gatuno, lhe entrega dinheiro ou objectos.

Êste processo foi já empregado com êxito em Lisboa, por uma quadrilha de argelinos, conforme recorda o *Diário de Notícias* de 9 de Fevereiro de 1925, a propósito de um telegrama de Roma, em que se noticia a prisão de um indivíduo elegantemente vestido que por tal sistema «manobrava» naquela cidade, onde roubara milhares de liras.

O caso ocorrido em Lisboa não é muito antigo visto que, segundo aquele número do jornal, à data dêle ainda os argelinos estavam presos para darem contas à justiça.

O processo do *mau olhado* é pouco usado em Portugal.

Há também *as gatunas de forasteiros* — mulheres que atraem indivíduos (principalmente provincianos de passagem em Lisboa) a casas onde surrateiramente lhes furtam dinheiro ou objectos de valor de que êles são portadores.

Havia antigamente os *ladrões formigueiros* — os que furtavam coisas de insignificante valor e que, juntas, não excedessem o de 400 reis (1). A êles se referem as leis de 2 de Ou-

---

(1) Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 323.

tubro de 1607 e 24 de Maio e 25 de Dezembro de 1608, e o alvará de 12 de Setembro de 1750 [1].

O Padre Manuel Bernardes cita-os no seguinte passo, transcrito no *Dic. Contemporâneo*, s. v. «formigueiro» — «E não sòmente procediam como *ladrões formigueiros*, senão que com manifesta violência os pretendiam excluir da casa, arruinando-a.»

Segundo aquele dicionário, o «formigueiro» é o ladrão «que se esconde para furtar e furta coisas de pouco valor.»

CXXXIII

Água rôxa, || sarna escôcha [2]

A água rôxa figura na *Pharmacopeia Tubalense*, de Carlos da Silva Correia (Lisboa Ocidental, 1735) como específico contra as «chagas velhas, podres, fetidas, virulentas, sordidas, corrosivas, humidas, malignas e cancerosas»; contra o «calor acidental, ou preternatural e doloroso»; contra as queimaduras, inflamações externas, erisipelas, etc.; e contra as «dores artericas que procedem de humores quentes.»

A água rôxa compunha-se de «água de cal, solimão e espírito de vinho rectificado. Outra fórmula composta de «água primeira de cal e solimão» vem preceituada naquela obra, para «modificar as antigas ulceras, para confundir as carnes superfluas e para a gangrena.»

O adágio denota que a água rôxa se empregou também na cura da sarna.

---

(1) V. o loc. cit. na nota da pág. anterior, e, do mesmo autor, *Primeiras linhas sôbre o processo criminal*, Lisboa, 1827, p. 22.

(2) Escoxar = limpar. (Dic. de Fr. Domingos Vieira e dic. de Cândido de Figueiredo).

CXXXIV

Como o outro que diz ou: Como diz o outro

Como se diz vulgarmente, como diz o provérbio: «Comecei a tirar nabos do púcaro, *como o outro que diz...*» (Camilo, *Estrêlas funestas*). — «... morreu el-rei D. Afonso Henriques, depois de ter tomado Lisboa... que era, *como diz o outro*, a menina dos olhos dos Árabes.» (Pinheiro Chagas, *Hist. alegre de Portugal*).

O povo quando quere empregar um conceito conhecido, ou um provérbio, usa aquelas formas, e outras, como: — a) *bem diz o ditado...;* — b) *é bem certo o ditado...;* — c) *como se costuma dizer...;* — d) *como quem diz...;* — e) *diziam os antigos...;* — f) *é bem certo...;* — g) *há por dizer...* (ou *tem-se por dizer...*); — h) *lá diz o ditado...* (ou *o ditado velho...*); — i) *lá diz* (ou *reza*) *a história...;* — j) *lá dizia o outro...;* — k) *sempre ouvi dizer...* (ou *tôda a vida ouvi dizer...*); — l) *já a minha avó dizia...;* m) *dizia o Camões...;* — n) *dizia o Marquês de Pombal...*

Dois exemplos em canções populares:

a) Há uma razão que diz:
bem pouco acerta quem escolhe;
tôda a vida ouvi dizer:
— quem não semeia, não colhe.

b) Não vale o ambicioso
a casca de um limão verde,
porque *lá diz o ditado:*
— quem tudo quer, tudo perde.

Na linguagem culta diz-se: a) *como diz a sabedoria das nações;* b) *como diz o provérbio;* c) *como diz o povo;* d) *como vulgarmente se diz.*

Nos mais antigos monumentos da literatura portuguesa — os cancioneiros dos séculos XIII e XIV — aparecem já, em

alguns casos, as denominações de *vervo* e *vervo antigo*, a designar os provérbios:

Se porem, diz o *verv'antigo*:
a boy velho non busques abrigo.

(*Cancioneiro da Vaticana*, n.º 1162) (1).

No século XIV encontra-se, mas não muito vulgarmente, a referência ao *sabedor*: «E por esso diz o sabedor: O boo amigo nõ fallece aa coyta.» (2). — «E por esto diz o *sabedor*: Oo mundo, quem te ama, non te conhece.» (3)

Nos séculos XV e XVI aparece com freqüência o *exemplo* a denominar e provérbio, como neste trecho do *Leal Conselheiro*: «E na conversaçom dos amygos, o que se faz em mudança das condiçõoes mostrasse per aquel *enxempro*, vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te faras.» (4)

D. Duarte empregou também naquela sua obra o *exemplo*, para designar uma espécie de parábola ou alegoria, como no *enxempro do spelho, manto e pandeiro* e no das *duas barcas*.

No *Triunfo do inverno*, de Gil Vicente:

Porque diz o *exemplo antigo*:
Quando te dão o porquinho,
vae logo c'o baracinho (5).

Em Sá de Miranda lê-se:

Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o *exemplo antigo*
— Que os dedos não são iguais! (6)

---

(1) Apud Adolfo Coelho in *Portugália*, I, p. 479.

(2) Num manuscrito do séc. XIV, da livraria de Alcobaça (Apud Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português*, II, 37).

(3) Idem, *Ibid.*

(4) Da ed. de Paris, 1842, p. 223.

(5) *Obras de Gil Vicente*, ed. da «Biblioteca Portuguesa», Lisboa, 1852, II, p. 461.

(6) Apud Sousa Viterbo in *Portugália*, I, 480.

Gil Vicente apresenta freqüentemente o provérbio a título de *exemplo*: *exemplo da velha*, *exemplo esquecido*, *exemplo dioso*, *exemplo de mulher honrada*, *exemplo velho*, *exemplo antigo*, etc. (1).

Também escreveu:

> Diz um *verso acostumado*:
> Quem quer fogo, busque a lenha (2).

Segundo Sousa Viterbo (3), Gil Vicente apenas uma vez fala em *refran*. Outras vezes autoriza as suas sentenças com nomes históricos, como Salomão, Pelaio, Nabucodonosor.

A referência a Salomão encontra-se também nos autos do Chiado.

Assim, na *Prática de oito figuras* lê-se:

> «O diz muito bem Salomão.
> Vaidades das vaidades,
> palavras de S. João.»

E:

> «Como lá diz Salomão,
> não ha contentamento.»

E no *Auto das Regateiras*:

> «porque diz lá Salomão
> que quem não olha ao diante
> do mal que vir não se espante.»

António Prestes usa muito a palavra *rifão*, que na antiga poesia portuguesa tinha um sentido diferente, parecendo significar «mote» no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. Assim, por exemplo, vemos um *rifam* e *copras* feitos por diversos poetas a Fernam da Silveira, porque correu a carreira com um mongy de veludo preto e forrado de martas. Começa por êste modo:

Rifam

> Ainda m'agora abalo
> de te ver, como te vi,
> vestido no teu mongy
> a cavallo.

---

(1) V. Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, 516.

(2) Idem, *ibid.*, I, p. 521, n.º 89.

(3) Idem, *ibid.*, I, 516.

António Prestes usa também destas frases: *verbos antigos* e *berbo antigo* (1).

Em Jorge Ferreira de Vasconcelos encontram-se, entre outras, as seguintes formas:

Na comédia *Ulyssipo:* a) «E sabeis que *dizem as velhas?* Aquelle andará pellas calejas q̃ não ha igual renda com as despesas»; — b) «... que *dizem la*, nunca ninguem diga por si bem estou»; — c) «Cabra mouca da na outra, *diz o texto*»; — d) *Bem dizem* que quem cre de ligeiro agoa recolhe em cesto.»

Na *Aulegrafia*: «E *como diz o exempro*, guardeuos Deos de yra do Senhor, alboroto de pouo, & de doudo en lugar estreito.»

Na *Eufrosina:* «Por isso *dizia bem Jam Despera em Deos*, que caça, guerra & amores»; — «A verdade he encomendar a Deos *como dizem* & lançar a nadar.» — «... & *como lá dizem.* Quem boca beija, boca não deseja.» — «Que *sempre ouvi* que quem sobe de pressa, de pressa cae.»

D. Francisco Manuel, na *Feira de Anexins*, Fábula 2.ª *(Dos frutos)* fala do *texto das velhas:* Nem ainda as frutas verdes pela vindima, pois chegou a dizer o *texto das velhas* «que quando ha figos não ha amigos.»

Entre os Celtas, as principais máximas eram sempre atribuidas ao Sean'ar o homem do tempo antigo: *Mur thu'irt an sean'ar* — como diz o homem dos tempos antigos (2).

Àcêrca da personagem anónima *o outro*, diz Quevedo: «Yo soy el Otro, y me conocerás; pues no hay cosa que no la diga el Otro. Y luego, en no sabiendo como dar razón de si dizen: Como dixo el otro. Yo no he dicho nada, ni despego la boca. En latin me llaman *Quidam*, y por esos libros me hallarás abultando renglones, y llenando clausulas.» (3)

Franceses: a) *Comme on dit*, b) *Comme dit l'autre.*

Hespanhóis: a) *Como dijo el otro;* b) *Como el otro que dijo;* c) *Como quin dice.*

Inglês: *As the saying is* (ou *as the saying goes).*

---

(1) V. Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, 521.

(2) Teófilo Braga, *Povo português*, II, 356.

(3) *Visita de los chistes*, nas *Obras de D. Francisco de Quevedo*, ed. de Bruxelas, 1660, 1.ª parte, p. 561. Apud F. Rodriguez Marin, *Comparaciones populares recogidas en Ossuna* (in *El Folk-Lore Andaluz).*

CXXXV

A Guarda é uma terra feia, fria e farta (1)

Variantes: *a)* **A Guarda é uma terra feia, fria e forte** (2); *b)* **A Guarda é farta, feia, fria e forte** (3); *c)* **A Guarda é uma terra feia, fria, farta e falsa** (4); *d)* **A Guarda tem quatro «ff»: feia, fria, forte e farta** (5).

(1) Da tradição oral.

Nesta forma, e nas suas variantes, dá-se o caso da rima aliterante, que se observa noutros adágios como por exemplo em: *Alma até Almeida, e de Almeida em diante alma sempre; Mirandela, mira-a de longe e foge dela; morra Marta, morra farta; ninguém foge ao seu fado; o sável poucos sabem ao que sabe*, e como acontece igualmente em certas locuções como: *Para o feito, facadas, mau Maria, a ferro e a fogo, por paus e por pedras, a são e salvo, rompe-ruas, troca-tintas, temo-la travada*, etc., podendo ainda comparar-se com *mundos e fundos, lusco-fusco, letras e tretas, ler e estreler* (neste último, *estreler* = *tresler*).

A propósito de *Rio, rey y religion, tres malos besinos son* cita F. R. Marin *(Cien refranes andaluces*, pág. 27) os seguintes ditados hespanhóis, em que há a mesma letra inicial:

Las tres *bbb* de las mercaderias; *b*ueno, *b*onito y *b*arato.

Las tres *lll* para huir de las epidemias: *l*uego, *l*éjos y *l*argo tiempo.

Las tres *ppp* de los malos abogados: de *p* .., *p*obres y *p*arientes.

Las tres *ccc* que matan à los viejos: caida, catarro y c... *(a)*.

Las quatro *ffff* de las sardinas, segun el estudiante del cuento: *f*rescas, *f*ritas, *f*rias y *f*iadas *(b)*.

(a) O provérbio diz: *C*urso, *c*asamiento y *c*aida quitan al viejo da vida.

(b) Marin não refere o conto, o qual deve aproximar-se ou ser variante do conhecido conto do *peixe* de três *fff*, que

Las quatro *ssss* del perfecto amor y las tres *fff* del hombre celoso:

Cuatro *ssss* componen
Amor perfecto:
Ser *s*olicito, *s*abio,
*s*olo y *s*ecreto.

Quien celos tiene
De *f*iero, *f*laco e *f*acil
Tiene las tres *fff*.

Marin (loc. cit.) reproduz a copla andaluza:

Una nobia que yo amé
las siete *efes* tenia

*F*rancisca, *f*ranca, *f*regona.
*f*ea, *f*laca, *f*loja y *f*ria,

e insere os provérbios de Fabriano:

a) Da tre *C* la caduta de'giovani — *c*ognata, *c*omare, *c*ameriera; *b)* Da tre *C* la morte del vecchio — *c*aduta, *c*atarro, *c*a...; *c)* L'insalata vuole 7 *p*: un *p*overo (per coglierla), un *p*olito (per lavarla) un *p*erito e sapiente (per sale), un *p*arco (per l'aceto), un *p*rodigo (per l'olio), un *p*azzo (per mescolarla), un *p*orco (per mangiarla).

Os Franceses dizem: Tout se fait dans ce monde par quatre grands *D*: *D*ieu, *D*iable, *D*ame, *D*enier.

---

conheço assim: Um viandante, encontrando no seu caminho uma locanda, entrou, abancou e pediu de comer.

— Há só peixe de três *fff*, diz-lhe o locandeiro.

— Peixe de três *fff*? Que vem a ser isso?

— O quê, nunca comeu?

— Nunca!

— Pois então saiba que é *f*aneca, *f*resca, *f*rita — explicou o locandeiro.

— Sim, senhor! Boa piada! Então traga de lá o tal peixe de três *fff*.

O locandeiro serviu as *fanecas frescas* e *fritas* ao freguês, o qual, terminada a refeição, disse àquele:

— Afinal de contas o senhor não disse bem, porque o peixe é de quatro *ffff* e não de três?

— Essa agora!...

— É tal qual.

— Então como?

— Olhe: é *f*aneca, *f*resca, *f*rita e... *f*iada, porque não tenho dinheiro para lhe pagar.

Observa o sr. dr. Leite de Vasconcelos, nas *Notas filológicas* citadas na nota 3, que a tendência para a aliteração não tem nada especial em português, e se encontrava já em latim e nas línguas românicas e germânicas.

Paulo Meyer in *Romania*, XI, 579, diz que se encontram muitas vezes nas canções de gesta nomes próprios aliterantes, como *Gerins et Geriers, Ive e Ivorie, Aimes e Aindefreis ab Aimeric*, etc.

Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, 1849, p. 249-250, menciona muitos casos de rima, tanto aliterante como de outras espécies, em antigas poesias gregas e latinas *(a)*.

Na opinião do dr. Leite de Vasconcelos *(b)*, há nas formas aliterantes, geralmente, um princípio rítmico, que ajuda a fixar melhor o sentido delas.

(2) De uma descrição da cidade da Guarda, n-*O Diário*, de 16-Julho-1905.

(3) Recolhido por Leite de Vasconcelos, *Notas filológicas*, in *Rev. Lus.*, I, 277.

(4) Da tradição oral.

(5) Soares de Brito, *Demosofia*, n-*O Elvense* n.º 1001, de 1890.

O Dic. de Eduardo Faria diz que «a Guarda é conhecida pelo nome de cidade dos quatro *ff*, isto é, *fria*, *farta*, *forte* e *feia*.

Na colecção de provérbios de Perestrelo da Câmara *(c)*, a Guarda vem também designada por cidade dos quatro *ff*, por ser *farta*, *feia*, *forte* e *fria*.

De Albarracin (Teruel) dizem os hespanhóis que é a povoação dos três *ppp*: *p*eras, *p*erniles y *p*eñas. E alguns acrescentam: *p*erailes. (Marín, loc. cit., p. 28).

Loures.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

(a) Citação de Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, I, 350.

(b) Loc. cit. na sub-nota anterior.

(c) *Colecção de proverbios, adagios, rifãos, anexins, sentenças morais e idiotismos da lingua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1848.

Observações ao "Elucidario,, do P.e Santa Rosa de Viterbo

(Vid. *R. L.*, XXVI, 111-146)

---

entrementes. — Vid. nestas Observações «entramen».

envezamento, transtorno, avesso, etc. — O P.e Viterbo remete para a Cronica de Fernão Lopes, I, cap. 85; mas o que aí se lê, na ed. de Braancamp, é: «a quall cousa era muito seu deserviço e grande *enhavessamento* do que começado tinha», p. 141.

enxeco. — Cf. *Leges*, I, 310, e II, 26.

enxerca. — Cf. *Leges*, II, 30.

enxovar. — Não é infinitivo. O texto diz: «nom enxovam os gados .., nem os feiram». D'onde se vê que é *enxôvam*, e conjuntivo, e que o infinitivo é em *-er* ou *-ir*. O proprio Viterbo cita certos documentos em que diz ler-se *enxouvir*.

enxugar, ordenhar, mungir (no *Supplem.)*. — J. P. Ribeiro, *Dissert.*, IV-2, p. 135, diz: «parece antes significar desmammar».

enzolo, anzol (no *Dicc. portatil)*. — Cf. *anzolo* em Fr. Agostinho da Cruz, ed. de 1771, p. 60, e em Diogo Bernardo, *O Lyma* ed. de 1820, p. 63.

er ou **her.** — É muito inexacta o que a respeito da significação d'esta particula diz o autor. Já várias vezes se tem tratado d'ela modernamente em obras filológicas. Corresponde a «re-», «de novo». Vid. os meus *Textos arc.*, 3.a ed., s. v. «ar», «er», e o que lá se cita.

era. — A reconquista de Coimbra por D. Fernando I, o Magno, Rei de Lião e Castela, foi em 1064: cf. G. Barros, II, 307.

erazege, herança. — Provavelmente é palavra mal escrita. Cf. fr. *héritage,* hesp. *heredaje.*

eredoro. — Será tambem palavra estropiada *(credeiro).*

ereo, herdeiro. — Foneticamente a palavra não se explica bem: heredem. Cf. porém *erel* no *Elucidario*, s. v. *adoutar*, num doc. de S. João de Tarouca: «meu filho adoutivo, e verdadejro *erel*», vol. I, p. 55. Num doc. do sec. XVI leio: «em terras d'*ereos*», por oposição a terra do concelho»: vid. *Bolet.*

do municipio de Beja, 1920, p. 125. Não posso dizer se é a mesma palavra.

eres, èles *(Dicc. portat.)*. — Manifesto êrro.

ergo, I. — Vid. o que se disse s. v. «eigo».

eriudos, erguidos. — Leia-se *erjudos* (de *erjer*). O verbo *erjer* ou *erger* vem no *Canc. da Vatic.*, n.° 365: cf. D. Carolina Michaëlis, *Lições práticas*, p. 151.

ermeyrmhos. — Palavra estropiada. O final póde ser: *-inhos.*

ero. — Nas *Leges*, p. 646, lê-se: «e quem mojom alieno in suo *erro* mudar».

escanção. — Acêrca do etimo vid. REW, n.° 7973 e 7974.

escanho. — Se assim se lia no doc. visto por Viterbo, é fórma hespanhola. A portuguesa, ainda hoje popular, é *escano*.

escatima. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

escousar. — Certamente seria *escusar*.

escusaça. — Emende-se em *escusãça*, como já fez o S.or Epiphanio Dias.

esgravisar. — Aparece no mesmo texto em que vem *mansilla*. Vid. esta palavra.

espeitar. — A palavra deve relacionar-se com *peita*.

esquiro — Na *Rev. de Fil. españ.*, VIII, 351, transcreve Americo Castro o texto viterbiano («huum esquiro lavrado»), interpretando *esquiro*, como *esquilo* (nome de um conhecido mamifero roedor), vulgar em Santander, e tambem em Portugal. Mas podia *lavrar-se* uma pele de esquilo, ainda junta com outras?

estanho. — Emendado em *escanho* (no sentido de «escano») por J. P. Ribeiro. Cf. supra.

estornar. — Lede *estoruar* = estorvar. Emenda feita por Epiphanio Dias.

estoupero, escôpro. — Lede *escóupero*, pois tomou-se *c* por *t*. Emenda já feita por J. P. Ribeiro. Do lat. scalprum. O pôvo diz hoje *escôparo*.

estrayo, -a, estranho, -a. — Lede *estrãyo*, como o S.or Epiphanio já emendou.

estremaça *(Suppl.)*. — O proprio autor diz: «o mesmo que estremanço», isto é, *estremãça*, tendo escapado no ms. o til.

esverdados. — Onde se lê *Corticóó* leia-se *Cortiçóó*.

evar, olhar. — Exacto?

exaveaduras. — O segundo *a* estará por *r*.

exendre. — De ex-genere.

exertado, pomar. — Ao pé de Mondim ha uma igreja arruinada chamada *igreja velha*. O orago era N. Senhora *do Enxertado*. Deve entender-se que o sitio, em que a igreja se fundou, se chamava então assim. Ha tambem varias localidades com o nome de ENXERTADO.

exquisa, enquisa. — Cf. tambem Herculano, *Hist. de Portug.*, t. IV, 5.ª ed., p. 362.

enxudrio, eixido. — Do texto aduzido pelo P.ᵉ Viterbo não se infere aquela definição. Na lingua usual temos *enxurdeiro* «atoleiro». Na toponimia ha INXUDREIRO, e INXUDRO.

eyviçom. — Vid. o que escreveu a respeito d'esta palavra e do respectivo artigo D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 169-170.

eyviguar. — Vid. supra, s. v. «eiveger».

eyxhentios, isenções. — Faz pressupor como étimo: *exemptivus, derivado de exemptus.

F

facer, fazer. — Entenda-se que *facer* não é fórma viva, mas puramente ortografica.

facienda. — De certo é hespanholismo.

falifa, pelica. — Cf. Pidal, *La leyenda de los inf. de Lara*, p. 441-442. Nas *Linhagens*, p. 267, lê-se: «.. D. Alvar'Pirez era tam gramde e tam gordo que nom pôde teer em aquella lide senom huũa *falifa* delgada e huũa vara na mão».

fameliaios, serviçaes. — Deve emendar-se em *familiairos*. Em Du Cange: *familiarius* por familiaris. O proprio Viterbo tem noutro lugar *familiairo*, e diz ser palavra vulgar em docs. do sec. XIV e XV. Cf. tambem *familiaíria*, palavra resultando de cruzamento de *familiaria* ou *familiaira*.

fanão, moeda de ouro tão baixa, que só valia um vintem *(Dicc. portat.)*. — Da India. Cf. Aragão, *Moedas*, III, 93 (Calecut), 94 (Cananor, Cochim, etc.). Da historia e étimo trata Mgr. Dalgado, *Glossario*, I, 386-387. Vid. tambem AHP, II, 423: «fanõcis de prata, que é moeda de um lugar que se chama Onor (India)», 1511; II, 355, «tres fanões», 1518.

fazonzal. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

febre: *moeda febre*, cerceada, etc. — Desenvolvimento semantico do lat. flebilis, lastimavel. Tambem em Du Cange: *flebilis* = *debilis*. Cf. fr. *faible*, que tem a mesma origem.

fedegoso, mal cheiroso. — Faz pressupor com étimo *foeticosus, de *foeticus ou *foetidicus, de foetidus.

fedelho, turibulo. — O P.ᵉ Viterbo fala dos turibulos com ironia, por causa do mau incenso. O radical é o mesmo do do antecedente: foetere, cheirar mal. Na origem adjectivo: turibulo fedelho, «mal cheiroso». Cf. *anelho, -a*, tambem adjectivo.

feitio. — Vid. o que do artigo de Viterbo diz G. Barros, III, 596, nota 1.

ferir, demarcar. — Vid. o que escrevi nos meus *Textos arc.*, 3.ª ed., p. 126, n.º 10.

ferrazas. — O *z* tem aqui o valor de *ç*.

ferro moludo, ou ferro mudo, o mesmo que *ferro moido*. — Cf. nas *Inquisit.*, de 1258: «plaga («chapa») de *ferro muudo*». De **moeudo*, particip. em *-udo*, porque o ferro se *moia* em mó, ou pedra de amolar.

fetto, feito. — Decerto o primeiro *t* em vez de *i*.

fiho, filho. — Por *filho* ou *filio* (latinismo grafico).

fiir, finar. — Leia-se *fĩir*.

filo, filho. — Não é fórma viva, mas êrro, ou má grafia.

fymento. Remete para *affimento*, termo, limite. — Nas *Inquisit.*, p. 326, *fiimento*, de *fĩir* (finire). Se *fiimento* era fórma viva, sem nasal, a fórma primitiva deve ter sido *fĩimento*. Na grafia *fymento* temos propriamente encoberto *fijmento*.

finco. — Já emendado por J. P. Ribeiro em *finto*.

firma, I. — Cf. Herculano, *Hist. de Portug.*, IV, 5.ª ed., 364 e 366.

firmideu. — Duvido da exactidão d'esta palavra.

fogueira, casal ou reguengo, Lamego. — Não só respectivamente á Beira, tambem ao Minho: *in ista collatione 14 fogueiras* (Basto), *Inquisit.*, I, 135; *et iste juro devem a fazer quantos morarem in na fogueira* (Entre Cávado e Minho), ib., p. 300, col. 1.ª. Vid. tambem: pp. 555, 558, 587, 589 (.. *fogaria in que moratur Romanus Johannis* ..).

for, fórma, fôro, etc. *(Supplem.)*. — Esta palavra só devia usar-se procliticamente, como consta do exemplo dado pelo P.ᵉ Viterbo: *a for d'antiga*.

foramontaos. — Leia-se *-ãos*, como já Moraes emendou.

fornaça. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

foro. — Cf. G. Barros, III, 463.

fortelegar, dar firmeza. — Nas *Leges*, I, 396: *afortellegar*, isto é: «*afortellego* e confirmo».

forteleza, fôrça, vigor. — Tambem nas *Leges*, I, 396.

fortiliza. — Certamente é má grafia ou má leitura por *forteleza*.

fossadêira, II. — Tem muitos êrros este artigo, diz Herculano, III, 368, nota 1.

fraineza, penuria. — A palavra relaciona-se com *frangere*, hesp. nat. *frañer;* porém não deve estar bem transcrita.

Fraisseo, Freixo. — Leia-se com o acento no *a*.

freama, leitão, porco. — Cf. *Inquisit.*, I, 77, col. 2.ª. Vid. o que das notas de J. P. Ribeiro a este vocabulo diz G. B., III, 501, nota 1.

freitar, afruitar, — Deve estar *ei* por *ui*.

frizante, moeda. Dizem ser o mesmo que *pesante*. — Vid. a minha obra *Da Numismat. em Portugal*, p. 84.

frolyees, frolys. — Falta um til em cada *yy*, por dificuldade tipografica.

fronça. — Palavra emendada por Epiphanio Dias em *frança*.

fusta, fustam, castigo de açoutar com varas. — O foral de Tomar, de 1141, de que o P.e Viterbo faz extrato, vem nas *Leges*, I, 399 sgs., e *enfustan* lê-se a p. 400, col. 2.ª. Outro exemplo de *em fustam* temo-lo nas *Leges*, II, 88 (Costumes e foros de T. Novas).

G

gaaçar, ganhar. — Emende-se em *gaãçar*. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 25. O proprio Viterbo tem *gançar* na ordem alfabetica.

gaaçom, ganhão. — Emende-se em *gaãçom*. Cf. o Vocabulo precedente.

gallo, vela mais alta no candieiro das trevas na semana santa. — A expressão deve ser tirada do catavento em que se figura um galo. Cf. *Portugalia,* II, 442 (R. Peixoto).

gamar, gamar-se, chamar. — Nunca podem ter sido fórmas portuguesas. Temos aqui *g* por *ch*.

ganado. — Tem $n = nh$.

gança. — Nas *Linhagens* encontra-se a cada passo *filho de gança*, por exemplo, a p. 170.

Garda. — Acêrca da doação do Castelo de Ceras por D. Afonso I aos Templarios vid. Antonio Baião, *Ferreira de Zêzere* (extr. do *Archeol. Port.)*, Lisboa 1918, pp. 1 sgs. 1: onde o *Elucidario*, II, 10, col. 2, tem *Portum de Carris*, Baião lê *Cais*, p. 3; acêrca da data da doação, vid. p. 4.

ge, se. — Lede *ſe*. Nada temos aqui com o hesp. arc. *ge*, *gelo*.

gener: «que não *genese* hy a auga mais». — Poderá estar por *genher*, do lat. gignere.

genesim, tributo. — Cf. AHP, II, 212: *genesi* (ou *genesĩ)*, sec. XVI.

georaal de prata. — Haverá êrro? Só timidamente eu proporia *garaal* por **garanal*, *granal*, que por outro lado deu *graal*.

germaho. — Lede *germãho*.

germaia. — Lede *germãia*.

germidade. — Lede *germĩdade*.

gisado. — Lede *guisado*. E vid. o que escrevi nas *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 95, 96, e nota 2 (onde discuto e refuto uma infeliz critica de J. P. Ribeiro). Cf. nas *Cantigas de Santa Maria*, II, glossario: «*guisado*, justo, natural, razonable», e os vocabulos que se lhe seguem.

goivo, alegria. — Cf. tambem goivo na *Lenda de Barlaam*, 23, l. 9. Do lat. gaudium. A par temos o adjectivo arcaico *goioso*, de *godiosus (não gaudiosos).

gouvecer, gozar. — Incoativo, de **gouver* (ou *gouvir:* vid. o *Elucidario* noutro lugar; cf. fr. *jouir)*, lat. gaudere. Vid. *goivo* supra.

gouver. — Lede *jouver* (futuro do conjuntivo de *jazer)*.

govenco. — Lede *jovenco*.

granja. — Palavra vinda de França (provençal *granja)*.

H

haz, batalha ordenada. Palavra mais castelhana que portuguesa, diz o P.ᵉ Viterbo. — É perfeitamente portuguesa: do lat. aciem, como *assaz* de *ad satiem*.

heiradega, eiradêga, diz o P.ᵉ Viterbo. — O acento está porém no primeiro *a: eirádega*.

hirivar, derribar. — Deve ser má leitura por *derribar* ou *derrivar*.

honras. — Vid. G. Barros, I, 439 ss. (honra e couto).

hum, onde. — Em português antigo temos: *hu* ou *u*, onde; e *onde*, no sentido moderno de «d'onde», isto é, no sentido do lat. unde.

I e J

jamar, damar. — Não é fórma viva, é puramente grafica.

jantar, contribuição de mantimentos. – Cf. Herculano, III, 148, nota 1.

iento, herdade cultivada, fructifera. — Do lat. genitus (ou como subst. ou como particip.).

jeronzo. A explicação que Viterbo dá «giro, aro, vizinhança» é inexacta. O texto (de 952) foi depois publicado nos DC, p. 37, e diz: .. *sunt illas villas territorio Colimbrie. et in ieronzo ad castellum de lamego* .., d'onde se vê claramente que temos ali um nome de sitio, isto é, *Jeronzo* ou *Jeronço*, proximo do castello de Lamego. Este nome, na origem, não é mais que um conhecido nome proprio latino Gerontius (vid. os textos em De Vit), tornado geografico, em grego Γερόντιος (Pape), de γέρων, -οντος «velho», ainda que Schultze, *Lat. Eigennam.*, p. 271, parece que o relaciona com o etrusco. — Depois de escrito isto, vim a averiguar que o nome aparece mais vezes nos nossos documentos, como consta do *Onomastica* de Cortesão. Eis aqui os textos que colhi nos *Diplomata et Chartae*, — por ordem cronologica:

925: .. Alvarenga, subtus *monte* GERONZO, ribulo discurrente Pávia .., p. 20;

937: .. Alvarenga, subtus *monte* JERONZO, in vigo que dicent Minudal;

1076: .. in Pávia, subtus mons Ortigosa, discurrente arrogio (ou é n. proprio?), *territorio* GERONTIO .., p. 327;

1099: .. subtus castro Arecos (Aregos) seu GERONZO, territorio Lamicensis .., p. 544;

1100: .. in villa Lauredo, secus flumen Durio, *in terr(itor)io* GERONCII, et diocense Lamicensis æclesie .., p. 554.

Os tres primeiros nomes correspondem a um monte ou territorio situado junto do Paiva; os dois ultimos a um castro (monte) ou territorio situado junto do Douro. Não posso averiguar, nem isso me importa pelo lado linguïstico, se se trata de um só sitio ou de dois, porque o Paiva desagoa no Douro.

Hoje é muito vulgar haver nomes topicos que provêm de nomes de pessoas. Este uso já porém ascende, pelo menos, ao sec. x, como vemos de *Geroncio*. Outros exemplos antigos são: villa *de Ataulfo* (nome de vila, e não ainda nome de possuidor), 959, *Dipl. et Ch.*, p. 46; *villa Martino*, 1005, p. 119; .. lárea que habeo .. in *villa Goterre*, 1070, p. 301, etc. Escolhi estes por não estarem em genetivo, mas no caso normal, como *Geroncio*; nomes em genetivo são inúmeros.

igar, igualar. — O mesmo que *iguar*, do lat. adaequare.

inhateza. — Talvez devesse ler-se *inateza*, de *in-apto*.

insidios. — Exacto?

insignios. — Do proprio Viterbo?

joigadigo. — Esdruxulo de *iudicáticum.

jouvar. — Provavelmente é êrro.

jouver, I a III. — Cf. RL, VII, 308-309.

irmão pervinco. — Do lat. propinquus.

irmeilmente. — Parece êrro. Por germa(na)lmente? tendo-se tomado *u* por *ei*.

juderega. — Suponho que é êrro por *judenga*.

jugada. — Artigo que tem muitos êrros, diz Herculano, *H. de P.*, III, 368, nota 1. E cf. G. Barros, III, 858.

julgajul. — Êrro por *julgávil*. Vid. RL, VIII, 66-67.

jur. — Cf. *Leges*, II, 25, sec. XIV ou XIII.

Jurgio. — Cf. *Antroponimia portug.*, p. 524.

jussãa. — Os *ss* valiam *s* (sonoro); cf. hoje: *Vila-Jusã, Jusão, Outeiro-Jusão*, nomes geograficos.

justiça de Monte-mor. — A esta expressão popular são paralelas hoje as seguintes: *justiça do Maranhão* (RL, IV, 230), *justiça de Fafe, justiça do Mocho.*

K

kazimi, kazimos. — Cf. Aragão, *Moedas de Port.*, I, indice.

kemiso, camisa, etc. — Cf. REW, n.° 1550; e Savj-Lopez, *Origini neolatine*, 1920, p. 260.

L

l por *s*. — Não é bem exacto o que diz: *todolos homens* está por *todo'los, todollos.*

lacesca, *lacescat*. — Esperar-se-hia *lassescat*.

ladinho, -a: legitimo, sem mistura. — O texto diz *lingoagem ladinha portugues*. D'onde se vê que *ladinha* quer dizer: latina, romanica.

lagaradiga. — O acento está no terceiro *a;* cf. o que se disse s. v. *chus*. Outros textos como *lagarádiga: Inquisit.*, I, 77, col. 1.ª; *Leges*, p. 356; Ribeiro, *Dissert. Chron.*, II, 227.

laída, laidamento, laído. — O lat. laedere, podia, por troca de conjugação, ter-se tornado *ledire, sucessivamente *leir*, (ou por influencia do *l-) laír*, d'onde *laída*, substantivo, como *ferida*, d'onde *laidar*, *laidamento*

lealdar. — De *legalitare.

lecco. — Diz João Pedro nas Notas ao *Elucidario* que parece palavra mal lida. O doc. tem *leccos*. Talvez por *lectõs* ou *lectões* (leitões).

legumlhas, legumes. — A palavra deve estar mal lida. Talvez fosse *legúmias*, de legúmina (legumen).

leidemo. — Lede *leídemo* (quatro silabas).

leisar, *leissar*. — Por *leixar*.

leitiga. — *Passim* no sec. XIII, por exemplo, nas *Inquisit.*, I, 134, col. 2. Cf. os meus *Textos arc.*, 3.ª ed., indice,

leituairo *(Dicc. portat.)*, tombo, censual, em que estão descritos os bens ou rendas de uma corporação. — Deve corresponder a um derivado de *léctus, -us*, no sentido de «leitura», como *promptuarium* (lat. mediev.), de *promptus, -us*.

lementação, alimentos. — O texto diz «pera *sua lementação*». Entenda-se *suàlimentação* (= sua alimentação), como disse o S.or Epiphanio Dias.

leva: potro de boa leva, ou raça, diz o P.e Viterbo, mas já Moraes corrigiu, comparando esta expressão com *de boa levada*.

levadígas. — O P.e Viterbo acentua o *i*, mas o acento estará no primeiro *a*.

lhe-lo, lhi-lo, lhi-la: o mesmo que *lho* ou *lha*. — Naquelas fórmas temos o plural do primeiro pronome, e não o singular. Já Cornu disse, *Die port. Spr.*, § 312: port. arc. *lhelo lhela* contraídos, em vez de * *lhes lo* * *lhes la* ou * *lhis lo* * *lhis la*. O proprio P.e Viterbo traz *lhis* em docs. do sec. XIV, s. v. «açalmar» e s. v. «chuveiro», e «chegar», I; e *lhys* num doc. do sec. XIII, s. v. «abbadengo». *Suppl.*, p. 2, col 1.ª. No singular tem *lli* = *lhi* num doc. de 1280, t. II, p. 97.

lia, linha. — Deve ler *lĩa* ou *linha*.

liagem, linhagem. — Leia-se *lĩagem* = *linhagem*.

libradigas. — Leia-se *librádigas*. O P.^e^ Viterbo compara a palavra em *dinheiradas*, etc., mas a comparação não vale quanto á forma.

lígio, *homem ligio*, etc. — Cf. fr. ant. *homme lige*.

limnar, umbral da porta. — De liminaris, -e.

livra. — A *livra* ou *libra*, que figura nos nossos documentos, era moeda de conta, e não efectiva. Cf.: Aragão, *Moedas*, I, 18-21; Costa Lobo, *Hist. da socied.*, p. 281, nota 1.

llioo *(Supplem.)*, o linho do pais. — Deverá ler-se *lĩoo*, ou *lĩó*.

Locrica. — Lede *Logriça* (Lucrecia).

Logreca. — Lede *Logreça* (Lucrecia).

luario. — Posto que não se indique a data, é natural que aquela fórma esteja por *lũairo*, como já o S.^or^ Epiphanio emendou no seu *Falcão*, p. 104.

Lucrica. — Lede *Lugriça* (Lucrecia).

luria. — O que diz de *luria* e *mozom* precisa de confirmação.

luscar. — A definição, que o P.^e^ Viterbo dá, baseia-se unicamente na suposta e incerta etimologia (ludere) que propõe para o verbo.

M

maladia, malado. — Vid. Fortunato de Almeida, *Hist. de Port.*, I, 391-392, e as obras lá citadas.

malfairo. — De Viterbo só aduzir um exemplo não posso concluir que a palavra esteja bem lida.

manda. — Cf. *Lições de Filol.*, 2.^a^ ed., 74-75.

maneiro e **manerio.** — Cf. *Leges*, p. 453 *(manarius)*.

manho. — Certamente *manỹo*.

maninhadego. — Acentue-se o segundo *a*, e não o *e*. — Ao *maninhádega* ou *maneria* se refere Herculano, *H. de P.*, IV, 297. Em hesp. *mañeria*, multa (pecuniaria) que se impunha aos solteiros, ou aos casados sem filhos, e proibição de testar ao que morria sem sucessão legitima, a cujos bens tinha direito o senhor ou o rei; *mañeros* eram os que estavam sujeitos á pena. Cf. *Boletín de Orense*, III, 333.

manu. — Lede *manĩo*. A falta de til sobre o *i*, que tantas vezes observámos, deve ser devida a deficiencia tipografica, o que ainda hoje ás vezes acontece.

mansilla. — O P.^e^ Viterbo cita uma carta de S. Antonio

em que vem esta palavra. Não posso estudar o assunto, mas o trecho tem visos de apócrifo.

mantéés, e **mantens,** lençoes, mallas. — Já Inocencio, na 2.ª ed., emendou a segunda palavra em *manteus*. Quanto a *mantees*, vem tambem nas *Inquisit.*, I, 341, col. 2: «et damli os *mantees* et escutellas et louza in que comia». Nas *Leges*, p. 203, lê-se: «os donzees nom seiam ante os cavaleiros *aos mantees* (var.: a matees)».

maravediadas. — Vid. G. Barros, II, 122 sgs.; e cf. M. Pidal, *Orígenes del españ.*, p. 279 (maravidada).

maravidil, marabitino, etc. — Vid. Nota de J. P. Ribeiro. Tambem na ed. de Inocencio vem uma nota de L. Fernandes. Do morabitino tratou T. de Aragão, *Moedas*, I, sgs. (confusamente). Cf. os meus *Textos arc.*, 3.ª ed., glossario, s. vv. *maravedi* e *moravedi*.

marçaria, mercearia. — J. P. Ribeiro diz não ser isso, mas «o que, não sendo comestivel, se não vende a peso ou por medida, como meias, barretes, etc.». Isto se confirma com as *Leges*, II, 94.

marido conuçudo. — Vid. sobre o assunto: C. Moncada, *O casamento em Portug. na id. media*, Lisboa 1922; P. de Azevedo, in AHP, III, 109; e tambem uma nota de Ribeiro ao *Elucidario*.

marnoceiro. — Ribeiro já emendou em *marnoteiro*.

marrãa. — Vid. uma nota de Ribeiro a respeito de *freama*.

marrano. — Do étimo trataram alguns AA. modernos.

martineguas. — O acento está no *i*, pois se compreende que o étimo é *martínicas (adjectivo): de Sanctus Martinus. A palavra deve pois ler-se *martínegas* (ou *martínhegas)*. Do costume de designar as pensões ou foros pelo calendario nos dá outro exemplo *marceiras*, pensão paga em Março.

masaldeminos, adv. mais ou menos. — O *i* deverá estar por *e*, com quanto haja *ĭ* no étimo latino (mĭnus).

Materduz. — Vid. *Antroponimia portug.*, p. 354.

mazanarias, pomares de macieiras, etc. — Latinismo medieval.

mea, medida. — Cf. *remeia*, ainda hoje em Chaves, como consta da minha obra *De terra em terra*, I, 68, e 111 (nota 3).

mealha. — Cf. T. de Aragão, *Moedas*, I, indice, p. 452, e sobretudo p, 145. Provavelmente *mealha*, como bem nota o P.e Viterbo, nunca foi «moeda cunhada de per si», mas metade de outra, corrente ou de conta (meio dinheiro, etc.).

meana, meono. — Vid. *Antroponimia portug.*, p. 19 e nota 14.

mecedura, medida. — Se o *e* não está por *d*, poderá explicar-se por influencia de *meço*.

meiagoo. — Cf. *meogo* «o meio de alguma cousa».

meiaído. — Remete para «Cabo, III», mas é «Cabo, II». A palavra estará bem lida?

meirinho. — Dos cargos designados por este nome devia tratar desenvolvidamente G. Barros no vol. V da sua monumental *Historia*.

meitega. — Cf. *Inquisit.*, I, 77, col. 1, e *passim*.

melhur, melhor. — Em varios documentos antigos acha-se ás vezes esta grafia de *u* por *o*.

meono. — Vid. *meana*, supra.

merchandias. — Vid. outro texto no *Eluc.*, s. v. *feiras franqueadas*.

merendal. — Cf. *Inquisit.*, I, 36, 522, 525.

meskinos, familia de servos que trabalhavam nas herdades dos respectivos senhores. — Cf. *Inquisit.*, I, 304 *(mezquinos)*.

messar, puxar a alguem pelas barbas. — Vid. o meu livro *A barba em Portugal*, p. 102-103. E cf. *Leges*, pp. 380, 766, 794.

mesuada, escolta, etc. — Emende-se em *mesnada*. Já Moraes timidamente propôs a emenda.

metermentes. — São duas palavras: *meter mentes*.

methcaes. — Cf. tambem: L. Fernandes, *Moedas*, p. 27; Aragão, *Moedas*, I, 140; Dozy, *Glossaire*, p. 515; Yánguas, *Glosairo*, 454.

meyadade. — Cf. Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, p. 732 sgs. — Em dcs. nossos do sec. XIV, a par com a fôrma citada pelo P.^e^ Viterbo, ha *meyatade*, e no sec. XV *meatade*: vid. textos nos *Archivos de hist. da Medicina port.*, VI, 159-160.

Mirleus. — O P.^e^ Viterbo não diz qual o fundamento que teve para dar este nome aos Franceses e outros Estrangeiros que nos começos da monarquia vieram a Portugal. O étimo apresentado por ele no final do artigo é muito aventuroso.

misteres. — D'este artigo diz G. Barros algures, numa nota do vol. I, que contém muitos êrros.

moçoco. — Cf. «clerigo, V» no proprio *Elucidario*.

modio. — Vid. sobre o assunto J. P. Ribeiro, *Observ. hist. e crit.*, pp. 101-104.

moeda. — Estudos modernos, que ha, dispensam-me de anotar particularmente este artigo.

moelha. — O doc. citado por Viterbo, do sec. XIII, diz: «C liuras de *moelha velha*». Evidentemente quem escreveu o documento quis escrever *moeda velha*, mas enganou-se sob influencia da terminação *-elha* da palavra seguinte. Tenho muitissimos exemplos d'este fenomeno, já relativamente á escrita, como aqui, já á pronuncia, e com eles espero escrever um artigo para mostrar que muitos casos de fonetica usual e geral assentam em casos automaticos como o de que se fala.

moio. — Vid. tambem «medida» no *Elucidario.*

moiom. — Cf. os meus *Opusculos*, I, 536 sgs.

molachinos e **moozinhos.** — Ambas estas palavras são transformação de monachus: *monachinus > *monachino* (sec. XIV: no *Elucidario* s. v.) > *molachino* (isto é, *molakino*, na pronúncia; com *l*, por dissimilação de M-N) > * *moakino* * *moacino* > * *moazinho* > *moozinho*. De um lado a evolução deu-se toda; do outro, parou, por ser de epoca diferente. Á fórma *moozinho* corresponde o arc. *moogo* < monachus.

molleira. — Do lat. molinaria. Cf. *moleiro*.

mollo, molo. — Lede *molho*.

molura. — Deve ler-se *molhura*, de *molhar*.

monachino. — Vid. *molachinos*.

monda, pão pequeno, de centeio ou milho, etc. — Outros textos os temos nas *Inquisit.*, I, 47, «et dabit (de fôro) pro inde III *mondas*»; 157, XXVII *mondas*; 325, *mondas centeas*; 511, «dabant annuatim Domino Regi VII *mundas*». O P.^e Viterbo acrescenta que os pães de que fala são como as *michas* que ainda no tempo d'ele se davam aos pobres nas portarias das Ordens monasticas. Como eu vivi em criança proximo de S. João de Tarouca, onde houvera um notavel convento cisterciense, ouvi várias vezes ao povo falar d'este costume, mas a palavra era *micho*, no masculino. A palavra veio-nos de França com a Ordem de Cister: fr. *miche* (fem.). Entre *micha* e *micho* ha a mesma relação morfologica, que entre *bôla* e *bôlo*, segundo a linguagem da Beira: aquela (não doce), de milho, trigo ou centeio, de fórma achatada; este (tambem não doce), de trigo ou centeio, correspondente ao que em Lisboa se chama *pão de fôrma*, no Porto *moléte*.

Monesteirol. — O texto diz: «de hereditate .. in ripa Dorii, inter *Monesteirol* et Sancto Veriximo», doc. de S. João de Tarouca, 1206. S. Verissimo é no concelho e ao pé de Ama-

rante; o *Monesteirol* de que se fala creio ser Mosteirô, que fica em Baião e na margem direita do Douro: por isso *Monesteirol* deve ser abreviatura de *Monesteirolo* ou de *Monesteriolum*, como seria melhor latim. A actual fórma *Mosteirô* só póde assentar em Monesteriólo.

mongy. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

montadego. — Leia-se *montádego*, e não com o acento no *e*, como Viterbo diz aqui e s. v. *montatico* (montático).

moolo. — Pronunciai *moolho*.

moozinho (no *Dicc. portat.)*. — Vid. *molachinos*.

moradéa, moradia, etc. — No Alentejo existe *moradêa* no sentido de terreno onde há restos de ruinas romanas (paredes, cacos de vasilhas, e de tegulas, etc.), por exemplo, em Tolosa. Será a mesma palavra do P.e Viterbo? É impossivel foneticamente porém explicar *moradêa* por *moradia*. Se *pousadea* no *Eluc.*, s. v. «treusassom» está bem, seria tentador comparar esta palavra com *moradea*, por causa da relação de *morada* com *pousada*.

mordomo da curia. — Cf. G. Barros, I, 585-586.

mormulha, memoria. — Exacto? Ou estará aqui *moimenta?*

mortullas. — Bem lida a palavra? Não será *mortalhas?*

mostéa, carrada. — S. v. «fisco, I» vem outro texto com esta palavra. C. de Figueiredo dá ainda *mosteia* como do Minho, no sentido de carro.

mostil. — Viterbo define ás vezes palavras, baseando-se em etimologias inexactas que propõe, como deve ser o caso aqui.

moyer, — Nunca foi palavra portuguesa antiga. Ou é de Hespanha, ou deve ler-se *moller* = *molher*.

mozmodis. — Cf.: Dozy, *Glossaire*, p. 311; e Yanguas, *Glosario*, pp. 460 (onde remete para o P.e Viterbo), e 440 (macomutina, mazmodina, etc.).

munga, monja. — Por *monja*, com *g*=*j*, e *u* por *o*, do que ha outros exemplos.

musaria. — Vid. uma nota de Ribeiro, e as *Orden. Afonsinas*, II, p. 34 (Coimbra 1786).

musitaçom, voz baixa, etc. — Cf. em lat. mussitatio, -onem.

muzlemo, rustico. — Cf. Dozy, *Glossaire*, p. 323, que cita Berganza, a quem provavelmente o P.e Viterbo tomou o vocabulo, como outras vezes fez.

N

nabão, direito pago por pescadores. — Outros exemplos: *Inquisit.*, I, 104 *(de navao)*, 518 *(navaos)*, etc. — Porque é que o P.e Viterbo nasala a palavra, tanto mais que logo adiante tem *nabo* como titulo de outro artigo?

nascer hida. — Seriam necessarios outros textos.

navas. — A definição que dá o P.e Viterbo é arbitraria; aonde foi ele buscar os bosques? Cf. REW, n.º 5858. — Palavra esteriotipada na toponomia.

neguum (no *Dicc. portat.)*. — Cf. outro ex. em J. P. Ribeiro, *Dissert.*, I, 284; *neguum omem* (1255). De nec unu-.

nehua. — Lede *nehũa.*

nemú. — Lede *nem u* ou *nehũ.* Viterbo não cita os textos. No primeiro caso seria «nem onde», no segundo «nenhum».

niu. — Lede *nĩu* ou *niũ:* «nenhum».

Noane, João. — Cf. *Sanoane*, nome de lugar, a par de *Janhoane* < *Sã Joane.*

nomeada, moeda. — Vid. o que escrevi em *Da Numism. em Portugal*, pp. 83-84.

novea. — Cf. *Lições de Filolog.*, 2.ª ed., p. 98. No mesmo artigo menciona Viterbo *pam anneveado.* Deve ser *anoveado:* cf. *anoveàs*, supra. Em G. Barros, III, 37: *noveado.*

Numam. — Da inscrição romana que traz o P.e Viterbo, e foi depois transcrita no *Corpus*, II, 432, falo nas *Religiões da Lusit.*, II, 185 (infelizmente, por êrro tipografico, ha um N de mais na transcrição da linha 1.ª da mesma).

nuncás. — Lede *núncas;* com *-s* adverbial.

nuncio, luctuosa. — Vid. tambem Herculano, *H. de P.*, IV, 297.

O

Oannes. — Artigo inteiramente descabido.

obsia. — Esta palavra vem de absīda, fórma paralela a absis, apsis: -īdis. A fórma culta portuguesa *abside* ou *apside* não deve pronunciar-se com acento no *a*, como quasi toda a gente faz, mas no *i*, por ser longo o *i* latino.

ochava, tributo. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 427-428. — Palavra originariamente hespanhola. Nos *Costumes e foros da Guarda* a palavra designa um objecto material, nesta

expressão: «quen ouuer a uender ou a comprar, leue sa *ochava dereyta* de concelho. E quen *ochava dereyta* de concelho não teuer, peyte, etc. E os alcaydes fazan fazer II ochavas dereytas, e ponhan a I a Sancta Maria, e outra a San Martinho e a estas afeyran todallas outras»: *Leges*, II, 11. *Ochava dereyta*, isto é, «aferida».

olga. — O étimo proposto no Suplemento é fantastico. Esta palavra vive ainda na Beira.

omiziam. — Plur. *omiziães* nas *Leges*, II, 20, sec. XIV ou XIII.

omiziero. — Outro texto nas *Leges*, I, 601.

ordiayro. — Lede *ordĩairo.*

ordinar. — Póde ser *ordĩar.*

orgo. — Lede *orjo.*

osas. — A relação etimologica que estabelece entre *osa* (cobertura dos pés e das pernas) e *osculum* é absurda, pois *osculum* é palavra latina, e *osa* deve relacionar-se com a palavra alemã *Hose* «calças». — Do tributo de que fala Viterbo, pago pelas mulheres que se casam, e sobretudo pelas viuvas, temos outro texto: *Inquisit.*, I, 135 (.. vidue debent dare *osas* maiordomo ..), etc. Vid. tambem: Herculano, *H. de P.*, IV, 297; G. Barros, III, 861 sgs; e ultimamente Gonçalves Cerejeira na *Biblos*, III, 465.

ou, ao. — Outro exemplo em J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.*, I, doc. 68, de 1298.

ou, onde. — Ha aqui êrro evidente de *u* por *n*. Cf. astur. *on*, prov. *on*. O nosso *on*, ou é paralelo a *en* (unde > *on*, inde > *en)*, ou abreviatura de *onde:* em qualquer dos casos significa «dónde».

ousia, capela-mór. — O étimo dado pelo P.e Viterbo é inexacto. Vid. *obsia*, supra. E cf. *Demanda do santo graal*, p. 40.

ouvo, -os, ovo, ovos, sec. XV e XVI. — Talvez tenhamos aqui apenas notação ortografica: *ovuo.*

P

paateira, pàdeira. — Assim define Viterbo, mas resta saber se a definição é boa. Cf. *paateiro* logo a seguir, como titulo de outro artigo. Ora dá-se a coincidencia de no artigo s. v. *paateira* o texto ser: *a paateira e carniceiros*, 1300; e no artigo s. v. *paateiro* o texto ser: *assi como paateiros ou por-*

teiros ou carniceiros. É pois provavel que entre *paateira* e *paateiro* só haja diferença de genero.

paco (no *Supplem.)*. — A relação entre este nome e *Paca* (nome antigo de Beja) é absurda.

paço. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

padecimento. — Vid. a nota de Inocencio á 2.ª edição.

padeliças. — Viterbo não justifica a definição que dá.

padronadiga. — Acentue-se o segundo *a* (padronádiga).

palacio, III: casa de qualquer vassalo, com tanto que fosse nobre. — Acerca de *palacio* e *paço* vid. A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal*, p. 57-58, e 131.

palha (no *Supplem.)*. — O que o P.e Viterbo diz (simbolismo juridico) parece referir-se só a costumes de fóra.

palhatorio. — Deve ler-se *pallatorio*.

pallatorio. — De *parlatorio*.

pam meado. — Neste artigo acentua Viterbo *eyradêga*; leia-se porém *eyrádega*.

panho, pano. — Se o texto é português, entenda-se *panno*.

papel. — Acêrca do assunto vid. «*O Papel*, como elemento de identificação», por Athaide e Melo (Biblioteca Nacional), Lisboa 1926.

parada. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 148, nota 1. Nas *Leges*, pp. 425, 437, temos outros textos. No proprio *Eluc.*, s. v. «jantar», se lê: *ipsam paradam vel jantarem; pro parata, quod vulgo dicitur jantar.*

para-mentes. — Cf.: *Lenda de Barlaão*, ed. de V. Abreu, p. 18, 20, 21; os meus *Textos arc.*, 3.ª ed., p. 184, col. 2.ª; e Pidal, *Mio Cid, parar mientes a* «fijar-se en», pp. 760, 785. Em *mentes* temos o plural do subst. *mente: parar mentes*, dar atenção; tambem no plural dizemos «dar os *seus cuidados* a», «objecto dos meus *cuidados*», com quanto bastasse dizer «cuidado». Já Moraes, s. v. *mente*, diz: «*parar mentes*, reparar bem, examinar, atentar».

paranho, honra, conto. — No doc., que Viterbo cita, deverá ler-se *paramho* = paramio, e não *paranho*, pois *paramho* aparece muito em docs. antigos: cf. D. Carolina Michaëlis, *Randglossen*, I, 22-23, e ainda hoje temos *Paramio* como topónimo no concelho de Bragança, e, a par com *Paramios*, na Galiza. No *Elucid.* lê-se tambem *paramo*, e bem assim em Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugat*, I, 22-23: das *Orden. Afonsinas*, liv. II, tit. 65, § n.º 10. A confusão que Viterbo fez entre *paranho* (paramho) e *paramo* ou *paramio* havia tambem já sido

feita nas *Inquisit.*, I, 19, onde mencionando-se Sancto Laurencio de *Paramios*, se cita em nota a variante *Paranhos*. Efectivamente ha *Paranho* e *Paranhos* em várias regiões. Em resumo: *paramio* ou *paramo* é uma cousa; e *paranho* é outra diferente [1]. A estas duas ideias correspondem na toponimia: *Paramio-Paramios*, e *Paranho-Paranhos*. Na toponimia ha igualmente *Parâmos* (Aveiro), que corresponde ao primeiro grupo, e *Paranhão-Paranhô*, que corresponde ao segundo. Como ilustração do assunto acrescentarei que na Hespanha ha o topónimo *Páramo* (Burgos) e *Páramos* (Galiza), que provavelmente provêm da palavra iberica paramus, que aparece no *Corpus*, ainda hoje em hesp. corrente *páramo*. Em Portugal existe *Paramó*, *Paramô*, que serão deminutivos de paramus.

pardo. — Cf. *Antroponimia*, p. 152, nota 1, ainda que eu não ligo grande peso á hipotese que aí apresento.

paredeiro. — Vid. RL, VII, 72 (= *Opusc.*, I, 551).

partija. — Incerto.

passal, medida. — João Pedro Ribeiro, *Dissert.*, IV-2 (2.ª ed.), diz: «Em hum unico doc. achei accrescentado á medida *passal:* manu erecta supra caput, o que parece designar a altura de um homem, contando tambem a altura da mão levantada». Pag. 136. Temos aqui um muito curioso modo de contar, de caracter primitivo, como outros que se baseiam na extensão ou disposição de partes do corpo humano.

pea, pena. — Póde ser assim, ou *pẽa*. Num doc. do sec. XIII, no *Instituto*, XLVI, 946, lê-se respectivamente *so pêa*. Nas *Flores de dereyto*, ed. de Merêa, porém, *pẽa*, p. 29, etc. — O artigo viterbiano, que se segue a este, epigrafa-se: *pear*, castigar, com remissão para as *Ordenações Afonsinas;* e o seguinte: *peadoiro*. Sem duvida *pẽa* podia dar *pea*, como *cẽa* deu *cea*.

---

[1] No concelho de Celorico da Beira chama-se *paranho:* 1) á cobertura de um cortelho, feita de gestas, com disposição não cónica; 2) á lenha que se amontoa num páteo sobre duas paredes paralelas, apoiadas em traves ou caibros, a qual serve para se queimar na cozinha, e se vai reformando á maneira que se vai gastando (lenha quasi sempre de giestas). Cf. no Novo Dicc.: «*paranheira*, padiera ou verga da porta do forno (Minho)», e em galego *parañóa* «espacio detrás del hogar, con una piedra para sentarse la gente» *(Dicc.* de Valladares).

O ser de 1378, e portanto um pouco tardio, o doc. em que vem *pea*, póde levar a crer que a fórma esteja realmente já desnasalada.

peccar. — Emende-se em *pectar*, e no texto citado *pectavi*, como já fez o S.^or^ Epiphanio Dias. – Vid., quanto á data, uma nota de Inocencio á 2.ª edição.

peceno, -a: pequeno, -a. — Evidentemente está *c* por *q*.

pedida, I (tributo). — Cf. *Inquisit.*, I, 12, 548.

pegorar, peyorar. — Com *g* por *y*, ou por *j* = *i*.

peitu. — Lede *peita*.

peixe-escolar. — Cf. uma nota de João Pedro Ribeiro nas *Dissert. chron.*, IV-2, 2.ª ed., p. 136.

peixotas. — Cf. *Inquisit.*, I, 330.

pelago. — É latinismo, pois vem em documentos latinos. A fórma portuguesa é *pego*, de **péago*, *pêlago*, pelagus.

pelhos. — Lede *pel-hos* ou *pellos*.

pellioa, mulher rixosa (*Dicc. portat.*). — C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, supõe estar por *peleôa*. Eu penso porém estar por *pelejoa* = *peleioa*, tendo-se tomado o segundo *e* por *l*, e estando escrito *i* = *j*; seria o f. de *pelejão*, que não conheço, mas se deduz de *pelejar*; cf. *brigão* de *brigar*.

pelote. — Vid. uma nota de Ribeiro, e *Orden. Afons.*, liv. II, tit. 59, § 4.º.

peneira d'antemaom, peneira fina. — Confirmação em G. Barros, III, 624, nota 2.

Penella. — Bastava que o P.^e^ Viterbo dissesse que *Penela* é deminutivo de *Pena*.

pentes lááres ou **pentees laares,** isto é, *pentẽes*, como se lê no texto. — Como muitas vezes faz, Viterbo espraia-se em hipoteses infundadas, pois *lááres* está por *lãares*, isto é, pectines lanares, de lana «lã». O texto não diz que fossem da cabeça!

perciçoeiro. — Por *percissoeiro*. Fórma um tanto plebeia.

Perencia. — Não se funda em suficiente documento.

perfia, I. — Cf. *Dipl. et Ch.*, n.º 217.

pergamilheiro. — Talvez engano por *-nheiro*, pois ás vezes na escrita encontra-se *nh* por *lh*.

permedida, permidiva, perniviva (sic), o primeiro sável ou lampreia que saía no Tamega e no Douro. — Das tres fórmas indicadas por Viterbo, e encontradas em tres documentos que cita, é a segunda, *permidiva*, a melhor, pois corresponde a primitiva. E vid. *primariças* no proprio *Elucid.* Cf., quanto

ao sentido, e um pouco quanto á fórma, *primicias*. As outras são deformações de escriba, ou devidas a etimologia popular. Em todo o caso *permidiva* não é continuação directa do latim vulgar, por não acabar em *-ia*. Cf. *Primitius* no *Corpus*, II, 319 (= RL, XXV, 17), em vez de *Primitivus*.

peroom. — De prono, com suarabacti de *e*.

perpunto, capa militar. — Cf. «Maria Fernandi, *a perponteira*», nas Inquis. de Afonso III, p. 393: isto é, a que faz *perpontos*.

persigal, pocilga. — Correspondendo a palavra *pocilga* a *porcilica (de *porcile), que muito que se formasse outro derivado, *porcilicale, que explicava *persigal*, isto é, *percigal*? Viterbo escreveu *s* porque tomou de outiva a palavra em Alcobaça, e não em documento. Diz ele que de *persigal* veio *persigo*, «carne de porco já assada». A definição não estará exacta: cf. *Opuscul.*, II, 112, e M. Boaventura, *Vocabular. minhoto*, s. v. «apresigar»; esta palavra relaciona-se certamente, não com a primeira, mas com prehensus ou prensus: *pre(n)sicare > *presigar*, d'onde saiu o substantivo verbal *presigo*. Depois Viterbo fala tambem de *apeguilhar (apeguilho)*, vocabulo da Beira: comer carne de porco com pão; mas *apeguilhar* deve ter provindo de *apegar*.

pés, peixe. — Não me parece que seja uma palavra; talvez abreviatura.

pesante, moeda. — Vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 84, e cf. *frisante*, supra.

pescota, pescada. — Lede *pexota* (peixota).

pessoadego (acentuado o *ê* no *Dicc. portat.*). — Lede *pessoádego*. Viterbo acentua sempre esta terminação, como já temos visto, quando o que é certo é que ela vem de -ătĭcum.

pessoadigo. — Acentue-se tambem o *a*, pois a palavra é a mesma que a antecedente.

pessoeiro, cabeça de casal, etc. — Nas *Flores de dereyto*, ed. de P. Merêa, *pessoyeiro*, p. 26 (fórma semi-popular), que corresponde, quanto ao sentido, ao lat. *procurator*: ibidem.

petegar, cortar de rijo com um machado. — Moraes aclara: com a *peta* do machado, pois *pêta* é a parte saliente das costas do podão. Tambem ha *pêto*.

petintal, calafate, etc. — Cf. *Leges*, p. 476 *(pintyntal)*.

péyouga, pé de porco. — O texto citado por Viterbo diz: «*peyouga do cyoado* (1304: Bragança). A ultima palavra deve

emendar-se em *cyvado* «cevado». A primeira não parece tambem estar exacta.

picota, pelourinho. — Ha muitos textos; por exemplo *Leges*, p. 744.

pilarte *(Suppl.)*. — O pilarte era de *bolhão*, não de *prata*.

pinaça, embarcação. — Cf. *Leges*, p. 663.

pindra, penhor. — Cf. *pindre* nas *Leges*, p. 663, e *pendrar* (penhorar), ibid., p. 418, e em português moderno *prendar*.

pipiam, moeda. — Vid. *soldos pipiones* em T. de Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 19 e 155.

poner. — Lede *põer*.

Ponte pedrinha. — Ha varias povoações e sitios com este nome (cf. *Eira pedrinha*): *Pedrinha* é adjectivo. *Ponte pedrinha* por oposição a *Ponte das taboas*, por exemplo, sobre o rio Barosa, no concelho de Tarouca; ainda em pequeno a vi, desmantelada, sem já por lá se poder passar.

pôr tentaçoens. — Vid. nota de J. P. Ribeiro,

porrina, porrinha. — Cf.: Herculano, *H. de P.*, IV, 378; *Leges*, p. 373.

portadígo. — Outra acentuação errada, em vez de *portádigo*.

portático. — A data de 1279 é errada, em vez de 1179. Já Inocencio justamente a emendou na 2.ª edição. O doc. é de Fernando II de Lião, e este reinou de 1157 a 1188.

portazem. — Êrro por *portagem*.

portello. — *Leges*, II, 15.

pousa, aposentadoria do cobrador real. — Nas *Leges*, 693, diz Afonso III: «salua .. *ipsa mea pausa* cum meis casis de Prado».

pousada. — Cf. Herculano, *H. de P.*, III, 84 e 418. Nas *Leges*, no foral de Urros: non dent *pousada*, p. 418; no de Celorico da Beira, non dent *pousada*, p. 445; etc. A palavra, além do sentido que tem nesses textos, tem outro no seguinte: «a Dona Abril doou todo o concelho de Numão huma grande herdade .. ut faciatis ibi moratam et *pousatam*»: *Elucid.*, s. v. *visinho*.

pousadouro. — Ha, de facto, vários lugares no N. e Centro assim chamados, e no plural.

pragamyo. — Lede *pragamĩo*.

prazemtim: mercadores *prazentins*, o mesmo que estrangeiros. — São de Placencia (Italia), nota de J. P. Ribeiro. E cf. *Orig. do povo portug.*, p. 18.

Prazida. — Na edição da *Cronica do Conde D. Pedro*, feita na *Collecç. de Ineditos da Hist. Portug.*, o capitulo que corresponde ao citado por Viterbo é o 81 do liv. I: o texto vem a p. 477.

pregallas, pregações feitas ao povo *(Dicc. portat.)*. — Já J. J. Nunes, *Gram. hist.*, p. 149, nota 2, emendou justamente em *pregalhas*. Outro texto: «a vosso rogo, a vossas *pregalhas*», isto é, a vossos pedidos (sinonimia vulgar em docs. antigos), sec. XIII, nas *Dissert. chron.*, V (2.ª ed.), 356.

preregalhas, suplicas. — Deve ser êrro por *pregalhas*, vid. supra. Por influencia de *pre-* repetiu-se *-re-*.

prestimonio. — Cf. *Leges*, p. 724.

presuria. — Cf. G. Barros, II, 11-13, 60-62, e Nota II no fim do volume.

preto *(Suppl.)*. — Cf. Aragão, *Moedas de Portug.*, I, 166, nota 3.

prigom. — Lede *prijom*.

principe, de algum territorio, rico-homem, etc. — Outro exemplo: *Principe de Celorico*; vid. *Dissert. chron.*, I, 277.

prividas, particulares; *pessoas prividas*. — Suponho que deve ser êrro por *privadas*.

prouguer. — Não é infinitivo, é futuro do conjuntivo. Já emendei na RL, VII, 308.

provinco. — *Leges*, 268 (parente). Já noutro lugar tem Viterbo *pervinco*. Do lat. propinquus.

pudaduyra. — É outro exemplo de *u* por *o*: *podadoyra*. Cf. no *Elucidario*: *depus*; e *pus*, s. v. «molleira».

pulgeco. — Certamente êrro por *públeco*, vel simile. Cf. *pulvigo* noutro lugar do *Elucidario*.

punar, pugnar, numa carta de D. Denis. — Lede *punhar*, de que ha outros exemplos no *Cancioneiro* do mesmo Rei.

purgamilheiro, o que compõe ou vende pergaminhos. — Este artigo é igual ao que tem o titulo de *pergamilheiro*, e a palavra já foi discutida supra.

puzal. — O *z* vale por *ç* *(puçal*, mencionado noutro lugar do *Elucidario)*.

Q

quabeça, cabeça. — O *qua* valia *ca*. E o mesmo se entende de outras palavras. O *u* fazia corpo com o *q*. O mesmo se póde aplicar a *quo* em vez de *co*.

quebrada, II e IV. — G. Barros corrige na sua *Hist. da adm.*, III, 835.

queixo, queijo. — Será *x* por *j*. Contudo no Alto Minho dizem *queijo* no sentido de «queixo».

R

R (3.º artigo). — Saiu por êrro tipografico *rocatizein* em vez de *rotacizein*, infinitivo de ῥωτακίζω (neologismo).

rabalha. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

rabiável. — Vid. a fulminante nota de J. P. Ribeiro.

rabudos. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

rallan. — Em vez de *real*, talvez escrito originariamente *rreal*, etc., pois *rallan* não é nada.

ramada. — Vid. tambem *Inquisit.*: I, 91, col. 1; 152, col. 2; etc.

rancoura. — Ou melhor *rancura*, como se lê noutro lugar. Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 196, nota 1.

ranhoada, fressura. — Diz J. P. Ribeiro, *Dissert.*, IV, 2.ª parte, 2.ª ed., p. 138, que ser *ranhoada* fressura não se prova, e que esta palavra só a achou no doc. citado por Viterbo; todavia eu acheia-a tambem nos seguintes textos: *Inquisit.*, I, 7, col. 1, *ranoadas* de cabrito, em texto latino; p. 12, col. 2, *ranuadas* de cabrito. Nas *Leges*, I, 473: *raniada* de cordeyro, var. *ranhoada*.

rapazia *(Dicc. portat.)*. — Não se póde aceitar sem mais o que o A. diz.

rascar, das vozes, etc. — Nas *Leges*, 425 (foral de Urros): «si fuerit puella in capillo aut cum touca et venerit *rascando per illa cal*» *(cal* «rua». O foral tem influencia hespanhola na linguagem).

raso. — Diz Viterbo: «*raso*, medida ou alqueire, que, segundo o *Censual dos vot(os) do Porto*, leva $^3/_4$ de alqueire corrente, menos $^1/_2$ çalamim». Mas nas *Inquisit.*, I, 129 (Aguiar de Riba de Lima), lê-se: « . dant pro fossadeira . .: j. alqueire *a raso*».

rausador. — O «antiquissimo poema da perda de Hespanha», isto é, o célebre poema de Cava, de que o P.ᵉ Viterbo fala, ninguem já hoje o cita, por ser apocrifo.

ray'a, rainha. — Entenda-se: *raĩa.*

rayal, real. — Lopes Fernandes, *Moedas*, p. 49, referin-

do-se ao texto viterbiano, transcreve *royal d'ouro*, por se referir a moeda francesa.

real. — Vejam-se as notas de L. Fernandes á 2.ª ed. do *Elucidario*, e sobretudo Aragão, *Moedas*, indice.

rebentina. — Vid. *rebentinha.*

rebora, I a IV, e **reborar.** — Cf. as minhas *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 79-86.

reconecer. — Lede com *nh.*

rega. — Deve ser êrro em vez de *regra.*

regaengo. — Do assunto tratou desenvolvidamente G. Barros, III, 462 sgs.

relhinquir. — Deve estar em vez de *relinquir*, que tambem no *Elucidario* encabeça um artigo.

rendar, pagar rendas e pensões. — Tambem por «arrendar»: *banhos rendados*, sec. XIV, nos *Archivos de hist. da Medic.*, VI, 157.

resaiu, rocío. — Talvez em vez de *ressiu* (ressio).

reto, desafio, etc. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 375.

rigo. — Pronunciai: *rijo.*

rotela, rompimento. — Cf. *Leges*, p. 362.

ruxoxô, voz com que se enxotam as aves. — Isto é, *ru-xô-xô.* Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 166.

S

sacaria. — Viterbo refere-se á Cronica de D. João I, por Fernão Lopes (I, cap. 91), mas na ed. de Braancamp Freire lê-se *sajaria.*

Sacramor *(Dicc. portat.)*, nome de homem. — No *Memorial* de Jorge Ferreira de Vasconcellos lê-se *Sagramar*, rei cavalheiresco e lendario.

sal finto. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

salvagina. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

Sandeto, bispo, sec. X. — O doc., de que Viterbo se serviu, foi depois publicado nos *Dipl. et Ch.*, p. 48, linha 3, e aí se lê *Sandecus*, com a var. *Sandetus.* O P.ᵉ Viterbo faz no artigo muitas considerações impertinentes.

sanhoanesios. — Vid. uma nota de J. P. Ribeiro. Cf. *Leges*, p. 192.

Sanomede. — Suponho não será *Sã Omede*, mas *Samamede.*

santoane. — Vid. a observação de J. P. Ribeiro.

sayom. — Acêrca do «antiquissimo poema da perda de Hespanha» falou-se supra, s. v. *rausador*; e vid. já tambem o que disse J. P. Ribeiro nas *Dissert. chron.*, I, 181.

scaan, certa medida. — Nas *Inquisit.*, I, 543, lê-se *scaa* (= scãa) *butiri*, isto é, «de manteiga».

scolfito, vaso *scolfito*, que tem scultura. — Deve ser *scolpito*, do lat. sculpere (sculptus).

scorzo, corticeira, vasilha de cortiça *(Dicc. portat.)*. — Cf. *Inquisit.*, I, 543, col. 1.º (1258).

secunda. — Diz J. P. Ribeiro que é mais natural entender-se por centeio.

see. — Diz Viterbo que *seer* faz no imperativo (quis dizer: conjuntivo) *segaa*. Claro está que *g* vale por *j* aqui.

seenda. — No fim do artigo lê-se: «O hespanhol diz *senda* por *entrada*, ou caminho». Êrro tipografico por *estrada*.

segitorio. — Entenda-se *sagittario* ou *sagitario*.

sem, não. — O texto é: *sem declarando*, melhor seria traduzir por «sem declarar», pois temos aqui *sem* com participio. Cf. Epiphanio Dias, *Synt. hist.*, p. 250.

Sem, sobrenome de familia. — Viterbo tira de *Senso* ou *Acenso* a palavra. Num dos documentos, que cita, lê-se *Joham d'Osem* (sec. XV), o que destroe a hipotese.

semedeiro, caminho estreito. — Não de *semi-iter*, como o A. diz, mas de semitarius (de semita). Cf. hesp. *sendero*. — Talvez a nossa palavra seja *sendeiro*.

senhos. — O proprio Viterbo dá outro exemplo d'esta palavra s. v. *alganame*, sec. XIII.

Sepulcro. — Menciona Viterbo o rio *d'Om*. Acêrca d'este nome vid. a minha obra *De terra em terra*, I, 154-155.

sergente. — Vid. *Leges*, p. 357.

sêriga. — Já Candido de Figueiredo emendou no *Novo Dicionario* para *sésiga* (séssiga).

serviçal. — Vid. *Leges*, 462 *(servicialis)*.

sésega (séssega), assento .. não só de qualquer edificio, mas tambem de arvores. — J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.*, IV, pt. 2.ª. 2.ª ed., p. 140, anotou que *séssega* se chamava o direito que tinha o dono de uma arvore em terra alheia de plantar outra, mas Gama Barros objectou, em conversa comigo, que o que diz Viterbo está bem, e que o que diz Ribeiro está mal. O proprio Ribeiro fala de *séssega de moinho*. Vid. tambem Herculano, *H. de P.*, I, 539 (nota XXI do fim do volume).

sesmar, repartir as terras que deviam ser dadas de

sesmaria. (*Dicc. portat.*). — Cf. *sesmo* e *sesmar*, no *Suppl.*, s. v. *dizima;* e no Alentejo *sêsmo* «limite».

sesmaria. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 243 sgs.; e G. Barros, III, 699 sgs. Da etimologia de *sesmo*, etc., tratei nas *Lições de Filolog.*, 2.ª ed., p. 300. A data «1475» do doc. citado por Viterbo a p. 320 está errada (G. Barros, III, 709, nota 1); provavelmente, digo eu, é «1415», tendo-se tomado «1» por «7».

sipres, simples. — Lede *sĩpres.*

sobrelhas, sobre as. — Por *sôbrelas* ou *ôbrellas.*

sobresever. — O doc. diz *sobresevéram*, que é preterito-perfeito de *sobreseer* ou *sobresseer*, e Viterbo fez de *sobresever* erradamente infinitivo.

soeira. — Quanto á fórma, cf. solaria em Du Cange.

soffraganya. — Pronunciai *soffragãia,* pois falta til, como o S.^or^ Epiphanio já lembrou. Neste doc. menciona-se *Santo Tisso,* que na 2.ª ed. Inocencio pergunta se deverá ler-se *Santo Tirso.* Não, parque *Tisso* é fórma arcaica, foneticamente regular, e bem documentada: cf. *Antroponimia,* 533.

soieira, oficio de caçador de coelhos, a que chamam *espera.* — Cf.: «conilarius qui fuerit ad *sogeiram*», nas *Leges,* p. 407, col. 1, e «coelheyro que for a *sugeyra,* e aló maer», p. 408, col. 2, o que se repete a p. 713; «coelheiro que for a *çugueira,* e alá dormir, dê um fole de coelho», p. 642, col. 2. Etc.

solairo. — Lede *salairo.*

solam, prazer. — Deve ser *solaz.*

solar. — Em dois sentidos tomou o P.^e^ Viterbo a palavra *solar:* 1) berço de familia nobre; 2) herdade etc. em que seu dono tinha homens assalariados. Sobre o sentido d'esta palavra vid. tambem: Villasboas, *Nobiliarchia port.*, 1.ª ed., p. 148 sgs. (cap. 16); e Godoy y Alciolára, *Apellidos,* p. 47 e nota.

solaroso. — Emende-se em *solazoso,* pois vem de *solaz.* Cf. ainda em hesp.: *solazoso.*

soldo. — O soldo entre nós era moeda de conta, e não efectiva.

sortelas, I e II. — Lede com *lh:* cf. os meus *Opuscul.*, I, 566.

spremuntar. — No mesmo doc. em que se lê *spreguntar.* Provavelmente êrro em vez d'esta palavra: com *m* em vez de *g,* por influencia do *m* de *spreguntamos,* pois o verbo se cita na 1.ª pessoa do plural.

stevadamente. — Cf. a nota de J. P. Ribeiro.

subricio. — O nosso A. faz neste artigo uma das suas freqüentes e pouco apreciaveis divagações. Se Viterbo, a proposito de *gallinarius*, diz que esta palavra póde ser alteração de *gillonarius*, oficial palatino no tempo dos Godos, porque é que insiste em explicar literalmente *gallinarius?*

subrregano. — Cf. *Inquisit.*, I, 133, col. 2.ª, onde vem tres vezes *subregao* (sem til).

summario, besta de carga. — Cf. em fr.: *bête de somme.*

T

talha de fuste, cavaco ou ramo em que se gravavam sinais, como documento de divida, ou recibo. — É uma das fórmas de escrita, de caracter primitivo, de que tenho reunido muitos exemplos portugueses. Em Trás-os-Montes chamam a estes objectos *talas*, os quais são destinados a marcar coimas do gado. Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 235-236.

talhante. — Lede *talante*. Cf. os meus *Opuscul.*, I, 567.

talho de peixes. — O foral de Atouguia, a que o P.e Viterbo se refere, foi depois publicado nas *Leges*, p. 452. Explicar *tuphis* por *thunus* é absurdo. O A. é quasi sempre infeliz nas explicações etimologicas, porque muito gosta de explicar.

tambeira, e **tameira,** madrinha das esposadas, sec. XIV, e ainda no tempo do autor. — De *tamo* ou *tambo*, como este diz. Étimo: thalamus. O *b* explica-se como em *tombo* (arquivo etc.) de tomus, e em *primbo* (pop.) de primo.

Tampelo. — Pronuncie-se *támpelo* (Templo).

tausar. — Foneticamente explica-se bem por taxare, embora devamos admitir que não provém dos primordios da lingua, senão terminaria em *-eixar*.

teeya, tinha. — Entendei *teeĩa*.

tegeremo, trigessimo. — Certamente é palavra não bem lida; talvez abreviatura.

teiga, em seis artigos. — Cf. *taiga*, 1224, nas *Leges*, p. 600, e *ataigar*, supra, s. v. «ateigar».

tempam, tempo. — Não haverá êrro de leitura?

terradego, terradigo. — O acento tónico é no *a*. Vid. sobre a materia: G. Barros, III, 473, nota 2. E cf. *Inquisit.*, I, 128, col. 2.ª, sec. XIII.

terreo, terra inculta, etc. — Póde ser que seja *terrẽo*, palavra arcaica já conhecida.

testaçom. — Cf. *testazom britada* nas *Leges*, p. 628.

testemoyo. — Entende-se que *y* tinha til.

tia. — Entende-se *tĩa*.

tiraz. — Cf. *pannos tirazes* no *Dipl. et Ch.*, n.º 168.

todolhos. — Lede *tôdolos*.

tômboro: «no dialecto da Terra de Bragança era antigamente o mesmo que *comoro*». — De tumulus, no sentido de «eminencia de terra». Abstraindo do *t*, a relação fonetica é a mesma de *cômoro* com cumulus.

tornar hi. — Cf. *Dissert. Chron.*, II, 247 (D. Denis).

trabolhar. — Deve ser má escrita de *trabalhar*.

tralhado. — Isto é: *trallado*.

trastempar, passar além do tempo. — Cf. *tras tempo* e *tempo traspassado* nas *Leges*, II, 25; e no Canc. da Bibl. Nac. (ant. CCB), 397:

ca passou temp'e *trastempados* son.

trebelhos, peças de jogo de xadrez; jogo, desenfado, etc. — Cf. *Demanda do santo graal*, p. 14: como rey Artur fez armar o *trabelho* em campo de Camaalot; como el rey partio aquel *trebalho* (trebelho).

trebolas. — Cf. G. Barros, III, 632, nota 5.

troucar, trouciar. — Cf. *Leges*, p. 465 e 601.

troxel. — Cf. *Leges*, pp. 261 *(trosello)*, 427, 371 *(troseleiro)*.

V

varga. — O *g* vale *j* aqui.

vassallo. — Cf. tambem Fortunato de Almeida, *H. de P.*, I, 379.

vedro, vala, tapume. — Infelizmente o P.e Viterbo não menciona nenhum documento.

veiza, hortaliça, etc. — Emende-se em *verza* «verça».

venda, percentagem que se pagava. — Cf. G. Barros, III, 596, nota 1.

vendima, vendimha. — Pela segunda fórma entenda-se *vendímia*.

ventes. — É participio do presente, no plural: lat. videntes.

verede. — O doc. em que o P.e Viterbo se funda vem nos *Dipl. et chart.*, n.º 53, p. 31; mas a etimologia que ele dá, e a

explicação baseada nesta, não vejo que fundamento tenham, ainda que *verede* se leia *vérede* (viride).

vermem. — Leia-se *vérmem* («verme»). Cf. em ital. *vérmine.*

vessada. — O P.[e] Viterbo propõe freqüentemente, como já sabemos, várias explicações de uma palavra. No presente caso, a primeira é que é a boa (versata). Cf. *Inquisit.*, I, 544; e G. Barros, III, 847.

via. Preterito de venia. — Lede *vĩa.*

via e vina, vinha. — Lede: *vĩa* e *vinha.*

vida, direito que consistia numa porção de victualhas para o rei. rico-homem, etc. — Cf. Herculano, IV, 148, nota 1. Outro exemplo: .. se el Rey for a Toy (Tuy) .. darem li meio maravedi et *vida* [para a mesa d'ele] e cevada [para os cavalos], *Inquisit.*, I, 308, e seguem-se outros exemplos. Vid. a mesma colecção, p. 125, 307, 313.

viliar, desprezar. — Emende-se em *viltar.* Cf. o proprio *Elucidario*, s. v. *vilta*, e *viltança.*

viner. — Vid. RL, VII, 309.

vinho mole, mosto. — Cf. *Inquisit.*, I, 325, sec. XIII.

vio, 1308. — Lede *vĩo*, como o S.[or] Epiphanio já emendou

viso. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

untre, «entre». — Cf. noutros textos antigos *ontre.* Se não ha êrro de letra, isto é, *u* por *e*, temos ali *u* por *o*, como já vimos noutros artigos.

volta, briga. — Cf. *Leges*, II, 3 e 4. — Cf. *revolta.*

voz e coima, VII. — Cf. *Inquisit.*, I, 3, col. 1.[a]: *cum voce et calumpnia.*

vozeiro, advogado, etc. — Cf. nas *Flores de dereyto*, p. 17 (ed. de P. Merêa): .. uozeyros .. en latin advocati ..

uxi. — Isto é: *u-xi.*

Y

yxeco, molestia, etc. — Vid. *execo.*

Z

Zaadona, senhora, mulher livre, forra, ingenua. — Para dar esta definição alega o P.[e] Viterbo um doc. de Salzedas, de 1258, que diz: «Se quiser ser Zaadona Christiana, que a bapti-

zem, e lhe dem de vestir, e lhe fação bem». Mas é claro que temos ali: se *Zaadona* (escrava não bàtizada) quiser ser cristã, etc.

zegoniar. — Este artigo dá, só por si, exacta ideia do metodo que o P.e Viterbo, por outro lado tão benemerito, falsamente e a miudo adopta nas suas obras, quanto ás ideias, e quanto ao estilo. — A proposito do que ele diz do uso de freio como castigo, vid. os meus *Opusculos*, I, 473-474.

Não farei deminuir os meritos de Viterbo, assinalados no comêço do presente trabalho, se eu acrescentar que temos visto no decorrer d'este: 1) que o autor do *Elucidario* tem pouca crítica; 2) que arquitecta definições, partindo de etimologias arbitrárias; 3) que gosta de apresentar, ao mesmo tempo, várias hipoteses arbitrárias e desconexas; 4) que não raramente sái do seu campo especial, difundindo-se em invectivas morais, por exemplo, s. vv. *scola* e *vontades*, até parecendo ás vezes que está a fazer sermões. Ainda assim deixei de anotar muitas palavras suspeitas de não estarem bem lidas, por exemplo: *desarro, descadamente, tepés*, e outras que estão manifestamente mal ortografadas, mas que o proprio autor se encarrega de fazer seguir da lição boa, por exemplo: «*toler*, o mesmo que *tolher*». Aos êrros ou lapsos do *Elucidario* adicionou Inocencio na 2.a ed,, por exemplo, outro, fundindo num só artigo, s. v. *canhamaço*, o que o P.e Viterbo dissera em dois: s. v. *canhamaço* e s. v. *canistel*.

*

Em todo o decurso do *Elucidario* transparece certa candura ou pureza d'alma, e certa idealização dos primitivos tempos e costumes da Igreja. O P.e Viterbo era um *laudator temporis acti!* um fantasiador da perfeição da vida monastica! D'aqui nasceram as invectivas a que me referi acima, disparadas contra os abusos do clero e o luxo mundanal.

Além do valor lingüistico, a obra de que estou falando é indispensavel fonte de Etnografia, pois nela se mencionam muitos usos antigos que ao investigador do nosso *Folk-lore* importa conhecer. A obra seria ainda maior, se muitos vocabulos que aparecem nos textos, e não foram alfabetados na série geral, se adicionassem aos que o foram. Tambem o P.e Viterbo dá noticia de muitos vocabulos dialectais arcaicos e modernos.

O *Elucidario* deveria sub-intitular-se *de palavras que antigamente se usaram*, e não *das palavras*, pois não estão lá todas, só algumas, embora muitas.

APENDICE AO TRABALHO PRECEDENTE

I

Correcções feitas ao "Elucidario„ por Epiphanio Dias

Nos magnificos «Excursos», que o S.[or] Epiphanio Dias juntou á sua edição das *Obras* de Ch. Falcão, Porto 1893, edição de que o S.[or] Theophilo Braga, aí justamente censurado, chasqueia sem rebuço (1), ha umas dezenas de correcções feitas ao *Elucidario*, que devem ser tomadas em consideração por quem se abalança a reimprimir criticàmente esta obra. Algumas das correcções mencionei-as já na 1.[a] parte das minhas «Observações» (vid. RL, vol. XXVI), por exemplo, s. vv. *apeiro*, *badounas* (alíás *bandounas)*, *breviorio*. Outras escapou-me mencioná-las, s. vv. *afruitenegar*, *antreluiado*, *ávi-*

(1) O S.[or] Th. Braga, apesar de nos seus primeiros tempos de escritor haver publicado uma Gramatica portuguesa, e de propor a cada passo nas suas obras explicações etimologicas (fantasticas! note-se de passagem), nunca perde ocasião de dizer mal da Filologia (porque não a conhece! já se vê). Tambem se tem metido a fazer edições de autores antigos, a que chama *criticas* («edições criticas», em sentido filologico, isto é, relativamente ao texto): e assim, fez uma das *Obras* de Falcão em 1871. O S.[or] Epiphanio, na ed. a que me refiro no texto, notou muitos êrros naquela, e emendou-os. Th. Braga sentiu-se ferido, e procurou despicar-se, como costumava. Em 1915 fez nova ed. das *Obras* de Falcão, e a p. 187, referindo-se a Epiphanio Dias, diz que o texto se fragmenta aí «ao grado de variantes e annotações grammatologicas que prejudicam o encanto da lęitura». Na *Atlantida*, ano I, p. 809, torna a falar d'essas «inuteis anotações gramaticais». Ora, sem as tais anotações, que tão rude e inconscientemente julga, o texto ficaria por vezes ininteligivel! Mas o mais curioso é o seguinte. Th. Braga na sua ed. de 1915 aproveitou todas ou

das, *bragel*, *compoondor*, *consolar*, *cigo*, pois as minhas correcções fi-las espontaneamente; mas aqui fica reparada a omissão. Outras, emfim, vão notadas nesta 2.ª parte.

O S.[or] Epiphanio, por se servir da 2.ª ed. do *Elucidario*, á qual Inocencio acrescentou arcaismos colhidos noutros vocabularios (como declara na advertencia preliminar), atribuiu

---

quasi todas as emendas que Epiphanio fizera em 1903 á ed. de 1871, por exemplo:

Edição de Th. Braga de 1871	Emendas de Epiphanio em 1893	Adopção das emendas de Epiphanio por Th. Braga em 1915
—	—	—
serviam, est. 12	*servirão*, p. 29	*servirão*, p. 69
o fim, est. 15	*a fim*, p. 31	*a fim*, p. 70
virgula, est. 18	corrige-se em «?»	aceita-se «?»
disse, est. 35	*dixe*, p. 42	*dixe*, p. 76
diria (2 vezes), est. 39	*dezia*, p. 44	*dezia*, p. 78
he hi, est. 45	*ha hi*, p. 48	*ha 'hy*, p. 80
em outro tempo, est. 49	*em outros tempos*, p. 50	*em outros tempos*, p. 81
para, est. 57	*pera*, p. 54	*pera*, p. 84
em o sentir, est. 64	*em sentir*, p. 57	*em sentir*, p. 85
recea, est. 68	*desseja*, p. 58	*deseja*, p. 86

O leitor que busque outras. — Por tanto: se Th. B. tinha como inuteis as correcções, para que foi que as aproveitou? E se as aproveitou, porque foi que lhes chamou inuteis? Não póde sair do dilema.

porém sem razão ao P.e Viterbo êrros que este não cometêra, pois pertencem aos acrescentos de Inocencio, por exemplo: *demoes* (demões), *dulcidoe* (-õe), *jazeo* (jazco), *tortozes* (tórtores).

II

ADITAMENTO ÁS «OBSERVAÇÕES»:

alças. — Cf. G. Barros, IV, 225, e nota 4.

arenzada, na 1.ª parte das «Observações». — Tambem em dcs. latinos de Hespanha: *arenzata* (sec. XI), etc., mod. *aranzada*, «primitivamente cantidad que se puede comprar por un arienzo»: Pidal, *Origenes del español*, p. 279.

arenzo, na 1.ª parte das «Observações». — Cf. Jud in *Zs. f. rom. Philol.*, XXXVIII, 34.

boas «bens». — Já o S.or Epiphanio emendou esta palavra em *bõas*, ed. de Falcão, p. 104.

bravidoe. — Emende-se em *bravidõe*, como o S.or Epiphanio já fez, *loc. citato*.

cagem (no *Dicc. portat.)*. — Emende-se em *cajem*.

capdal. — Cf. Herculano, *H. de P.*, III, 368, nota.

censo. — Cf. Herculano, III, 368, nota.

ciclatom. — O doc. mencionado na 2.ª ed. do *Elucidario* como de 1145, é de 1147, como eu disse na 1.ª parte das «Observações», RL, XXVI, 137, consoante está na 1.ª edição. — A respeito d'esta palavra vid. *Zs. f. rom. Philol.*, XLVII, 438, onde Dimitri Scheludko estuda a correspondente palavra provençal *sisclaton*.

coleiça, na 1.ª parte das «Observações». — Emende-se em *coleita* «colleita», como propõe o S.or Epiphanio Dias, ed. de Falcão, p. 100.

colheiceiro. — Emendado em *colheiteiro* pelo mesmo sabio filólogo, ibidem.[1]

decimas. — Vid. Costa Lobo, *Hist. da socied.*, p. 281, nota 1.

desamão, na 1.ª parte das «Observações». — É palavra mui usada, eu proprio assim digo freqüentemente.

dieiro, «dinheiro». — Isto é: *dĩeiro*, como o S.or Epiphanio tambem já emendou, *Falcão*, p. 104.

encarar, fazer concluso (o feito). — Leia-se *ençarrar*, como o S.or Epiphanio, *loc. cit.*, emendou.

Eidaya (Idanha), na 1.ª parte d'estas «Observações». — Emende-se em *Eidãya*, como o S.or Epiphanio já fez.

nabão. — Com a variante *nabalum* lê-se nas *Inquisit.*, I, 34, *navaum* (= navão), e 114: *novao*. A lição *navaum* aparece tambem noutros lugares: vid. A. Sampaio, *Estudos hist. e econom.*, I, 329 (nota), 331, 334, etc. Mas cf. p. 339.

III

Erratas da 1.ª parte:

— A p. 116, s. v. «Alcobaça», linha 1.ª do artigo, emende-se «inscrições *romanicas*» em *romanas*.

— A p. 124 imprimiu-se *badounas* em vez de *bandounas*. Esta palavra é do *Supplemento do Elucidario*.

— A p. 141, linha 30.ª, emende-se *do artigo* em *dos artigos*.

IV

Não pareça dos meus reparos criticos (mais uma vez o digo!) que desejo apoucar os reconhecidos meritos do P.e Viterbo. Muito longe d'isso! Como poderia eu pensar em tal, se freqüentemente, e de ordinario com proveito, consulto o *Elucidario*? Criticar não é depreciar, é fazer esforços para atingir a verdade.

Lisboa, 1929.

J. Leite de Vasconcellos.

Sur l'origine de quelques coutumes portugaises populaires

I

Roulement sur le sol

Au Portugal, comme dans beaucoup d'autres pays, le roulement sur le sol est un des procédés de la médecine populaire; ainsi pour se débarasser des maux d'estomac, il s'agit de se rouler sur la terre au moment où le coucou commence son chant (1). Hermann Urtel, *Beiträge zur portugiesischen Volkskunde*, Hamburg 1928, 59, explique cette coutume comme un acte d'absorption de la force curative de la terre. Il est possible pourtant que le fond de l'usage en question consiste dans la tendance de faire passer au sol la maladie, envisagée dans la pensée populaire comme un principe matériel. La transmission de la maladie par contact à un objet quelconque est un procédé fort répandu dans la superstition primitive (2). H. Urtel présume (ib.) qu'en tout lieu et en tout cas le rite du roulement sur le sol se réduit à l'acte de l'absorption de la force de la terre (Kraftübernahme). Il repousse l'interprétation de Wilh. Mannhardt, qui voit dans ce geste un procédé de la magie agricole, dont le but est de communiquer de la fertilité au champ: l'homme qui roule représente l'esprit de la fertilité. Il me semble que H. Urtel confond deux actions différentes: le roulement comme moyen médical populaire de transmission de la maladie au sol et le même mouvement comme magie de fécondité, qui consistait autrefois dans le rapport sexuel au champ en vue de communiquer de l'abondance à la végétation (au blé, aux graminées). La conjecture d'Urtel que le roulement poursuit l'assimilation des forces bienfaisantes de la terre trouve sa réfuta-

(1) *A Tradição* (Serpa), III, 176.

(2) Frazer, *The Golden Bough*, third edition, Part VI, The Scapegoat L. 1925, p. 1-71.

tion dans la coutume russe — on fait rouler les prêtres en vêtements sacerdotaux dans le champ — en ce cas il est évident que c'est du prêtre remplaçant l'ancien sacrificateur ou le chaman, que s'exhale la force magique et passe dans la terre (1).

II

Superstitions rattachées aux balayures

D'après une croyance populaire portugaise il ne faut pas balayer les ordures hors la cabane à midi ou le soir, mais il faut les laisser à la porte, car avec les balayures on pourrait jeter dehors le bonheur (Urtel, 77). Urtel se demande à ce sujet si les ordures ne représentent pas la demeure des esprits de la fécondité. La plupart des peuples indo-européens considèrent les ordures comme résidence des esprits domestiques ou celle des âmes des aïeux (2). Ceux-ci protecteurs reconnus des parents restés en vie, ayant l'habitude de se réunir aux coins de la chambre et ailleurs aux moments déterminés (à midi, à minuit), il ne convient pas alors de jeter les ordures hors la maison.

III

Dangers du miroir

En 1403 encore la loi D. João interdisait aux chrétiens «lance varas, nem faça circo, nem veja em espelho» (Urtel, 77). Les tout petits enfants ne doivent pas se regarder dans la glace, sinon ils apprendront tard à parler (ib). Nous trouvons une superstition analogue en Allemagne (3). Urtel croit

(1) Du roulement dans les champs de la Russie voir D. Zélénine, *Etnograficnyj Visnyk (Messager ethnographique)*, v, 1927, 1-10 (en ukrainien); en Pologne: Bystron, *Zwyczj e zniwiarskie W. Polsze*, Kraków 1916, 93 ss., 242 ss. Sur l'usage en général — Frazer, *The Golden Bough*, Part I, 2, 102 ss.

(2) *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, I, 1927, 132; E, Fehrle, *Hess. Blätter für Volkskunde*, XI, 1912, 215 ss.; P. Sartori, *Sitte und Brauch*, III, 114, n. 7.

(3) Wuttke, *Der deutsche Aberglaube*, 3e éd., 3, p. 392, § 600.

que le peuple attribue à l'influence diabolique la propriété des miroirs de réfléchir l'image des objets. En réalité dans la croyance populaire l'image de l'homme dans la glace, n'est autre chose que *l'âme* de celui qui se regarde; tout pareillement certains peuples voient dans la photographie, ou dans le portrait, l'âme de l'homme, son sosie. Il ne faut pas se regarder sans besoin pressant dans la glace — cette prescription se répand surtout sur les enfants et les femmes en couches etc. — pour ne pas exposer l'âme aux dangers suscités par les mauvais esprits. L'interprétation populaire enchaînant le miroir avec le diable est une rationalisation plus tardive (1).

IV

La grenade comme symbole du bonheur et de la fertilité

Il existe au Portugal un usage de servir à l'Epiphanie, le 6 Janvier, une grenade, dont une moitié est consommée, et les pépins, en guise de porte-bonheur, partagés entre convives, tandis que l'autre partie est suspendue avec une pièce de monnaie enfoncée dans sa chair et rest ainsi jusqu'à l'année prochaine (2).

Urtel n'explique pas pour quelle raison la grenade est considerée comme symbole de l'abondance et de la fécondité. Je présume que ce fruit aux multiples pépins, semblable au pavot et à d'autres plantes pourvus de nombreuses graines, a inspiré l'imagination populaire à en créer le symbole de la fécondité et le moyen de relever la productivité de la nature et de l'homme (3). D'après Hippocrate la grenade contribue à

(1) Du miroir dans la superstition populaire voir: Haberland, *Der Spiegel im Glauben und Brauch der Völker*, Zeitschrift für Völker-psychologie, XIII, 1882; v. Negelein, *Bild, Spiegel und Schatten im Volksglauben*, Arch. für Religionswissenschaft, V, 1902, 1-37; Samter, *Geburt, Hochzeit, Tod*, Leipzig 1911, 134 s.; Frazer, *The Golden Bough*, third edition, Taboo, etc., 94 ss.; Róheim, *Spiegelzauber*, Leipzig-Wien, 1919.

(2) Urtel, 35, 45.

(3) Murr, *Pflanzenwelt in der griech. Mythol.*, Innsbruck, 1890, 50 s.

la conception (1). Dans la noce antique grecque le grenadier jouait un rôle connu (2). En général cet arbre est lié avec le culte d'Aphrodite (3).

V

Saint Hilarion (Santo Hilario) et les vierges défuntes

Conformément à la croyance populaire St. Hilarion déflore les jeunes filles mortes sans avoir connu l'amour (Urtel, 49). Comment a pu surgir une telle croyance? Je la rapproche à la coutume de célébrer la noce aux funérailles des jeunes filles et garçons morts non mariés. Cet usage a été étudié par Otto Schrader dans son livre «Totenhochzeit», Jena 1904. En Ukraine le rite funéraire a conservé jusqu'à nos jours les éléments de la solennité nuptiale qu'il faut voir dans la robe et la coiffe particulières aux mariées, dans l'anneau de mariage, etc. (De nombreux matériaux ont été recueillis par Tsherwiak dans ses articles imprimés dans les revues scientifiques ukrainiennes). O. Schrader établit un lien entre les noces posthumes de femmes non mariées ou des célibataires et la foi primitive de l'obligation absolue du mariage aussi bien dans l'existence d'ici-bas que dans celle d'outre-tombe (4). Il me semble que le même principe ait donné naissance à la croyance populaire de St. Hilarion dépouillant les vierges mortes de leur chasteté.

VI

Monceaux de pierres comme sépulcre

L'usage répandu au Portugal de jeter des cailloux, du bois mort, des broutilles sur les tombeaux des morts est traduit par Urtel, p. 52-53, comme un sacrifice aux âmes des

(1) Hippocr., III, 580, Fuchs.
(2) Eriph. ap. Athen, II, 84c.
(3) Baudissin, *Studien zur Semit. Religionsgesch.* München, 1906, 1369.
(4) Voir aussi E. Fehrle, *Kultische Keuschheit*, Giessen 1910, 19, n. 2.

défunts. Il me semble que cette coutume a pour origine l'anciene institution de la lithobolie, c'est à dire celle de la lapidation des criminels (1); primitivement les monceaux de pierres s'érigeaient au-dessus des tombeaux des hommes péris d'une mort violente ou prématurée.

En effet la Bible mentionne déjà la coutume de jeter des pierres sur les tombeaux des criminels (2). Les pélerins des premiers siècles du christianisme décrivent les amas de pierres qui recouvrent en Palestine les tombeaux des morts odieux au peuple: chaque passant lance un caillou dans le tas (3). Ce n'est pas en vain qu'à l'heure actuelle en Grèce le voyageur passant devant un tas de pierres y lance un caillou en prononçant une malédiction à l'adresse de l'ennemi (4). Chez les Slaves il existe l'usage de jeter des cailloux, des branches de la paille sur les tombeaux de défunts péris d'une mort violente (5), dans le but de détourner leur colère et vengeance. La coutume portugaise qui consiste à jeter une pierre en passant devant la croix, indiquant un lieu de meurtre me semble refléter las plus ancienne phase de développement de l'usage en question. Ce n'est que plus tard qu'il acquit la signification d'un sacrifice propitiatoire à l'âme du mort. Celui qui lance la pierre participe pour ainsi dire à l'inhumation du dangereux défunt: criminel, suicidé, noyé, etc.

EUGÈNE KAGAROV,
Professeur à l'Université de Leningrad.

---

(1) Sur l'institution de la lapidation voir R. Hirzel, *Die Strafe der Steinigung.*, Abh. d. Sächs. Gesellschaft d. Wiss., XXVII, 1909, 255 ss.

(2) Josua, VII, 2, Regum 18, 17.

(3) *Archiv für Religionswissenschaft*, XII, 1912, 137.

(4) B. Schmidt, *Steinhaufen als Fluchmale.* Jahrbücher für Philologie, CXLVII, 1893, 369, 395, par le même auteur, *Neugriech. Volkskunde*, Neue Jahrbücher für d. kl. Alt., 1911, 662 ss.

(5) Zélénine, *Etudes de la mythologie russe*, 1916, 29 ss. (en russe); Murko, *Wörter und Sachen*, II, 1910, 159 ss.

A língua portuguesa na nossa Índia

Muitas são as variantes — gramaticais, semânticas e simplesmente vocabulares — que apresenta o português da nossa Índia, e lógico é na realidade que assim aconteça. Em homens distanciados da metrópole centenas de léguas, e sem comunicações directas com ela, dificilmente lá se fará sentir a influência das cambiantes que sucessivamente vai mostrando a língua-mãe na sua constante evolução; em regiões de clima muito diverso do português, com fauna e flora em nada semelhantes às da Europa, habitadas por povos bastante afastados dos latinos, com usos, tradições e costumes completamente diferentes dos nossos, é-se lá obrigado ao emprêgo de nomes de muitíssimos objectos, actos e cerimónias que em Portugal nem sequer se conhecem, ao passo que têrmos de uso trivial entre nós hão-de forçosamente desaparecer nos territórios indianos pela desnecessidade do seu uso. Tudo isso concorre naturalmente para que as diferenciações lingüísticas se vão avolumando cada vez mais, muito embora o nunca desmentido patriotismo dos habitantes da Índia Portuguesa reaja sem cessar no sentido de não haver divergências na língua que todos nós, Portugueses, falamos.

Como o conhecimento das variantes de uma língua pode prestar valiosos serviços à Filologia, aqui deixo arquivados, satisfazendo os desejos do Sr. D.or Leite de Vasconcelos, alguns têrmos ainda não recolhidos nos nossos dicionarios, e modos de dizer que diferem dos que usamos na metrópole. Junto umas nótulas elucidativas dos textos transcritos, baseadas nas informações que me foram prestadas por alguns Indianos, nomeadamente pelo S.or Mariano Gracias, o inspirado poeta da *Terra de Rajáhs*, Revisor da Imprensa Nacional de Lisboa, natural de Goa, onde residiu até os 20 anos, tendo depois voltado à terra natal e lá permanecido cêrca de quatro anos; as suas explicações foram para mim preciosíssimas, e deixo-lhe aqui consignado o meu profundo reconhecimento.

Nos textos que reproduzo ocultei propositadamente os nomes das pessoas, com as quais nada têem os assuntos que verso.

*
* *

«O Sr. F..., festejando a tornaboda de suas filhas D. R... e D. F..., teve em suas casas, em Navelim, uma *matinée* muito animada e bem servida, dançando-se os convidados a valer entre finos serviços e aos acordes da conhecida orquestra da Banda Central.»

(A India Portugueza, n.º ?)

tornaboda. — Assim se denomina entre os católicos da Índia a repetição dos festejos comemorativos do casamento, o que se efeitua em regra uma semana depois da celebração do matrimónio, mas às vezes, mormente nas aldeias, bastante tempo depois, em geral com o fim de fazer coincidir êsses festejos familiares com qualquer festa religiosa e popular da localidade. O baile e o banquete de núpcias são tradicionalmente dados em sua casa pelos pais de um dos recem-casados — quási sempre pelos pais do noivo —, e a tornaboda é da praxe realizar-se em casa dos pais do outro nubente.

em suas casas. — Quere dizer: nos compartimentos ou, mais rigorosamente, nalguns dos compartimentos da casa onde reside. Em Portugal usa-se essa expressão no singular: *em sua casa*, tomando-se *casa* na acepção de residência.

dançando-se. — Trata-se de um arcaismo. Em Portugal diz-se presentemente *dançando os convidados* e não *dançando-se os convidados*, mas atente-se que o emprêgo da forma reflexa do verbo *dançar*, em vez da intransitiva, ainda perdura no português metropolitano actual, em frases como esta, por exemplo: *É fraco cavaleiro: dança-se muito em cima do cavalo.*

entre finos serviços. — Significa que os convidados aproveitaram na dança o tempo que mediou entre as diversas refeições ou, melhor, distribuições de iguarias e bebidas que é de uso haver em tais festas. Em Portugal escrever-se-ia: *dançando os convidados animadamente e havendo nos intervalos um fino serviço de...*, o que é mais lógico porque a maior parte do tempo é sempre o ocupado na dança e não na comida. No citado jornal *A India Portugueza*, n.º 3049, de 15-5-1926, encontro a mesma expressão *entre finos serviços:*

«Findo o acto o Sr. F... abriu as suas salas para uma animada *conversazione*, que decorreu alegre por entre serviços finos e profusos.»

«F..., herbolar e droguista, possue segredos eficazes sobre varias doenças consideradas dificeis de cura.

Cura febres palustres e outras de mau caracter com o inofensivo emprego dos medicamentos aiurvedicos.»

(*Bharat*, n.º 48, de 26-2-1925).

«... venho por este meio cumprir o grato dever de manifestar o meu sincero e profundo reconhecimento aos Ex.^os^ médicos F... e F... bem como ao diplomado aiurvédico Sr. F...»

(*A India Portugueza*, n.º 2995, de 4-3-1925).

«Imensamente nos magoou o falecimento ocorrido em Cortalim do Sr. F.., herbolário muito procurado e acertado.»

(*A India Portugueza*, n.º 3045, de 10-4-1925).

herbolar. — O mesmo que herbolário ou ervanário.

aiurvédicos, ou **ajurvédicos.** — Subordinados aos preceitos dos *Veda* (1).

aiurvédico (substantivo). — Curandeiro que aplica os preceitos dos *Veda*.

diplomado. — Versado, experiente. A frase *diplomado aiuvérdico* entenda-se que não quer pois dizer aiurvédico que possua qualquer diploma, mas sim aiurvédico com competência para o exercício da sua profissão.

---

(1) *Wêda* — Colecção de composições poeticas lyrico-epicas, composta, na sua maxima parte, de hymnos. A palavra *Wêda* quer dizer «sciencia, saber por excelencia». Escreve-se *Wêda* no sing. e no plur. Livros sagrados dos hindús, base da sua religião, directamente revelados pelo seu Deus. São quatro: *Rigwêda*, *Samawêda*, *Yajurwêda* e *Atharvawêda*. Compõem-se de *shástras*, *purânas* e *agmans* — rezas, orações e canticos religiosos.

(*Terra de Rajáhs*, Bombaim 1925, pp. 133-134),

acertado. — Tem o significado de seguro, que sabe o que faz.

«Está de mudança, nas praias de Zalôr, a Sr.ª D. F... Mudou-se para vilegiatura anual o Sr. F...»

(*A India Portuguesa*, n.º 3048, de 8-5-1926).

«No dia 1 do corrente, seguiu para Matheran, para a sua mudança anual, S. Ex.ª o Sr. F...»

(*A India Portugueza*, n.º 3049, de 15-5-1926).

«... achando-se agora de mudança na sua vivenda do campo de Mormugão.»

(*A India Portugueza*, n.º 3046, de 17-4-1926).

estar de mudança, mudar-se. — Passar a estação calmosa.
mudança. — Veraneio.

«Consta que tem subido uma reclamação à Câmara, assinada pelos habitantes de Velim, Assolnã e Chinchinim, porque a estrada é de máxima utilidade aos habitantes dessas freguesias, pedindo à mesma que se faça urgente concêrto dessa estrada — que está a morrer — antes que se construam novas estradas, como é natural.»

(*A India Portugueza*, n.º ?)

que está a morrer. — A estrada está de tal modo intransitável que quási se pode considerar como já não existente.

«A Sr.ª D. F..., teve o seu feliz desembaraço, dando à luz um menino...»

(*A India Portugueza*, n.º 2995, de 15-3-1925).

«Após um parto laborioso, desembaraçou-se...»

(*A India Portugueza*, n.º 2997, de 28-3-1925).

desembaraço. — Parto.

desembaraçar-se. — Dar à luz.

Não se devem considerar estes têrmos como galicismos adoptados pela redacção do jornal — simples traduções do francês *délivrance* e *délivrer* — porque são correntios na bôca do povo, não se empregando vulgarmente outros vocábulos na *India Portuguesa.*

«Convenço-me de que não tenho os requisitos necessários a uma conferente, mas, confiada na extrema benevolência de V. Ex.as, atrevo-me a dizer-vos umas poucas palavras, começando por vos saudar e agradecer cativada a imensa honra que me dispensastes vindo aqui escutar-me.»

(*A India Portugueza*, n.º 3047, de 24-4-1926).

atrevo-me a dizer-vos. — Atrevo-me a vir falar perante vós, a vir apresentar-me perante vós.

«Na igreja Cuncolim, verificou-se, sob os mais fagueiros auspicios, o casamento da Sr.a D. Matildes...»

(*A India Portugueza*, n.º 3049, de 15-6-1926).

Matildes. — É forma arcaica, ainda muito em uso no povo em Portugal, mas os cultos só dizem hoje *Matilde*; na Índia até literàriamente se emprega *Matildes.*

«Tendo não poucos as suas contas muito atrazadissimas, devendo uma razoável importância...»

(*A India Portuguesa*, n.º 3045, de 10-6-1926).

muito atrasadíssimas. — Duplo superlativo, inadmissível em Portugal como linguagem de pessoas cultas.

«... a referida Comissão, depois de discutido e ponderado o assunto, resolveu que a importância do fundo exis-

tente em poder do tesoureiro da Comissão encarregada de coalhar o mesmo fundo.»

(*A India Portugueza*, n.º 3049, de 15-5-1926).

coalhar. — Reunir.

«... enaltecendo os relevantes serviços que o ilustre homenageado, como médico muito recorrido, vem prestando à sua aldea natal...»

(*A India Portugueza*, n.º 2995, de 4-3-1925).

recorrido. — A cujo conselho muita gente recorre, consultado.

«... por ser muito perto às repartições públicas e às escolas inglesas...»

(*A India Portugueza*, n.º 3049, de 15-5-1926).

perto às. — Em Portugal diz-se sempre *perto das.*

«F..., moradora de S. Tomé de Salcete, por estar desviado um título n.º 316 compreendendo 10 acções da Comunidade de Seraulim dos n.ºs 1630 á 1639, averbadas em nome do seu finado pai F... e por lhe haverem sido aplicadas no inventário a que se procedeu por óbito do dito pai, pretende renovar e averbar a seu favor as referidas 10 acções.»

(*A India Portugueza*, n.º?

aplicadas. — Na linguagem judicial da metrópole empregar-se-ia neste caso a expressão *adjudicadas* ou *partilhadas* ou ainda *aformaladas* (em virtude dos bens que depois da partilha ficam pertencendo aos diversos interessados constarem do respectivo formal).

«... vão ser arrematadas as obras de construção dum

paredão sôbre a sangria do aludido caminho ligado à loja dos herdeiros de...»

(*A India Portugueza*, n.º 2996, de 14-3-1925).

sangria. — Vala ou riacho que atravessa uma estrada.
ligado à loja. — Que passa junto à loja, que serve a loja.

«Até que finalmente, está designada em 9 de Março, a arrematação para se concluir a paroquial desta freguesia, paroquial que, não sei há quantos anos, está meio-hirta, dando o triste aspecto, principalmente aos estranhos, para se rirem dos habitantes desta freguesia, por não se importarem com ela.»

(*A India Portugueza*, n.º 2996, de 14-3-1925).

designada em. — Em Portugal emprega-se a preposição *para* em vez de *em*; *está designada para 9 de Março*, escrever-se-ia aqui.
está meio hirta. — Apenas se encontra meio edificada.

«... e bem assim da caiadura, remendaria, retelhadura e reparos invernais dos edificios a cargo do Município.»

(*A India Portugueza*, n.º 3048, de 8-5-1926).

remendaria. — Rebocos.
retelhadura. — Nova colocação de telhas, e por extensão qualquer consêrto no telhado.
reparos invernais. — Resguardos, feitos de fibra de palmeira ou esparto, que se aplicam às janelas dos prédios, a fim de defenderem as habitações das chuvas torrenciais que costumam cair na Índia, por vezes ininterruptamente durante dias sucessivos, e que tudo inundam.

« .. arrematou a sacadoria da comunidade desta aldeia...

. . . .

Na qualidade de fiador de um arrematante de umas var-

zeas de Colvá, por falecer o mesmo arrematante, requeri quita de uma varzea arrematada.»

(De um manifesto acêrca da administração da Comunidade de Salcete, datado de 14-3-1925).

Sacadoria. — Cargo do sacador, que é uma espécie de recebedor dos réditos da Comunidade. O exercício dêsse cargo é adjudicado em hasta pública, mediante determinadas condições.

Quita. — Corresponde aos nossos têrmos *quitação* ou *desobriga*.

«... raro nestas paragens, onde actos religiosos desta natureza fazem-se muito necessários...

. . . .

É destino dos homens pagar a finta ou o tributo à morte quando o Criador nos seus insondáveis segrêdos marca-lhes o têrmo da sua existência.»

(*A India Portugueza*, n.º 3049, de 18-5-1926).

«Não se pode contestar que a junta estava no seu direito de exigir que o arrematante da sacadoria, ao se apresentar para entrar na gerência do cofre exibisse documento...»

(Do manifesto atrás indicado).

Fazem-se, marca-lhes, se apresentar. — Colocação arcaica dos pronomes pessoais, usada em Portugal só até o século XVI, mas ainda persistente na linguagem do Brasil.

«Colégio em Assolná, sê-lo há aberto sob a direcção de...»

(*A India Portugueza*, n.º 3049, de 15-5-1926).

Sê-lo há. — Gramaticalmente não se compreende neste caso o seu emprêgo em vez de *será*. Na Índia porém é costume dizer-se assim.

*

* *

Na metrópole empregam-se hoje indiferentemente, na maior parte dos casos, as formas reflexas e intransitivas do verbo *casar* e assim tanto se diz *casei-me* com fulana como *casei* com fulana. Na Índia porém não se admite a forma intransitiva como equivalente à reflexa. É vulgar mesmo que pessoas idas de Portugal ao empregarem diante de indianos a expressão *casei a tantos de tal* oiçam como réplica, umas vezes dada ingènuamente, outras vezes por ironia e como correctivo ao que se reputa um crasso êrro de linguagem:

— *Quem casou?*

— *O senhor é sacerdote ou oficial do registo civil?*

*

À frase *Tens demora?* responde-se muitas vezes na metrópole: *Já vou.* O indiano — qualquer que seja o seu grau de cultura — diz habitualmente neste caso: *Já venho.* Há aqui uma confusão entre o verbo *vir* e *ir*, hoje muito difícil de corrigir, dada a freqüência do emprêgo da frase em todas as camadas sociais.

*

A *banana* é vulgarmente designada na Índia por *figo,* talvez porque certas bananas teem semelhança com um grande figo. Ao dôce tendo por base a *banana* dá-se o nome de *figada.*

*

Não se emprega na India o têrmo *cocheiro.* É sempre substituído por *bolieiro.*

*

São tambem lá completamente desconhecidos os têrmos *chapéu de chuva* ou *guarda-chuva* e *chapéu de sol* ou *guarda-sol,* ambos substituídos por um único vocábulo: *sombreiro.* Por *chapéu* só se designa o da cabeça.

*

Melancia é têrmo desconhecido na nossa India, a-pesar-de lá se cultivar a planta que dá êsse fruto. Em seu lugar emprega-se *pateca.*

*

Judia é o têrmo por que se designa o *casaco*. Para o casaco de senhora a expressão mais adoptada é *casabeque*.

*

Diz-se *mais antes* em vez de *mais cedo* e *outro um* em vez de *um outro*. Só as pessoas que tenham tido permanência em Portugal ou então os que cultivam com esmero a língua portuguesa se expressam como na metrópole.

(Comunicações verbais do Ex.mo Sr. Mariano Gracias).

Lisboa.

VICENTE DE SOUSA.

ERRATA

A p. 286, l. 10, onde se lê: «atrevo-me a dizer-vos *umas* poucas palavras,», deve ler-se: «atrevo-me a dizer-vos, *mas* poucas palavras,».

MISCELANEA

Outeiros de abadessado

Talvez alguns leitores ignorem o que tenham sido os outeiros de abadessado — torneios poéticos, que se realizavam durante três noites nos conventos de freiras, por ocasião de ser eleita a prelada.

Nos velhos tempos, e ainda depois de 1834, alguns dêsses certames foram na realidade brilhantes. Uma espécie de jogos florais dum raro pitoresco.

No século XVIII colaboraram nessas festas muitos poetas célebres. Bocage, Filinto Elísio, Tolentino e o próprio José Agostinho de Macedo terçaram aí galhardamente as armas.

Em Chelas entrou lindamente nesses concursos D. Leonor de Almeida, depois marquesa de Alorna — a nossa ilustre *Alcipe*.

Os outeiros faziam-se á noite, nos pátios dos conventos. Eram abertos pomposamente — conta-nos a primor Alberto Pimentel — em saudação á prelada, por um dos mais qualificados entre os assistentes, e, para tal fim, preferia-se a ode ou o soneto.

O terreiro regorgitava de gente. Havia lutas porfiadas entre os vários citaredos, rodeados dos seus admiradores. As janelas, as tôrres, as cornijas iluminavam-se. Das reixas, as monjas mais letradas proferiam os motes, que se diria esvoaçarem na noite estrelada como borboletas de papel de sêda. Eram versos conceituosos ou alambicados, de sabor arcádico, dignos em geral da *Fénix Renascida* ou das páginas do *Ramalhete*. Em baixo o improvisador batia palmas e declamava a glosa. Outros, de inspiração mais morosa, escreviam os versos á luz de rôlos de cêra... É claro que havia bardos enamorados, que sacrificavam a Apolo atraídos por alguma freira ou noviça, e os versos eram como falenas tontas que se iam queimar na luz de certos olhos... Pobres Tântalos, semeadores de quimeras, que afogavam os queixumes e as mágoas em vinho generoso, no doce de ovos e amêndoa ou nos rebuçados que a inspiradora lhes descia da grade — como

se viessem do céu. O maior número era, contudo, de glutões e gozadores.

Alguns aproveitavam os outeiros para desferirem flexas, que feriam e ás vezes faziam sangue; as décimas enquadravam no mote alusões epigramáticas.

Camilo descreve-nos deliciosamente um dêsses outeiros em Vairão, em 1825. O mosteiro todo embandeirado. Desde a madrugada o repique festival dos sinos. O convento enchia-se de flores, de mirto, de plantas aromáticas. Monjas, noviças, criadas, tôdas andavam numa azáfama, chilreando como aves presas e alegres. Postergavam-se as praxes hierárquicas.

A prelada consentia que lhe desfolhassem rosas sôbre a touca. Ás vezes representavam-se entremezes. Certas noviças mascaravam-se: «esta remedava um alferes de milícias, aquela um desembargador». Era natural que depois os desembargadores, em grande parte amorosos das Musas, se vingassem á noite no outeiro com alguma décima que zumbisse como as vespas.

A essa festa de Vairão concorreram, diz Camilo, «três poetas de Guimarães; do Pôrto um, que valia por muitos, o celebrado Ferro; de Rraga dois cónegos em Apolo e alguns abades circunvizinhos; de Vila Real o famigerado Mormo, e o não menos conhecido Mesquita, cujo nome se laureára entre os contemporâneos da Universidade. Quási todos convidados.

O chá fôra servido na espaçosa grade da abadessa, primeiro aos vates e seus amigos, depois aos notáveis das cercanias».

Ora o abade Mormo detestava o bacharel Mesquita, filho dum magarefe. E á noite, na décima em que no outeiro glosava o mote *A melhor de entre as preladas* — crivou-o de ironias insultuosas. O Mesquita esmurrou o satírico abade, mas ficou com o nariz em mísero estado; os partidários dum e de outro socaram-se heroicamente; e a festa terminou numa balbúrdia tremenda, até que a prelada mandasse apagar as luzes e tocar a silêncio!

*

Depois de 1834 ainda houve no Pôrto alguns outeiros de nomeada. Ao pátio do mosteiro de S. Bento (onde hoje está a estação dos caminhos de ferro), ao de Santa Clara, ao das dominicanas de *Corpus Cristi*, em Gaia, concorreram muitos dos nossos poetas de maior facilidade repentista — e os que já haviam combinado com alguma doce freira o mote e a

improvisação... Camilo freqüentou-os muito e glosou vários motes. Duma vez, em Santa Clara — conta-nos no *Cancioneiro Alegre* — «puséramos as nossas melhores décimas (êle e António Girão) á disposição inteligente das criadas do mosteiro, ás quais os nossos émulos em Apolo, com aristocrático desdém, chamavam *tachos*. Estas criadas entendiam-se connosco em assuntos métricos, num bêco para onde talvez davam as grades da cozinha. Emquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heróicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebiamos colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos e os conhecidos pastéis de Santa Clara».

Além daqueles poetas, muitos outros levavam as suas redondilhas e decassílabos aos outeiros de abadessado. Augusto Luso e Faustino Xavier de Novais eram certos. Dêste há várias glosas célebres e engraçadas. Guilherme Braga, muito moço ainda, era um dos mais aplaudidos. O admirável poeta improvisava com rara facilidade e elegância: nunca precisava de escrever os versos.

A partir de certa época, porém, terminaram os outeiros ao ar livre, para o grande público — e reduziram-se a festas dentro do mosteiro, com entradas por convites, e um sério cuidado com as pessoas que iam chegando. Vão saber a razão.

Já por 1850, num abadessado em Gaia, poetastros de mau gôsto obrigaram as religiosas a retirarem-se das janelas, e a numerosa concorrência a debandar vexada. Camilo censurou-os num artigo dêsse tempo, incluído depois nas *Horas de Paz*. Mas, segundo creio, a causa definitiva de acabarem os outeiros públicos no Pôrto deve-se a uns versos do poeta Diogo Souto, que fôra em rapaz desmarcadamente estúrdio.

Num outeiro (talvez em S. Bento) «Souto Cartola» — como lhe chamavam em virtude duns «Carmes bexigueiros do cidadão Cartola», de sua autoria — apresentou-se com outros estoira-vêrgas. Havia muita gente. A noite era de luar.

Parece que já se receava desacato, porque os versejadores estavam pêcos e retraídos. Então uma voz clara lançou das grades êste mote: *Não há versos, nem há nada.* E Diogo Souto rompeu logo com uma décima de tal maneira escandalosa, dirigida ás freiras, que me não é possível — imaginem! — transcrever-lhes aqui um único verso... As glosas fesceni-

nas de Bocage (que aliás nunca proferiu nos outeiros) eram licor de rosa ao pé daquilo! Esses torneios públicos foram depois proïbidos.

Em 1863, Diogo Souto recitou no Teatro Baquet uns versos dirigidos ao rei D. Luís, que assistia ao espectáculo, e que arrancaram um desfôrço, em duas quadras, ao vate Pinheiro Caldas. Dessa vez não havia razão para desfôrço: Diogo Souto apenas aconselhava ao soberano que seguisse as pisadas de D. Pedro V. Mas o nome do glosador do outeiro era um nome pânico. Em 1880, Souto recitou no Palácio de Cristal, em pleno esplendor das festas camonianas, uma poesia que levantou escarceu. Também não havia motivo para isso — e talvez fôssem justos êsses versos. Dizia aos entusiastas que, se o grande poeta voltasse a existir, o deixavam outra vez morrer de fome.

Camilo escreveu-lhe de Seide, aplaudindo-o: «Em um obscuro escrito que imprimi a respeito de Camões, tive desejos de dizer em prosa o que v. ex.ª apregoou em valentes versos».

Dois anos depois Diogo Souto deu á estampa um volume de líricas — *Amores* — em que tem lindas páginas.

Conheci-o já velho, janota, afável, um *gentleman* de maneiras distintas.

Quantum mutatus ab illo!

*

Depois da extinção dos outeiros ao ar livre, reälizaram-se ainda em S. Bento algumas festas magníficas. Alberto Pimentel conta-nos que foi a uma delas em 1868: «A grade já estava muito concorrida. A meio da casa abria-se a mesà das iguarias e dos vinhos finos. Eram áureos promontórios de gemas de ôvo, desgrenhadas em farripas, recortadas em estrêlas, aboladas em castanhas ou recurvadas em meias luas, surgindo de entre fantasiosas rendas de papel multicor e boninas artificiais. Eram taças e garrafas de translúcido cristal, onde o Pôrto, o Madeira e o Champagne se irisavam á luz dos candelabros como se fôssem pedras preciosas liquefeitas. Eram montanhas de rebuçados e *bonbons* desmoronando-se sôbre as bandejas de prata, a cada momento, sempre que os poetas queriam aromatizar a bôca para dulcificar os madrigais. Eram bules de prata e chávenas da Índia para chá e café, torradas loiras com polvilhos de canela, bôlos sêcos, palitos rendilha-

dos, guardanapos de Bretanha, lavavos de vidro e porcelana, jarros e ânforas com água».

Tocou piano o maestro do «Eurico»; Marques Pinto fez-se ouvir no violino. Lá estava Guilherme Braga, gentilíssimo e em plena juventude. Ao retirar-se, uma voz doce gorgeou-lhe numa súplica: «Espere um bocadinho!» E o poeta, imediatamente:

Nesse «*espere um bocadinho*»
— Se ilusão minha não fôsse —
Parece que vem mais vinho,
Parece que vem mais doce...

Em 1871 ainda houve outra festa de abadessado em S. Bento. Junqueiro e Alberto Braga, de passagem no Pôrto, queriam assistir — mas as entradas eram cada vez mais difíceis.

Valeu-lhes Camilo, que os levou lá. A porta abria-se-lhes logo, desde que fôssem apresentados pelo grande romancista. Mas êle não entrou — explicando a ausência pela sua incompatibilidade com freiras velhas...

Dessa vez foram deliciosas, como sempre, as glosas de Guilherme Braga. Junqueiro também saiu vitoriosamente do torneio festivo. Para êste, o mote derradeiro foi assim:

A borboleta travêssa
Voeja por sôbre as flores

a que Junqueiro retorquiu, despedindo-se:

Que grande dor de cabeça!
Adeus, Senhora abadessa,
Boa noite, meus senhores.

Dos dois grandes poetas, o autor do *Bispo*, de *Heras e Violetas* e de *Cadáveres* morreu poucos anos depois... E ainda hoje pesa á Poesia de Portugal que êsse malogrado homem de génio não pudesse continuar a sua obra, onde há fulgores que não se extinguem nunca.

JÚLIO BRANDÃO.

Correcções ao Canc. Geral

No CG, II, 434, lê-se:

Cume, em que sa linhage
dos da Silva *mays e Pina:*

leia-se no fim: *mays ẽpina* = mais empina: se eleva *(empinar* intransitivamente).

CG, II, 470: *pollo:* deve ser *poilo* = poi'lo. No original *poılo,* com *ı* sem ponto, que parece *l.* — Emenda já feita pelo S.or Epiphanio, que no v. 18 emendou tambem *yor* em *por.*

J. L. DE V.

Poesia popular local e regional

Ao seu prezado primo D.or José Crespo, da Casa da Lageosa.

Se com a expressão *poesia local* e *regional* queremos significar composições de especial forma, usadas apenas em certas localidades ou regiões, encontra-las-hemos, por exemplo, em Trás-os-Montes, nos trabalhos agrarios, respectivos ao centeio; refiro-me ás *cantigas retornadas,* que já vêm da Idade-Média, e, posto que sejam comuns á Galiza e ás Asturias, cá sòmente se cantam naquela provincia. Em analoga condição está a perlenga dos figos:

Figos das hortas
São para as cachopas
Figos nigeis
São pr'ós Maneis

etc., que ainda não ouvi, até hoje, senão na Beira Baixa, por estes sitios donde escrevo. *Nigeis* é um derivado do latim *niger* ou «preto», isto é, de nigellus.

Querendo porém entender por *poesia local* e *regional* cantigas geograficas, elas não faltam em parte alguma, mas devemos distinguir dois grupos:

1.º — Cantigas que revelam alguma feição local, quer

fisica quer devida ao trabalho do homem; por exemplo, esta verdadeiramente admiravel:

Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do ceu:
Assenta-te aqui, menina,
Debaixo do teu chapeu...

onde o poeta popular dá ideia da vasta planura transtagana, coberta de trigais, em contraste com os montados de sôbro e azinho que formam a outra parte do Alentejo, e ao mesmo tempo, com lírica ternura para com a mulher amada, a quem convida a livrar-se do sol escaldante, alude a uma particularidade etnografica do Sul, qual a imensidão do chapeu campesino.

Outra cantiga, não tão bela, porém igualmente descritiva, e muito exacta, temo-la em:

Adeus, cidade da Guarda,
Adeus, chafariz da Dorna,
Adeus largo dos quarteis
Onde o regimento forma...

que se nos apresenta com uma elegancia de estilo chamada pelos retoricos anáfora, e introduzida por uma interjeição que muitas vezes inicia as nossas quadras, como feitas por gente que a cada passo se sauda entre si, e traz sempre na bôca frases de afecto e religiosidade:

Adeus, meu amor, adeus,
Até quarta ou quinta-feira...
Adeus, adeus, Antoninho,
És uma linda figura...

Ora adeus, que eu vou-me embora,
Para onde não te digo.

Mais dois exemplos de poesias descritivas:

a) Oh! que lindos arrabaldes
Tem Celorico da Beira:
Santa Maria na praça,
Santo Antonio na ribeira...

isto é, a igreja de Santa Maria, uma das matrizes da vila, e a capela de Santo Antonio, ao pé do ribeiro de Mões, á qual capela vão em romaria os habitantes de Celorico e arredores, cada ano, no dia do Santo.

Para que a quadra de que estou falando não pareça sem logica, pois que a praça não é arrabalde, como do preludio se inferiria, ha-de interpretar-se assim: Oh! que arrabaldes tem Celorico: Santo Antonio, que em lindeza corresponde á praça. Em todo o caso não negarei que, se ás poesias cultas não póde exigir-se rigor logico absoluto, muito menos ás populares. — O povo, na lingua quotidiana, não diz Santo Antonio da Ribeira, diz Santo Antonio do Rio. A palavra *Ribeira* foi provocada pela rima, como em muitos casos semelhantes.

b) Altas serras, abaixai,
Que eu quero vêr Lageosa:
Quèro vêr os meus amores
Pela folhinha da rosa.

A quadra ouvia-a na Rapa, d'onde a Lageosa fica separada por outeiros. O poeta fez de outeiros *altas serras*. Um pouco de hiperbole, desculpavel em quem ama, e vê diante de si folhas de rosa, através das quais perpassa a mulher amada...

2.° — Cantigas que, por exprimirem ideias gerais ou vagas, se aplicam indiferentemente a varias terras, apenas com mudança do nome d'estas:

Não me lembrava *Pinhel*,
Nem que tal cidade havia;
Agora me não esquece
Nem de noite nem de dia!

Oh! *Idanha* oh! *Idanha*,
Oh! *Idanha* roubadora,
Se tu não fôras *Idanha*,
Nunca o meu amor lá fôra!

Adeus, *Castelo Rodrigo!*
Logo ali á entrada
Ficaram meus olhos presos
Numa rosa encarnada.

Já se vê que quem canta estas e outras semelhantes supõe em regra que cada uma se refere apenas á terra cujo nome lá se indica.

Ha cantigas que pertencem, sem distinção, aos dois grupos anteriores, por lembrarem caracteres comuns a muitas terras, ou parecidos, v. g., uma fonte no interior da povoação

e um cruzeiro num extremo, ou a situação proxima de um rio e de um monte.

*

A poesia tradicional acompanha os costumes e vida do povo; exprime os sentimentos d'este, ora amorosa, religiosa, plangente, ora sentenciosa ou satirica; tanto se apraz de frisar com breves traços caracteres de povoações, sitios e pessoas, como de se levantar acima da realidade das cousas em tipicos lances de imaginação, e continuado gôsto de alegorias. É por isso que o seu estudo, feito scientificamente, tem muita importancia.

Casa da Lageosa, 1-IX-1929.

J. L. DE V.

Cajon ou ocajon?

(A propósito do verso 12 do n.º 186 do C. V.)

Entre os processos de derivação, existentes no latim, um dos mais prolíferos foi sem dúvida aquele que consistia em juntar ao tema do particípio passivo o sufixo *-is;* foi d'aqui que, com adição da letra final d'aquele, *-t* ou *-s*, resultaram os sufixos *-ção* e *-são*, de uso muito freqüente, sobretudo o primeiro, nas línguas românicas. No número dos vocábulos assim formados figura *occasio* que, consoante a sua origem, significava em latim: a acção de *cair*, coisa que cai, de aí oportunidade, sucesso, etc.; com sentido mais ou menos igual passou para as línguas românicas, achando-se representado na nossa pelas formas: literária *ocasião* e populares *ocajon*, *oqueijon* e *cajon*. Destas afigura-se-me a 1.ª a mais antiga, que terá resultado da atracção pela tónica da semi-vogal e conseqüente fusão d'esta com o *j*, resultante do *s;* na segunda, a tónica, em contacto com a semi-vogal, aproximou-se dela, resultando de aí o ditongo *ei* como em *aleijão*, *beijo*, etc.; a 3.ª deve ter resultado da 1.ª mas em época mais tardia, como leva a crer a perda da vogal inicial, regular em casos tais, isto é, quando não protegida por consoante. Todas estas três formas existiam já no século XIII, tanto em português como em galego, segundo se deduz do seu emprêgo pelos escritores do tempo.

Nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso x figuram as duas primeiras formas, embora a 1.ª com mais freqüência; nos *Cancioneiros trovadorescos* e outros escritos contemporâneos ou posteriores, são a 1.ª e a 3.ª as mais usadas [1], mesmo essa última foi a que persistiu, vivendo ainda no povo. Gil Vicente, nos seus *Autos*, serve-se também de *cagião*, que deve representar pronúncia popular de *casião* (cf. *heregia*, etc., por *heresia*, etc.), de que igualmente usa, com a mesma aférese de *cajão*.

Restringindo-nos ao rei trovador, vemos que êle, embora dando talvez preferência à forma *cajon*, pois que a emprega em duas das suas cantigas de escárneo e maldizer (as n.ºs 409 e 415 do C. B.), não desdenhava *ocajon*, de que se serviu numa de amor (a n.º 96 do C. V.). Ora acontece que noutra de amigo (a n.º 186 do C. V. e 583 do C. B.) os códices nos transmitiram *cajon*, o verso, porém, em que êste vocábulo se encontra carece de uma sílaba para não ficar amétrico. Devemos contentar-nos com a lição transmitida? Se atendermos a que casos dêsses se observam na antiga poesia, tanto nacional como castelhana, segundo dêmonstra Ureña no seu livro. *La versificacion irregular en la poesia castellana*, seria isso preferível, atendendo porém, a que essa omissão pode talvez ser devida a lapso dos copistas, como nos leva a crer nalgumas cantigas o confronto dos dois manuscritos, o da Vaticana e o de Colocci-Brancuti, os que teem ùltimamente dado a lume parte dessas trovas, entenderam por melhor completar a sílaba ou sílabas que faltam. Assim procedeu o D.or Lang no verso indicado, completando pela adjunção no princípio dela, do pronome *vós;* D. Carolina Michaëlis, porém, tanto no vol. III, pág. 130, da *Rev. Lusit.*, em que se ocupa do vocábulo e suas

---

(1) Parece que, no sentido do actual *ocasião*, a forma *cajom* já era obsoleta em 1565, porquanto fr. Guilherme da Paixão, ao copiar por esse tempo uma *Regra de S. Bento*, escrita século e meio antes, a substituiu por aquela: cf. *Evolução da língua Portuguesa*, etc., por mim publicada no *Boletim da 2.ª classe* da Academia das Sciéncias. Noutra tradução da mesma regra, a mais antiga que se conhece e inserta no mesmo volume há *ocajom* e *cajom*. Na cantiga n.º 365 do C. V. lé-se *acajon*, com a mesma troca por *a* do *o* inicial que pratica o povo, dizendo *acasião (acasion* na Galiza).

variadas formas, como na análise crítica da edição de Lang (1) era de parecer que antes deveriamos substituir *cajon* por *ocajon*. A competência incontestável que ela tinha no assunto, adquirida pelo estudo aturado, durante dezenas de anos, da nossa mais antiga poesia, levou-me a seguir a sua opinião, na edição que dei dessa e de mais *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, imprimindo *[o]cajon*, isto é, metendo entre colchetes a vogal adicionada. O D.^or^ Silvio Pelligrini, entre várias trovas de D. Denis, qne há pouco publicou, em um estudo que leva por título o nome d'êste rei, inseriu aquela e por forma idêntica à que eu entendera dever seguir, isto é, consoante o parecer da citada senhora, regulando-se igualmente pela crítica mencionada, como me deu a conhecer.

Ùltimamente o snr. Rodrigues Lapa, numa apreciação crítica que faz do trabalho do D.^or^ Pellegrini e publicou nesta mesma *Rev. Lusit.* a pág. 306 do vol. XXVI, desaprova a lição *[o]cajon*, por êle dada e que diz haver tomado de mim, propondo que a adição a fazer-se deve antes recair no adj. *tal*, que ocorre no mesmo verso, preferindo-se a forma *atal*, que nos mesmos textos êle por vezes tem, dando como razão aliás não verdadeira, como já mostrei, que D. Denis só empregava essa forma (2). É outra maneira de completar o verso referido, que, se satisfaz, não pode contudo ter-se por decisiva, e, como tal, a única a seguir-se. Embora não tendo procedido assim, pela razão exposta, estou quási em admitir a opinião de Ureña, que os poetas mais antigos se regulavam, sobretudo pelo ritmo, tanto mais que, como é sabido, a poesia nesse tempo era cantada; se a falta ou adjunção de uma sílaba não o alterava, não se preocupavam com a medida rigorosa. E que alguns trovadores, sobretudo os jograis, caíam nesse defeito, leva-nos a crer a acusação de *não saber iguar*, que por vezes uns aos outros se dirigem. Não é todavia crível que D. Denis, que devia conhecer bem os preceitos da arte, caisse em tal

(1) Apareceu no vol. XIX, 4, da *Zeitschrift für Romanische Philologie*. Aí diz ela: sicherer ist *caestes em tal ocajom* (wu v, 347). Na *Rev. Lusit.* tinha dito: o verso exige que se leia: caestes en tal [o]caion ou [a]caion.

(2) O mesmo repetiu êle numa crítica, a *O texto das cantigas d'amigo*, que publicou em *A língua portuguesa*, n.º II, pág. 57, na qual correm parelhas a fantasia e o pedantismo.

deslise, tanto mais que, nas suas 138 composições, o caso dá-se apenas em mui poucas, parecendo que se deverá atribuir antes a desleixo ou incúria de quem as lançon ao papel; no entanto já do próprio Homero dizia o poeta romano Horácio *quandoque bonus dormitat Homerus* (1). Não aconteceria isso também uma ou outra vez ao rei trovador?

J. J. Nunes.

Jôgo da Pela

Apontamentos etnograficos recolhidos no Alcaide, aldeia situada na encosta do norte da Serra da Gardunha.

É este um dos jogos mais arraigados nos costumes da gente dos meus sitios, extensivo ainda a todas as classes, ás crianças e aos adultos.

Pelas suas caracteristicas de acção e movimento, parece-me que possue certos merecimentos como exercicio fisico. Entendo até que, esta disposição alegre dos jogadores, vivacidade, atenção e destreza com que geralmente é praticado, devia ser objecto de cuidadoso estudo, — o que não está no proposito das breves notas que passo a resumir.

O unico material de jôgo requerido consiste numa bola pequena — a *Pela* —, e tres pedras — a *Marra*.

A *Pela* mais usada é a de coiro, e o artista especializado na sua manipulação encontra-se geralmente entre os sapateiros locais. O tamanho aproxima-se do da bola normal de bilhar. O recheio vulgarmente empregado consta de fragmentos de cortiça, trapos e serradura.

As condições de pêso e elasticidade, para uma bola perfeita, são proficientemente observadas.

A *Pela de azougue*, ou seja a bola comum de borracha, tambem se empregou nos ultimos tempos. Todavia, não se tendo adiantado satisfatoriamente às condições do jôgo — por excessiva leveza, tendencia para saltar e facilidade de escoriação — só a ela se recorre na falta da primitiva e tradicional.

(1) *De arte poética*, v, 359.

É, porém, a bola de «tennis» a que se me afigura mais propria para este jôgo, em virtude do revestimento de tecido que lhe dá resistencia e a torna mais suave ao contacto da mão.

Ha anos fiz experimentar algumas dessas bolas, que não tardaram a conquistar a preferencia sobre todas as outras, tendo o seu aparecimento despertado entusiasmo.

Não deve ficar esquecida a humilde *Pela de farrapos*, que a gente pobre utiliza, à falta de melhor. O envolucro é feito de retalhos de pano, de variadas côres e qualidades, recortados em forma de triangulos mais ou menos regulares, e dispostos em obediencia ao efeito do colorido que mais fôr do agrado da costureirinha que fabrica a *Pela*. O recheio é exclusivamente de trapos.

A *Marra* — compõe-se de tres pedras — uma central, a de maiores proporções, cujo pêso maximo é em geral fixado pelo jogador mais robusto, que, para a transportar e colocar no local previamente designado, precisa quasi sempre de pôr em acção o mais e o melhor das proprias forças. Fica posta verticalmente sobre o terreno, e com a face mais regular, e tanto quanto possivel lisa, voltada para o campo do jôgo, — em regra uma estrada ou um terreiro, planos ou suavemente declivosos. — Duas laterais, chamadas *braços*, menores, e encostados à pedra-mestra no mesmo plano vertical.

A uma distancia de cêrca de 5 metros à frente da *Marra*, e paralelamente a esta, traça-se uma linha recta, que tem o nome de *raia* ou *muda*, e que o jogador não deve ultrapassar, no momento de atirar a *Pela*.

O numero de jogadores não costuma ser inferior a quatro, e o jôgo será tanto mais animado, quanto maior for esse numero e mais atraente a representação de individuos de ambos os sexos.

Conhecidos os jogadores, fazem-se parceiros, isto é, dividem-se em dois grupos de igual numero, cada um dos quais irá *para baixo* — longe da *Marra* — ou *para cima* — proximo da *Marra* — conforme a sorte, de começo, e o seguimento regular do jôgo, no decorrer do mesmo, o for indicando.

Após, faz-se a escolha dos campos, deitando sortes pelos dois modos seguintes: com uma moeda que se deita ao ar depois de cada grupo se ter manifestado por *caras* ou *cunhos*, ou, na falta da moeda, por meio de um pedaço de telha, qualquer caco, ou pedra achatada que se humedece numa

das faces com *cuspinho* — saliva — e da mesma maneira se atira ao ar, depois de se interrogarem os jogadores sôbre a sua preferencia, com estas palavras sacramentais: «*Queres sêco ou molhado?*»

Distribuidos os dois grupos conforme lhes competir, inicia-se o jôgo pelos que ficaram *de cima* — os favorecidos — colocando-se todos estes ao lado da *Marra*.

Quando ha mulheres são estas as primeiras a jogar, salvo se houver crianças porque então o jôgo começa por elas. Os homem entram em ultimo lugar.

A partida tem 24 pontos ou tentos, sobressaindo os 12 primeiros como *meio-jôgo*. Dizem-se tantos *por cima* ou tantos *por baixo* segundo o número de pontos vai além ou está aquém do meio-jôgo.

Colocado o primeiro jogador entre a *Muda* e a *Marra* em posição de jogar, os jogadores do lado contrário afastam-se ou aproximam-se conforme as probabilidades de boa ou má *jogada*, isto é, segundo a classe do jogador.

A maneira de atirar a *Pela* varía de homem para mulher. Esta, joga em postura calma, delicada, tirando mais partido do geito do que da fôrça, apenas empregando a mão e o braço direitos, sem deslocação de pés no momento de atirar. A *Pela* fica geralmente a pouca distancia. Aquele, movimenta-se energicamente, num ritmo de certo modo parecido ao do lançador do pêso. Com a mão esquerda lança a bola um pouco acima da cabeça e, de seguida, ataca-a vigorosamente com a palma da mão direita, centrando o melhor possivel e combinando o golpe do braço direito com movimentos de flexão do tronco e das pernas.

Ha daquelas jogadas que deixam a mão a arder e que não são de preferir a uma palmatoada bem puxada.

Quando ha crianças ou noviços na prática do jôgo, pode ser-lhes concedida a permissão de jogarem *de pedrada*, sendo porém obrigados em casos tais, a fazê-lo por detraz da *Marra*.

Impelida a bola, os adversarios, a conveniente distancia do jogador, tratam de fazer, o mais rapida e eficazmente possivel, a barragem á *Pela*, no sentido de evitar que esta se afaste consideravelmente, ou procuram apanhá-la no ar em qualquer posição, em regra com uma ou as duas mãos ao alto, recebendo a bola directamente das mãos do atirador sem tocar o solo. É isto o que se chama *apular*.

Apanhada a *Pela* no chão e em determinado ponto sem

ser nas circunstancias do que se diz *apular*, desse mesmo local o jogador de mão mais certeira aponta a *Pela* em direcção á *Marra*, rasteira ou por alto, conforme a vocação da sua pontaria.

Se bater no alvo diz-se que *matou* o jogador de cima, o que corresponde á sua derrota e á perda da mão que passa a outro jogador.

O acertar da bola na *Marra* chama-se *marrar*.

Quando a *Pela* passa por fóra, isto é, sem tocar na *Marra*, o partido que está a jogar marca um tento.

Matar e *marrar* empregam-se no mesmo sentido.

O acto de *apular* implica a morte de um jogador, quer dizer, tem o mesmo efeito de uma *marrada*.

Quando todos os jogadores de cima foram mortos ou fizeram os 24 tentos da partida, os grupos ou *partidos* mudam de campo e o jôgo continúa.

Ha jogadores especializados em bem *apular*, *atirar* e *marrar*.

Este jôgo tem a sua epoca propria durante a Quaresma e no decorrer da Pascoa.

Pratica-se, sobretudo, aos domingos.

Por este tempo os automobilistas esbarram com grandes pedregulhos no meio das estradas, ao aproximarem-se da minha terra. São as *Marras* do jôgo da *Pela*, imprudentemente desamparadas ao cabo do jôgo e que, de noite, chegam a oferecer serio risco.

José Germano da Cunha, no seu livro *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* — 1892 — refere-se perentoriamente ao jôgo da *Pela* nos seguintes termos:

«Em diversas povoações do concelho era costume, e ainda é, embora tenha perdido muito do seu antigo entusiasmo, o jôgo da *Pela* e o tanger dos adufes.»

Aparecem aqui baralhados não sei a que proposito, o «jôgo da *Pela*» e o «tanger dos adufes». Pelo menos na minha aldeia, a cinco quilometros apenas da séde do concelho, ainda hoje ha *Pelas* e *adufes* mas são coisas absolutamente distintas.

Lisboa. JOAQUIM MENDES FELIZ.

Lenda popular

A truta de Celorico da Beira

Crê-se geralmente em Celorico da Beira que quando D. Afonso III cercava o castelo, que estava a favor de D. Sancho II, o cêrco foi levantado por ter o alcaide mandado de presente a D. Afonso uma truta caida casualmente do bico de uma águia, dentro das muralhas, o que dava a entender que os sitiados possuiam abundancia de mantimentos para resistirem muito tempo. Esta crença tem apoio na tradição literaria, que ascende a tempos antigos: vid., por exemplo, A. Brandão, *Monarchia Lusit.*, 4.ª parte, liv. XIV, cap. 30, o qual traz á colação narrativas da historia de Roma.

Já, todavia, Herculano, numa nota da *Historia de Portugal* (5.ª ed.), II, 436, disse que no caso da truta havia tal sabor de novela, que lhe falecia o animo para o mencionar no texto; e a pag. 538 chama-lhe positivamente «anecdota» e «lenda», ao mesmo tempo que refuta o que sobre o assunto se lê em D. Rodrigo da Cunha, *Hist. Ecles. de Braga*, II, 129. Herculano falou no campo historico. Se percorrermos o campo etnográfico, chegamos a conclusão analoga.

Temos lendas semelhantes em Abedim, no Minho, e em Monsanto da Beira: vid. o *Arch. Port.*, II, 64, e V, 301. A proposito da lenda de Abedim já eu me referi á de Celorico: *ibidem*, II, 64, nota, e citei um trabalho do etnografo siciliano G. Pitré, publicado em 1872. Cf. tambem P. Azevedo, no *Arch. Port.*, III, 196, nota 2. Em Silves ouvi ha anos outra lenda do mesmo génèro, só em vez de uma truta caida do bico de uma águia, cai uma sardinha do bico de uma gaivota.

Podem os de Celorico alegar-me que o que nas outras terras se conta é imitado de Celorico da Beira. Não o negarei de todo, tanto mais que o caso da truta do seu castelo é o que tem noticia literaria mais antiga; respondo porém que, quer de tempos modernos, noutras nações, quer da antiguidade classica, sabemos de lendas análogas: umas vezes os sitiados atiram ao arraial dos inimigos o unico pão que lhes restava, outras vezes um queijo feito de leite de mulher, outras vezes um animal farto com o ultimo trigo que lhes

restava. O citado etnografo Pitré tratou largamente d'isto noutro seu trabalho, publicado no *Archivio per le tradiz. pop.*, XXII, 193-211, onde se refere a uma obra do escritor romano Frontino, sec. I-II da era cristã, que escreveu um livro ácerca de estratagemas militares; no cap. 15 do livro III encontramos os protótipos da lenda de Celorico. A ela se pode agregar a de Deulladeu Martins, de Monção, referida piamente no *Port. Ant. e Mod.*, v, 425-426.

Não me sendo possivel agora, por falta de tempo, desenvolver o assunto, parece-me, no entanto, que quem a respeito da truta de Celorico tiver ilusões, as dissipará perante o que acima escrevi.

O figurar nas armas de Celorico a truta, nada vale como informação historica, em vista do que fica dito. E elas não devem ser muito antigas. O mais remoto testemunho que conheço data do sec. XVII (R. Mendes Silva).

J. L. DE V.

(Do *Correio*, de Celorico da Beira, de 6-X-1929).

Gestos, sons, palavras, expressões, etc. que fazem "dar sorte„

Por tôdas essas cidades, vilas, aldeas, lugares e campos de Portugal, são conhecidos uns infelizes que «dão sorte», quando se lhes diz ou ouvem certa palavra ou expressão, e até, às vezes, quando vêem um simples gesto. O *dar sorte* é a mesma coisa que zangar-se, irar-se, encolerizar-se; zanga, ira ou cólera, que se manifestam por modos diversos, como vamos ver.

Ainda não lemos nos jornais, revistas ou livros de Etnografia — fora um ou outro raro excerto descritivo da boémia académica coïmbrã — qualquer explicação de tais palavras ou expressões que, por paralelismo e comodidade scientífica, poderíamos denominar *melancologénicas*. Como nos pareceu que tal estudo era indispensável na nossa Filologia, e sôbretudo, Etnografia: aproveitámos estas últimas férias passadas no Ribatejo e no Algarve, para aí, *in loco*, estudarmos cos-

tume tão vivaz, tão geral — tão triste! — e por isso, por presunção fácil, já multissecular. Calculámos então que, no país inteiro há, tal e qual como o número de leprosos, 2.000 a 3.000 dêsses desgraçados ostensivos que, sôbre tantas outras torturas da vida, sofrem mais esta, a maior de tôdas para êles. Baseámos o cálculo em 4 a 5 mártires por cada 10.000 habit. Mas... vamos à invenção quási diabólica, algo cabalística, ocultando, por razões óbvias, o nome das vítimas já falecidas ou não, autores, a final, da sua própria cruz.

*

* *

1 — a) *Cão baço*
b) *Ão... ão*
c) *Ūūūū*
d) *Mulher-homem*

— É um pobre homem de 75 anos, solteiro, indigente e mendigo, que trabalhou no campo até poder, hà um ou dois anos. O dinheiro da féria entregava-o sempre, durante muitos anos, à mãe, emquanto foi viva — trabalhador e filho exemplar, querido por tôda a gente da vila ribatejana.

Cala-se, apressa o passo, ou tem breve linguagem, sacudida, quando lhe chamam *Cão baço*. Se porém ouve *ão... ão* ou *ūūūū*... põe logo no chão a sacola de pedinte, volta-se para o interpelante, injuria-o, de punhos fechados, e, no fim, lagrimoso, em forma de jeremíada, acusa a mocidade de uma educação péssima, amoral e — o que é curioso — de fraqueza física.

Quando, finalmente, lhe chamam *mulher-homem*, o desespêro, a dor da impotência atinge o auge, o rictus colérico é horrível, todo o corpo lhe estremece num vendaval nervoso arripiante, e todo o palavreado sujo e torpe lhe sai da bôca em catadupa escaldante, sem lhe esquecer, no fim, ainda mais acentuada e longa, a sua jeremíada.

Obs.: — Em conversa com pessoas que acha caridosas e lhe não «chamam nomes», diz que é um infeliz, que até o combóio (quando apita) faz pouco dêle *(ūūū)* e que, emfim, não é *Cão baço*, mas *Cabaço*, que foi assim que o alcunhou o arrais de um barco, quando era pequeno. Quando lhe observam que não deve fazer caso de tais nomes, cala-se...

*

Tal qual como o *mulher-homem*, com idênticas ou semelhantes manifestações coléricas que o povo, na sua linguagem sedutora, traduz pelas seguintes ou semelhantes expressões: «diz tudo quanto é mau», «quanto lhe vem à bôca»; «até treme», «ferve», «arde», «se dana», «se derrete»; «parece uma árvore de fogo»; «chama tudo o que há de pior»; «diz tudo quanto há no mundo»; «não tem raça de vergonha de ninguém»; «ah!... homem, perde-se»; «perde a cabeça»; «endoidece mesmo», etc., etc. — um escabujar agonizante, horripilante do farrapo humano — é cada um dos seguintes:

2 — *Ti-Tuda.* — Velhinha ainda rija, de uma aldeola extremenha, outrora talvez bem formosa.

3 — *Sapo... saparrão... apareça aqui o më João.* — Pobre mendigo de naturalidade ignorada.

4 — *Pé-curto.* — Trabalhador, inválido, sem família, da referida aldeola.

5 — *Parĩĩstes no chôco.* — Moço de barco, solteiro, que acompanhava o pai. Deu sempre sorte, desde novo.

6 — *Mata-burros.* — Moço de padeiro, já velho, sem família. Chamavam-lhe assim por êle ser casmurro.

7 — *Tito... tito... chim... chim... chim... chim.* — Era um barqueiro, solteiro, homem sério, mas o mais desavergonhado de todos no palavreado.

8 — *Dr. Formiga.* — Trabalhador rural, velho, com família, sério.

9 — *Fusas.* — Lembrou-se êste, que era ainda novo, de aprender música. Um dia, diz-lhe o mestre que, no dia seguinte, passariam às «fusas». Êle então volta-se para o mestre e diz-lhe — «tamẽĩ v.ᶜᵉⁱ, em vez de se dar ô respêto!... ora vá à fava v.ᶜᵉⁱ e a múseca». E nunca mais lá foi.

10 — *Ôôlhĩĩnho... Zé camponês.* — Era irmão do *parĩĩstes no chôco*, doente, morreu muito novo, tísico. Por fim, já sem fôrças, irritava-se pouco, limitava a sua cólera quási ao estribilho monocórdico, em rima: «vá p'rà grande, grandessíssima p. que (o, a, os, as) fez».

11 — *É boi... qui i há?* — Era pastor e parece que dizia tal expressão quando transportava o gado para o matadouro. Pois fôsse a quem fôsse, devesse ou não os maiores favores, respondia invariàvelmente, em tom baixo, cavo: «*cabrão*».

12 — *Menina Matildes... píu, píu.* — Velhote, mendigo, muito sério. Se não dissessem o *píu, píu,* remordia, mas escapava. Com o *píu* «dava porém tôda a casca», e tinha a especialidade de fazer aos «metediços» uma espécie de exortação moral, admoestando-os para que trabalhassem, que não explorassem os outros, a mulher ou os filhos; no tempo da guerra, chamava-lhes cobardes por não estarem nela. Outra especialidade era deitar-se no chão, a chorar.

13 — a) *Guerrilha*
b) *33*
c) *[Só um gesto, lèvantando ao ar dois dedos, indicando os dois 33]*

— Homem sério, muito conceituado, duma vila algarvia. A princípio chamavam-lhe o «garrilha». Depois, por conselho dos filhos e amigos, já pouco caso fazia, mas continuava a desesperar-se, quando lhe chamavam o 33 (1833, ano da guerra civil) e por fim, só se ralava com o gesto.

14 — *S.*^or^ *Penetra.* — Homem ainda novo, remediado, que se apelidava *Projecta.* Em grupo de gente remediada, se acertava de entrar algum amigo, logo um dos circunstantes se levantava, dizendo-lhe: «apresento-lhe o meu amigo S.^or^ *Penetra*...». Pois antes de acabada a resposta de: «estimo muito conhecer...», já o *Penetra* gesticulava furiosamente e saía para a rua, dizendo que era *Projecta,* não *Penetra,* e desafiando para pugilato, um a um, ou logo todos, pois era homem para êles e que saltassem.

15 — *Trautear o hino da carta.* — Era só fazer isto quando avistavam um lavrador remediado, baixo, gordo, a cavalo de um cavalicoque preto, guedelhudo, de chouto trotante (o que originou o som cabalístico) para o tal lavrador (o Antòninho) se descer imediatamente e, em altos berros, começar a desafiar para a luta, os circunstantes, ou um a um, ou todos, como quizessem.

16 — *Bisouro.* — Era um garoto de instrução primária. Os colegas batiam-lhe à porta, chamando-o para a escola e ao mesmo tempo *bisouro.* Pois não era só o rapaz que se desesperava; era a mãe, o pai e até os irmãos que prorrompiam, à porta e na rua, em invectivas contra a garotada.

*

Não só descompunham, mas tornavam-se perigosíssimos, atirando com o que tinham à mão, os seguintes:

17 — *Cachapim, cachapim... pim, pim.* — Era um velhote, moço de recados, que tinha sido trabalhador rural, parece que com o apelido de *Calhapim*. Terrível em atirar pedras.

18 — *É i̅i̅i̅sso... é i̅i̅i̅sso.* — Velhote que fôra barqueiro.

19 — *Ó que fedor a cera.* — Mendigo.

20 — *Desanda lá ó pau fino.* — Era um sapateiro que ao ouvir a expressão fatal, saía da loja como leão de uma jaula e atirava ao rapazio com todos os objectos do ofício que podia agarrar, espalhando-os pela rua.

21 — *Ladrão dos chouriços.* — Tinha a especialidade de atirar com um grande cachimbo que tinha.

22 — *Mééééi... mééééi.* — Mendigo que carregava água, de boas famílias.

23 — *(Id.)* — Êste segundo era chefe de uma estação de caminho de ferro ribatejana. A causa da sua cruz foi a seguinte: tinha êle uma bela cabra que só se deixava ordenhar pela mulher. Como a mulher nem sempre estava disponível para tal serviço, nas horas devidas, o nosso chefe, um belo dia, depois de várias tentativas e de matutar, foi ordenhar a cabra, vestindo prèviamente a bata da esposa. Pois bastou verem-no assim, em tal operação.

24 — *Ó Mari Rôla... Mari Rôla.* — Era um guarda campestre, casado. Ao ouvir o nome fatal, agarrava logo na espingarda e era capaz de dar um tiro, fôsse em quem fôsse. A origem da expressão cabalística está na oferta de um cordão de ouro que êle fez a uma tal Maria Rôla para casar com ela. Mas... ela deixou-o.

25 — *Mija a burra.* — Considerado lavrador da citada vila algarvia. Procedia exactamente como o *Mari Rôla*. A sua cruz também êle a arranjou, por costumar dizer, quando chovia: «já a burra tá a mejar».

26 — *Ó Zé não vás à Moita?* — Homem de uns 40 anos, da cidade sadina. Não descançava sem dar uma bofetada a quem lhe fazia tal pergunta.

27 — *O Cardoso tem ma vinha,*
Tem um cão que la vindima;
Tem um burro laparoso,
Arre burro... chó Cardoso.

— É desnecessário encarecer a curiosidade desta. A verdade é que o Cardoso que nunca na sua vida se calçou e raramente se lavou, deixava logo o burro carregado de pinhas e perseguia os «metediços», às vezes, mais de uma légua.

*

* *

Como se vê, as vítimas são crianças, homens, mulheres, especialmente, velhos. Escusado é lembrar que também é, às vezes, a população de uma cidade, uma vila, etc., vg., Lagos, Olhão, Palmela. Conclue-se ainda que às autoridades compete a *repressão sistemática* de tais «brincadeiras» que originam tanta dor e tantas lágrimas, índice vergonhoso de uma civilização semi-selvática, tanto mais que os «metediços brincalhões», são, sôbretudo, a população das escolas, especialmente os rapazes e ainda muitos e muitos quási-homens, homens e até já às vezes com cabelos brancos.

Por outro lado se repararmos na curiosíssima circunstância de que as vítimas são celibatários (excepto os n.^{os} 8, 13, 14, 15, 24 e 25) e bêbados (excepto os n.^{os} 1, 6, 9, 10, 12, 14, 15, 19, 23, 25, 27), teremos bons argumentos contra o álcool e o celibato.

Não conseguimos desvendar a origem de tôdas as fórmulas melancologénicas. Uma compilação mais vasta, em que estas origens se expliquem com minúcia, formará curioso capítulo da nossa Filologia e do mesmo passo um belo estudo da nossa Psicologia (inventiva e reagente).

ESTANCO LOURO.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

De terra em terra (excursões arqueologicas e etnograficas) por J. Leite de Vasconcellos: 2 volumes, que formam o 1.º e o 2.º da Colecção de estudos começada a publicar pela Imprensa Nacional de Lisboa, com o titulo de *Historia, Sciencia, Arte*. — 1.º volume, de VIII-236 páginas, ilustrado com 82 gravuras no texto; 2.º volume, de 300 páginas, ilustrado com 255 gravuras no texto.

1

Nestes dois volumes considera-se o Continente português dividido em *Norte* (Trás-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho), *Centro* (Beira), e *Sul* (Estremadura, Alentejo e Algarve). Em cada uma d'estas partes admitem-se sub-divisões, como: Beira-Alta, Baixa e Ocidental, Estremadura Cistagana e Transtagana, Alentejo Alto, Central e Baixo, Além-Guadiana, etc.

Aí se consignam antigualhas, costumes, panoramas, caracteres, que o autor observou nas suas caminhadas, por exemplo:

1. O Minho com a frescura de seus campos e a alegria de seus habitadores. — Casamento poetico em Soajo. — Festa da Senhora da Peneda.

Trajos serranos de Castro Laboreiro. — Casas cobertas de colmo. — Vasilhame e colhéres de madeira. — Lexico popular.

Uma feira em Vila do Conde. — Marcas de pescadores da Povoa.

2. Cantos populares trasmontanos nas segadas e malhas. — Como se viaja pelo interior de Trás-os-Montes. — Lendas beocianas da Mòfreita.

Mulheres que fiam e lavram, levando os filhinhos ás cos-

tas metidos numa especie de saco formado pelo chaile. — *Capa de honras* de Miranda do Douro.

Uma rua etnografica em Chaves. — Varandas soalheiras. — Uso de rótula em vez de vidros. — Engenhos de tirar agua, e sua origem. — Um arraial.

O deus *Larocus* de Curral das Vacas. — Fabrica de loiça de Vilar de Nantes, e origem d'esta denominação.

Vida familiar de Barroso: habitação, vestuario, costumes.

Lendas e poesias populares do Norte de Trás-os-Montes. — A cidade de Bragança e arredores.

3. Serranias penedosas da Beira Alta. — Lendas, e importancia do seu estudo. — Uma *venda* em Forninhos. — A Senhora dos Verdes. — Orcas ou sepulturas prehistoricas. — Romagem de Santa Eufemia. — O S.[or] Abade da Matança. — O tio-Brites.

Ditado do rio Dão. — Torres antigas. — O P.[e] Santa Rosa de Viterbo, grande benemerito da nossa historia medieval. — Penalidades antigas.

Divisão geografico-popular da Beira-Baixa. — Idanha-a-Velha e suas antiguidades. — Um *chôço* em Medelim. — Almôço etnografico. — Uma procissão no Fundão.

A Serra da Estrela, a principal serra de Portugal, majestosa na sua solidão, seus penedos, seus vales cobertos de *sertum*, seus pastores, tipicamente trajados.

Passagem por Coimbra.

Feição supersticiosa, mas hospitaleira, dos Beirões.

4. Na Estremadura:

Arredores de Tomar. — Lenda da Senhora de Covões. — Margens do Zêzere. — Origem dos *cirios* estremenhos.

Estremadura Transtagana: Antiguidades de Alcacer-do-Sal. — Os Pretos do Sado. — Cornelio Boco, escritor lusitano. — Torrão e Alcáçova. — Uma cozinha nas Alcáçovas. — Antiguidades de Grandola, S. Tiago de Cacem, Sines. — Lenda que se apossou de um dolmen prehistorico da beira-mar.

5. Cidade de Elvas e seu museu. — Campo-Maior e Ouguela.

Evora e arredores (antigualhas diversas). — André de Rèzende. — As vilas de Extremoz, Vila-Viçosa, Alandroal, Terena. — O deus *Endovellicus*.

No Baixo-Alentejo: *castelinhos* do interior do sertão. — A Senhora da Cola. — Museu de Beja. — Antigualhas de Mertola e da Vidigueira.

Além-Guadiana: Serpa e seu aro.

Maravilhas artisticas dos pastores alentejanos. — O coração na arte e poesia populares: observações feitas a proposito da arte pastoril do Alentejo.

A *pàdeirinha* de Fronteira (semana-santa). — Vestuario alentejano, feito todo ele de peles. — Asseio e compostura da casa do Alentejo.

Caracter grave dos Alentejanos.

6. O reino do Algarve. — Castro-Marim e seu cais. — Restos que os Mouros deixaram em Faro e Silves. — Viagem de Silves a Portimão, pelo rio. — Ilha desencantada. — Romanos nos arredores de Portimão e no Algôz. — Açoteias de origem arabica. — Mulheres de biôco. — Rudeza agreste do Cabo de S. Vicente, em contraste com os amendoais floridos do resto da provincia.

O que fica dito é incompletissimo sumário, pois nos dois volumes dão-se muitas notícias arqueologicas e etnograficas das terras mencionadas e ainda de outras, e até se declaram os nomes de algumas das pessoas com quem o autor tratou ou que lhe ofereceram objectos para o Museu Etnologico de Belem.

A obra não é meramente um repositorio de factos. Estes, nos varios ambitos em que se expõem, estão coordenados, metodizados, e em regra submetidos a ideias gerais, e no que toca á parte arqueologica apresentados segundo a natural sucessão dos tempos.

(De um prospecto publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa).

2

The author of this book says that Portugal is possessed by a fury of destruction. It has always been so, and those who attempt to pull against the tide of destruction and save something of a constructive and efficient nature are themselves destroyed. A few exceptions are endowed with the ne-

cessary resistance to emerge from this democratic cult of incompetence and to survive; the greater the difficulties they encounter the greater they themselves become. This accounts for the solitary peaks in Portuguese literature and history — a statesman like Albuquerque, a poet like Camões, a mystic like Frei Thomé de Jesus, a historian like Herculano, an archæologist like Dr. Leite de Vasconcellos towering above the rest, strengthened by the very obstacles that overwhelm lesser spirits. This celebrated archæologist is one of those who have survived, thriving on the general indifference, like one of those luxuriant Southern plants which prosper in a parched and apparently barren soil. He frequently laments the indifference towards things of the past to which he has devoted a long life, but it has not succeeded in dulling his own enthusiasm. He received much assistance in his excursions from parish priests throughout the country, and in passing one may contrast these keen, kindly, hospitable, cultured priests with those depicted in a recent Portuguese novel.

Dr. Leite de Vasconcellos himself is tireless and indomitable. In 1916, being then just under sixty, he explored the Serra da Estrella, and after returning in the morning from a twelve hours' expedition went back to Covilhã in the afternoon. Only those acquainted with those shadeless, stony mountain paths can realize what that means. Some of the expeditions here recorded were made nearly fifty years ago, others are recent. Riding a horse or donkey, on foot, in diligencia, train and motor-car, in an Alentejan mule-cart or *carrinha* of Algarve, by moonlight or in the summer *calmas*, when the word acts up to its Greek derivation of burning, he has explored every nook and corner of Portugal in search of phonetic and dialectal variants, of inscriptions, place-names, ancient customs, popular quatrains, folklore, legends, and archæological specimens for the Portuguese Ethnological Museum, which he founded at Belem, near Lisbon, and which Baedeker fifteen years ago was able to describe as one of the richest of its kind in existence. We see him falling off his ass in the act of copying a Roman inscription; waking up a farmer on a pitch-dark night to inquire after prehistoric remains; eating «ethnological meals» in wayside inns, glad sometimes to obtain black rye-bread and goat's cheese; going over the sixteenth century archæologist Resende's house at Evora; wading through a sea of stones on a moun-

tain-side in hope of treasure; exploring mountains and moors in pursuit of dolmens; sifting fairs and markets for ethnological finds; and packing cases of his acquisitions, which might be as small as a coin or as large as a Roman tomb or altar. To the peasants this was all incomprehensible; his keen inquiries gave rise to the suspicion that he was a sorcerer or a collector of taxes or even an accomplice of robbers; mostly, however, it was believed that he was in search of buried treasure, of gold and jewels hidden away by the Moors, and a group of women would gather to watch him dig it up; that he should seem pleased with an apparently insignificant bit of stone or brick only meant that the treasure was for the moment magically transmuted. Sometimes much toil proved fruitless, but elsewhere the finds were very rich, as was but natural in a country of so many and various ancient civilizations.

These two volumes might almost be taken as a proof that nothing exists; again and again an ordinary person might have seen the things the author saw and found no interest in them. As Dr. Leite de Vasconcellos proceeds, interest springs up at every step: the shape of a house, of a water-jar, of clogs or headdress, lamp or spoon, takes on a new significance. The most ordinary industries, such as tanning or shearing, attract him because they may illustrate the implements used by primitive man. He copies the marks of potters, of masons, of fishermen (carved by them on the sly in the parish church, in the belief that it will increase their catch). We are regaled with hundreds of small interesting facts by the way; we are informed that the names of an innkeeper's children are Viriathus, Virgil and Horace; we see a woman carrying her baby on her back as she ploughs (with donkeys); we come across a small African colony at Alcacer do Sal. At Fronteira, in Alentejo, on Easter Eve biscuits are made in the shape of lizards and hens and eaten, the hens by the girls, the lizards by the young men, at a chapel after the religious procession. Dr. Leite de Vasconcellos puts in a plea that such survivals from an immemorial past may be allowed to die a natural death and not be «polizeilich verboten». Meanwhile in these and many scores of similar volumes he has garnered an abundant harvest; if this had been done once in each generation since printing began we should possess an inexhaustible mine of interest, since trifles which seem unimportant are apt,

when recorded, to gather fresh value as each year goes by. We are here given several of those undecipherable Iberian inscriptions. One that frequently occurs on coins, between two horizontal fishes, and usually accompanied by the head of Hercules, Dr. Leite de Vasconcellos, reading from right to left, interprets as «Eviom», the final, or initial, letter representing a half-moon. If archæologists could agree upon the interpretation, it might prove a sure beginning in the important task of reading this mysterious alphabet; but, unfortunately, they can only agree to differ. The value of this work is increased by over three hundred illustrations, including photographs and drawings by the author and others. It is curious to see that in a wood-carving by an Alentejan shepherd dated 1891 (Volume II., Figure 136A) the figures of men and animals, in their vivid simplicity and clever rendering of swift motion, resemble those of the primitive drawings in Spanish caves.

AUBREY F. G. BELL.

(De *The Times Literary Supplement*, de 3 de Novembro de 1927).

Aushwahl altportugiesischer Lieder, von S. PELLEGRINI. Halle/Saale 1928. Max Nimeyer.

Mais do que entre nós — é triste dizê-lo — a nossa primitiva poesia tem sido objecto de estudo para os estrangeiros. Os nomes de Lord Stuart, Bellermann, Wolf, Lopes de Moura, Varnhagen, Diez, Lang e sobretudo Monaci, a quem devemos poder conhecer a sua maior e melhor parte, serão sempre lembrados por quantos d'ela se ocuparem. Estrangeira foi também, pelo nascimento, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que lhe dedicou quási toda a sua laboriosa vida, deixando-nos o estudo mais completo que sôbre tal assunto se há publicado. Outro erudito estrangeiro, o D.^or^ S. Pellegrini, acaba de dar a lume um livrinho, destinado aos estudantes alemães, no qual insere várias cantigas que lhes permitem fazer juízo da sua natureza e forma, reunindo aí, não só as de assunto profano, as chamadas de *amor* e *d'amigo*, mas também sacro, sem esquecer as satíricas ou de *escárneo* e *mal dizer*. Ao mesmo tempo, para de certo modo fazer conhecer

as duas correntes, literária e popular, que nelas se observa, deu amostras de uma e outra.

O autor fez preceder a sua pequena antologia de uma breve definição daquelas três espécies de cantigas e notícia dos códices em que se encontram essas e as de feição religiosa, da autoria de Afonso X; dá também esclarecimentos muito resumidos dos trovadores que entram na sua colecção. Para formar esta recorreu às edições críticas já publicadas, que igualmente seguiu, apenas uma que outra vez corrigindo as respectivas lições; uma só, a n.º XXIII, creio ser restauração sua, pois não me consta tenha sido publicada.

É digna de aplauso a colecção feita pelo D.or Pellegrini, pois dá ideia da poesia do tempo e dos assuntos que esta versava; para a sua compreensão juntou-lhe um pequeno glossário de nomes comuns e próprios.

Neste trabalho mostra-se o autor em plena posse do assunto que versa, como aliás já o comprovara noutro estudo, publicado antes sob o título *Don Denis*, o que todavia não quer dizer que aqui e ali se não encontrem alguns deslises os quais nem todos lhe devemos atribuir, porquanto essas veem já nas obras de que se serviu, outros são devidos à sua qualidade de estrangeiro, a quem naturalmente escapam certas especialidades de pronúncia. Apontarei alguns, começando pela ortografia. Em harmonia com o processo adoptado por D. Carolina Michaëlis e observado nos apógrafos italianos, o D.or Pellegrini transcreve os pronomes pessoais da 1.ª e 2.ª pessoas do plural por *nus vus* ou *nos vos*, conforme são átonos ou tónicos, todavia nem sempre adoptou essa transcrição, o que poderá confundir o leitor estrangeiro. Assim em IV, 7 deixou passar o *vós* da edição de Lang por *vos*. Também me parece que seria preferivel em III, 1, 16 e 17 grafar *ũa* e não *unha*, que poderá induzir em êrro a quem a ler, julgando haver aqui um *n* molhado, quando o *n* serve de nasalizar a vogal precedente e o *h* de separar os sons intermédios; se nos apógrafos aparece por vezes esta grafia, ainda hoje usada por escritores galegos, encontra-se lá também *ũa*. Há também que fazer-se a distinção entre a preposição e verbo, acentuando neste último caso, o que falta em I, 21 (1), II, 11, III, 8.

As correcções feitas pelo D.or Pellegrini nem todas me

(1) Há aqui um *a* a mais.

satisfazem. Assim: em IV, 17, VI, 8, acho escusada a substituïção do *que* do texto por *quem*, pois aquela forma tinha por vezes também o valor desta, como se pode ver no *Glossário*, que acompanha a minha edição das *Cantigas d'amigo* s. v. *que;* também em V, 3, etc., eu teria conservado o *que* do original, fazendo-se a contracção do *e* com o *a* seguinte, ficará o verso com uma sílaba a menos do que lhe corresponde, o 5.º. As correcções, feitas em VIII, 9, 10 e XXI, 18 às leituras de D. Carolina Michaëlis, parecem-me judiciosas, como também concordo com a que em XL, 19 faz à minha, mas em XXIV, 3, 11, 17 entendo que se devem manter os textos respectivos, que dizem, *é ora entrant'a guerra* (que, de certo por simetria com as restantes estrofes, substituiu por *é por non entrar na guerra), con nos* e *ric'omen,* porquanto no 1.º caso temos o particípio do presente, que a antiga língua usava muitas vezes em vez do gerúndio que o substituia; no 2.º é também vulgar em textos arcaicos e ainda na fala actual do povo a troca por *n* (assimilação) do *l* do artigo; n.º 3 a vogal nasal não impedia a contracção com a imediata. Em XXV, 9 a *benparecer*, de que me não lembro ter encontrado exemplo, deverá talvez preferir-se *bon-parecer*, que, entre outros, encontra-se nos por mim apontados no citado *Glossário*. Em XXVI, 2, não vejo que o sentido exija substituir *mi* por *m'i*. Em XXVIII, 46 deverá ler-se *loaron* e não *loraron*, pois tal verbo é desconhecido dos textos antigos. Em XXXIV, 14, há de substituir-se por *veesse* a forma *viesse*, que escapou à revisão das *Cantigas d'amigo*. Nesta edição havia eu interpretado o *uerey* dos textos por *verê i*, agora, porém, acho que se deverá corrigir em *ve[e]rei*, que além de ser a forma mais freqüente, satisfaz à medida do verso, em XXXVI, 5. Em XXXIX, 5. para haver concordância no refram, deverá substituir-se *mi* por *min* ou vice-versa nos versos 11 e 17. Em XLII, 10 o paralelismo exige que, a fazer-se a paragoge em *remar*, a mesma se faça também nos versos correspondentes. Em XLIV, 14 e 18, o *meu* dos textos não se me afigura dar sentido, por isso o substitui por *um*. Em XLV, 17 e 23, a rima exige *liara* (como aliás se lê nos textos) e *asperara*. Afigura-se-me que pelo mesmo motivo em XXXIII, 10, 20 se deverá preferir *coitada* e *ferida*. O D.ºʳ Pellegrini seguiu, creio, a minha lição de que agora discordo neste ponto, tanto mais que nos apógrafos apenas a 1.ª estrofe tem no seu final só as palavras *comestou* e estas mesmas com as que se lhes seguem faltam nas outras.

Em II, 17, para que o sentido fique claro, terá, a meu ver, de substituir-se por *non* o *nẽ* dos apógrafos. No v. 14 eu corrigiria em *eno* a forma *e-no*, dada por Lang. No n.º XXIII o mesmo snr. dá-nos uma cantiga de escárneo e mal dizer de Afonso X, que nos apógrafos se encontra bastante deturpada. Na restituïção que dela se propôs fazer revela não só engenho mas conhecimento da antiga língua galego-portuguesa, todavia, a-pesar-de todos os seus esforços e perícia, parece-me que nos não deu uma lição perfeitamente inteligível. Nos versos 9, 39 e 47 acho que se deverá manter a lição original, que diz respectivamente *mi alongue*, *ao que* (do C. B.) e *ei a provar*. Em vista da corrução do texto original, que torna quási impossível a sua interpretação, eu teria preferido a esta outra das muitas e variadas cantigas, melhor conservadas. Do mesmo modo procederia relativamente às n.os VII e VIII, das quais as respectivvs estrofes, última e primeira, são, ao menos para mim, aquela obscura, esta de restauração problemática, embora a proposta pelo D.or Pellegrini satisfaça à rima e mesmo ao sentido.

No *Glossário* deverão omitir-se as observações *heute cabello*, *donzella*, *perguntar*, que não condizem com a verdade, pois a grafia actual é a mesma que a antiga. A *enxerdado* dá D. Carolina Michaëlis o sentido de*deserdado*, *expatriado* (cf. *Glos. do Canc. d'Ajuda)*. A *estrado* dou a interpretação que tem Moraes (8.ª edição), isto é, «sobrado de madeira largo e raso, pouco erguido do chão» e a respeito do qual observa que «sôbre êle se sentavam antigamente as mulheres a coser e lavrar», a mesma dá, no lugar indicado, a citada senhora, que, a pág. 339 do C, A. traduz por *Empore*. Em vez de *per* eu leio *per'*, isto é, *pera*, que é a prep. pedida pelo verbo *chegar-se*. Em *ponçon* vejo eu antes o sentido do *picadela* do que o de *veneno*, que ainda hoje se diz *peçonha* (por *poçonha)* e assenta, como o espanhol *ponzoña* sôbre **potionea*, isto é, um adjectivo tirado de *potio*, que deu *poção*, sinónimo de *bebida*, e o arcaico *poçon* de sentido idêntico ao actual *peçonha*. A forma em uso hoje e correspondente à antiga *sãar* é *sarar*; existe, é facto, *sanar*, mas como literária; cf. arc. *meor*, *meos*, hoje *menor*, *menos*. Em *querer*, omitiu-se o fut. *querrei*. Aí, como em *seer*, deve substituir-se *alguua* por *alguma*. A *sarrar* acho que se deve dar a interpretação de *fechar*. (No logar apontado refere-se a uma cicatriz); no ptg. antigo era freqüente tal forma, que hoje se escreve *cerrar*.

Faltou incluir a prep. *tras* (em I, 21, *trá-lo)* com o sentido de *afora, excepto*. A *veesse* junte-se XXXIV, 14, pois a grafia *viesse*, hoje a usada, é devida a lapso de revisão, segundo já ficou dito.

Como se vê, são pequenos os senões que acabo de apontar no livrinho do D.or Pellegrini e de forma alguma lhe tiram o merecimento. A mim, na qualidade de português, só mè cabe o dever de agradecer ao autor o interesse que toma pelas nossas lètras e o seu empenho em fazer conhecida da mocidade alemã a beleza que, junta à simplicidade, encerram tantas trovas, cantadas outrora nos paços régios com aprazimento de quantos as escutavam, como desabafo dos sentimentos ternos que se albergavam nos peitos de cantores e ouvintes. Prova ainda do afecto que, o mesmo erudito dedica à antiga poesia trovadoresca é um artigo que publicou no *Archivum Romanicum* (vol. XII, n.º 3, 1923) acêrca dos *lais* portugueses que se encontram no códice vaticano n.º 7182. Aí dá o seu autor uma transcrição diplomática das cinco composições que, sob os mesmos nomes, se encontram no C. B., hoje na posse da Biblioteca Nacional de Lisboa, logo em seguida a Poética fragmentária, da qual se vê não haver divergência sensível entre umas e outras. Da existência à parte dêstes cinco *lais* conclui o D.or Pellegrini que «existiu seguramente, na primeira metade do séc. XVI, e verisìmilmente na Itália, um cancioneiro galego-português de proporções imprecisáveis, distinto de cada um dos presentemente possuidos e conhecidos e distinto todavia, embora proveniente de um mesmo arquétipo, daqueles dois donde derivam respectivamente os cancioneiros da Vaticana e Colocci-Brancuti; dêsse cancioneiro A. Colocci fez tirar, num modo ou noutro, a cópia (completa, se aquele cancioneiro se limitava apenas aos *lais*, parcial no caso inverso) que nos é transmitida pelo códice vaticano n.º 7182.

J. J. NUNES.

Antroponimia Portuguesa por J. LEITE DE VASCONCELLOS: publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa, 1927, 1 vol. de XX-660 paginas.

1

Trata comparativamente da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nossos nomes proprios, so-

brenomes, e apelidos, considerados desde a idade-média até hoje.

Consta do seguinte:

INTRODUÇÃO.

Livro I: *Estudo sistematico do nome.*

Em tres partes: I, Do nome proprio; II, Do sobrenome; III, Do apelido. Cada uma d'estas partes sub-divide-se em varios capitulos, secções, parágrafos e sub-parágrafos.

Livro II: *Pormenores antroponimicos.*

Dividido em quinze capitulos.

Livro III: *Vicissitudes gramaticais do nome.*

Dividido em cinco partes: I, Fonologia; II, Morfologia; III, Formação de palavras; IV, Sintaxe; V, Advertencia sematologica. Algumas d'estas sub-dividem-se em capitulos ou secções.

CONCLUSÃO.

APENDICE.

Muitos dos assuntos são estudados com particular desenvolvimento, por exemplo:

No Livro I, a evolução historica do nome (nomes de origem latina, germanica, hebraica, etc.); os patronimicos, e sua origem; a origem dos apelidos; classificação das alcunhas, como geradoras de apelidos; apelidos zoologicos, comparados com os de muitos outros povos, antigos e modernos;

No Livro II, os nomes de escravos, e os de Judeus;

No Livro III, os nomes de origem proclitica, e os nomes hipocoristicos;

No Apendice, o titulo de «dom».

Todas as materias foram postas em relação com a nossa historia social: de modo que a *Antroponimia portuguesa*, sem

deixar de ter, como tem na essencia, caracter filologico, póde considerar-se tambem extenso capitulo d'aquela.

Obra, no seu genero, inteiramente nova em Portugal, com este plano e amplitude.

Copiosos indices, um por materias e outros pelo alfabeto, facilitam a consulta.

(Prospecto publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa).

2

For most writers this volume of 650 quarto pages might seem the work of a lifetime; but after over fifty years of unceasing study the writing of a score of such volumes is only a question of time and energy for its iminent author, a man who has done more than any other to preserve a mass of ethnological and philological treasure from the fast vanishing Portugal of old and national fashions. The ever fresh zest of Dr. Leite de Vasconcellos gives his books a living interest, even for the profane in such matters. So far from confining himself to his study among his magnificent library and huge accumulation of notes, we find him, for instance, at the age of seventy, in a Portuguese village extracting information from a passing troop of gypsies. That is a part of his secret. He has the gift of eliciting knowledge; every one seems suddenly to become keen and to furnish interesting items of philology — which after all, like money, is at the root of most things.

Another cause of the fascination of his new book is the variety of racial elements and international relations in Portugal. There are many Gothic, Germanic, Greek, Hebrew, Arabic, Mozarabic, and Basque derivations. Portugal was born cosmopolitan. Her first king was the son of a Frenchman; English and Germans took part in the siege of Lisbon in 1147. English cloth is mentioned in a law of the year 1253. The alliance itself is more modern, and is bute five and a half centuries old. From that time dates the surname of Lancaster (Lencastre) in Portugal, derived from John of Gaunt. Intermarriage has brought a large number of English, Irish, and Scottish names into the country. There are Portuguese O'Kellys, Oneills, Oconnors. Sometimes the name is conside-

rably modified; one might not at first recognize Elliot, Sudley and Willoughby in Leote, Sodré and Velouvi. This last form is the deliberate phonetic pronunciation to Latin ears. Both in Spain and in Portugal foreign names used to be treated phonetically. Cromwell became Cramuel, and Notaborlan and Plemua are strict records of the slovenly English pronunciation of Northumberland and Plymouth. Despite the Portuguese inclination to change o into u, John is not, as in Spain, Juan (Ivan), but João (pronounced much as if written Joan in French, but by the peasants of Minho pronounced Juõu); it has archaic forms, Joane (modern Catalan has Joan), Jano (which is the nearest the Portuguese have come to our Jane), Jan (in Galician Xan), and, in Gil Vicente, Jam. The latter form, like Joam, shows the tendency of the Portuguese to nasalize, as in the form Mancias for the enamoured Macias (the same name as the much sterner-sounding Mathias) and Nampalião (Napoleon). This nasalizing tendency has some curious results. E is often pronounced as i, and thus we find the peasants saying, instead of Your Excellency, Your Insolency. The title of Excellency is now as widely extended in Portugal as Don in Spain. In Portugal Dom is very rare and does not necessarily accompany a title even, but corresponds to our Lord used as a courtesy title. A peasant woman has letters addressed to her as «The Most Excellent Lady», and those to a grocer in a very small way have «Illustrissimo» before his name. Humbler persons must sometimes content themselves with the blunt Republican form of address, Citizen.

Dr. Leite de Vasconcellos discovered that the weird names given to foundlings were due partly to a wish to identify them easily (in the absence of a surname), partly to the custom of giving them the name of the saint on whose day they were received. But the fondness for pompous names has certainly increased with the spread of what one may call newspaper education; and such names as Hannibal and Athanasius are quite common. Three girls in one family were called Liberty, Equality and Fraternity; and another unfortunate girl, no doubt after the Proclamation of the Republic, was baptized Dawn of Freedom, or rather Aurora da Liberdade. The most charming names for girls in Portugal, as in Spain, are still those of a religious character: Neves (Our Lady of the Snows), Rosario. The number of names given to a child has

grown, and few Royal persons could boast such a row of names as a distinguished Portuguese general recently deceased. Portugal provides a great wealth of nicknames: Glass-Eye, Angel-Face, Sad-Beard, Swallow, Lizard, and so on *ad infinitum*. To this side of the subject many interesting pages of this book are devoted; and the chapter on diminutives is positively epic, with an immense mass of illustration. The names are transposed and contracted past recognition, with the Portuguese fondness for energetic, almost explosive, monosyllables. Often the second half of the name is taken and a diminutive added, Joaquim thus becoming Quinzinho or Quinito, and Jaime Mito. Two names are similarly contracted, Elisa Amalia becomes Zamé. Some of the surnames are very curious. There are fewer industrial and more placenames than in English. Grandson (Neto), Cousin (Primo), Nephew (Sobrinho), Brother (Mano), Duke, Marquis, Count, Baron, Knight, Squire are among the surnames. England has supplied the surname. Inglish (Inglez) in return for our Pettingall (from Portugall, Portingall). The gypsies have provided Dr. Leite de Vasconcellos with some curious information. He does not seem tho have actually seen a gypsy baptism, but he has it on good authority that the child's head is dipped three times in running water by the eldest gypsy present while the godfather rings a bell, perhaps taken from a donkey's neck, and the godmother afterwards ties up the child's head in a towel. The child is later baptized in a church under a completely different name. Snail-Joseph, Tail-Manuel, Winter-John are instances of gypsy children's double, natural and Christian, names.

But we must leave this vast storehouse of information, of absorbing interest to all those who are interested in philology, and two all who wish to be able to give more than a perfunctory answer to the question which, in its Spanish and Portuguese form, has often puzzled foreign travellers: How is your grace? — that is to say, What is your name?

AUBREY F. G. BELL.

(De *The Times Literary Supplement*, 10-X-1929, p. 793).

NECROLOGIA

A. Braamcamp Freire

Nascido em berço fidalgo, em 1 de Fevereiro de 1849, só passados os trinta se começou a dedicar a trabalhos de erudição.

Veraneando em Sintra, chamou-lhe a atenção a notabilissima pintura dos brasões duma sala do paço velho e ao estudo das familias aí representadas começou dedicando aturadas investigações, que publicava no *Diario Ilustrado* e depois reuniu em tres formosos volúmes, cuja reedição ultimamente a Imprensa da Universidade tem levado a cabo.

Historiografo eminente, genealogista perspicaz e escrupuloso, fez avançar muito a historia literaria portuguesa, em estudos como os referentes a Gil Vicente, Garcia de Rezende e André de Rezende, a historia economica em estudos como o das cartas de quitação de D. Manuel, etc.

Todas as suas obras eram firmemente documentadas e por isso, ao lado da grande importancia historica, avulta a importancia filologica. Que manancial precioso não é para a historia da nossa lingua a publicação dum compromisso de confraria em 1346; o caderno da sisa da marçaria para 1502; o livro das tenças de D. João III; as Novas de Veneza em 1508; o inventario da guarda-roupa de D. Manuel; o sumario dos livros da fazenda; a Povoação de Entre Douro e Minho no seculo XVI; Os sessenta milhões outorgados em 1478; A honra de Resende; a guarda de D. João II em 1490; o inventario da casa de D. João III em 1534; o inventario da infanta D. Beatriz em 1507; e o tombo da comarca da Beira em 1395!

Finalmente não podemos deixar de assinalar a reedição da primeira parte da *Cronica de D. João I*, feita sobre um apografo da Torre do Tombo.

Braamcamp Freire colheu em vida os louros da sua prodigiosa actividade literaria. Se em politica chegou a presidente do senado, na sciencia chegou a presidente da Academia das Sciencias de Lisboa e Director dos *Portugaliae Monumenta Historica*, obra de que publicou um fasciculo de *Inquisitiones*.

Ao cerrar para sempre os olhos, em 22 de Dezembro de 1921, podia-se dizer sem exagero que a sua perda era irreparavel.

ANTONIO BAIÃO.

Pedro de Azevedo

(† 3-I-1928)

A Pedro de Azevedo, que a morte tão inesperada e traiçoeiramente surpreendeu numa idade ainda pouco adiantada, num período ainda vigoroso e prometedor da vida laboriosa e fecunda do seu espírito, cabe bem, como a nenhum outro, o epiteto de erudito beneditino. Pelo seu temperamento tão alheiado de todas as distrações mundanas, tão sêco e frio para tudo o que não fôsse a sua devotada tarefa, a sua absorvente peregrinação através dos códices e dos encarquilhados e amarelecidos pergaminhos, pela variedade e profusão de materiais acumulados no espólio literário que deixou, Pedro de Azevedo merece, com efeito, a designação de beneditino, que êle conseguiu criar, com paciente e ininterrupto labor, nêste arquivo da Tôrre do Tombo, para onde entrara, como praticante de amanuense, ainda muito novo.

Aqui passou grande parte da sua vida burocrática, tendo tomado posse em 22 de Dezembro de 1890 do lugar de amanuense paleógrafo do mesmo arquivo, depois de um concurso de provas públicas, nomeado em 14 de Abril de 1894, também por concurso público, para o quadro dos seus oficiais, e promovido, finalmente, por antiguidade para o lugar de 1.º Conservador, em 10 de Julho de 1902. Por decreto de 20 de Novembro de 1918 Pedro de Azevedo, é transferido a seu pedido, para a Biblioteca Nacional por permuta com o 1.º bibliotecário, actualmente aposentado, Dr. Eduardo de Castro e Almeida, estando ali a desempenhar o cargo de seu director interino quando o ataque brusco que o vitimou lhe fez paralisar para sempre o coração.

Dotado de excepcionais qualidades tão aptas e próprias para formar um erudito, temperamento singular, como dissemos, sem os cuidados e as afeições de família, que só muito tarde e no último período da sua vida veiu a criar, Pedro de Azevedo não se comprazia com outra coisa que não fôsse a

sua absorvente e desinteressada paixão pelos documentos do Arquivo, para onde entrou, durante muitos anos, num ritmo que raríssimas vezes sofreu interrupção, matemática e invariàvelmente à hora da sua abertura. Conhecedor dos seus escaninhos, em contacto permanente com as mais importantes colecções, que na sua quási totalidade percorreu, paleógrafo distinto e assiduamente familiarizado com os caracteres paleográficos dos documentos e das espécies que formam os diferentes corpos históricos do Arquivo, Pedro de Azevedo, com tais predicados, foi pois um guia seguro e proveitoso para muitos estudiosos que a êle recorriam.

Era então a Tôrre do Tombo freqüentada por uma pléiada de notáveis eruditos e cultos investigadores, a maior parte saudosa e infelizmente já desaparecida, entre cujos nomes avultam os de: Gama Barros, Costa Lobo, Sousa Viterbo, Ramos Coelho, conservador aposentado do mesmo Arquivo, Brito Rebelo, Braamcamp Freire, Cristóvão Aires, além de outros, a muitos dos quais Pedro de Azevedo prestou desinteressados e valiosos serviços, quere na leitura dos manuscritos, quere na indicação de documentos e de materiais para as obras que estes laboriosos e abalisados eruditos legaram à historiografia nacional. Se como eles Pedro de Azevedo nos não pôde deixar uma apreciável obra de conjunto, um corpo inteiriço de doutrina e de investigação e crítica histórica, que variedade e riqueza de documentos publicados e de valiosas notas êle nos legou, subsídios indispensáveis para o estudo de vários capítulos da nossa história, dispersos por diversas revistas e jornais em que colaborou e pelo boletim da Classe de Letras da Academia de Sciências, que o contava no escolhido número dos seus sócios efectivos.

Muitos dêsses estudos são particularmente valiosos e importantes para os que se dedicam ao ramo de investigações etnográficas e filológicas, sendo para êste fim dignos de nota os materiais, que em tão larga cópia, se podem respigar nos artigos que nesta própria revista publicou. Levar-nos-ia longe a sua enumeração que não se comporta na brevidade dêste artigo e destas escassas e resumidas palavras com as quais apenas desejamos significar, como seu antigo colega, a homenagem devida a Pedro de Azevedo, o sentimento de vermos ainda tão cedo desaparecer no túmulo o incansável e prestante obreiro que tão valiosos materiais deixou para a resurreição do nosso passado.

Honra pois à sua memória, aliás já consagrada no elogio académico que dêle fêz o seu sucessor na Academia sr. general Teixeira Botelho e na completa bibliografia dos seus escritos que o erudito professor da Faculdade de Letras, Sr. Dr. Joaquim de Carvalho, fêz publicar no *Instituto*, vol. 75.°, 4.ª série, pág. 218, logo a seguir às palavras que êste douto professor ali consagra à sua benemérita actividade. Êste trabalho que o Sr. Dr. Joaquim de Carvalho modestamente intitula tentativa bibliográfica, é o mais irrefragável testemunho da existência laboriosa de Pedro de Azevedo, o mais expressivo e eloqüente elogio para o nome culto e prestante que deixou, nome que ficará em lugar privilegiado e de merecido relêvo entre os estudiosos do seu tempo.

P. M. Laranjo Coelho.

FILÓLOGOS BRASILEIROS

Eduardo Carlos Pereira

Nasceu em Caldas (Minas Gerais) em 8 de Novembro de 1885 e faleceu em S. Paulo em 2 de Março de 1923. Fêz a educação primária com sua mãe e um irmão. Na cidade natal cursou aulas de francês e latim, mantidas pelo govêrno. Matriculou-se no «Colégio Epiranga», de Araraquara (S. Paulo), onde foi discípulo do educador suíço Fernando Boeschenstein e do professor Ullmann, sustentado a princípio pelo irmão (Severo Augusto Pereira). Passou depois de aluno a professor.

Mudou-se para Campinas quando para aí foi transferido o estabelecimento. Em Campinas leccionou também no instituto «Culto à Sciência» (1873). Conheceu então o pedagogo norte-americano George M. Morton, director do «Colégio Internacional», mantido pela Igreja Presbiteriana. Dessa relação lhe adveio simpatia ao culto protestante. Acompanhou o «Colégio Ipiranga» na mudança para S. Paulo, onde conheceu o Rev. George Whitehill Chamberlain, que o converteu, iniciando-o na leitura do Novo Testamento. Fêz profissão de fé, pública, em 1875.

Matriculou-se na Faculdade de Direito mas Chamberlain

o dissuadiu de continuar, iniciando-o no estudo da Teologia. Leccionou na «Escola Americana», casando-se com a professora suíça D. Luísa Lamper d'Allinges, em 1880. Enviuvou em 1921. Bacharelou-se em Teologia e foi licenceado pelo Presbitério do Rio de Janeiro que o designou para a cidade de Lorena. Empregava as horas de lazer em estudos históricos, teológicos e em escrever para a imprensa.

Em 1881 recebeu ordens sacras do Concílio, mudando-se para Campanha (Minas) onde permaneceu sete anos. Dedicou-se ao púlpito, à imprensa, e ao estudo dos clássicos e da língua vernácula. Participou da campanha abolicionista. Em 1886 escreveu «A Religião Cristã em suas relações com a escravidão». Em 1888 foi eleito pastor, vindo para S. Paulo.

Colaborou no «Monitor Sul-Mineiro», na «Imprensa Evangélica», na «Revista de Missões Nacionais», no «Estado de S. Paulo», no «Correio Paulistano», na «Revista de Língua Portuguesa» e no «Estandarte». Escreveu em 1903: «A Maçonaria e a Igreja Cristã». Convidado a apresentar-se à deputação estadual, recusou. Contribuiu para a fundação do Hospital Samaritano, de que foi presidente. Fêz parte do Instituto Histórico de S. Paulo e da Sociedade Brasileira de tratados evangélicos. Sempre se dedicou ao magistério. Concorreu à cadeira de português da Escola Normal de S. Paulo, sendo classificado em igualdade de condições com Carlos Lenz. Êste concurso valeu-lhe a cadeira de português do «Gimnásio do Estado» (1895). Em 1907 publicou a «Gramática Expositiva», em 1916 a «Gramática Histórica» e a «Gramática Elementar». Escreveu «Questões filológicas», em resposta aos críticos. Colaborou na tradução brasileira da Bíblia. Representou o Brasil no Congresso da acção cristã na América Latina no Panamá. Escreveu «O Problema religioso na América Latina», «Nosso Pai que estás no céu», «A Bem aventurada Virgem Maria», «O Culto dos Santos e Anjos», «As origens da independência presbiteriana», «Balanço histórico da Igreja Presbiteriana Independente». Foi reitor e professor do Instituto Teológico.

Sílvio de Almeida

Nasceu em Porto Alegre (Minas Gerais) em 1867. Aí fêz os primeiros estudos. Estudou preparatórios no Colégio Ivaí, onde mais tarde leccionou. Redigiu a «República» (S. Paulo). Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1892, mas

não exerceu a advocacia. Casou-se com a poetisa D. Presciliana Duarte de Almeida. Fêz concurso para a cadeira de português do Gimnásio do Estado (S. Paulo), sendo classificado em primeiro lugar e nomeado. Dedicou-se daí por diante à leitura dos clássicos e ao estudo da língua vernácula.

Em 1898 publicou «O antigo vernáculo». Escreveu no «Diário Popular», de S. Paulo, mantendo a secção «Palestras filológicas»; dirigiu o Instituto Sílvio de Almeida. Foi membro fundador da Academia Paulista de Letras, na qual ocupava a cadeira de Júlio Ribeiro,

Faleceu em Março de 1924 como director da «Revista de Filologia Portuguesa».

Alberto Faria

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 19 de Outubro de 1869. Fèz estudos irregulares em colégios que freqüentou, fugitivamente, em virtude de rebeldias precoces do seu temperamento irredutível. Aos doze anos já redigia periódicos manuscritos nos colégios e aos dezesseis fundou um quinzenário.

Estreou na imprensa em 1889, trabalhando na «Gazeta de Campinas» ao lado de Carlos Ferreira; depois no «Correio de Campinas», de que foi posteriormente director (1895-6). Aí manteve, com Quirino dos Santos uma secção de sucesso — *Moscas no teto.* Em 1894 fundou o vespertino «O Dia». Simultâneamente estudava a literatura e a língua portuguesa. Em 1901 concorreu com Coelho Neto e Baptista Pereira à cadeira de literatura do Gimnásio de Campinas. Foi habilitado, mas não conseguiu a classificação em 1.º lugar.

Dedicou-se cada vez mais ao estudo da Filologia.

No «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, publicou estudos sôbre Hipólito da Costa, sôbre uma lira apócrifa de Gonzaga e sôbre os criptónimos das «Cartas Chilenas».

Foi membro fundador da Academia Paulista de Letras (1909), onde ocupava a cadeira de Luís Gama. Em 10 de Outubro de 1918 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (cadeira João Francisco Lisboa), na vaga do barão Homem de Melo.

Na Academia fêz parte da comissão de lexicografia e da de redacção da Revista, foi 2.º secretário em 1920, tesoureiro em 1921 e 1922, 1.º secretário em 1924. Foi inspector de ins-

trução pública em Campinas e director do Centro de Sciências, Letras e Artes da mesma cidade.

Escreveu na «Revista do Centro de Sciências, Letras e Artes», de Campinas, no «Estado de S. Paulo», na «Revista da Língua Portuguesa», na «Revista do Arquivo Público Mineiro», na «Revista Americana», na «Revista da Academia Brasileira de Letras». Escreveu ainda em «O País», «A Imprensa», «Gazeta de Notícias», todos do Rio de Janeiro; no «Correio Paulistano», em «O Comércio de S. Paulo» e no «Diário Popular», de S. Paulo.

Publicou: *Aérides* (literatura e *folklore)*, 1918; *Acendalhas* (idem), 1920; discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, 1919; discurso de saudação a Gustavo Barroso, 1923; várias conferências: o galo através dos séculos, Andorinhas e beija-flores, Coisas do arco da velha, Francisco Octaviano, Nariz e narizes, Os sinos. Tencionava publicar dois livros: «Reparos linguísticos» e «Subsídios literários».

Era sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

Faleceu em 8 de Setembro de 1925.

ANTENOR NASCENTES.

INDICE DO VOLUME XXVII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

End

a.

9

4

8
9

1